



Christian Jacq



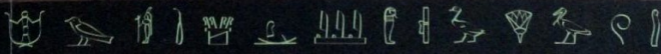
RAMSÉS

SOB A ACÁCIA
DO OCIDENTE

ROMANCE



BERTRAND BRASIL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



RAMSÉS V
SOB A ACÁCIA DO OCIDENTE

Cristian Jacq

Tradução de MARIA DO CARMO ABREU

Em continuação à saga do magnífico faraó Ramsés em evocar a grandiosidade e o mistério do antigo Egito, a Bertrand Brasil lança agora o quinto e último volume da Série Ramsés, intitulado *Sob a Acácia do Ocidente*. Ramsés, aos cinquenta anos de idade, após ter conduzido o Egito a uma brilhante prosperidade, aspira agora à serenidade de sua idade avançada. Porém, mais uma vez terá de ceder ao capricho hitita: com a perda de Nefertari e de Iset a Bela, será obrigado a desposar a princesa hitita para conservar a tão almejada paz. Ainda serão muitos os inimigos a ameaça-lo, e Ramsés terá que realizar verdadeiros prodígios para modificar o clima e atrair as potências divinas. Mas o tempo – o maior adversário dos homens – será implacável: um a um, levará seus amigos mais fiéis. Sentindo-se cada vez mais velho e solitário, Ramsés irá sentar-se à sombra da acácia do Ocidente para sua última viagem.

Os raios do sol poente recobriam de ouro celeste as fachadas dos templos de Pi-Ramsés a capital que Ramsés o Grande mandara construir no Delta. A cidade de turquesa, assim denominada devido a cor dos mosaicos envernizados que ornavam a fachada das moradias, encarnava a riqueza, o poder e a beleza.

Era agradável viver ali, mas naquela noite, Serramanna, o gigante sardo, não saboreava nem a doçura do ar nem a suavidade de um céu que se tingia de rosa. Tendo na cabeça um capacete com chifres, com a espada ao lado e o bigode frisado, o antigo pirata nomeado chefe da guarda pessoal de Ramsés galopava de mau humor em direção vila do príncipe hitita Uri-Techup, com residência fixa no Egito a vários anos.

Uri-Techup, o filho derrotado do imperador do Hatti, Muwattali, inimigo mortal de Ramsés. Uri-Techup, que levava o próprio pai a morte para ocupar o seu lugar. Porém, fora menos astuto do que Hattusil, o irmão do imperador. Quando o impetuoso príncipe hitita julgava ter o país na mão, Hattusil apoderara-se do trono, obrigando-o a fugir. Uma fuga planejada pelo diplomata Acha, amigo de infância de Ramsés.

Serramanna sorriu. Um fugitivo, o implacável guerreiro Anatólio. Para cúmulo da ironia, fora Ramsés, o homem que Uri-Techup mais odiava no mundo, que lhe concedera asilo político, em troca de informações sobre as tropas hititas e seu armamento.

Quando, no ano vinte e um do reinado de Ramsés, e para surpresa dos dois povos, o Egito e o Hatti fizeram um tratado de paz e de cooperação mútua em caso de agressão externa, Uri-Techup já julgara chegada a sua última hora. Não seria, portanto, a vítima expiatória por excelência e um presente perfeito de Ramsés a Hattusil, para selar o seu tratado? Mas, respeitando o direito de asilo, o faraó recusara-se a extraditar o seu hóspede.

Hoje, Uri-Techup não tinha mais importância. E não agradava nada a Serramanna a missão que Ramsés lhe confiara.

A vila do hitita ficava no extremo norte da cidade, no centro de um palmar; pelo menos, gozava uma existência luxuosa na terra dos faraós que um dia ele sonhara destruir.

Serramanna admirava Ramsés e lhe seria fiel até o seu último dia; executaria, portanto, a terrível ordem que o rei lhe dera, mas contra a vontade.

A entrada da vila, dois guardas armados com punhais e porretes.

Dois homens escolhidos por Serramanna.

— Alguma alteração?

— Nenhuma, chefe. O hitita está se recuperando de uma bebedeira no jardim, junto ao lago.

O gigante sardo transpôs a entrada da propriedade e, em passo apressado, enveredou pela alameda arenosa que conduzia ao lago.

Outros três guardas vigiavam permanentemente o ex-general-chefe do exército hitita, que passava o tempo comendo, bebendo, nadando e dormindo.

As andorinhas esvoaçavam bem alto pelos céus, lá nas alturas, e uma poupa rolou o ombro de Serramanna. Com os maxilares cerrados, os punhos apertados e o olhar feroz, preparou-se para agir.

Pela primeira vez, lamentava estar a serviço de Ramsés.

Como um animal selvagem que sentisse a aproximação do perigo, Uri-Techup despertou antes de ouvir os passos pesados do gigante.

Grande, musculoso, Uri-Techup usava os cabelos compridos; no peito, um tufo de pelos ruivos. Ignorando o frio, mesmo durante o rigoroso inverno, Anatólio, nada perdera de sua força.

Estendido nas lajes que circundavam o lago, com os olhos semicerrados, o hitita viu o chefe da guarda pessoal de Ramsés o Grande aproximar-se.

Chegara então a hora.

Desde a assinatura do monstruoso tratado de paz entre o Egito e o Hatti que Uri-Techup deixara de sentir-se em liberdade. Cem vezes sonhara sumir dali, mas os homens de Serramanna não lhe davam oportunidade. Se havia escapado da extradição fora para ser sangrado mais tarde como um porco por um brutamontes tão implacáveis como ele próprio. — Levante-se — ordenou Serramanna.

Uri-Techup não estava habituado a receber ordens. Lentamente, como se saboreasse os seus últimos gestos, levantou-se e enfrentou o homem que ia cortar o seu pescoço.

No olhar do sardo havia uma raiva dificilmente contida.

— Pode me ferir, carniceiro — disse o hitita com desdém, pois, o seu senhor assim o exige. Nem sequer lhe darei o prazer de me defender.

Os dedos de Serramanna crispam-se no cabo de sua espada curta.

— Desapareça.

Uri-Techup julgou ter ouvido mal.

— O que quer dizer?

— Está livre.

— Livre... Livre como?

— Deixe está casa e você vai para onde quiser. O faraó aplica a lei. Não ha qualquer razão para retê-lo aqui.

— Está brincando!

— A paz, Uri-Techup. Mas se cometer o erro de permanecer no Egito e causar a mínima perturbação, eu o prenderei. Dessa vez não será tratado como um dignitário estrangeiro e sim como um criminoso comum. E quando chegar o momento de cravar a minha espada na sua barriga, não hesitarei.

— No momento, não tem o direito de me tocar. Assim, não é verdade?

— Desapareça!

Uma esteira, um saiote, sandálias, um pedaço de pão, uma réstia de cebolas e dois amuletos que trocava por alimento: eis a minúscula bagagem concedida a Uri-Techup que, durante várias horas, perambulou pelas ruas de Pi-Ramses como um sonâmbulo. A liberdade reencontrada funcionava como uma forte bebedeira, e o hitita não conseguia raciocinar.

"Não existe cidade mais bela do que Pi-Ramsés", afirmava uma canção popular; "ali, o pequeno, tão respeitado quanto o grande, a acácia e o sicônoro proporcionam a sua sombra aos transeuntes, os palácios resplandecem de ouro e turquesa, o vento, suave e as aves esvoaçam

em redor dos lagos." Uri-Techup deixou-se enfeitiçar pelo encanto da capital construída numa região fértil, próxima de um dos braços do Nilo, e envolvida por dois largos canais. Prados recobertos de erva verdejante ; numerosos pomares com pomposas macieiras; extensos olivais que se dizia produzirem mais azeite do que areia nas margens; vinhas que davam um vinho doce a base de frutas, casas floridas... Pi-Ramses era muito diferente de Hattusa, a capital do império hitita, cidade fortificada erguida num alto da Anatólia.

Um pensamento doloroso — o de que nunca seria imperador do Hatti — arrancou Uri-Techup do seu torpor; mas vangloriar-se-ia de Ramsés, que cometera o erro de lhe conceder a liberdade. Se eliminasse o faraó, considerado um deus desde a sua vitória sobre Kadash com a coligação que o deveria ter esmagado, Uri-Techup mergulharia o Egito no caos e talvez mesmo todo o Oriente Próximo. O que lhe restava então, a não ser o ardente desejo e o consolo de fazer mal e destruir, por ter sido o juguete de um destino adverso?

Em volta da capital, uma multidão de egípcios, núbios, sírios, gregos e outros, vindos para admirá-la; a capital que os hititas tinham querido arrasar antes de se inclinarem diante de Ramsés.

Derrubar Ramsés... Uri-Techup não tinha qualquer chance de consegui-lo. Não passava de um guerreiro vencido.

— Senhor... — murmurou uma voz atrás dele.

Uri-Techup voltou-se.

— Senhor... Não está me reconhecendo?

Uri-Techup baixou os olhos para um homem de estatura média e olhos castanhos vivos; tinha uma tira de linho prendendo-lhe fartos cabelos, e uma barba ruiva, curta e pontiaguda, enfeitava-lhe o queixo.

O simpático personagem envergava uma túnica de riscas coloridas que lhe caía até os tornozelos.

— Raia... é você mesmo?

O mercador sírio inclinou-se.

— Você, um espião hitita... Voltou a Pi-Ramsés?

— Estamos em paz, senhor; abriu-se uma nova era, e os antigos pecados foram esquecidos. Eu era um comerciante rico e respeitado, e retomei o meu negócio. Ninguém me censurou e sou novamente estimado pela boa sociedade.

Membro da rede de espionagem hitita no Egito, encarregada de desestabilizar Ramsés, mas desmantelada pelos investigadores egípcios Raia conseguira fugir. Depois de uma temporada em Hattusa, regressara ao seu país adotivo.

— Tanto melhor para você.

— Tanto melhor para nós.

— O que quer dizer com isso?

— Acredita que este encontro seja fruto do acaso?

Uri-Techup olhou Raia mais atentamente.

— Você me seguiu?

— Corriam vários rumores a seu respeito: ou a eliminação brutal ou a libertação. Há mais de

um mês que os meus homens vigiam constantemente a Vila onde estava residindo. Deixei-o redescobrir o gosto por este mundo e... aqui estou. Posso lhe oferecer uma cerveja fresca?

Uri-Techup vacilou, de tal forma o dia se revelava fértil em emoções fortes. O seu instinto, porém, segredou-lhe que o mercador sírio poderia ajudá-lo a concretizar seus projetos.

Na taberna, as discussões estavam inflamadas, e ali Raia assistiu a metamorfose de Uri-Techup: pouco a pouco, o exilado voltou a ser o guerreiro cruel, pronto para todas as conquistas. O mercador sírio não se enganara: apesar dos anos de exílio, o ex-general-chefe do exército hitita nada perdera do seu ódio e da sua violência.

— Não tenho o hábito de me estender em palavras, Raia. O que espera de mim?

O mercador sírio falou em voz baixa.

— Tenho apenas uma pergunta a lhe fazer, senhor: ainda deseja vingar-se de Ramsés?

— Sim. Ele me humilhou. E não fui eu que fiz a paz com o Egito. Mas derrubar esse faraó parece impossível.

Raia balançou a cabeça.

— Depende, senhor, depende...

— Duvida da minha coragem?

— Com o devido respeito, isso não basta.

— E por que razão você, um mercador, se arriscaria a lançar-se comigo numa aventura tão perigosa?

Raia esboçou um sorriso forçado.

— É que o meu ódio não é menos inflamado do que o seu.

Com um largo colar de ouro, vestido num saiote branco semelhante aos que usavam os faraós do tempo das pirâmides, e calçado com sandálias brancas, Ramsés o Grande celebrou os rituais da madrugada no seu templo de milhões de anos — o Ramesseum — construído na margem ocidental de Tebas. Despertou em paz a potência divina oculta no caos. Graças a ela, a energia circularia entre o céu e a terra, o Egito existiria a imagem do cosmos, e o desejo de destruir, inato na espécie humana, seria travado.

Aos cinquenta e cinco anos, Ramsés era um atleta de um metro e oitenta, de cabeça alongada, coroada por uma cabeleira de um loiro-veneziano, testa larga, arcadas superciliares salientes, olhos penetrantes, nariz longo, fino e arqueado, orelhas redondas e finamente desenhadas. Emanavam de sua pessoa magnetismo, força e autoridade naturais. Na sua presença, as personalidades mais firmes perdiam o sangue-frio; por acaso não existiria um deus animando este faraó que cobrira o país de monumentos e derrotara todos os seus inimigos?

Trinta e três anos de reinado... Somente Ramsés conhecia o verdadeiro peso das provações que sofrera. Estas haviam começado com a morte do pai, Sethi, cuja ausência o deixara desamparado, no momento em que os hititas preparavam a guerra; sem o auxílio de Amon, seu pai celeste, Ramsés, traído pela covardia de suas tropas, não teria triunfado em Kadesh. Tinha havido felicidade e paz, é verdade, mas a sua mãe Touya, que encarnava a legitimidade do poder, juntara-se ao seu ilustre marido no país da luz onde viviam eternamente as almas dos justos. E o destino, inexorável, o ferira novamente, e da maneira mais atroz, infligindo-lhe um ferimento, do qual nunca se curaria. A sua grande esposa real, Nefertari, morrera em seus braços, em Abu-Simbel, na Núbia, onde o rei mandara edificar dois templos para glorificar a unidade indestrutível do casal real.

O faraó perdera os seus três entes mais queridos, os três entes que o tinham moldado e cujo amor não tinha limites. No entanto, devia continuar reinando, encarnando o Egito com a mesma fé e o mesmo entusiasmo.

Quatro companheiros também o tinham abandonado, após terem conquistado tantas vitórias a seu lado: os seus dois cavalos, tão corajosos no campo de batalha; o seu leão, Matador, que lhe salvara a vida mais de uma vez, e o seu cão amarelo-dourado, Vigilante, que tivera uma mumificação de primeira classe. Outro Vigilante o sucedera, e agora um terceiro, que acabava de nascer.

Desaparecera também o poeta grego Homero, que terminara os dias no seu jardim do Egito, contemplando o seu limoeiro. Ramsés pensava com nostalgia nas suas conversas com o autor de A Hiliada e A Odisséia, que se apaixonara pela civilização dos faraós.

Depois da morte de Nefertari, Ramsés quase chegara a renunciar ao poder, confiando-o ao filho mais velho, Kha; mas o seu círculo de amigos opusera-se, lembrando ao monarca que um faraó era consagrado para toda a vida e que não se pertencia mais. Fossem quais fossem os seus sofrimentos de homem, devia cumprir a sua tarefa até o fim de sua existência. Assim o exigia a Regra, e Ramsés, como os seus antecessores, devia conformar-se com ela.

Fora no seu Templo de Milhões de Anos, emissor do fluxo mágico que lhe protegia o reino, fora no templo que Ramsés viera servir a força necessária para continuar. Embora o esperasse uma importante cerimônia, o monarca demorou-se nas salas do Ramesseum, rodeado por uma cerca de trezentos metros de comprimento que abrigava dois tipos de pilares representando o rei

como Osíris, uma ampla sala de quarenta e oito colunas, com trinta e um metros de comprimento e quarenta de largura, e um santuário onde residia a presença divina. Marcando a entrada do templo, pilares com setenta metros de altura que os textos afirmavam chegarem ao céu; no lado sul do primeiro pátio, o palácio. Em torno do lugar santo, uma vasta biblioteca, armazéns, um tesouro contendo metais preciosos, os gabinetes dos escribas e as casas dos sacerdotes. Esta cidade-templo funcionava dia e noite, pois o serviço dos deuses não tinha descanso.

Ramsés permaneceu por alguns instantes na parte do santuário consagrada a sua esposa, Nefertari, e a mãe, Touya; contemplou os baixos relevos que descreviam a união da rainha com o perfume do deus Amon-Ra, simultaneamente secreto e luminoso, e a amamentação do faraó, assim dotado de perpétua juventude.

Todos pareciam impacientes no palácio. O rei libertou-se das recordações, não se detendo nem diante do colosso de dezoito metros de altura talhado num único bloco de granito rosa denominado "Ramsés, luz dos reis", e nem diante da acácia plantada no ano dois do seu reinado, e dirigiu-se para a sala de audiências de dezesseis colunas onde se reuniam os diplomatas estrangeiros.

De olhos verdes e maliciosos, nariz pequeno e afilado, lábios finos e queixo bem delineado, Iset a Bela, mesmo aos cinquenta anos, ainda continuava viva e alegre. Os anos não tinham poder sobre ela; a sua graça e o seu poder de sedução permaneciam intactos.

— Orei ainda não saí do templo? — perguntou, inquieta, a criada.

— Ainda não, Majestade.

— Os embaixadores vão ficar furiosos!

— Não se atormente; ver Ramsés, um tal privilégio que ninguém ousa impacientar-se.

Sim... ver Ramsés era o maior dos privilégios! Iset recordou-se do seu primeiro encontro amoroso com Ramsés, quando ainda era o príncipe, o jovem fogoso que parecia afastado do poder. Como tinham sido felizes na sua cabana de juncos, na orla do campo de trigo, saboreando o segredo de um prazer compartilhado. Depois, surgira sublime Nefertari que, sem nada perceber, possuía as qualidades de uma grande esposa real. Ramsés não se enganara; no entanto, fora Iset: a Bela quem lhe dera dois filhos, Kha e Merneptah. Durante curto período, experimentara um grande ressentimento em relação a Ramsés, mas sentia-se incapaz de assumir as funções esmagadoras de uma rainha, tendo apenas como ambição partilhar, por pouco que fosse, a existência do homem que amava com loucura.

Nem Nefertari nem Ramsés a tinham descartado; "esposa secundária" segundo o protocolo, Iset tivera a imensa felicidade de permanecer junto do monarca e de viver a sua sombra. Alguns comentavam que estava estragando sua vida, mas Iset ria-se deles; para ela, mais valia ser a criada de Ramsés do que a esposa de um dignitário estúpido e pretensioso.

A morte de Nefertari fizera-a mergulhar em profundo desgosto; a rainha não era uma rival, mas uma amiga pela qual sentia respeito e admiração. Sabendo que palavra alguma atenuaria a mágoa do monarca, permanecera na sombra, muda e discreta.

E o inconcebível acontecera.

No fim do período de luto, depois de ele próprio ter fechado a porta do túmulo de Nefertari, Ramsés pedira a Iset a Bela para se tornar a nova grande esposa real. Nenhum soberano podia reinar só, porque o Faraó era a união dos princípios masculino e feminino, conciliados e

harmonizados.

Iset nunca sonhara tornar-se rainha do Egito; a comparação com Nefertari a apavorava. Mas a vontade de Ramsés não se discutia; Iset inclinara-se, apesar de sua angústia. Tornara-se a "doçura de amor, a que via os deuses Hórus e Seth finalmente serenos no íntimo do Faraó, a soberana das Duas Terras, do Alto e do Baixo Egito, aquela cuja voz dava alegria"... Mas esses tradicionais títulos não tinham qualquer importância. O verdadeiro milagre era compartilhar a existência de Ramsés as suas esperanças e sofrimentos. Iset era a esposa do maior monarca que a terra conhecera, e a confiança que ele lhe demonstrava era o bastante para fazer a sua felicidade.

— O Faraó solicita a sua presença — disse a criada.

Com um toucado em forma de cabeça de abutre encimado por duas altas plumas, trajando um longo vestido branco preso na cintura por um cinto vermelho de pontas flutuantes, enfeitada com um colar e braceletes de ouro, a grande esposa real dirigiu-se para a sala de audiências. A sua educação de moça nobre e rica preparou-a para fazer boa figura durante as cerimônias oficiais; dessa vez, tal como o Faraó, seria alvo dos olhares de dignitários sem indulgência.

Iset a Bela parou a um metro de Ramsés.

Ele, o seu primeiro e único amor, continuava a impressiona-la. Era imensamente grande para ela, nunca conseguiria abarcar a amplitude do seu pensamento, mas a magia da paixão vencera esse intransponível fosso.

— Está pronta?

A rainha do Egito inclinou-se.

Quando o casal real apareceu, as conversas interromperam-se. Ramsés e Iset a Bela instalaram-se em seu trono.

Amigo de infância do Faraó e ministro dos Negócios Estrangeiros, o sempre elegante Achaa, que lançava muitas vezes a moda, avançou. Observando aquele personagem elegante, com um pequeno bigode bem tratado, olhos brilhantes de inteligência e ar meio debochado, quem poderia imaginar que a aventura o fascinava e que não havia hesitado em arriscar a própria vida em território hitita, numa perigosa missão de espionagem? Apreciador de lindas mulheres, de belos trajes e de boa mesa, Achaa lançava sobre o mundo um olhar irônico, por vezes desiludido, mas ardia dentro de si um desejo que nada nem ninguém conseguiria apagar: o de trabalhar para a glória de Ramsés, o único ser pelo qual sentia, sem nunca lhe ter confessado, uma admiração sem limites.

— O Sul submete-se a Vossa Majestade e lhe traz suas riquezas, suplicando-lhe o sopro da vida; o Norte implora o milagre da sua presença; o Leste refez as suas terras para lhe serem oferecidas; o Oeste ajoelha-se humildemente, e os seus chefes aproximam-se curvados.

O embaixador do Hatti destacou-se da massa dos diplomatas e curvou-se perante o casal real.

— O Faraó é o senhor da luz — declarou — é o sopro de fogo que faz viver ou que destrói. Que o seu ka exista eternamente, que o seu tempo seja feliz, que a cheia chegue no momento exato, pois ele desencadeia a energia divina; ele que faz simultaneamente parte do céu e da terra. Sob o reinado de Ramsés deixaram de existir rebeldes, e todos os países estão em paz.

Após os discursos, distribuíram-se os presentes. Do mais profundo da Núbia aos protetorados de Canaã e da Sina, o império de Ramsés o Grande prestava homenagem ao seu senhor.

O palácio estava adormecido; somente o gabinete do rei continuava ainda iluminado.

— O que se passa, Achaa? — perguntou Ramsés.

— As Duas Terras estão prósperas, a abundância reina em todas as províncias, os celeiros chegam as alturas, você é a vida do seu povo, você...

— Acabaram-se os discursos. Por que o embaixador hitita se lança em elogios exagerados?

— A diplomacia...

— Não, ha mais qualquer coisa. Concorda comigo?

Achaa passou o indicador manicurado pelo bigode perfumado.

— Confesso que fiquei perturbado.

— Está, Hattusil, querendo pôr a paz em questão?

— Ele não faria isso; enviar-nos-ia, sim, outro tipo de mensagem.

— Dê-me sua verdadeira opinião.

— Acredite-me: estou perplexo.

— Com os hititas seria um erro fatal permanecer na dúvida.

— Devo entender que está me encarregando de descobrir a verdade?

— Gozamos muitos anos de paz, e nestes últimos anos; você se acomodou muito, Ramsés.

Baixo, feio e magro, apesar da enorme quantidade de comida que ingeria a qualquer hora do dia ou da noite, Ameni, assim como Achaa, era amigo de infância de Ramsés. Escriba até a alma, trabalhador infatigável, reinava sobre uma pequena equipe de cerca de vinte especialistas que preparavam resumos sobre todos os assuntos essenciais, destinados ao monarca. Ameni demonstrava notável eficiência e, apesar de os invejosos não lhe pouparem críticas infundadas, Ramsés depositava nele toda a sua confiança.

Sofrendo de dor nas costas, mas sempre teimando em carregar ele próprio suas pilhas de tabuinhas de madeira e papiros, o escriba tinha a tez tão pálida que parecia, as vezes, prestes a desmaiar. No entanto, esgotava os seus subordinados, necessitava apenas de breves períodos de sono e manejava durante horas os pincéis para redigir notas confidenciais das quais só Ramsés tomava conhecimento.

Já que o Faraó decidira passar alguns meses em Tebas, Ameni deslocara-se para lá com seus assistentes. Oficialmente porta-sandálias do rei, o escriba ignorava títulos e honorarias; além do senhor do Egito, a sua única obsessão era a prosperidade do país. Não concedia, portanto, a si próprio nem um momento de repouso, com receio de cometer um erro fatal.

Ameni ingeria chá de cevada e comia queijo fresco quando Ramsés entrou em seu gabinete apinhado de documentos.

— Já acabou de comer?

— Não tem importância, Majestade. A sua presença aqui não pressagia nada de bom.

— Os seus últimos relatórios pareciam bastante tranquilizadores.

— Por que está dizendo "pareciam"?... Não está imaginando, Majestade, que eu lhe escondo o mínimo pormenor!

Com a idade, Ameni tornara-se rabugento. Tolerava mal as críticas, queixava-se das suas condições de trabalho e não hesitava em receber com rudeza os que tentavam dar-lhe conselhos.

— Não imagino nada disso — disse Ramsés com serenidade. Estou apenas tentando compreender.

— Compreender o que?

— Não ha nada que lhe cause qualquer preocupação?

Ameni refletiu em voz alta.

— A irrigação está perfeitamente assegurada, tal como a manutenção dos diques... Os chefes de provincia obedecem as ordens e não manifestam qualquer desejo de independência indesejável... A agricultura está bem orientada, a população come sem restrições, está corretamente alojada; a organização das festas não revela qualquer falha, as comunidades dos mestres-de-obras, dos carreiros, dos talhadores de pedra, dos escultores e dos pintores trabalham em todo o país... Não, não estou vendo nada.

Ramsés poderia ter ficado tranqüilo, pois Ameni não tinha rival para detectar uma falhas no sistema administrativo e econômico do país; no entanto, o rei continuava preocupado.

— Majestade, não estará me ocultando uma informação importante?

— Você sabe perfeitamente que sou incapaz de esconder alguma coisa...

— O que se passa então?

— O embaixador hitita mostrou-se excessivamente lisonjeiro em relação ao Egito.

— Ora! Esses só sabem guerrear e mentir.

— Senti a aproximação de uma tempestade com origem no interior do próprio do Egito; uma tempestade que traz consigo saraivadas devastadoras, Ameni levou a sério a intuição do monarca; tal como o seu pai Sethi, Ramsés mantinha laços particulares com o terrível Deus Sethi.

Senhor das perturbações celestes e do raio, mas também defensor da barca solar contra os monstros que tentavam destruí-la.

— "No próprio interior do Egito" — repetiu o escriba, perturbado. — O que significa esse presságio?

— Se Nefertari ainda fosse desse mundo, o seu olhar decifraria o futuro.

Ameni enrolou um papiro e arrumou os pincéis. Gestos maquinais para disfarçar a tristeza que se apoderava de sua alma, assim como da de Ramsés. Nefertari era a beleza, a inteligência e a graça, o sorriso sereno de um Egito realizado; quando tivera a felicidade de vê-la, Ameni quase esquecera o seu trabalho. Mas o secretário particular do Faraó não apreciava Iset a Bela; Ramsés tivera toda razão em associá-la ao trono, embora a função de rainha fosse demasiado pesada para os ombros daquela mulher tão afastada das realidades do poder. Pelo menos, amava Ramsés, e essa qualidade lhe apagava muitos defeitos.

— Tem alguma pista para propor-me, Majestade?

— Infelizmente, não.

— Sê então necessário redobrar a vigilância.

— Não gosto muito de ficar a espera dos ataques.

— Eu sei, eu sei — resmungou Ameni. — E eu que queria tirar um dia de descanso, agora terei de adiar esse privilégio para mais tarde.

Totalmente branca, vermelha no dorso, os flancos coloridos de verde, com um metro de comprimento, a víbora com chifres, de cabeça achatada e cauda grossa, rastejou lateralmente na direção do casal que fazia amor a sombra de uma palmeira. Depois de passar o dia enfiado na areia, o réptil saía para a caça ao cair da noite. Nas poças quentes, a sua mordedura provocava morte imediata.

Nem o homem nem a mulher, ardentemente enlaçados, pareciam cômicos do perigo. Felina, flexível como uma liaria, risonha, a linda Núbia obrigava o seu amante, um quinquagenário robusto e maciço, de cabelos negros e pele trigueira, a fazer apelo a todos os recursos de sua virilidade.

Ora doce, ora agressiva, a núbia não dava tréguas ao egípcio, que a possuía com o fogo de um primeiro encontro. Na tepidez da noite, partilhavam um prazer ardente como o sol de verão.

A víbora estava apenas a um metro do casal.

Com uma fingida brutalidade, o homem colocou a mulher de frente e beijou-a nos seios. Realizada, ela o recebeu. Olhando-se nos olhos, devoravam-se com volúpia.

Com um gesto rápido e firme, Lótus agarrou a víbora de chifres pelo pescoço. O réptil assobiou e mordeu o vazio.

— Bela presa — comentou Setaou, sem deixar de fazer amor com a esposa. — Veneno de

primeira qualidade obtido sem nos cansarmos.

Subitamente, a linda Lótus ficou séria.

— Estou com um mau pressentimento.

— Por causa dessa víbora?

— Ramsés está em perigo.

Encantador de serpentes, amigo de infância do monarca e por ele encarregado de administrar uma província da Núbia, Setaou levava muito a sério os avisos da bela feiticeira com quem casara. Ambos já haviam capturado um número incalculável de répteis, cada qual mais perigoso, e recolhido o veneno indispensável para o fabrico de remédios eficazes contra graves doenças.

Independentes, orgulhosos, Setaou e Lótus haviam, no entanto, acompanhado Ramsés nos campos de batalha, tanto no Sul como no Norte, tratando dos soldados feridos. Colocados a frente de um laboratório do Estado, haviam sentido um prazer sem limites quando o Faraó lhes pedira que valorizassem o território núbio que tanto amavam. Certo que o vice-rei da Núbia, funcionário conformista e friorento, tentava travar as suas iniciativas, mas receava aquele casal cuja casa era guardada por cobras.

— Que tipo de perigo?

— Não sei.

— Viu algum rosto?

— Não — respondeu Lótus. — Foi uma espécie de desmaio, mas soube, no espaço de um instante, que Ramsés estava ameaçado.

Segurando a víbora com firmeza, levantou-se.

— Você tem de intervir, Setaou.

— O que eu posso fazer, aqui?

— Partamos para a capital.

— O vice-rei da Núbia aproveitará a nossa ausência para anular as reformas que fizemos.

— Pior para ele; se Ramsés tem necessidade do nosso auxílio, devemos estar ao lado dele.

Há muito tempo que o rude Setaou, a quem nenhum alto funcionário podia ditar linhas de conduta, deixara de discutir as ordens da doce Lótus.

Nebu, o grande sacerdote de Karnak, atingira a velhice. Como escrevera o sábio Ptahhaotep nas suas célebres, mas, a extrema velhice traduzia-se por um permanente esgotamento, uma fraqueza que se renovava constantemente, e uma tendência para adormecer, mesmo durante o dia. A vista enfraquecia, as pessoas sentiam dificuldades para ouvir, a força faltava, o coração cansava-se, a boca deixava de falar, os ossos doíam, perdia-se o paladar, o nariz ficava entupido, e era mais difícil levantar-se do que sentar.

Apesar desses achaques, o velho Nebu continuava a cumprir a missão que Ramsés lhe confiara: velar sobre as riquezas do deus Amon e da sua cidade templo de Karnak. O grande sacerdote delegava a quase-totalidade das suas tarefas materiais a Bakhaen, o segundo profeta que exercia a sua autoridade sobre as oitenta mil pessoas que trabalhavam nos canteiros de obras, nos gabinetes, nos campos, nos pomares e nas vinhas.

Quando Ramsés o nomeara grande sacerdote, Nebu não se deixara iludir; o jovem monarca

exigia que Karnak lhe obedecesse e não manifestasse qualquer veleidade de independência. Mas Nebu não era um homem de palha e lutara para que o templo de Karnak não fosse espoliado em benefício de outros templos. Como o Faraó se preocupara em manter a harmonia em todo o país, Nebu fora um pontífice feliz.

Recebendo de Bakhaen todas as informações, o velho já não saía de sua modesta mansão de três compartimentos construída perto do lago sagrado de Karriale. A tarde, gostava de regar o canteiro de lírios plantados de ambos os lados da sua porta de entrada; quando deixasse de ter força para tratar dele, pediria ao rei que o demitisse das suas funções.

Acocorado, um jardineiro arrancava as ervas daninhas. Nebu não escondeu o seu desagrado.

— Ninguém tem autorização para tocar nos meus lírios!

— Nem mesmo o Faraó do Egito?

Ramsés ergueu-se e voltou-se.

— Majestade, eu lhe suplico...

— Tem razão em querer ser você a velar por esse tesouro, Nebu.

Trabalhou bem para o Egito e para Karnak plantar, ver crescer, cuidar desta vida frágil e tão bela... Haveria tarefa mais nobre? Depois da morte de Nefertari sonhei tornar-me jardineiro, longe do trono, longe do poder.

— Não tem esse direito, Majestade.

— Esperava mais compreensão de sua parte.

— Que um velho como eu aspire ao repouso, aceitável, mas o Faraó...

Ramsés contemplou a lua que subia no céu.

— A tempestade aproxima-se, Nebu; tenho a necessidade de homens seguros e competentes para enfrentar a fúria dos elementos.

Seja qual for a sua idade ou o seu estado de saúde, deixe para mais tarde os seus projetos de reforma. Continue a controlar Karnak com pulso firme.

O embaixador do Hatti, um homenzinho magro, próximo dos sessenta anos, apresentou-se a entrada do Ministério dos Negócios Estrangeiros. De acordo com o costume, depositou um ramo de crisântemos e lírios sobre um altar de pedra, aos pés de uma estátua de babuíno, encarnação de Thot, deus dos escribas, da língua sagrada e do conhecimento. Depois, dirigiu-se ao taram com uma lança.

— O ministro está a minha espera — declarou em tom seco.

— Vou avisá-lo.

O embaixador, trajando uma túnica vermelha e azul com franjas, os cabelos negros brilhantes de pomada aromática e usando uma barba fina, ficou a espera passeando de um lado para outro.

Sorridente, Achaa veio ao seu encontro.

— Espero não tê-lo feito esperar muito. Vamos para o jardim, meu caro amigo, pois ali estaremos tranqüilos.

Contornando um lago coberto de lótus azuis, as palmeiras e jujubeiras proporcionavam uma sombra agradável. Um escansão depositou sobre uma mesa taças de alabastro cheias de cerveja fresca e um cesto com figos.

— Pode ficar tranqüilo que aqui ninguém nos ouvir — afirmou Achaa.

O embaixador hitita hesitou em sentar-se num banco de madeira enfeitado com uma almofada de linho verde.

— Do que tem medo?

— De você, Achaa.

O chefe da diplomacia egípcia não perdeu o sorriso.

— É verdade que desempenhei missões de espionagem, mas esse tempo já passou. Tornei-me um personagem oficial que preza muito a sua respeitabilidade e não tem mais nenhum anseio de se lançar em empreendimentos tortuosos.

— Por que hei de acreditar em você?

— Porque, como você, só tenho um objetivo: reforçar a paz entre os nossos povos.

— O Faraó respondeu a última carta do imperador Hattusi?

— Claro. Ramsés deu-lhe excelentes notícias da rainha Iset e de seus cavalos, e congratulou-se com o notável respeito pelo tratado que ligou para sempre o Egito e o Hatti.

O rosto do embaixador ficou sombrio.

— Do nosso ponto de vista, ainda , insuficiente.

— O que esperava?

— O imperador Hattusil ficou chocado com o tom das últimas cartas do Faraó; teve a sensação de que Ramsés o considerava um súdito e não um igual.

O diplomata dificilmente disfarçava a agressividade.

— Esse descontentamento assumiu proporções alarmantes? — interrogou Achaa.

— Receio que sim.

— Poderia uma tão frágil desavença por em risco as nossas alianças.

— Os hititas; são orgulhosos. Quem lhes fere o orgulho atrai a sua vingança.

— Não será exagero exaltar assim um incidente de somenos importância?

— Do nosso ponto de vista, é importante.

— Temo compreender... Essa posição não será passível de negociações?

— Não.

Achaa temia aquele imprevisto. Em Kadesh, Hattusil comandara a coligação vencida por Ramsés; o seu rancor não se extinguiu, e ele procurava qualquer pretexto para reafirmar a sua supremacia.

— Iria até a...

— Até revogar o tratado — precisou o embaixador hitita.

Achaa decidiu usar a sua arma secreta.

— Este texto o conduziria a sentimentos mais conciliatórios?

O egípcio entregou ao hitita uma carta redigida por Ramsés.

Intrigado, o diplomata leu a missiva em voz alta:

Vossa você estar bem, meu irmão Hatusil, assim como a sua esposa, a família, os seus cavalos e as suas províncias. Acabo de examinar as suas censuras: considera que o tratei como um dos meus súditos e isso afeta-me. Pode estar certo de que tenho por você toda a consideração devida a sua posição; quem é você, senão o imperador dos hititas? Pode ter certeza de que o considero como um irmão.

O embaixador pareceu admirado.

— É Ramsés o autor desta carta?

— Não duvide.

— Reconhece o Faraó do Egito o seu erro?

— Ramsés quer a paz. E tem uma importante decisão a lhe anunciar: a abertura, em Pi-Ramsés, de um palácio dos países estrangeiros onde se beneficiarão você e os outros diplomatas, de um centro administrativo permanente e de pessoal qualificado. A capital egípcia será assim, o centro de um diálogo permanente com seus aliados e vassalos.

— Notável — concordou o hitita.

— Poderei esperar que as suas intenções bélicas se esfumem rapidamente?

— Receio que não.

Dessa vez, Achaa sentiu-se realmente inquieto.

— Deverei, então, concluir que nada atenua a suscetibilidade do imperador?

— Para nos limitarmos ao essencial, Hattusil também deseja consolidar a paz, mas sob uma condição.

Quando o embaixador hitita revelou as verdadeiras intenções do imperador, Achaa deixou de ter vontade de sorrir.

Todas as manhãs, os ritualistas celebravam o culto do ka de Sethi no magnífico templo de Gurnali, na margem ocidental de Tebas. O responsável por aquela fundação funerária preparava-se para depositar sobre um altar uma oferenda de uvas, figos e madeira de zimbros, quando um de seus subordinados lhe murmurou algumas palavras ao ouvido.

— O Faraó aqui? Mas não me avisaram.

Ao virar-se, o sacerdote detectou a elevada estatura do monarca vestido numa túnica de linho branco. A força e o magnetismo de Ramsés bastavam para distingui-lo dos demais celebrantes.

O Faraó segurou a bandeja de oferendas e penetrou na capela onde vivia o espírito de seu pai. Fora nesse templo que Sethi anunciara a coroação do seu filho mais novo, pondo assim um fim a iniciação realizada com amor e rigor desde a adolescência. As duas coroas, "os grandes da magia", haviam sido solidamente implantadas na cabeça do Filho da Luz, cujo destino se transformara no do Egito.

Parecia impossível suceder a Sethi. Mas a verdadeira liberdade de Ramsés consistira em não escolher, em viver a Regra e satisfazer os deuses, a fim de que os homens fossem felizes.

Hoje, Sethi, Touya e Nefertari percorriam os belos caminhos da eternidade e vogavam em barcas celestes; na terra, os seus templos e os seus túmulos imortalizavam-lhes o nome. Era para o seu ka que os humanos se voltavam quando sentiam o desejo de desvendar os mistérios do outro mundo.

Terminado o ritual, Ramsés dirigiu-se para o jardim do templo, onde havia um sicônoro no qual as garças reais cinzentas faziam ninho.

A melodia doce e grave do obo, encantou-o. Uma ria lenta, inflexões tristes que um sorriso iluminava, como se a esperança sempre conseguisse dissipar a angústia.

Sentada num murinho, protegida pela folhagem, a executante tocava de olhos fechados. Com cabelos negros e brilhantes, rosto de traços puros e regulares como os de uma deusa, Meritamón, com trinta e três anos, encontrava-se no apogeu de sua beleza.

Ramsés sentiu um aperto no coração, ao ver a semelhança da filha com a mãe, Nefertari, ao ponto de serem sócias. Com dotes para a música, Meritamón escolhera desde cedo entrar para o templo e ali viver uma existência reclusa ao serviço da divindade. Esse fora o sonho de Nefertari, que Ramsés destruíra ao pedir-lhe para ser a sua grande esposa real. Meritamón poderia ter ocupado a primeira linha das instrumentistas sagradas do templo de Karnak, mas preferia residir ali, junto do espírito de Sethi.

As últimas notas elevaram-se ao sol; Meritamón pousou o seu obo, no murinho e abriu os olhos azul-esverdeados.

— Pai! Está aí há muito tempo?

Ramsés abraçou a filha e apertou-a demoradamente no peito.

— Sinto a sua falta, Meritamón.

— O Faraó é o esposo do Egito, o seu filho, todo o povo. Você, que tem mais de cem filhos e filhas, ainda se lembra de mim?

Ele a afastou um pouco e observou-a.

— Os "filhos reais"... Trata-se apenas de títulos honoríficos. Você é a filha de Nefertari, meu único amor.

— Atualmente, a sua esposa é Iset a Bela.

— Censura-me por isso?

— Não, você agiu bem; ela não o trairá..

— Concorda em vir para Pi-Ramsés?

— Não, meu pai. O mundo exterior me aborrece. O que ha de mais essencial senão a celebração dos rituais? Todos os dias penso na minha mãe: realizo o seu sonho e estou convencida de que a minha felicidade alimenta a sua eternidade.

— A sua mãe legou-lhe a beleza e o caráter; terei alguma chance de a convencer?

— Nenhuma, bem sabe.

O monarca segurou-lhe docemente as mãos.

— Realmente nenhuma?

A jovem sorriu com a graça de Nefertari.

— Ousaria dar-me uma ordem?

— Você é a única criatura a quem o Faraó renuncia impor a sua vontade.

— Não é uma derrota, meu pai; sou mais útil no templo do que na corte. Fazer reviver o espírito dos meus avós e da minha mãe parece-me uma tarefa primordial. Sem ligação com os antepassados, que mundo construiríamos?

— Continue a tocar a sua música celeste, minha filha; o Egito tem necessidade dela. A angústia oprimiu o coração da jovem.

— Que perigo receia?

— Aproxima-se uma tempestade.

— Não pode controlá-la?

— Toque, Meritamon, toque também para o Faraó; crie harmonia, encante as divindades, atraia-as para o duplo país. A tempestade aproxima-se, e será terrível.

Serramanna bateu com o punho na parede da sala dos guardas, arrancando um bocado de estuque.

— Como desapareceu?

— Desapareceu, chefe — confirmou o soldado encarregado da vigilância do príncipe hitita Uri-Techup.

O gigante sardo agarrou o subordinado pelos ombros, e o infeliz, embora robusto, julgou que estava sendo esmagado.

— Está caçoando de mim?

— Não, chefe, juro-lhe que não!

— Então ele escapou mesmo debaixo do seu nariz?

— Sumiu na multidão.

— Por que não mandou revistar as casas do bairro?

— Esse Uri-Techup é um homem livre, chefe! Não temos qualquer razão para lançar os guardas atrás dele. O vizir nos acusaria de abuso de autoridade.

Serramanna resmungou como um touro furioso e largou o subordinado. O infeliz tinha razão.

— Quais são as ordens, chefe?

— Duplicar a segurança do Faraó. O primeiro que falhar com a disciplina, terá o capacete enfiado no crânio!

Os componentes da guarda pessoal de Ramsés não deixaram de levar em consideração a ameaça. Num acesso de fúria, o antigo pirata era bem capaz de pô-la em prática.

Para soltar toda a raiva, Serramanna cravou uma série de punhais no centro de um alvo de madeira. O desaparecimento de Uri-Techup não pressagiava nada de bom. Roido pelo ódio, o hitita usaria a sua liberdade recuperada como uma arma contra o senhor do Egito. Mas quando e de que maneira?

Acompanhado por Achaa, Ramsés inaugurou pessoalmente o palácio dos países estrangeiros na presença de uma corte de diplomatas. Com o seu brilhantismo habitual, Achaa pronunciou um discurso caloroso em que as palavras "paz", "relações cordiais", de "cooperação econômica" se repetiram a intervalos regulares. Como era de regra, um suntuoso banquete coroou uma cerimônia que marcava a elevação de Pi-Ramsés a categoria de capital do Oriente Próximo, acolhendo todos os povos.

Ramsés herdara de seu pai Sethi o poder de penetrar o segredo das pessoas; apesar do tom brincalhão de Achaa, teve certeza de que o amigo estava angustiado e que as suas preocupações relacionavam-se com a tempestade que o soberano previra.

Terminadas, as atividades corriqueiras, os dois homens isolaram-se.

— Brilhantes palavras, Achaa.

— Não fiz mais do que a minha obrigação, Majestade. Esta iniciativa torná-lo-á ainda mais popular.

— Como reagiu o embaixador hitita a minha carta?

- Excelenteiramente.
- Mas Hattusil exige mais, não é verdade?
- Receio que sim.
- Não estamos entre diplomatas, Achaa. Exijo a verdade.
- Mais vale preveni-lo: se não aceitar as condições de Hattusil, será a guerra.
- Chantagem! Nesse caso, não quero nem tomar conhecimento delas.
- Escute-me, peço-lhe! Você e eu trabalhamos muito pela paz para a vermos ser destruída num estalar de dedos.
- Fale sem me esconder nada.
- Você sabe que Hattusil e a esposa Putuhepa tem uma filha.
- Ao que dizem, uma jovem de grande beleza e inteligência rara.
- Tanto melhor para ela.
- Hattusil deseja reforçar a paz; segundo ele, o melhor meio é celebrar um casamento.
- Devo compreender que... ?
- Compreendeu desde que comecei a falar. Para selar definitivamente a nossa ligação, Hattusil exige não só que você se case com a filha dele, mas sobretudo que faça dela a sua grande esposa real.
- Por acaso esqueceu que Iset a Bela desempenha essa função?
- Para um hitita, esse tipo de detalhe pouco importa. A mulher deve obediência ao marido; se este a repudiar, ela não pode fazer mais nada, senão inclinar-se e calar.
- Estamos no Egito, Achaa, não num país bárbaro. Você me recomendaria que eu afastasse Iset para voltar a casar, e com uma hitita, a filha do meu pior inimigo?
- Que hoje é o seu melhor aliado — retificou o ministro dos Negócios Estrangeiros.
- Essa exigência é absurda e revoltante!
- Aparentemente, sim; claro que há um interesse nisso.
- Não infligirei semelhante humilhação a Iset.
- Você não é um marido como os outros; a grandeza do Egito tem que passar a frente dos seus sentimentos.
- Será que por ter andado com tantas mulheres, Achaa, você acabou por tornar-se cínico?
- A fidelidade me é estranha, admito, mas a opinião é a do seu ministro e amigo.
- É inútil perguntar a opinião dos meus filhos Kha e Merneptah; conheço-lhes a resposta de antemão.
- Quem poderá censurá-los por venerarem a própria mãe, Iset a Bela, a grande esposa real de Ramsés? A paz ou a guerra... Eis a escolha com que vai se defrontar.
- Jantemos com Ameni; quero ouvir a opinião dele.
- Ter igualmente a opinião de Setaou, que acaba de chegar da Núbia.
- Até que enfim, uma excelente notícia.
- Setaou, o encantador de serpentes apaixonado pela Núbia; Achaa, o diplomata de visão

aguda; Ameni, o escriba rigoroso e dedicado... Só faltava Moisés para que ficasse reconstituída a comunidade de estudantes da universidade de Mênfis que, muitos anos antes, compartilhavam as alegrias da amizade e se interrogavam sobre a natureza da verdadeira força.

O cozinheiro de Ramsés se superara: tabuleiro de alhos-poros e abobrinhas com molho de carne, cabrito assado com tomilho acompanhado por purê de figos, rins marinados, queijo de cabra, bolo de mel coberto com sumo de alfarroba. Em honra dessas delícias, Ramsés mandara servir um vinho tinto do ano três de Sethi, cujo aroma provocou em Setaou uma espécie de êxtase.

— Sethi merece todos os elogios! — exclamou o amigo das cobras, envergando sua inevitável túnica de pele de antílope, com múltiplos bolsos entulhados de remédios contra veneno.

— Quando um reinado produz semelhantes maravilhas é porque foi abençoado pelos deuses.

— Ainda não fez qualquer progresso no campo da elegância lamentou Achara.

— Tem razão — concordou Ameni.

— Você, escriba, contenta-se em comer duas vezes o seu peso ! Qual é o seu segredo para não engordar?

— O trabalho ao serviço do reino.

— Tem alguma coisa a censurar sobre a valorização que tenha feito na Núbia?

— Se tivesse, já teria redigido um relatório negativo há muito tempo.

— Quando terminarem com as habituais trocas de elogios interveio Achara — talvez possamos abordar assuntos sérios.

— Moisés é o único ausente — lembrou Ramsés, sonhador. — Onde está ele, Achara?

— Continua vagueando pelo deserto e lutando — nunca conseguirá alcançar a Terra Prometida.

— Moisés errou no caminho, mas este o conduzirá a um fim que ele ha de atingir.

— Também sinto saudades dele tanto quanto você — confessou Ameni — mas como esquecer que o nosso amigo hebreu traiu o Egito?

— Não estamos em momento de recordações — cortou Setaou.

— Para mim, um amigo que se afasta assim deixa de ser amigo.

— Você o recusaria se ele se retratasse honrosamente? — perguntou Ramsés.

— Quando um homem ultrapassa certos limites, não pode voltar atrás. O perdão é o álibi dos fracos.

— Felizmente — comentou Achara — Ramsés não lhe confiou a nossa diplomacia.

— Com as serpentes não ha meio-termo: ou o veneno cura ou o veneno mata.

— Moisés já não está na ordem do dia — afirmou Ameni.

— Se estou aqui é por causa de Lótus — explicou Setaou. Graças aos seus dons de vidente, ela alertou-me. Ramsés está em perigo, não é verdade?

O Faraó não o desmentiu. Setaou voltou-se para Ameni.

— Em vez de ficar devorando esse bolo, diga logo o que descobriu!

— Eu... nada! Para mim está tudo em ordem.

— E quanto a você, Achaa?

O diplomata lavou os dedos numa taça de água com limão.

— Hattusil apresenta uma exigência inesperada: casar a filha com Ramsés.

— Onde está o problema? — brincou Setaou. — Esse tipo de casamento diplomático foi praticado com bons resultados no passado, e essa hitita não passará de mais uma esposa secundária!

— No caso presente, a situação é mais complicada.

— Será a pretendente muito feia?

— É que o imperador hitita quer fazer da filha uma grande esposa real.

Setaou indignou-se.

— Isso quer dizer que... o nosso velho inimigo impõe que o Faraó repudie Iset!

— A sua forma de dizer é um tanto rude — respondeu Achaa — mas não revela falta de perspicácia.

— Detesto os hititas — confessou Setaou, bebendo mais uma taça de vinho.

— Iset a Bela não é Nefertari, admito, mas não merece semelhante sorte.

— Dessa vez — declarou Ameni, carrancudo — sou obrigado a concordar com você.

— Vocês são muito impulsivos — afirmou Achaa. — É a paz que está em jogo.

— Os hititas não vão nos impor a sua lei! — protestou Setaou.

— Já não são nossos inimigos — recordou o ministro dos Negócios Estrangeiros.

— Engana-se! Hattusil e os seus súditos nunca desistirão de tentar se apoderar do Egito.

— Você é que está enganado o imperador hitita deseja a paz, mas impõe as suas condições. Por que recusá-las antes de refletir?

— Só acredito no instinto.

— Eu já refleti — afirmou Ameni. — Não gosto de Iset a Bela, mas ela é a rainha do Egito, a grande esposa real escolhida por Ramsés depois do falecimento de Nefertari. Ninguém mesmo que seja o imperador dos hititas, tem o direito de ofendê-la.

— É uma atitude insensata! — considerou Achaa. — Desejam enviar para a morte milhares de egípcios, ensanguentar os protetorados do Norte e pôr em perigo o próprio país?

Ameni e Setaou interrogaram Ramsés com o olhar.

— Tomarei sozinho a minha decisão — disse o Faraó.

O chefe da caravana estava na dúvida. Deveria seguir pela costa, passando por Beirute e se dirigindo para o sul, atravessar Canaã e alcançar Silé ou optar pela pista na orla do Anti-Líbano e do Monte Hermon, deixando Damasco para leste?

A Fenícia não deixava de ter o seu encanto: florestas de carvalhos e de cedros, nogueiras de sombra fresca, figueiras com frutos deliciosos e aldeias acolhedoras, agradáveis para o descanso.

Contudo, tinha que levar, o mais depressa possível para Pi-Ramsés, o oliffiano colhido com grande dificuldade na península arábica.

A esse incenso branco, que os egípcios chamavam sonter, "o que diviniza", juntava-se a mirra avermelhada, também muito preciosa.

Os templos necessitavam dessas substâncias raras para celebrar os rituais; nos santuários espalhavam-se os seus perfumes, que subiam até o céu e encantavam os deuses. Também os embalsamadores e médicos as utilizavam.

A árvore de incenso da Arábia, com pequenas folhas verde-escuras, tinha de cinco a oito metros de altura; em agosto e em setembro desabrochavam-lhe as flores douradas com o coração púrpura, enquanto que, por baixo da casca, brotavam gótulas de resina branca.

Um recoleitor hábil, capaz de raspar a casca, conseguia três colheitas por ano, recitando a velha fórmula mágica: "Seja feliz comigo, árvore do incenso, e o Faraó a fará crescer."

Os carregadores transportavam também cobre, estanho e vidro, mas esses materiais, muito procurados e fáceis de negociar, não tinham o valor do oliffiano. Feita a entrega, o chefe descansaria na sua bela vila do Delta.

O fornecedor do olíbano, de testa calva e ventre proeminente, era um bom conviva, mas não brincava em serviço. Ele próprio verificava o estado das carroças e a boa saúde dos burros; quanto aos seus empregados, bem alimentados e gozando de prolongados descansos, não estavam autorizados a queixar-se, sob pena de perderem o posto.

O chefe da caravana optou pela pequena estrada montanhosa, mais difícil porém mais curta que o caminho da costa; teriam bastante sombra, e os animais gozariam de relativo frescor.

Os burros avançavam compassadamente, os vinte carregadores cantarolavam, e o vento facilitava a marcha.

— Patrão...

— O que é?

— Estou com a impressão de que estamos sendo seguidos.

O chefe da caravana encolheu os ombros.

— Quando esquecerá o seu passado de mercenário? Agora estamos em paz e podemos viajar em segurança.

Concordo, mas a verdade, que estão nos seguindo.

— Não somos os únicos mercadores!

— Se forem vagabundos, não contem comigo para lhes dar a minha razão.

— Deixe de se preocupar e vigie os seus burros.

Furioso, o chefe avançou ao longo da coluna. Constatou, então, que um amontoado de burros impedia os burros de seguirem em frente.

— Tirem isso daí!

No momento em que os da frente iniciavam o trabalho, uma chuva de flechas lançou-os por terra. Estupefatos, os companheiros tentaram fugir, mas não escaparam aos atacantes. O ex-mercenário agarrou um punhal, escalou a encosta pedregosa e atirou-se sobre um dos arqueiros. Porém, um atleta de cabelos compridos fendeu-lhe o crânio com a lâmina de um machado de cabo curto.

O ataque durara apenas alguns minutos. Apenas o chefe da caravana fora poupado. Trêmulo, impossibilitado de fugir, viu aproximar-se um homem de peito largo coberto de pêlos ruivos.

— Deixe-me viver... e eu farei de você um homem rico!

Uri-Techup deu uma gargalhada e cravou a espada no estômago do infeliz. O hitita detestava os comerciantes.

Seus comparsas fenícios começaram a retirar as flechas dos cadáveres, enquanto os burros obedeciam as ordens dos seus novos donos.

O sírio Raia temia a violência de Uri-Techup, mas não encontrara melhor aliado para defender a causa das facções que recusavam a paz e desejavam derrubar Ramsés de qualquer maneira. Enquanto durava a trégua, Raia enriquecia; mas o sírio estava convencido de que a guerra recomençaria e os hititas se lançariam contra o Egito. O antigo general-chefe Uri-Techup seria escolhido pelas suas tropas e insuflar-lhes-ia o gosto da vitória. Tê-lo ajudado a sair do abismo valeria a Raia, num futuro mais ou menos longínquo, uma posição privilegiada.

Quando o hitita surgiu em seu armazém, Raia não conseguiu evitar um imperceptível movimento de recuo. Tinha a sensação de que aquele ser cruel, simultaneamente ardente e gelado, poderia cortar-lhe a garganta pelo simples prazer de matar.

— Já de regresso?

— Não está contente por rever-me, Raia?

— Muito pelo contrário, meu príncipe! Mas a sua tarefa não era simples e...

— Simplifiquei-a.

A barbicha do mercador sírio estremeceu. Havia pedido a Uri-Techup que entrasse em contato com os fenícios e lhes comprasse o carregamento de olibario proveniente da península arábica. As negociações arriscavam-se a ser demoradas, mas Raia dera a Uri-Techup placas de estanho suficientes para convencer o chefe da caravana a ceder o seu carregamento. Colocara igualmente na balança uma placa de prata de contrabando, vasos raros e belas peças de tecido.

— Simplificou... De que forma?

— Os mercadores regateiam; eu ajo.

— Consegui então convencer facilmente o chefe da caravana a lhe vender o olibano.

Uri-Techup esboçou um sorriso carniceiro.

— muito facilmente.

— No entanto, ele é difícil de negociar.

— Ninguém discute com a minha espada.

— Você não... ?

— Contratei mercenários e eliminamos os homens da caravana, incluindo o chefe.

— Mas, por que... ?

— Não gosto de falatório, o importante, que tenha o olíbano. Não é o bastante?

— Vai haver um inquérito.

— Jogamos os corpos no fundo de uma ravina.

Raia perguntou-se se não teria sido melhor continuar com a vida tranqüila de mercador, mas agora já era tarde para recuar. A mínima dúvida, Uri-Techup não hesitaria em desembaraçar-se dele.

— E agora?

— Temos de destruir o olíbano — considerou Raia.

— Esse carregamento não vale uma fortuna?

— Sim, mas o comprador, seja ele quem for, vai nos trair; esse olíbano era destinado aos templos.

— Preciso de armas, cavalos e mercenários.

— Não se arrisque a vendê-lo !

— Os conselhos dos mercadores são sempre detestáveis. Vai vendê-lo para mim, em pequenas quantidades, a negociantes que estejam de partida para a Grécia ou para Chipre. Então começaremos a formar redes de fiéis aliados decididos a arruinar este maldito país.

O plano de Uri-Techup não deixava de ser razoável. Recorrendo a intermediários fenícios, Raia escolhia o oliffiano sem correr muitos riscos. Hostil ao Egito por natureza, a Fenícia albergava inúmeros desiludidos com a política de Hattusil.

— Necessito de respeitabilidade — continuou o hitita.

Serramanna não deixará de me importunar, a não ser que me mostre ocioso e decidido a gozar os prazeres da vida.

Raia refletiu.

— Precisa, portanto, desposar uma mulher rica e respeitável. Única solução: uma viúva rica que esteja carente de amor.

— Tem alguma em vista?

Raia coçou a barbicha.

— A minha clientela é vasta... Tenho duas ou três ideias. Na próxima semana organizarei um banquete e as apresentarei a você.

— Em que data partirá da península arábica o próximo carregamento de olíbano?

— Ainda não sei, mas temos tempo. A minha rede de informantes não deixará de nos avisar. Mas... nova ação violenta não desencadeará uma reação do exército egípcio?

— Não haverá qualquer vestígio de violência, e as autoridades egípcias ficarão tontas. Quanto a nós, teremos posto a mão em toda a colheita do ano. Mas, por que está tão convencido de que essa falta de olíbano irá estremecer Ramsés?

— Para o Egito, o cumprimento correto dos rituais é essencial. Quando estes não são

celebrados de acordo com as regras estabelecidas desde o tempo de seus antepassados, o equilíbrio do país fica em perigo. Por isso, quando os sacerdotes perceberem a falta de olibano e de mirra, irão voltar-se contra Ramsés. E o que ele poderá fazer senão constatar a sua imprevidência? Conclusão: ser acusado de desprezar os deuses e deixar descontentes os sacerdotes e o povo.

Se conseguirmos espalhar algumas notícias falsas que aumentem a confusão e privem Ramsés de um ou dois de seus apoios fundamentais, surgirão graves distúrbios nas principais cidades.

Uri-Techup imaginou o Egito a fogo e sangue, entregue as pilhagens, as coroas do Faraó pisoteadas pelo exército hitita, o olhar de Ramsés dominado pelo terror.

O ódio deformou o rosto do hitita a ponto de assustar o mercador sírio; por instantes, Uri-Techup penetrara no reino das trevas, perdendo o contato com o mundo dos homens.

— Quero atacar depressa e com força, Raia.

— É indispensável paciência, senhor; Ramsés , é um adversário temível. A precipitação nos conduziria ao fracasso.

— Ouvi falar de suas proteções mágicas... Mas elas hão de enfraquecer com a idade, e Nefertari já não está mais aqui para ajudar esse maldito monarca.

— A nossa rede de espionagem conseguiu manipular o irmão de Ramsés e o ministro Meba? — lembrou Raia. — Morreu, mas eu consegui manter preciosos contatos na alta administração. Os funcionários, às vezes, são muito tagarelas; um deles informou-me que as relações diplomáticas entre o Hatti e o Egito ameaçam degradar-se.

— Esta é uma ótima notícia. Qual é a causa da discórdia?

— O segredo ainda está bem guardado, mas hei de saber mais.

— A sorte está mudando, Raia! E acha que eu sou menos temível do que Ramsés?

A criada de Iset a Bela ensabou demoradamente as costas da rainha antes de derramar sobre o seu corpo escultural uma água tépida e perfumada. Utilizava uma substância rica em saponina, extraída da casca e da polpa do fruto da balanita, árvore preciosa e generosa. Com ar sonhador, a rainha do Egito entregou-se as mãos da manicura e da cabeleireira. Um criado trouxe-lhe uma taça de leite fresco.

Iset a Bela sentia-se mais a vontade em Pi-Ramsés do que em Tebas. Ali, na margem ocidental, havia o túmulo de Nefertari, no Vale das Rainhas, e a sua capela do Ramesseum, onde diversas vezes Ramsés celebrava o culto pessoalmente; ali, na capital cosmopolita criada pelo Faraó, a vida era agitada e pensava-se pouco no passado e no Além.

Iset contemplou-se num espelho de bronze polido, em forma de disco, cujo cabo representava uma mulher nua, de longas pernas e cabeça coroada por uma umbela de papiro.

Sim, ela ainda se conservava bela; a pele era macia como seda, o rosto mantivera seu frescor extraordinário, e o amor brilhava em seus olhos. Mas a sua beleza nunca seria igual à de Nefertari, e estava grata a Ramsés por não lhe ter mentido, afirmando que um dia esqueceria a sua primeira esposa real. Iset não tinha ciúmes de Nefertari; pelo contrário, sentia a sua falta. Iset a Bela nunca cobiçara o seu lugar; ter presenteado Ramsés com dois filhos era o suficiente para a sua felicidade.

Como eles eram diferentes. O mais velho, Kha, com trinta e sete anos, titular de altas funções religiosas, passava a maior parte do seu tempo nas bibliotecas dos templos; aos vinte e sete anos, o mais novo, Merneptah, era tão atlético quanto o pai e revelava acentuado gosto para comandar. Talvez um dos dois fosse chamado para reinar, mas o Faraó podia igualmente escolher como seu sucessor um dos numerosos "filhos reais", a maior parte deles notáveis administradores.

Iset não se interessava pelo poder nem pelo futuro. Saboreava cada instante do milagre que o destino lhe oferecia: viver junto de Ramsés, participar das cerimônias oficiais a seu lado, vê-lo reinar sobre as Duas Terras... Poderia haver existência mais maravilhosa?

A criada trançou os cabelos da rainha, perfumou-os com mirra e depois lhe colocou uma peruca curta, sobre a qual pousou um diadema de pérolas e coralina.

— Perdoe-me está liberdade... Mas Vossa Majestade está encantadora!

Iset sorriu. Devia permanecer bela para Ramsés, fazer-lhe esquecer durante o máximo de tempo possível que a sua juventude havia desaparecido.

No momento em que se ia levantar, o monarca apareceu. Nenhum homem podia comparar-se com ele, nenhum possuía a sua inteligência, a sua força e a sua firmeza. Os deuses haviam-lhe concedido tudo, e ele restituía essa oferenda ao seu país.

— Ramsés! Ainda não estou vestida.

— Tenho de falar-lhe um assunto grave.

Iset a Bela sempre rezeira aquela prova: Nefertari sabia governar, ela não; ser associada a condução do navio do Estado aterrorizava-a.

— A decisão que você tomar será a correta.

— O assunto diz respeito justamente a você, Iset.

— A mim? Mas posso jurar que não intervi de maneira nenhuma, que...

— É você mesma que está em causa, e é a paz que está em jogo.

— Explique-se, por favor!

— Hattusil exige que eu despose a filha dele.

— Uma esposa diplomática... Por que não?

— Vai mais além: que ela se torne a minha grande esposa real.

Iset a Bela ficou petrificada durante alguns instantes, e depois seus olhos encheram-se de lágrimas. O milagre terminara. Era necessário que se afastasse e cedesse seu lugar a uma jovem e bela hitita, símbolo da aliança entre o Egito e o Hatti. Na balança, Iset a Bela pesava menos do que nada.

— A decisão pertence a você — afirmou Ramsés. — Aceita abandonar a sua função e retirar-se?

A rainha esboçou um meio-sorriso.

— Essa princesa hitita deve ser muito jovem...

— A idade dela não interessa.

— Você me fez muito feliz, Ramsés; a sua vontade é a do Egito.

— Vai curvar-se, portanto?

— Considero criminoso ser um obstáculo a paz.

— Pois eu não me curvo! Não ha de ser o imperador do Hatti que irá ditar as decisões ao Faraó do Egito. Não somos um povo bárbaro que trata as mulheres como criaturas inferiores. Que senhor das Duas Terras ousou jamais repudiar a sua grande esposa real, que participa da existência do Faraó? E é logo a mim, Ramsés, que um guerreiro da Anatólia ousa pedir para violar a lei dos nossos antepassados!

Ramsés segurou carinhosamente as mãos de Iset a Bela.

— Você falou pelo Egito, como faria uma verdadeira rainha; agora, compete a mim agir.

Passando por uma das três grandes janelas que iluminavam o vasto gabinete de Ramsés, a luz do poente envolveu em ouro a estátua de Sethi. Tornada viva pela magia do escultor e pela abertura ritual da boca e dos olhos, a esfinge do monarca continuava a transmitir uma mensagem de retidão que apenas o filho captava quando a paz da tarde se engalanava com o esplendor divino.

Uma grande mesa sobre a qual estava estendido um mapa do Oriente Próximo, um trono de encosto reto para o Faraó, cadeiras empalhadas para os visitantes, uma biblioteca com livros consagrados a proteção da alma real e um armário com papiros: eis o ambiente austero de paredes brancas, no qual Ramsés o Grande tomava, sozinho, as decisões das quais dependia o futuro do seu país.

O monarca consultara os sábios da Casa da Vida de Heliópolis, os grandes sacerdotes colocados à frente dos santuários principais, Ameni, o vizir e os ministros, e depois se encerrara em seu gabinete e dialogara com a alma do pai. Outrora, teria falado com Nefertari e Touya; Iset a Bela conhecia os seus limites e não tinha qualquer utilidade para ele. O peso da solidão aumentava e em breve teria de pôr a prova os dois filhos, para saber se algum deles seria capaz de dar continuidade a obra iniciada desde o primeiro Faraó.

O Egito era forte e ao mesmo tempo frágil. Forte, porque a lei de Matt perdurava para além das fraquezas humanas; frágil, porque o mundo mudava, cedendo uma parte cada vez maior a tirania, a avidez e ao egoísmo. Os Faraós seriam, com certeza, os últimos a lutar para que a deusa Matt reinasse, a deusa da encarnação da Regra Universal, da justiça, do amor que ligava entre eles os elementos e os componentes da vida. O que eles sabiam é que, sem Matt, o mundo não passaria de uma arena onde se bateriam bárbaros com armas cada vez mais destruidoras para aumentar os seus privilégios e destruir todas as ligações com os deuses.

Colocar Matt no lugar da desordem, da violência, da injustiça, da mentira e do ódio era a tarefa do Faraó, executada em ligação com as forças invisíveis. E aquilo que o imperador do Hatti exigia era contrário a Matt.

Um guarda anunciou a entrada de Achaa, trajando uma túnica de linho e uma camisa de mangas compridas de excepcional delicadeza de confecção.

— Não gostaria de trabalhar num gabinete como esse – disse a Ramsés.

— É demasiado austero.

— O meu pai não gostava de decorações complicadas, e eu também não.

— Ser Faraó não deixa espaço suficiente para a fantasia; aqueles que o invejam são imbecis ou inconscientes. Vossa Majestade já tomou sua decisão?

— As minhas consultas terminaram.

— Consegui convencê-lo?

— Não, Achaa.

O ministro dos Negócios Estrangeiros observou o mapa do Oriente Próximo.

— Era o que eu temia.

— As exigências de Hattusil são um insulto. Ceder seria negar a instituição faraônica.

Achaa pousou o indicador sobre o território do Império hitita.

— Uma recusa equivale a uma declaração de guerra, Majestade.

— Condena a minha decisão?

— É a de um Faraó e de Ramsés o Grande. O seu pai não teria tomado outra.

— Estava me preparando uma armadilha?

— Fazia o meu trabalho de diplomata em favor da paz. Seria amigo de Ramsés, se não o pusesse a prova?

Os lábios do rei esboçaram um sorriso.

— Quando dará Vossa Majestade ordem de mobilização geral?

— O chefe da minha diplomacia está muito pessimista.

— A sua resposta oficial provocará a fúria de Hattusil, e ele, não hesitará um instante em recommençar as hostilidades.

— Tem pouca confiança em si mesmo, Achaa.

— Sou realista.

— Se existe alguém que ainda pode salvar a paz, esse alguém é justamente você.

— Em outras palavras, o Faraó me ordena que parta para Hattusa a fim de explicar a sua

posição ao imperador hitita e fazê-lo recuar na sua decisão.

— Está lendo o meu pensamento.

— Não ha qualquer chance de êxito.

— Achar... Você já não conseguiu tantas outras façanhas?

— Envelheci, Majestade.

— Portanto, está com experiência! Contentar-se com uma controvérsia a respeito desse casamento impossível não bastará ; será conveniente que você se mostre mais ofensivo.

O diplomata franziu as sobrancelhas. Julgava conhecer bem Ramsés; porém, uma vez mais, o Faraó o surpreendia.

— Estabelecemos um tratado de assistência mútua com o nosso grande amigo Hattusil — continuou o rei — Você vai lhe explicar que receio um ataque lilão na nossa fronteira ocidental. Ora, desde a instauração da paz, o nosso armamento envelheceu e temos falta de ferro. Portanto, você pedirá ao imperador hitita que nos forneça uma grande quantidade. Graças a ele, e segundo os nossos acordos, poderemos nos defender do agressor.

Sem nada dizer, Achar cruzou os braços.

— É essa realmente a minha missão?

— Esqueci um pormenor: Desejo que esse ferro nos seja entregue o mais rapidamente possível.

Kha, o filho de Ramsés e de Iset a Bela, recusara fazer carreira no exército e na administração. Essas tarefas profanas não o entusiasmavam, mas sentia uma verdadeira paixão pelos escritos dos sábios e pelos monumentos do Império Antigo. Kha, magro, de rosto anguloso e severo, crânio raspado, olhos azul-escuros, de passos um tanto rígidos devido a suas articulações frequentemente dolorosas, era um investigador nato. Instruira-se lutando contra Moisés e os seus truques de mapa, e reinava com firmeza sobre o clero do deus Ptaha, de Mênfis.

Já ha muito tempo Kha delegara o aspecto temporal do seu cargo para perscrutar as forças ocultas que se manifestavam no ar e na pedra, na água e na madeira.

A Casa da Vida de Heliópolis conservava "as almas da luz", ou seja, os arquivos sagrados datando da idade do ouro, durante a qual os Faraós haviam edificado pirâmides e os sábios redigido rituais. Não tinham eles, nessa época bendita, penetrado os segredos da vida e da morte? Não satisfeitos por terem explorado os mistérios do universo, esses sábios haviam-nos transcrito em hieróglifos para transmitir a sua visão as gerações futuras.

Reconhecido por todos como o maior perito da tradição, Kha fora escolhido como organizador da primeira festa-sede de Ramsés, assinalando o seu trigésimo ano de reinado. Depois de tão longo período de exercício do poder, fora considerada esgotada a potência mágica do Faraó; tornara-se, assim, necessário reunir a sua volta todos os deuses e todas as deusas para que essa comunidade sobrenatural lhe tornasse a dar uma nova energia. Muitos demônios haviam tentado, em vão, opor-se a regeneração de Ramsés. Não se contentava em decifrar os difíceis textos; estava, sim, cheio de arrojados projetos, tão arrojados que teria necessidade do aval do Faraó. Antes de apresentar seus sonhos ao pai, tinha de aproximá-los pouco a pouco da realidade. Era por isso que, desde o amanhecer, percorria a pedreira da Montanha Vermelha, perto de Heliópolis, para descobrir blocos de quartzo. Nessa zona, segundo o mito, os deuses haviam massacrado os homens revoltados contra a luz, e o seu sangue impregnara-se para sempre na pedra.

Embora não tivesse recebido a formação de um pedreiro ou de um escultor, comunicava-se instintivamente com o material bruto e detectava a energia latente que percorria os veios da pedra.

— O que procura, meu filho?

Surgindo da luz do sol nascente que, vencedor das trevas, impunha o seu domínio ao deserto, Ramsés contemplou Kha.

O filho mais velho do rei susteve a respiração. Não ignorava que Nefertari sacrificara a própria vida para salvá-lo dos malefícios de um praticante de magia negra, e perguntava-se as vezes se o pai não sentia um certo ressentimento a seu respeito.

— Engana-se. Não tenho nada a censurá-lo.

— Consegue adivinhar os meus pensamentos mais secretos!

— Não desejava ver-me?

— Julgava-o em Tebas, e ei-lo aqui, na Montanha Vermelha.

— Um grave perigo ameaça o Egito, e tenho de enfrenta-lo.

Para mim era indispensável meditar aqui.

— Não estamos em paz com os hititas?

— Talvez não passe de um sonho.

— Você vai evitar a guerra ou vencê-la... Aconteça o que acontecer, você saberá proteger o Egito da desgraça.

— Não deseja ajudar-me?

— A política... Não, eu não sou capaz. E o seu reinado ainda durará muitos anos, se você respeitar os ritos ancestrais. É dessa necessidade que eu desejava lhe falar.

— O que tem a propor-me?

— É preciso começar a preparar desde já a sua próxima festa de regeneração.

— Três anos depois da primeira?

— Doravante, será necessário celebrar esse ritual a intervalos regulares e próximos. E esta é a conclusão das minhas investigações.

— Faça o que for necessário.

— Não poderia dar-me maior alegria, meu pai. Nem uma só divindade faltará ao seu próximo jubileu. A alegria espalhar-se-á pelas Duas Terras, e a deusa Nut semeará nos céus a malaquita e a turquesa.

— Sei que você tem outro projeto, Kha; a que templo vai destinar os blocos de quartzito que está procurando?

— Ha vários anos que me debruço a respeito de nossas origens. Entre os nossos primeiros rituais, havia a corrida do touro Apis, que encarnava a capacidade do rei de franquear todos os espaços. É conveniente honrar mais esse extraordinário animal e dar-lhe uma sepultura digna da sua força... Sem esquecer a restauração de velhos monumentos, como algumas pirâmides que sofreram os ataques do tempo e dos invasores hicsos. Pode conceder-me equipes de construtores para realizar esses trabalhos?

— Escolha você mesmo o mestre-de-obras e os talhadores de pedra.

O rosto sério de Kha iluminou-se.

— Este local é estranho — comentou Ramsés. — O sangue dos revoltados impregna estas pedras. Aqui, o eterno combate da luz contra as trevas deixou marcas profundas. A Montanha Vermelha, um local de força, um lugar onde é conveniente nos aventurarmos com prudência. E você não está aqui por acaso, Kha: que tesouro procura?

O filho mais velho do rei sentou-se num bloco acastanhado.

— O livro de Thot. O livro que contém o segredo dos hieróglifos. Está em algum lugar na necrópole de Saqqara; hei de encontrá-lo, mesmo que a minha busca demore vários anos.

Aos cinquenta e quatro anos, a dama Tanit era uma belíssima fenícia, cujas formas opulentas atraíam o olhar de homens muito mais jovens. Viúva de um rico comerciante amigo do sírio Raia, herdara uma fortuna considerável, que gozava sem restrições, organizando banquetes e mais banquetes na sua suntuosa vila de Pi-Ramsés.

A bela fenícia rapidamente conformara-se com a morte do marido, a quem considerava vulgar e aborrecido. Depois de haver simulado tristeza durante algumas semanas, Tanit consolara-se nos braços de um magnífico núbio de méritos evidentes. Mas também fartara-se dele, assim como dos amantes precedentes: apesar de sua virilidade, cansavam-se muito mais do

que ela. E uma amante tão ávida de prazer como Tanit não podia perdoar esse deplorável defeito.

Tanit já poderia ter regressado a Fenícia, mas estava gostando cada vez mais do Egito. Graças a autoridade e a energia de Ramsés, a terra dos Faraós possuía um perfume de paraíso. Em parte alguma, aliás, uma mulher era tão livre para viver como queria.

Ao cair do dia, chegaram os convidados. Ricos egípcios que mantinham relações comerciais com a dama Tanit, altos funcionários fascinados por ela, compatriotas namorando a sua fortuna, sem falar dos novos rostos que a dona da casa, divertindo-se, procurava descobrir. O que podia haver de mais excitante do que sentir sobre si o olhar de um homem carregado de desejo? Tanit sabia mostrar-se simultaneamente interessada ou distante, não permitindo nunca ao seu interlocutor adivinhar o resultado do seu encontro. Mantinha sempre a iniciativa em todas as circunstâncias, sendo ela quem tomava a decisão. O homem que tentasse dominá-la não tinha qualquer chance de a seduzir.

Como de hábito, as iguarias seriam suculentas, especialmente o lombo de lebre cozido em molho de cerveja e acompanhado por caviar de berinjela, e os vinhos, notáveis. Graças as suas boas relações no palácio, Tanit conseguira alguns jarros de vinho tinto de Pi-Ramsés do ano vinte e um de Ramsés, data do tratado de paz com os hititas.

E como era costume, Tanit lançaria olhares lascivos aos mais belos homens, a caça de sua futura vítima.

— Como tem passado, grande amiga?

— Raia! Que grande alegria revê-lo. Estou ótima.

— Sem querer lisonjeá-la muito, eu diria que a sua beleza não para de aumentar.

— O clima é-me propício. E, depois, a dor de ter perdido o meu saudoso marido começa a diminuir.

— Felizmente, essa é a lei da natureza; uma mulher como você não foi feita para a solidão.

— Os homens são mentirosos e agressivos — ronronou ela. — Tenho que ficar sempre na expectativa.

— Tem razão em ser prudente, mas tenha certeza de que o destino lhe concederá uma nova felicidade.

— E os seus Negócios?

— Trabalho, muito trabalho... Fabricar conservas de luxo requer mão-de-obra altamente qualificada e que exige elevados salários. Quanto aos vasos exóticos que a alta sociedade tanto aprecia, são necessárias muitas negociações e viagens para importá-los. Os artesãos sérios não são baratos. Como a minha reputação se baseia na qualidade, tenho de estar sempre investindo; é por isso que nunca hei de ser rico.

— A sorte lhe sorriu... Creio que os seus aborrecimentos terminaram.

— Acusaram-me injustamente de profunda simpatia pelos hititas; de fato, estabeleci comércio com eles sem me ocupar de política.

A instauração da paz acabou com essas velhas querelas. Atualmente, vê-se que é mesmo encorajada a colaboração com os nossos aliados estrangeiros. Essa não é a mais bela vitória de Ramsés?

— O Faraó é tão sedutor... Pena que seja tão inacessível.

A paz, o tratado estabelecido entre Ramsés e Hattusil, a perda do espírito de conquista do Império hitita, o Egito triunfante... Raia não suportava mais as covardias e as deserções que tinham estado na origem de semelhante desastre. Havia lutado para que a supremacia do exército anatólio se estendesse a todo o Oriente Próximo, e não renunciaria a esse combate.

— Permite que lhe apresente um amigo? — pediu Raia a Tanit, imediatamente intrigada.

— Que amigo?

— Um príncipe hitita que se encontra no Egito. Ouviu falar muito de você, mas, um homem tímido; tive de insistir muito para que aceitasse participar deste banquete, de tanto que o assustam essas festas mundanas.

— Mostre-o a mim.

— Está logo ali, junto do maciço de loendros.

Colocada sobre um pilar, uma lamparina iluminava Uri-Techup, afastado dos grupos de convidados que conversavam banalidades. A luz trêmula revelava a brutalidade do seu rosto, a abundância dos cabelos compridos, a virilidade do tronco coberto de pêlos ruivos e a rudeza de sua musculatura de guerreiro.

Tanit ficou paralisada de emoção. Nunca havia contemplado um animal selvagem que desprendesse uma tão intensa sensualidade. O banquete deixou de existir, e na sua cabeça não ficou senão uma idéia: fazer amor o mais depressa possível com aquele garanhão.

Ramsés assistia ao combate travado entre Serramanna e Merneptah. Equipado com uma couraça articulada, um capacete com chifres encimado por um disco de bronze, e segurando um escudo redondo, o sardo desferia golpes com a espada sobre o escudo retangular do filho mais novo de Ramsés, que se via obrigado a recuar. O Faraó pedira ao chefe de sua guarda que não poupasse o adversário; Merneptah, por sua vez, queria provar a sua coragem no combate, por isso não podia sonhar com melhor adversário.

Aos vinte e sete anos, Merneptah, "o Amado do deus Ptaha", era um belo atleta, corajoso, refletido, dotado de excelentes reflexos.

Embora o sardo já tivesse passado dos cinqüenta, nada perdera de sua força e de seu dinamismo; conseguir resistir-lhe já era uma façanha.

Merneptah cedia terreno, voltava ao ataque, aparava os golpes, desviava-se pelos lados; pouco a pouco, desgastava Serramanna.

De súbito, o gigante imobilizou-se e lançou ao solo a comprida espada de lâmina triangular e o escudo.

— Basta de espadas. Enfrentemo-nos com as mãos nuas.

Merneptah hesitou um instante, mas depois imitou o sardo.

Ramsés recordou o confronto no qual, na orla do Mediterrâneo, vencera o pirata Serramanna, antes de fazer dele o chefe de sua guarda pessoal.

O filho do rei surpreendeu-se com o ataque inesperado do colosso, com a cabeça para a frente. Na escola militar, Merneptah não aprendera a lutar com ferocidade. Derrubado de costas no pó da caserna, julgou sufocar sob o peso do antigo pirata.

— Terminou a instrução — declarou Ramsés.

Os dois homens levantaram-se. Merneptah estava furioso.

— Ele me pegou desprevenido !

— O inimigo sempre age assim, meu filho.

— Quero recomeçar o combate.

— Não precisa mais; já vi o que queria ver. Já que recebeu uma lição proveitosa, eu o nomeio general-chefe do exército do Egito.

Serramanna aprovou com um balançar de cabeça.

— Em menos de um mês — continuou Ramsés — você me apresentará um relatório completo e detalhado sobre o estado das nossas tropas e a qualidade do seu armamento.

Enquanto Merneptah retomava o fôlego, Ramsés afastou-se em seu carro, que ele mesmo conduzia. A quem confiaria o destino do Egito?

A Kha, o erudito, ou a Merneptah, o guerreiro? Se as qualidades dos dois pudessem ser reunidas num só, a escolha teria sido fácil. E Nefertari já não estava ali para aconselhar o monarca. Quanto aos numerosos "filhos reais", embora providos de qualidades, nenhum possuía a fortíssima personalidade dos dois filhos de Iset a Bela. E Meritamon, a filha de Nefertari, escolhera viver reclusa num templo.

Ramsés devia levar em consideração o aviso que Ameni formulara ainda aquela manhã: "Que Vossa Majestade se regenere pelos rituais, para que continue reinando até o esgotamento total de sua energia. Para o Faraó nunca houve outro caminho e jamais haverá outro.

Raia saiu de seu armazém, atravessou o bairro das oficinas, passou diante do palácio real e seguiu pela grande alameda que conduzia aos templos de Pi-Ramsés. Ornamentada com acácias e sicónoros, que proporcionavam uma sombra agradável, era a imagem da majestosa e tranqüilizadora capital de Ramsés.

O mercador deixou para trás, a esquerda, o templo de Amon e a direita o de Ra; em passadas que pretendia parecer serenas, dirigiu-se para o templo de Ptaha. Ao aproximar-se da construção, por pouco não bateu em retirada; na parede externa estavam encaixadas estrelas nas quais os escultores haviam gravado orelhas e olhos. Pbis não ouvia o deus das palavras mais secretas, e não captava as intenções mais ocultas? "Superstição", pensou Raia, sentindo-se, no entanto, pouco a vontade; evitou, assim, o canto da parede onde havia sido preparado um nicho que abrigava uma estatueta da deusa Matt. Dessa forma, o POVO podia contemplar o segredo fundamental da civilização faraônica a Regra imutável, nascida além do tempo e do espaço.

Raia apresentou-se na porta dos artesãos; o guarda o conhecia. Trocaram algumas palavras corriqueiras sobre a beleza da capital, o mercador queixou-se da avareza de alguns clientes, e depois foi autorizado a entrar na parte do templo reservada aos ourives. Especialista em vasos preciosos, Raia conhecia muitos desses clientes, e não deixou de perguntar sobre a família de um e da saúde de outro.

— Bem que você queria arrancar os nossos segredos — resmungou um velho artesão que arrumava lingotes numa carroça.

— Já desisti — confessou Raia. — Ver você trabalhando basta para a minha felicidade.

— Não vai dizer-me que está vindo aqui para descansar.

— Gostaria muito de adquirir uma ou duas belas peças.

— Para vendê-las três vezes mais caro.

— É o comércio, meu amigo.

O velho voltou as costas a Raia, habituado as suas respostas tortas. Discreto, quase invisível, observou os aprendizes que traziam os lingotes aos companheiros, que os pesavam sob o controle de escribas especializados. O metal precioso era depositado depois num vaso fechado e posto ao lume; um maçarico de sopro avivava a chama.

Os sopradores mantinham as bochechas cheias para não perderem o ritmo. Outros técnicos despejavam o metal em fusão em receptáculos de formas variadas e confiavam o material aos ourives, que o trabalhavam sobre uma bigorna, com martelos de pedra, para modelar colares, braceletes, vasos, decorações de portas de templos e de estátuas. Os segredos da profissão eram transmitidos de mestres para discípulo, ao longo de uma iniciação que exigia muitos anos.

— Magnífico — disse Raia a um ourives que acabava de concluir um busto.

— Adornará a estátua de um deus — explicou o artesão.

O mercador murmurou em voz baixa.

— Podemos falar?

— Ha muito barulho na oficina. Ninguém nos ouvirá.

— Disseram-me que os seus dois filhos querem se casar.

— É possível.

— Não ficaria contente se eu lhes oferecesse alguns móveis?

— Quanto pagarei por eles?

— Apenas uma simples informação.

— Não conte comigo para lhe revelar os nossos processos de fabricação.

— Não estou pedindo nada disso!

— O que quer saber?

— Alguns sinos se instalaram no Egito, e gostaria de ajudá-los a se integrarem melhor; não tem um ou dois aqui na sua oficina?

— Tenho um, é verdade.

— Está satisfeito com a sua sorte?

— Mais ou menos.

— Se concordar em dar-me o seu nome, falarei com ele.

— É tudo o que quer, Raia?

— Estou começando a envelhecer, não tenha filhos, possuo alguns bens e gostaria de beneficiar um compatriota.

— O Egito o ensinou a ser menos egoísta... Ainda bem. No momento do julgamento do espírito, o grande deus aprecia a generosidade. O seu sírio é um dos sopradores. O mais gordo, com as orelhas afastadas do crânio.

— Espero que os meus presentes contribuam para a felicidade dos seus filhos.

Raia esperou pelo fim do trabalho para conversar com o seu compatriota. Depois de dois fracassos junto de um carpinteiro e de um pedreiro, satisfeitos com a vida que levavam, o êxito foi total.

O soprador sírio, ex-prisioneiro capturado perto de Kadesh, recusava-se a admitir a derrota dos hititas e desejava que a paz fosse rompida. Azedo, rancoroso e vingativo, era o tipo de homem de que Uri-Techup e Raia tinham necessidade. Além disso, o operário tinha alguns amigos que compartilhavam os seus pontos de vista.

Raia não teve qualquer dificuldade em convencê-lo a trabalhar para si e entrar num grupo de opositores cuja missão seria a de atacar os interesses vitais do Egito.

Uri-Techup mordeu a amante no pescoço e penetrou-a com violência. Tanit suspirou de prazer. Finalmente, conhecia a paixão, aquele misto de brutalidade e desejo permanentemente insatisfeito.

— Outra vez — ela suplicou.

O hitita gozava plenamente o corpo opulento da bela fenícia. Uri-Techup aprendera nas fortalezas da Anatólia a servir-se das mulheres como o elas mereciam.

Por instantes, Tanit sentiu um certo receio; pela primeira vez, não conseguia controlar a situação. Aquele homem bestial, de seiva inesgotável, era quase assustador. Nunca mais encontraria um amante assim, capaz de satisfazer os seus vícios mais delirantes.

No meio da noite, ela cedeu.

— Basta... já não agüento mais! Você é um monstro!

— Só conheceu garotos, minha bela; eu sou um homem.

Ela aninhou-se de encontro ao seu estômago.

— você é maravilhoso... Gostaria de que nunca mais partisse...

— Que importância tem?

— Mas... você tem de ir embora! Voltaremos a nos ver na próxima noite.

— Vou ficar.

— Sabe o que isso significa, no Egito?

— Quando um homem e uma mulher vivem sob o mesmo teto, com conhecimento e a vista de todos, são casados. Portanto, somos casados.

Chocada, ela afastou-se.

— Tornaremos a nos ver, mas...

Uri-Techup obrigou-a a deitar-se de costas e estendeu-se sobre ela.

— Vai obedecer-me, fêmea; sou o filho do falecido imperador do Hatti e herdeiro legítimo do Império. Você não passa de uma vadia fenícia que me dará prazer e satisfará todas as minhas vontades. Tem consciência da honra que lhe concedo, tomando-a como esposa?

Tanit parou de protestar, mas Uri-Techup violou a sua intimidade com a fúria de um touro, e ela sentiu-se arrastada num turbilhão de delícias.

— Se me trair — murmurou o hitita com voz rouca — eu mato você.

De um cesto de junco, Setaou tirou um pedaço triangular de pão, um pote de caldo de aveia, peixe seco, um pombo empanado, uma codorniz assada, dois rins cozidos em vinho, uma costeleta de vaca sobre uma base de cebola frita, figos e um queijo com ervas. Lentamente, pousou as iguarias uma a uma sobre a escrivaninha de Ameni, que se viu obrigado a afastar os papiros que estava consultando.

— O que é isso?

— Está cego? Uma refeição certamente anulará o seu apetite durante duas ou três horas.

— Eu não tinha necessidade de...

— Tinha, e toda a necessidade. O seu cérebro não funciona corretamente se não tiver a barriga cheia.

O lido escriba revoltou-se.

— Está me insultando?

— É a única forma de atrair a sua atenção.

— Não me venha falar outra vez de...

— Exatamente ! Preciso de mais crédito para a Núbia e não vou perder tempo preenchendo uma montanha de formulários como um funcionário qualquer.

— Você tem um superior hierárquico, o vice-rei da Núbia.

— Um imbecil e preguiçoso! Só pensa em sua carreira e está se lixando para essa província que Ramsés me encarregou de valorizar.

Para cobri-la de templos e de capelas, para aumentar a superfície cultivável, preciso de homens e de material.

— É também necessário respeitar alguns regulamentos.

— Ali, os regulamentos! Eles sufocam a vida. Esqueça-os, Ameni!

— Não sou o todo-poderoso, Setaou; tenho que prestar contas ao vizir Pazair e ao próprio rei.

— Dê-me o que lhe peço e faça as contas depois.

— Em outras palavras, está me tornando responsável pelos seus futuros erros.

Setaou pareceu surpreso.

— Mas... claro. Você, com a linguagem obscura dos escribas, poder justificar-nos.

O pombo empanado estava uma maravilha; Ameni não escondeu o seu prazer.

— Foi Lótus quem o preparou, não , verdade?

— A minha mulher , uma verdadeira feiticeira.

— Estamos a beira da corrupção de um funcionário.

— Vai fazer o que lhe pedi, Ameni?

— Se Ramsés não nutrisse um afeto tão grande pela Núbia...

— Graças a mim, dentro de alguns anos ela será mais rica do que qualquer província do Egito!

Ameni começou a comer a codorniz assada.

— Visto que estes pequenos problemas estão resolvidos – disse Setaou — posso lhe confessar que estou muito inquieto.

— Por que?

— Ontem a noite, quando fazia amor com Lótus, ela ergueu-se de repente e gritou: "Ha um monstro rondando" Não falava nem das nossas duas cobras que velam junto do leito, nem do exército hitita que Ramsés vencerá uma segunda vez, se for preciso.

— Identificou esse monstro?

— Para mim, não ha dúvida: trata-se da besta hitita, Uri-Techup.

— Nada temos a censurá-lo.

— Alertou Serramanna?

— Claro.

— Qual foi a reação dele?

— Detesta Uri-Techup, tanto quanto você, e tem certeza de que a sua libertação foi um erro; mas o hitita não cometeu nenhum crime.

— Para mim, esse guerreiro vencido, um príncipe castrado. O que podemos temer dele?

Quando os primeiros raios de sol fulminaram-lhe o quarto, Serramanna abriu os olhos. Tinha a esquerda, uma jovem núbia adormecida. Á direita, uma libanesa um pouco mais nova. O gigante sardo não se lembrava dos nomes.

— De pé meninas!

Como não avaliava bem a sua força, a palmada que o gigante aplicou no delicado traseiro das duas companheiras daquela noitada foi menos acariciadora do que pretendia. Os gritos de aves assustadas trouxeram-lhe dores de cabeça.

— Vistam-se e desapareçam.

Serramanna mergulhou no lago que ocupava a maior parte do seu jardim e nadou cerca de vinte minutos. Não conhecia melhor remédio para dissipar os efeitos do vinho e de uma noite de amor.

Novamente em forma, preparava-se para devorar pão fresco, cebolas, toucinho e carne de vaca secos, quando o criado lhe anunciou a visita de um dos seus subordinados.

— Novidades, chefe; descobrimos a pista de Uri-Techup.

— Morto, espero.

— Não, chefe, bem vivo e... casado.

— Com quem?

— Com uma rica viúva fenícia chamada Tanit.

— É uma das maiores fortunas de Pi-Ramsés! Você deve estar enganado.

— Venha ver com seus próprios olhos, chefe.

— Então vamos.

Com um enorme pedaço de carne seca nos dentes, Serramanna saltou para seu cavalo.

O guarda da vila da dama Tanit bem que pensou em pedir ao gigante sardo um documento oficial autorizando-o a interrogar a proprietária, mas o olhar carrancudo de Serramanna fê-lo desistir.

Chamou o jardineiro e pediu-lhe que o chefe da guarda pessoal de Ramsés fosse conduzido até ela.

Trajando um vestido de linho transparente que não escondia quase nada dos seus abundantes encantos, Tanit tomava o desjejum a sombra de uma varanda, em companhia de Uri-Techup, vestido apenas com a sua abundante pelagem ruiva.

— O ilustre Serramanna! — exclamou o hitita, visivelmente satisfeito com a presença do sardo. — Convidamo-lo a partilhar a nossa refeição, minha querida?

O gigante sardo parou diante da fenícia, que se aninhou no tórax cabeludo de Uri-Techup.

— Sabe quem é este homem, dama Tanit?

— Claro que sei.

— Seja mais precisa.

— Uri-Techup, um príncipe hitita, filho do falecido imperador.

— Também era general-chefe do exército hitita e o bárbaro mais empenhado na destruição do Egito.

— É um passado distante — interveio Uri-Techup, brincalhão.

Ramsés e Hattusil assinaram um belo tratado de paz, o Faraó concedeu-me a liberdade e vivemos todos felizes! Não é essa a sua opinião, Serramanna?

O sardo notou que o pescoço de Tanit tinha marcas de dentadas.

— Este hitita passou a noite sob o seu teto e parece decidido a morar aqui... Sabe o que isso significa, dama Tanit?

— Claro.

— Ele vai obrigá-la a desposá-lo sob a ameaça de tortura, não é verdade?

— Responda, minha querida — ordenou Uri-Techup.

Diga-lhe que é uma mulher livre, como qualquer egípcia, e que toma sozinha as suas decisões.

A fenícia ficou irritada.

— Amo Uri-Techup e o escolhi para meu esposo! Nenhuma lei pode se opor a isso.

— Reflita bem, dama Tanit; se confessar que este indivíduo a brutalizou, prendo-o já, e você não corre mais perigo. Eu o levarei imediatamente ao tribunal, e a pena não será leve. Maltratar uma mulher é crime.

— Saia de minha casa!

— Estou surpreso — acrescentou Uri-Techup, irônico — Julgava que estávamos recebendo um amigo e verifico que somos interrogados por um guarda agressivo. Tem algum documento oficial que o autorize a invadir uma propriedade particular, Serramanna?

— Tenha cuidado, dama Tanit; você está prestes a passar por graves aborrecimentos.

— Tanto a minha esposa como eu poderíamos apresentar queixa continuou o hitita. — Mas,

por esta vez passa! Desapareça, Serramanna, e deixe em paz um casal honesto que apenas sonha em saborear a sua felicidade.

Uri-Techup beijou a fenícia com ardor. Esquecendo a presença do sardo, esta começou a acariciar o marido sem o menor recato.

As prateleiras e os armários do gabinete de Ameni ameaçavam desmoronar sob o peso dos documentos administrativos. Nunca o secretário particular do rei tivera de ocupar-se de tantas pastas importantes ao mesmo tempo; como verificava pessoalmente todos os pormenores, não dormia mais do que duas horas por noite e, apesar dos protestos de seus colaboradores, cancelara os dias de folga durante o próximo trimestre. Gratificações substanciais haviam acalmado os ânimos.

Ameni ocupava-se das exigências de Setaou referentes a Núbia e rebatia os argumentos do vice-rei, partidário da ociosidade; dava sua opinião ao vizir Pazair, desconfiado, por sua vez, dos especialistas em economia; todos os dias se encontrava com Ramsés para solicitar mil e uma decisões, depois de haver preparado com cuidado os dados concretos exigidos pelo soberano; e ainda havia o resto, todo o resto, porque o Egito devia continuar a ser um grande país, uma terra insubstituível, que era necessário servir sem pensar em seu próprio bem-estar.

No entanto, quando Serramanna irrompeu em seu gabinete, o escriba de faces pálidas e expressão cansada perguntou a si mesmo se os seus ombros suportariam uma nova carga.

— O que é agora?

— Uri-Techup está muito bem casado com a fenícia Tanit.

— Não escolheu mal. Ela é tão bem abastecida quanto a própria fortuna.

— É uma catástrofe, Ameni!

— Por que? O nosso ex-general-chefe irá refestelar-se no prazer e na ociosidade.

— Não posso vigiá-lo eficazmente. Se descobrir os meus homens, apresentará queixa e ganhará. Hoje, um homem livre; oficialmente, nada tenha a censurá-lo, enquanto ele vai preparando um golpe qualquer.

— Falou com Tanit?

— Bateu nela e ameaçou-a, tenha certeza! Mas o pior é que ela está apaixonada por ele.

— E ainda dizem que ha ociosos com tempo de pensar no amor!

— Acalme-se, Serramanna; Uri-Techup conseguiu finalmente uma conquista, e esta vai afastá-lo para sempre dos caminhos da guerra.

Hattusa, a capital do Império hitita, não mudara. Construída sobre um planalto da Anatólia Central, exposta aos verões ardentes e aos invernos gelados, a metrópole fortificada era formada por uma cidade baixa, cujo monumento mais notável era o templo do deus da Tempestade e da deusa do Sol, e por uma cidade alta, dominada pelo austero palácio do imperador, desejoso de vigiar permanentemente os nove quilômetros de altas muralhas de torres e aineias.

Foi com certa emoção que Achara viu Hattusa, a encarnação, em pedra do poderio militar hitita; pois não fora ali que estivera prestes a perder a vida durante uma missão de espionagem particularmente perigosa que precedera a batalha de Kadesh?

A caravana do chefe da diplomacia egípcia tivera que atravessar estepes áridas e penetrar em desfiladeiros inhóspitos antes de alcançar a capital, cercada por um maciço montanhoso considerado intransponível por qualquer eventual agressor. Hattusa surgia como uma fortaleza inexpugnável construída sobre esporões rochosos, a mercê de incríveis proezas técnicas. Como estava longe de comparar-se ao Egito e as suas cidades abertas, acolhedoras e simpáticas.

Cinco portas fortificadas davam acesso ao interior de Hattusa, duas abertas nas muralhas da cidade baixa e três nas da cidade alta. A escolta hitita que acompanhava a embaixada egípcia há cerca de cem quilômetros conduziu-a ao ponto de acesso mais elevado: a porta das Esfinges.

Antes de transpô-la, Achara celebrou o ritual hitita. Partiu três pães, derramou vinho sobre a pedra e pronunciou a fórmula obrigatória: "Que este rochedo seja eterno." O egípcio notou a presença de recipientes cheios de óleo e de mel, destinados a impedir que os demônios espalhassem os seus miasmas sobre a cidade. O imperador Hattusil não modificara as tradições. Dessa vez, Achara sofrera com as fadigas da viagem. Quando era mais jovem, detestava ficar muito tempo no mesmo lugar, amava o perigo e não hesitava em correr riscos. Com a chegada da maturidade, deixar o Egito tornava-se um sacrifício. Aquela estada no estrangeiro privava-o de um prazer insubstituível: ver Ramsés governar. Respeitando a Regra de Matt, o Faraó sabia que "ouvir é o melhor de tudo", segundo a máxima do sábio Ptah-haotep, o autor preferido de Nefertari; deixava os seus ministros manifestarem-se longamente, atento a cada entoação, a cada atitude. De repente, com a rapidez de um crocodilo Sobek subindo do fundo das águas para fazer renascer o sol, Ramsés decidia. Uma simples frase, luminosa, evidente, definitiva.

Manejava o leme com uma maestria incomparável, pois ele próprio era o navio do Estado e o seu piloto. Os deuses que o haviam escolhido não estavam enganados, e os homens tiveram razão em obedecer-lhes.

Dois oficiais, com capacete, couraça e botas, conduziram Achara à sala de audiências do imperador Hattusil. O palácio erguia-se sobre um imponente cumes rochoso formado por três picos; nas ameias das altas torres, soldados de elite vigiavam permanentemente. O senhor do país estava protegido de qualquer agressão externa; fora por isso que os pretendentes ao poder supremo haviam preferido muitas vezes o veneno a um ataque ao palácio, pois não havia qualquer chance de êxito.

Hattusil teria recorrido a Achara para eliminar Uri-Techup, se este, cumprindo a sua missão com rara habilidade, não tivesse conseguido facilitar a fuga do general-chefe, responsável pela morte do pai, o imperador Muwattali. Uri-Techup, refugiado no Egito, fornecera a Ramsés informações muito úteis sobre o exército hitita.

Uma única entrada permitia chegar-se a "grande fortaleza", como era chamada pelo povo,

que a olhava com terror; quando a pesada porta de bronze fechou-se as suas costas, Achaa teve a impressão de estar prisioneiro. Mesmo com a mensagem que trouxera para entregar a Hattusil, ele não estava muito otimista.

O imperador não o obrigou a ter pressa, o que foi um sinal reconfortante; Achaa foi introduzido numa sala fria, de pesados pilares, cujas paredes estavam ornadas com troféus militares.

Baixo, franzino, com os cabelos presos por uma fita, o pescoço adornado com um colar de prata e uma pulseira de ferro no cotovelo esquerdo, Hattusil envergava o seu habitual e longo manto vermelho e preto. Um observador comum considerá-lo-ia insignificante, até mesmo inofensivo; era conhecer mal o caráter obstinado e as aptidões de estrategista do sacerdote da deusa do Sol que, depois de um longo conflito, acabara por vencer o temível Uri-Techup. No decurso daquela luta implacável, recebera a ajuda da esposa, a bela Putuhepa, cuja inteligência era tão temida pela casta dos militares como pela dos comerciantes.

Achaa curvou-se perante os soberanos, sentados em tronos maciços e sem qualquer beleza.

— Que todas as divindades do Egito e do Hatti sejam favoráveis a Vossas Majestades, e que o seu reinado seja duradouro como o céu.

— Conhecemo-lo ha muito tempo, Achaa, para o dispensarmos das fórmulas de delicadeza. Venha sentar-se junto a nós. Como está o meu irmão Ramsés?

— Da melhor maneira possível, Majestade. Permite-me confessar a imperatriz que a sua beleza ilumina este palácio?

Putuhepa sorriu.

— A lisonja continua sendo uma das armas do chefe da diplomacia egípcia.

— Estamos em paz, já não tenha necessidade de lisonjeá-la; a minha afirmação pode ser considerada pouco respeitosa, mas é sincera.

A imperatriz corou.

— Se continua a ser admirador de mulheres bonitas —concluiu o imperador — tenho de me manter alerta.

— Esse acentuado gosto não me abandonou, mas não nasci para a fidelidade.

— No entanto, salvou Ramsés das ciladas que o Hatti lhe preparou e desmantelou a nossa rede de espionagem.

— Não exageremos, Majestade; apenas apliquei o plano do Faraó, e o destino me foi favorável.

— Tudo isso pertence ao passado! Hoje, precisamos construir o futuro.

— É essa também a opinião de Ramsés: dar a maior importância ao reforço da paz com o Hatti. E dessa paz depende a felicidade de nossos dois povos.

— Ficamos felizes por ouvir essas palavras — disse Putuhepa.

— Permita-me que insista na vontade do Faraó — continuou Achaa. — Para ele terminou o tempo dos conflitos, e nada deverá reacendê-los.

Hattusil endureceu a expressão.

— O que essa insistência está escondendo?

— Nada, Majestade. O seu irmão Ramsés faz questão de lhe fazer conhecer os seus mais íntimos pensamentos.

— Você vai agradecer-lhe a confiança que está me concedendo e vai afirmar-lhe que estamos em perfeita harmonia.

— Os nossos povos e seus aliados ficarão felizes. No entanto...

O chefe da diplomacia egípcia apoiou o queixo nas mãos unidas, a altura do peito, em atitude meditativa.

— Do que se trata, Achaa?

— O Egito é um país rico, Majestade; algum dia deixar de ser alvo de cobiça?

— Quem o ameaça? — interrogou a imperatriz.

— A agitação recomeçou na Líbia.

— O Faraó não é capaz de esmagar essa rebelião?

— Ramsés gostaria de agir com rapidez e utilizar armamento.

O olhar inquisidor de Hattusil perscrutou Achaa.

— O de vocês será insuficiente?

— O Faraó deseja que seu irmão, o imperador do Hatti, lhe forneça uma grande quantidade de ferro, com a qual mandará fabricar armas ofensivas e aniquilar a ameaça líbia.

Um longo silêncio sucedeu-se ao pedido do chefe da diplomacia egípcia. Depois Hattusil ergueu-se, nervoso, e andou de um lado para o outro na sala de audiências.

— O meu irmão Ramsés exige-me uma verdadeira fortuna! Não tenho ferro; e, se o tivesse, eu o guardaria para o meu próprio exército! O Faraó está querendo empobrecer-me e arruinar o Hatti, ele que é tão rico? As minhas reservas estão vazias, e não é o momento adequado para fabricar ferro.

Achaa permaneceu impassível.

— Compreendo.

— Que o meu irmão Ramsés se desembarace dos bárbaros com as armas que possui; mais tarde, se ainda estiver precisando de ferro, eu lhe enviarei uma quantidade razoável. Diga-lhe que esse pedido me surpreende e choca.

— Eu direi, Majestade.

Hattusil voltou a sentar-se.

— Vamos ao assunto principal: em que data a minha filha deixará o Hatti para se tornar a grande esposa real de Ramsés?

— Bem... a data ainda não foi fixada.

— Você não veio para me anunciar?

— Uma decisão dessa importância exige muita reflexão, e...

— Faz tréguas de diplomacia — interrompeu a imperatriz. — Ramsés aceita ou não repudiar Iset a Bela e elevar a nossa filha a categoria de rainha do Egito?

— A situação é delicada, Majestade. A justiça egípcia não admite o repúdio.

— É uma mulher que vai aplicar a lei? — perguntou secamente Hattusil. — Não quero saber

dessa Iset, nem dos seus desejos; Ramsés só casou com ela para substituir Nefertari, a verdadeira rainha, cujo papel foi determinante na construção da paz. Iset não conta. Para selar definitivamente a nossa aliança, Ramsés deve casar-se com uma hitita.

— Talvez sua filha possa tornar-se uma esposa secundária e...

— Ser rainha do Egito ou...

Hattusil interrompeu-se, como se as palavras que ia pronunciar assustassem a si próprio.

Por que Ramsés insiste em recusar a nossa proposta? — perguntou a imperatriz em tom conciliador.

— Porque um faraó não repudia uma grande esposa real. É contrário a lei de Matt.

— Essa posição é definitiva?

— Creio que sim, Majestade.

— Ramsés tem consciência das conseqüências da sua intransigência?

— Ramsés só se preocupa com uma coisa: agir com retidão.

Hattusil levantou-se.

— A entrevista está terminada. Diga ao Faraó meu irmão: ou fixa o mais rapidamente possível a data de seu casamento com a minha filha, ou será a guerra.

Ameni sofria de dores nas costas, mas nunca arranjava tempo para fazer com que o massagassem. Como se a sua sobrecarga de trabalho não fosse suficiente, tinha ainda que auxiliar Kha no preparo da segunda festa de regeneração do rei. Argumentando com a sua excelente saúde, Ramsés pretendia adiar o acontecimento, mas o filho mais velho invocava a autoridade dos textos tradicionais.

Ameni apreciava o rigor de Kha e gostava de falar com ele sobre literatura; mas as preocupações cotidianas sobrecarregavam muito o secretário particular e porta-sandálias oficial do Faraó para que pudesse saborear os prazeres de uma boa conversa.

Ao término de um grande conselho, durante o qual Ramsés lançara um vasto programa de plantação de árvores nas províncias do sul e censurara o responsável pela reparação dos diques por estar atrasado em relação ao calendário previsto, Ameni foi passear com o rei no jardim do palácio.

— Vossa Majestade tem notícias de Achaa?

— Já chegou a Hattusa.

— Convencer Hattusil a desistir não será fácil.

— Achaa já não foi o autor de numerosas façanhas?

— Dessa vez, o seu campo de ação é muito restrito.

— Quais são as informações superconfidenciais para serem ouvidas pelos membros do grande conselho?

— Primeiro, Moisés; depois, um incidente.

— Moisés?

— Está em má posição, com os seus hebreus. Todos o receiam e são obrigados a lutar a cada passo que dão para sobreviverem. Se interviéssemos, o problema seria resolvido rapidamente. Mas, como se trata de Moisés, o nosso amigo de infância, sei que Vossa Majestade deixará o destino seguir o seu curso.

— Já que conhece a resposta, por que está me fazendo a pergunta?

— A policia do deserto permanece vigilante; se os hebreus quisessem regressar ao Egito, o que Vossa Majestade decidiria?

— Quando eles regressarem, nem Moisés nem eu seremos mais deste mundo. E o incidente?

— O carregamento de olíbano que esperávamos não chegará.

— Por que, Ameni?

— Recebi um longo relatório do comerciante fenício que está sempre em contato com os produtores: uma violenta tempestade de granizo caiu sobre as árvores, que já haviam sido atingidas por uma doença. Este ano não haverá colheita.

— Já se havia verificado uma catástrofe assim?

— Consultei os arquivos e posso responder-lhe com certeza: felizmente o fenômeno é raro.

— As nossas reservas são suficientes?

— Não será imposta qualquer restrição aos templos. Já dei ordem aos comerciantes fenícios para nos entregarem o mais depressa possível a próxima colheita, a fim de que possamos reconstituir nossos estoques.

Raia rejubilava. Habitualmente tão sóbrio, ele chegara mesmo a beber de uma só vez duas taças de cerveja forte; sentia a cabeça rodar, mas como não sentir-se embriagado com a sucessão de pequenos êxitos que conduziriam a vitória final?

O contato com seus compatriotas sírios ultrapassara todas as expectativas. A chama acesa por Raia reanimara as energias enfraquecidas dos vencidos, dos ciumentos e dos invejosos; aos sírios juntavam-se os hititas, desiludidos com a política de Hattusil, acusado de falta de iniciativa e de ser novamente incapaz de partir para a conquista do Egito. Quando alguns deles haviam se encontrado em grande segredo com Uri-Techup num dos armazéns de Raia, o entusiasmo fora geral. Com um chefe daquele quilate, o poder logo estaria ao seu alcance.

Havia também outras notícias agradáveis que Raia comunicaria a Uri-Techup, quando este acabasse de admirar as três núbias nuas que dançavam em honra dos convidados do novo casal da moda de Pi-Ramsés — o príncipe hitita e a dama fenícia.

Tanit vivia ao mesmo tempo o paraíso e o inferno. O paraíso, porque o seu amante a satisfazia não importava a que hora do dia ou da noite, com uma energia e uma violência que a faziam delirar de prazer; o inferno, porque receava ser agredida por aquele monstro de reações imprevisíveis. Ela, que sempre conduzia a vida a seu bel-prazer, tornara-se uma escrava, simultaneamente cordata e angustiada.

Os convidados de Tanit e Uri-Techup só tinham olhos para as três jovens bailarinas, cujos seios redondos e firmes nem estremeciam, e as longas pernas esguias perturbavam os mais tímidos. Mas as apetitosas artistas eram intocáveis; terminada a atuação, desapareceriam sem falar com Ninguém. Seria preciso esperar por outro banquete tão suntuoso como aquele, para apreciar de novo um espetáculo de tal qualidade.

Uri-Techup afastou-se da esposa, que discutia com dois homens de Negócios prontos a assinar fosse que contrato fosse, para não perderem um passo da coreografia. O hitita apanhou um cacho de uvas e foi sentar-se em uma almofada, junto a uma coluna na qual estavam pintadas folhagens de vinha. Do outro lado encontrava-se Raia. Sem se olharem, os dois homens podiam falar em voz baixa, enquanto a orquestra tocava.

— O que ha de tão urgente, Raia?

— Conversei com um velho cortesão a quem faço bons preços nos meus mais belos vasos; o palácio está em ebulição por causa de um boato. Ha dois dias que tento obter confirmação sobre o caso, que me parece sério.

— Do que se trata?

— Para consolidar a paz, o imperador Hattusil exige que a filha case com Ramsés.

— Mais um casamento diplomático... Que importância tem?

— Não, não... Hattusil quer que ela se torne a grande esposa real.

— Uma hitita no trono do Egito?!

— Exatamente.

— É inadmissível!

— Ramsés parece não ter aceitado repudiar Iset a Bela e ceder a exigência de Hattusil.

— Em outras palavras...

— Isso mesmo, meu senhor: uma chance de guerra!

— Ora, aí está uma coisa que vem alterar todos os nossos planos.

— É cedo demais para afirmá-lo; na minha opinião, é preferível não modificar nada enquanto não tivermos certeza. Achar parece estar em Hattusa para negociar com o imperador; ainda tenho muitos amigos e em breve seremos informados do andamento da situação. Mas não é tudo... Gostaria de lhe proporcionar um encontro com um personagem interessante.

— Onde está ?

— Oculto no jardim. Poderíamos...

— Leve-o ao meu quarto e esperem por mim. Passe por trás da vinha e entre em casa pela lavanderia. Logo que o banquete terminar, irei ter com você.

Assim que o último convidado foi embora, Tanit pendurou-se ao pescoço de Uri-Techup. Ardia nela um fogo que só o seu amante saberia apagar. Com mão quase meiga, este arrastou-a para o quarto, um ninho de amor recheado de móveis luxuosos, ramos de flores armados e queimadores de perfume. Antes de passar pela porta, a fenícia tirou o vestido, com violência.

Uri-Techup empurrou-a para dentro do compartimento, Tanit julgou tratar-se de um novo jogo, mas subitamente parou, ao descobrir Raia, o comerciante sírio, em companhia de um homem estranho, de rosto quadrado, cabelos ondulados e olhos negros onde brilhavam a crueldade e a loucura.

— Quem... quem, você? — perguntou a fenícia.

— São amigos meus — respondeu Uri-Techup.

Aterrorizada, Tanit agarrou um lençol de linho e escondeu as suas formas generosas. Embaraçado, Raia não compreendia o motivo de o hitita misturar a fenícia naquele encontro. O homem de olhos cruéis permanecera imóvel.

— Quero que Tanit ouça tudo o que for dito aqui — declarou Uri-Techup — e que se torne nossa cúmplice e aliada. Além disso, a sua fortuna servir a nossa causa. é mínima falha de sua parte, ser eliminada. Estamos de acordo?

O desconhecido balançou a cabeça afirmativamente, e Raia o imitou.

— Como vê, minha querida, você não tem qualquer chance de escapar de um de nós três ou daqueles que nos obedecem. Entendeu bem o que eu disse?

— Sim... Sim!

— Podemos então contar com o seu apoio incondicional?

— Tem a minha palavra, Uri-Techup!

— Você não se arrependará.

Com a mão direita, o hitita acariciou os seios da esposa. Esse simples gesto desfez o pânico que se apoderara de Tanit.

O hitita voltou-se para Raia.

— Apresente-me o seu convidado.

Mais calmo, o comerciante sírio exprimiu-se pausadamente.

— Temos sorte, muita sorte... A nossa rede de espionagem era dirigida por um mago líbio de

nome Ofir, Apesar de seus poderes excepcionais e dos golpes que desferiu na família real, foi preso e executado. Tratou-se de uma grave perda para o nosso clã. Mas alguém decidiu pegar o facão e vingar Ofir: o seu irmão Malfi.

Uri-Techup observou o líbio da cabeça aos pés.

— Louvável intenção... Mas de que meios ele dispõe?

— Malfi é o chefe da tribo mais bem armada da Líbia. A sua única razão de viver é lutar contra o Egito.

— Concordará em obedecer-me sem discutir?

— Ficaré sob suas ordens, mas com a condição de que destrua Ramsés e o seu Império.

— Acordo feito. Você ser o intermediário entre mim e o nosso aliado líbio. Que os seus homens treinem bastante e estejam preparados para entrar em ação.

— Malfi saberá mostrar-se paciente, meu senhor. Há tantos anos que a Líbia espera lavar com sangue as afrontas infligidas pelo Faraó.

— Que aguarde as minhas instruções.

O líbio desapareceu sem ter pronunciado uma palavra.

Embora o sol já estivesse bem alto no céu, o palácio de Pi-Ramsés continuava mergulhado em profundo silêncio. É evidente que cada um executava as suas tarefas, mas evitando o mínimo ruído; dos cozinheiros as arrumadeiras, todos se deslocavam como sombras.

A cólera de Ramsés aterrorizara a totalidade do pessoal. Os velhos servidores, que conheciam o monarca desde a juventude, nunca o tinham visto tão furioso. O poder de Seth manifestara-se com a violência de uma tempestade, que deixava as suas vítimas estupefatas.

Ramsés estava com dor de dente.

Pela primeira vez, aos cinquenta e cinco anos, sentia-se diminuído por um sofrimento físico. Furioso com a mediocridade dos cuidados dispensados pelos dentistas do palácio, ordenara-lhes que desaparecessem da sua frente. Com exceção de Ameni, ninguém sabia do outro motivo que alimentava a fúria do Faraó. Hattusil retivera Achara na capital hitita, sob o pretexto de continuar as negociações. Não se trataria, antes, de fazer dele um refém?

As esperanças da corte apenas depositavam-se numa única pessoa: o médico-chefe do reino. Se este não conseguisse aliviar a dor do monarca, o mau humor dele ainda podia tornar-se pior.

Apesar da dor, Ramsés continuava trabalhando com a única pessoa capaz de o suportar naquele momento: Ameni igualmente rabugento e que detestava as euforias dos cortesãos. Quando as pessoas trabalhavam, não precisavam ser amáveis; o fato de o rei ser desagradável não o impedia de tratar dos assuntos urgentes.

— Hattusil está zombando do Egito — afirmou o faraó.

— Talvez procure uma porta de saída — opinou Ameni. — A sua recusa é uma ofensa intolerável, mas será o imperador do Hatti a tomar a decisão de desencadear um novo conflito?

— Aquela raposa velha lançará a responsabilidade para cima de MÖMI.

— Achara fez o jogo com inteligência; estou convencido de que Hattusil está perplexo.

— Engana-se ! Ele é vingativo.

— Assim que Achara lhe mandar uma mensagem, ficaremos sabendo a verdade. Graças ao código que ele utiliza, Vossa Majestade saberá se ele negocia em liberdade ou se está prisioneiro.

— É evidente que está sendo retido contra sua vontade.

Bateram discretamente na porta.

— Não quero ver Ninguém — declarou o rei.

— Talvez seja o médico-chefe — objetou Ameni, indo abrir.

No limiar da porta, o camareiro-mor morria de medo a simples idéia de incomodar o monarca.

— O médico-chefe chegou — murmurou. — Sua Majestade aceita recebê-lo ?

O camareiro-mor e Ameni afastaram-se para dar passagem a uma bela moça, linda como uma aurora de primavera, como um lótus a desabrochar, assim como uma vaga cintilante no meio do Nilo. Com os cabelos alourados e um rosto muito puro de linhas suaves, possuía um olhar direto e pupilas azuis. No pescoço esbelto, um colar de lápis-lazúli; nos pulsos e tornozelos, pulseiras de coralina. O vestido de linho insinuava-lhe os seios firmes e redondos, ancas

perfeitamente modeladas e pernas longas e esguias. Neferet, "a Bela, a Perfeita, a Completa"... Que outro nome poderia ter? Até Ameni, que não tinha tempo para se interessar por mulheres, criaturas volúveis e incapazes de se concentrarem durante horas num papiro técnico, teve que admitir que aquela teria podido rivalizar em beleza com Nefertari.

— Você demorou muito — queixou-se Ramsés.

— Lamento, Majestade. Estava na província para fazer uma intervenção cirúrgica que, espero, tenha salvo a vida de uma menina.

— Os seus colegas são uns imbecis e uns incapazes!

— A medicina, um misto de arte e ciência; talvez lhes tenha faltado a perícia.

— Felizmente, o velho Doutor Pariamakhau está aposentado; aqueles que ele não trata mais têm uma chance de serem salvos.

— Mas você está sofrendo.

— Não tenho tempo para sofrer, Neferet! Cure-me o mais depressa possível.

Ameni enrolou o papiro de contabilidade que acabava de mostrar a Ramsés, cumprimentou Neferet e voltou para o seu gabinete.

O porta-sandálias do Faraó não suportava nem os gritos de dor nem a visão de sangue.

— Vossa Majestade consente em abrir a boca?

Neferet observou o seu ilustre paciente. Antes de atingir a invejada categoria de médico generalista, estudara e praticara inúmeras especialidades, da odontologia a cirurgia, passando pela oftalmologia.

— Um dentista competente vai aliviá-lo da dor, Majestade.

— Será você, e mais Ninguém.

— Posso propor-lhe um especialista de mão muito segura...

— Será você, e imediatamente. É o seu posto que está em jogo.

— Venha comigo, Majestade.

O centro de saúde do palácio era arejado e ensolarado; nas paredes brancas, representações de plantas medicinais.

O rei estava instalado numa confortável poltrona, com a cabeça inclinada para trás e a nuca apoiada numa almofada.

— Para a anestesia local — explicou Neferet — utilizarei um dos produtos fabricados por Setaou; não sentirá nada.

— Qual é a natureza do meu mal?

— Uma crise com complicações infecciosas, que provocou um abscesso, que vou drenar. Não será necessário extrair o dente; farei uma obturação com uma mistura de resina com substâncias minerais.

Para o outro dente afetado, eu o pulverizarei com um remédio específico que, como costumamos dizer no nosso calão, "engolirá o mal": ocre medicinal, mel, pó de quartzo, fruto do sic"moro cortado, farinha de favas, cominhos, colocintida, brunia, goma de acácia e suor" do grateleiro são os ingredientes utilizados.

— Como consegue selecioná-los?

— Disponho de tratados de medicina escritos pelos sábios antigos, Majestade, e verifico a composição com o meu instrumento preferido.

Entre o polegar e o indicador, Neferet segurava um fio de linho em que, na ponta, oscilava um pequeno pedaço de granito talhado em losango e que girava muito rapidamente sobre o remédio adequado.

— Você conhece a radiestesia como o meu pai.

— Você também a conhece, Majestade. Não encontrou água no deserto? E não é tudo: depois desta pequena cirurgia, você terá de tratar as gengivas, mastigando todos os dias uma pasta a base de brunia, zimbro, absinto, fruto do sicônoro, incenso e ocre medicinal. Em caso de dor, beber uma de cocção a base de casca de salgueiro; é um analgésico muito eficaz.

— Tem alguma outra má notícia?

— Observando o seu pulso e o fundo do seu olho, concluo que é dotado de uma energia excepcional que lhe permitirá anular muitas doenças ainda no começo; mas a sua velhice será acompanhada de reumatismo... E terá de aceitá-lo.

— Espero morrer antes desse descalabro !

— Você é a encarnação da paz e da felicidade, Majestade. O Egito deseja vê-lo atingindo uma idade avançada. Cuidar de você é um dever imperioso. A idade dos sábios não é cento e dez anos?

Ptha-hotep esperou atingi-los para então redigir as suas máximas.

Ramsés sorriu.

— Só em olhar você e ouvi-la a dor se esvai.

— É o efeito da anestesia, Majestade.

— Está satisfeita com a minha política de saúde?

— Em breve redigirei o meu relatório anual. No conjunto, a situação é satisfatória, mas nunca será demais desenvolver a higiene pública e privada. É graças a ela que o Egito permanece a margem das epidemias. O seu diretor da Dupla Casa de ouro e de prata não deve economizar na compra de produtos caros e raros que entram na composição dos remédios. Acabo de saber que não receberemos o fornecimento habitual de olíbano; ora, eu não posso passar sem ele.

— Não se inquiete, as nossas reservas são abundantes.

— Estamos preparados, Majestade?

Em Kadesh, Ramsés não tremera diante de milhares de hititas enlouquecidos. Mas quando viu se aproximarem de sua boca os instrumentos de dentista, fechou os olhos.

O carro de Ramsés corria com tal velocidade que Serramanna tinha dificuldade em segui-lo. Desde que Neferet lhe dispensara cuidados de notável eficácia, o dinamismo do monarca redobrou. Só Ameni, apesar de suas dores nas costas, conseguia acompanhar o ritmo de trabalho do soberano.

Uma carta de Acha codificada sossegara Ramsés; o chefe de sua diplomacia não estava prisioneiro, permanecendo em Hattusa apenas para desenvolver negociações de duração indeterminada. Como Ameni supusera, o imperador hitita receava lançar-se numa guerra de resultado incerto.

Agora que a cheia se retirava do Baixo Egito, naquele fim de setembro cujo doce calor era um bálsamo para o corpo, o carro do rei seguia ao longo de um canal que abastecia algumas aldeias. Ninguém, nem mesmo Ameni, conhecia a natureza da missão urgente que Ramsés considerara ter que ser executada por ele próprio.

Desde a morte de Chaenar, o irmão mais velho do rei, e dos seus cúmplices, a segurança de Ramsés estava mais fácil de garantir. Mas a liberdade de manobra de Uri-Techup inquietava o gigante sardo, que lamentava a intrepidez do monarca, que nem a idade atenuava.

Ramsés deteve-se ao pé de uma árvore frondosa, a margem do canal, cujas folhas lanceoladas eram encantadoras.

— Venha ver, Serramanna! Segundo os arquivos da Casa da Vida, este é o mais velho salgueiro do Egito. De sua casca extrai-se uma substância antiinflamatória com que fui tratado. Foi por isso que vim lhe agradecer. E farei ainda melhor: com as minhas próprias mãos, plantarei pés de salgueiro em Pi-Ramsés, junto dos lagos, e ordenarei que façam o mesmo no país inteiro. Os deuses e a natureza deram-nos tudo: saibamos fazer frutificar os seus tesouros.

"Nenhuma outra terra", pensou o antigo pirata, "teria conseguido criar um rei como este."

Um vento gelado soprava no planalto de Anatólia; em Hattusa, o outono assemelhava-se por vezes ao inverno. Achara não tinha do que queixar-se da hospitalidade de Hattusi; a alimentação era conveniente, embora rústica, e as duas jovens hititas encarregadas de o distrair cumpriam sua tarefa com zelo e convicção.

Mas o diplomata sentia falta do Egito. Do Egito e de Ramsés.

Achara desejava envelhecer a sombra do monarca a quem servira durante toda a sua vida e por quem aceitara, com oculto entusiasmo, enfrentar os piores perigos. O verdadeiro poder, que fascinara o jovem Achara durante os seus estudos em Mênfis, era Ramsés, que o possuía, e não Moisés, como acreditara durante um curto período. Moisés lutava pela aplicação de uma verdade revelada e definitiva; Ramsés construía, dia após dia, a verdade sobre uma civilização e um povo, porque oferecia os seus atos a Matt, ao invisível e ao princípio de vida.

Tal como seus predecessores, Ramsés sabia que o que permanecia imóvel avançava para a morte; assemelhava-se também a um músico capaz de tocar diversos instrumentos e de criar constantemente novas melodias com as mesmas notas de eternidade. Ramsés não fizera da potência que lhe fora legada pelos deuses um poder sobre os homens, mas sim um dever de retidão; e era essa fidelidade a Matt que não permitia que um Faraó do Egito se tornasse um tirano. A sua função não consistia em escravizar os homens, mas, na verdade, libertá-los de si mesmos. Ver Ramsés reinar era como contemplar um escultor quando modelava o rosto de uma divindade.

Enrolado num manto de lã vermelha e preta idêntico ao que usara o seu falecido irmão, Hattusil entrou nos compartimentos postos a disposição do chefe da diplomacia egípcia.

— Está satisfeito com a minha hospitalidade, Achara?

— Com menos eu me contentaria, Majestade.

— Este frio precoce não o afeta?

— Eu estaria mentindo se afirmasse o contrário; nesta época, é tão agradável o tempo as margens do Nilo...

— Cada país tem as suas vantagens... Não gosta mais do Hatti?

— Quanto mais envelheço, Majestade, mais caseiro me torno.

— Tenho uma boa notícia: terminou a minha reflexão. Poderá pegar o caminho do Egito a partir de amanhã. Mas tenho também outra notícia: não transigirei, e as minhas exigências são as mesmas.

Minha filha deve tornar-se a grande esposa real de Ramsés.

— E se o Faraó persistir em não aceitar?

Hattusil ficou de costas para o egípcio.

— Ontem, convoquei os meus generais e lhes ordenei que preparassem as nossas tropas para o combate; já que o meu irmão, o Faraó, me pediu ferro, mandei fabricar em sua intenção uma arma única.

O imperador voltou-se e retirou do bolso embutido do seu manto uma adaga de ferro, entregando-a a Achara.

— Uma maravilha, não é verdade? Leve e manejável ao máximo, é capaz de atravessar qualquer escudo. Mostrei a adaga aos meus generais e prometi-lhes que eu mesmo a iria retirar do cadáver de Ramsés, se ele recusar as minhas condições.

O sol estava se pondo sobre o templo de Seth, o edifício mais estranho de Pi-Ramsés. O santuário onde residia o senhor das perturbações cósmicas fora construído, no local onde existira a capital dos hicsos usurpadores odiados que haviam expulsado os primeiros reis da décima oitava dinastia. Ramsés transformara aquele local nefasto num pólo de energia positiva, lá enfrentara Seth e apoderara-se do seu poder.

Era ali, no domínio interdito onde apenas o filho de Seth ousava penetrar, que o Faraó absorvia a força necessária para travar o próximo combate.

Quando Ramsés saiu do templo, o filho mais novo, Merneptah, aproximou-se dele.

— A minha tarefa está cumprida, meu pai.

— Trabalhou depressa...

— Nenhuma caserna de Pi-Ramsés e Mênfis escapou as minhas investigações.

— Não estava acreditando muito nos relatórios dos oficiais superiores?

— Bem...

— Fale francamente.

— Não, Majestade.

— Por que, Merneptah?

— Observei-os. São uns acomodados, tão confiantes na paz que você instaurou que se esquecem de organizar as verdadeiras manobras. Seguro de sua força, orgulhoso de suas vitórias passadas, o nosso exército está completamente adormecido.

— E quanto ao Estado do nosso armamento?

— Em quantidade suficiente, mas de qualidade muitas vezes duvidosa. Os ferreiros trabalham devagar há anos, e muitos carros precisariam de revisões completas.

— Trate disso.

— Estou me arriscando a ferir suscetibilidades.

— Isso não tem importância quando o destino do Egito está em jogo. Comporte-se como um verdadeiro general-chefe, reforme os oficiais ultrapassados, nomeie homens firmes e seguros para os postos de responsabilidade, torne a dar ao nosso exército o armamento de que ele precisa. Não volte a aparecer na minha frente, senão depois de ter cumprido essa missão.

Merneptah inclinou-se perante o Faraó e regressou ao quartel general.

Um pai deveria falar de outra forma a seu filho, mas Ramsés era o senhor das Duas Terras, e Merneptah o seu provável sucessor.

Iset a Bela perdera o sono.

No entanto, conhecia a felicidade: ver Ramsés todos os dias, trocar confidências com ele, estar a seu lado durante os rituais e as cerimônias oficiais... E os seus dois filhos, Kha e Merneptah, tinham carreiras brilhantes.

Contudo, Iset a Bela estava cada vez mais triste e cada vez mais só, como se aquele excesso de felicidade a corresse e a privasse de forças. A causa das suas noites em claro estava

identificada: Nefertari fora a artesã da paz; ela, Iset, estava se tornando sinônimo de conflito.

Tal como Helena, pivô da terrível guerra de Tróia, Iset também surgiria aos olhos do povo como aquela que desencadearia um novo confronto entre o Egito e o Hatti.

Sob as ordens de Merneptah, cuja autoridade os oficiais superiores não contestavam, Pi-Ramsés fora atacada por um acesso de febre militar. O treino intensivo e a produção de armas haviam sido retomados.

A cabeleireira da rainha inquietou-se.

— Quando a poderei maquiarr, Majestade?

— Orei já se levantou?

— Ha muito tempo!

— Almoçaremos juntos?

— Preveniu o mordomo de Vossa Majestade de que ele trabalharia, durante todo o dia, com o vizir e os chefes das fortalezas de Canaã, chamados com urgência a Pi-Ramsés.

— Mandr preparar a minha cadeira de transportadores.

— Majestade! Ainda nem está penteada, não lhe coloquei a peruca, não a maquiei...

— Saia!

Para os doze robustos rapazes que a conduziram do palácio ao gabinete de Ameni, Iset a Bela era uma carga bem leve. Como a grande esposa real lhes pedira para se apressarem, seriam beneficiados com um bônus e com um descanso suplementar.

A rainha penetrou numa verdadeira colméia. Os vinte escribas que compunham a pequena equipe de Ameni tratavam de um considerável número de pastas e não dispunham de um segundo sequer para entrar na conversa. Precisavam ler, fazer resumos para o secretário particular do rei, escolher, arquivar, não permitir o mínimo atraso.

Iset atravessou a sala de colunas; alguns funcionários sequer levantaram os olhos. Quando entrou no gabinete de Ameni, este mastigava uma fatia de pão com gordura de pato e redigia uma carta de repreensão dirigida a um dos controladores dos celeiros.

Espantado, o porta-sandálias de Ramsés ergueu-se.

— Majestade...

— Sente-se, Ameni. Preciso falar com você.

A rainha fechou a porta de madeira do gabinete e passou o ferrolho. O escriba sentiu-se pouco a vontade; o tanto que admirava Nefertari, detestava Iset, com quem já tivera alguns desentendimentos. Ao contrário do que lhe era habitual, a rainha não se apresentava como de costume, e sim com o olhar mortiço e rosto fatigado, que nenhuma maquiagem melhoraria.

— Preciso do seu auxílio, Ameni.

— Não estou entendendo, Majestade...

— Deixe de fingir comigo. Eu sei muito bem que a corte ficaria aliviada se o Faraó me repudiasse.

— Majestade !

— É isso mesmo, e nada posso fazer para mudar a situação. Então, diga-me, você, que sabe tudo, o que pensa o povo.

— E muito delicado...

— Quero saber a verdade...

— Você é a grande esposa real, e nenhuma crítica lhe deve ser dirigida.

— A verdade, Ameni.

O escriba baixou os olhos, como se estivesse concentrado em seus papiros.

— É preciso compreender o povo, Majestade, pois o povo habituou-se a paz.

— O povo amava Nefertari, e não gosta de mim; eis a verdade que está pretendendo esconder-me.

— São as circunstâncias, Majestade.

— Fale com Ramsés; diga-lhe que tenha consciência da gravidade da situação e que estou pronta a sacrificar-me para evitar um conflito.

— Ramsés já tomou a sua decisão.

— Insista com ele, Ameni, eu lhe suplico.

O secretário particular do rei ficou convencido da sinceridade de Iset a Bela. Pela primeira vez, ela lhe pareceu digna de ser a rainha do Egito.

— Por que está adiando a sua volta ao Egito? — perguntou o imperador Hattusil a Achaa.

— Porque ainda espero que reconsidere a sua decisão.

Enrolado em seu tradicional manto de lã, e com um gorro na cabeça, o senhor do Hatti temia as tempestades glaciais que varriam as muralhas da sua capital. Mesmo embrulhado em seu enorme manto, o chefe da diplomacia egípcia ressentia-se das agulhadas do frio.

— É impossível, Achaa.

— Vai desencadear uma guerra inútil por causa de uma mulher? Tróia serviu-nos de exemplo. Por que temos de ser escravos de uma loucura assassina? As rainhas devem dar a vida, não a morte.

— Os seus argumentos são excelentes, mas totalmente egípcios!

O Hatti não me perdoaria se abrisse mão da minha decisão. Se recuar perante Ramsés, o meu trono balançará.

— Ninguém o está ameaçando.

— Se o meu comportamento humilhar o exército hitita, não viverei por muito tempo. Somos um povo guerreiro, Achaa; o tirano que me substituiria seria pior do que eu, pode ter certeza.

— Ramsés faz questão de que o seu reinado seja duradouro, Majestade.

— Posso crer em você?

— Dou-lhe a minha palavra pelo que mais prezo: a vida de Ramsés.

Os dois homens deram alguns passos pelo caminho da ronda que dominava a capital, pontilhada de torres de vigia. O exército estava espalhado por toda parte.

— Não está cansado de guerrear, Majestade?

— Os soldados me aborrecem, mas sem eles o Hatti desapareceria.

— Já não posso recuar, Achaa.

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Ramsés o Grande contemplou a cidade baixa, cujo coração era o templo do deus da Tempestade e da deusa do Sol.

— Os homens são animais perversos e perigosos — afirmou.

— Acabarão por macular a terra e aniquilar a sua própria raça. Quando mergulham num processo de destruição que eles próprios desencadearam, nenhum argumento consegue fazê-los livrar-se dele.

— Qual a razão dessa obstinação em correr para a própria derrota?

— Porque as criaturas humanas se afastam cada vez mais dos deuses — respondeu Hattusil.

— Quando todos os laços forem cortados, não haverá senão fanáticos manipulados por tiranos que reinarão sobre um imenso formigueiro.

— É curioso, Majestade... Está me obrigando a confessar que passei a vida lutando por Matt, pela harmonia entre o céu e a terra, como se todo o resto não tivesse passado de futilidades.

— Se assim não fosse, teria me tornado amigo de Ramsés?

O vento tornou-se mais violento, e o frio acentuou-se.

— Seria melhor entrarmos, Achaa.

— Situação demasiado estúpida, Majestade.

— Também é a minha opinião, mas nada podemos fazer...

— O Egito não tem afeição pelo combate; prefere o amor e a construção de templos. A batalha de Kadesh já não pertence ao passado?

— Não me obrigue a dizer que teria gostado de nascer egípcio, Achaa!

— Qualquer novo conflito entre o Egito e o Hatti seria um desastre, pois enfraqueceria os nossos dois países em benefício da Assíria. Aceite que a sua filha se torne a esposa diplomática de Ramsés e que Iset a Bela continue a ser a grande esposa real.

— Já não posso recuar, Achaa.

— Nem você nem eu. Peçamos que as divindades do Hatti e do Egito sejam testemunhas da nossa boa fé e façam um milagre.

No cais do porto fluvial de Pi-Ramsés fervilhava uma multidão eufórica. Naquele mesmo dia, vários barcos vindos de Mênfis, de Tebas e de outras cidades do Sul haviam descarregado as suas mercadorias. O mercado local, em geral bastante movimentado, adquirira uma dimensão sem precedentes. Os locatários dos melhores lugares, entre os quais muitas mulheres peritas na arte do comércio, estavam decididos a conseguir enormes lucros.

De mãos dadas, Uri-Techup e Tanit passeavam por entre as pessoas, observando os tecidos, as sandálias, as valiosas arcas de madeira, e as outras maravilhas. Pi-Ramsés em peso comparecera ao encontro, e a bela fenícia fazia esforço para sorrir as suas numerosas conchecidas, fascinadas pela virilidade do príncipe hitita.

Com profunda satisfação, este notara que os guardas de Serramanna já não o seguiam. Incomodar um honesto cidadão era delito, e Uri-Techup teria evidentemente apresentado queixa.

— Posso... comprar? — implorou a fenícia.

— Minha querida, você é completamente livre.

Tanit lançou-se num frenesi de compras que logo acalmaram o seu nervosismo. De balcão em balcão, o casal acabou parando em frente ao de Raia. O comerciante sino expunha taças de estanho, vasos esguios de alabastro e frascos de perfume em vidro colorido que as mulheres elegantes disputavam. Enquanto Tanit discutia energicamente os preços com um dos assistentes de Raia, este aproximou-se de Uri-Techup.

— Excelentes notícias de Hattusa. As negociações conduzidas; por Achaa fracassaram. O imperador recusa-se a renunciar as suas exigências.

— As discussões estão definitivamente terminadas?

— Achaa está de regresso ao Egito. A resposta de Hattusil a Ramsés é a de uma adaga de ferro que o imperador jurou retirar do cadáver do Faraó depois de o ter vencido.

Uri-Techup permaneceu silencioso durante alguns momentos.

— Está noite venha pessoalmente entregar os objetos que a minha mulher tiver comprado.

O robusto Setaou cada dia se maravilhava mais.

O que Lótus, a sua bela esposa núbia, fazia para não envelhecer?

Ciente de que não utilizava unguentos nem pomadas, só a feitiçaria mantinha intacto aquele

poder de sedução ao qual o marido não era capaz de resistir. Com ela o amor era um jogo delicioso de fantasias inesgotáveis.

Setaou beijou os seios de Lótus.

De repente, a núbia contraiu-se.

— Não ouviu um ruído?

— É o seu coração que está batendo com mais força...

O ardor de Setaou contagiou Lótus, que não pensou em mais nada, senão compartilhar daquele prazer embriagador.

A visitante inesperada parou de repente. Ao entrar no laboratório, esperava que o casal estivesse ausente, mas, quando se encontravam em Pi-Ramsés, Setaou e Lótus não se afastavam de bom grado dos recipientes contendo veneno de cobra real, cobra preta, serpente sopradora e serpente de chifres. Continuavam suas pesquisas em ligação com o médico-chefe do reino, na esperança de conseguirem novos remédios ou aperfeiçoar os antigos. Os banquetes e as cerimônias corriqueiras os aborreciam; como era possível preferir intermináveis horas de conversas fúteis em vez do estudo daquelas substâncias que provocavam a morte, mas que também podiam salvar vidas?

Suspiros e murmúrios acalmaram a visitante; os dois amantes estavam muito ocupados para notarem a sua presença. Competia-lhe agora não cometer qualquer erro para, no mais absoluto silêncio, apoderar-se de um frasco de veneno. Mas qual escolher? Pergunta inútil. Não eram eficazes todos aqueles venenos? No Estado bruto e sem tratamento, os seus efeitos eram terríveis.

Deu um passo, outro passo, e mais um terceiro... Os pés descalços deslizavam sobre as lajes. Mais um metro, e a intrusa estaria no centro daquele local proibido.

De repente, ergueu-se um vulto.

Aterrorizada, a mulher imobilizou-se. Na penumbra, identificou uma cobra real que se movimentava para a frente e para trás. O medo foi tanto que a intrusa nem sequer gritava. O seu instinto rapidamente indicou-lhe que recuasse bem devagar e com movimentos imperceptíveis.

Teve a impressão de que a fuga demoraria horas. Entretanto, assim que ficou fora do alcance de seu olhar, a cobra guardiã voltou a adormecer.

Ameni começou a recontar os papiros: quarenta e dois, um para cada província. Os resultados variariam, em função do número de canais e de superfícies de água. Graças ao gigantesco lago construído pelos faraós do Império Médio, o Fayum, já bem dotado de numerosas espécies de árvores, seria beneficiado. De acordo com as ordens de Ramsés, seriam plantados salgueiros em todo o Egito, e os laboratórios dos templos extrairiam de sua casca a substância analgésica que seria posta mais fartamente a disposição dos médicos.

Esse aumento de trabalho provocara em Ameni um acesso de fúria que os seus subordinados tiveram que suportar, mas as ordens do Faraó não eram para se discutir. Felizmente, o portasandálias do rei não tinha que se preocupar com preparativos de guerra. Merneptah desempenhava muito bem essa tarefa, não vindo queixar-se em seu gabinete.

Com os braços carregados de papiros, Ameni interceptou o caminho do monarca quando este se dirigia ao templo de Amon para celebrar os rituais da tarde.

— Majestade, poderia conceder-me um instante?

— Só se for um assunto urgente.

— Bem, não vou insistir...

— A sua manobra não foi improvisada: o que o está preocupando?

— Iset a Bela veio consultar-me.

— Está se interessando pelos assuntos de Estado?

— Não, apenas não quer ser a causa de um conflito com o Hatti. Devo confessar que a sua sinceridade me impressionou.

— Se o encanto de Iset está agindo sobre você, não estará o reino em perigo?

— E sério, Majestade; a grande esposa real receia realmente ser o motivo de uma nova guerra.

— Esse problema está resolvido, Ameni. Se cedermos uma polegada de terreno aos hititas, todos os combates que travamos até agora terão sido inúteis. Repudiar uma grande esposa real seria abrir a porta a barbárie. Iset não tem qualquer responsabilidade neste drama; o único culpado, Hattusil.

Uma chuva gelada caía sobre Hattusa. A caravana do chefe da diplomacia egípcia estava pronta para partir. Elegante e majestosa no seu vestido vermelho de franjas, indiferente ao frio, a imperatriz veio cumprimentar Achaa.

— O imperador está de cama — revelou.

— Nada de grave, espero.

— Um pouco de febre que em breve desaparecerá.

— Desejo-lhe um rápido restabelecimento, Majestade.

— O fracasso das negociações me entristece — confessou.

— Também a mim, Majestade.

— E se Ramsés terminasse cedendo?

— Não alimentemos ilusões.

— Nunca o vi tão pessimista, Achaa.

— Só nos restam duas esperanças: um milagre e... você própria. Você não poderia atenuar a intransigência de seu esposo?

— Até agora, fracassei... Mas vou continuar insistindo.

— Majestade, queria lhe dizer... Não, não tem importância.

— Continue; estou escutando.

— Não, realmente não tem importância.

Como podia Achaa confessar a imperatriz do Hatti que, de todas as mulheres que havia conhecido, ela era a única que, com toda a sinceridade, ele queria ter tomado como esposa? Não, isso teria sido de um imperdoável mau gosto.

Achaa fitou Putuhepa com insistência, como se quisesse gravar em seu íntimo a recordação daquele rosto inacessível. Em seguida, curvou-se a sua frente.

— Não parta tão triste, Achaa; tudo farei para evitar o pior.

— Também eu, Majestade.

Quando a caravana iniciou a marcha para o sul, Achaa não olhou para trás.

Setaou sentia-se maravilhosamente bem. Saiu do quarto sem acordar Lótus, cujo corpo nu, tão perturbador, sempre lhe suscitava o desejo. Hesitou um instante, e depois dirigiu-se para o laboratório. O veneno da serpente de chifres recolhido na noite anterior devia ser tratado nesse dia; o trabalho de administrador de uma província ritubia não fizera o encantador de serpentes esquecer as regras da profissão.

Uma serviçal jovem, que trazia uma bandeja com frutos, estacou. Assustada com o aspecto brutal de Setaou, não se atreveu a fugir; aquele homem não era o mago que agarrava as serpentes venenosas sem medo de que o mordessem?

— Tenho fome, menina; vai buscar peixe seco, leite e pão fresco para mim.

Trêmula, a moça obedeceu. Setaou saiu para o jardim e estendeu-se na relva para melhor se impregnar do sabor da terra. Comeu com apetite e, depois, cantarolando uma música própria

para ouvidos apurados, regressou a alameda do palácio reservada as experiências.

Faltava-lhe o traje habitual: a túnica de pele de antílope cheia de antídotos contra as mordeduras de cobra. Era preciso utilizar aqueles produtos com prudência, porque o remédio podia revelar-se pior do que o mal. Graças a sua farmácia ambulante, Setaou era capaz de lutar contra grande número de doenças.

Antes de tomar Lótus nos braços, havia colocado a túnica numa cadeira baixa. Não, havia se enganado... Fora em outro compartimento. Setaou inspecionou a antecâmara, uma pequena sala de colunas, a sala reservada do banho, as retretas.

Tudo em vão.

A última alternativa: o quarto de dormir. Sim, com certeza...

Fora ali que deixara a sua preciosa túnica. Lótus estava acordando; Setaou beijou-a ternamente nos seios.

— Diga-me, minha querida... onde colocou a minha túnica?

— Nunca toco nela.

Nervoso, Setaou revistou o quarto inutilmente.

— Minha túnica desapareceu — concluiu.

Serramanna esperava que, desta vez, Ramsés o levasse consigo para enfrentar os hititas. Há muitos anos que o antigo pirata sentia vontade de abrir a garganta daqueles bárbaros da Anatólia e decepar-lhes as mãos para contá-las depois. Quando o rei travara a batalha de Kadesh, o gigante sardo recebera ordem para permanecer em Pi-Ramsés e garantir a segurança da família real; desde aquela data, formara guardas capazes de se encarregarem de tal tarefa, e Hoje só sonhava em combater.

Quando Setaou irrompeu na caserna onde o sardo se exercitava este se surpreendeu. Os dois nem sempre haviam se entendido bem, mas aprenderam a apreciar-se um ao outro e sabiam-se ligados por um ponto em comum: a fidelidade a Ramsés.

O antigo pirata deixou de bater no manequim de madeira que destruíra aos murros.

— Algum aborrecimento, Setaou?

— Roubaram o meu bem mais precioso: a minha túnica medicinal.

— Tem alguma suspeita?

— Com certeza algum médico invejoso; o pior é que nem vai saber servir-se dela !

— Pode explicar melhor?

— Infelizmente, não!

— Alguém quis lhe pregar uma peça por ocupar demasiado lugar na Núbia. Não gostam muito de você lá na corte.

— Você tem que revistar o palácio, as vilas dos nobres, os gabinetes, os...

— Calma, Setaou! Vou colocar dois homens no caso, mas estamos em período de mobilização geral, e a sua túnica não pode ter prioridade.

— Sabe quantas pessoas ela já salvou?

— Eu faço uma idéia, mas seria melhor você arranjar outra!

— É fácil dizer, mas eu já estava habituado aquela.

— Vamos, Setaou! Não crie tanto problema e venha beber comigo! Depois iremos juntos ao melhor curtidor da cidade. Mais cedo ou mais tarde, é preciso mudar de pele!

— Quero saber quem foi o autor desse roubo.

Ramsés leu o último relatório de Merneptah, claro e conciso. O filho mais novo demonstrava uma grande lucidez. Quando Achar voltasse do Hatti, o Faraó iniciaria as últimas negociações com Hattusil. Contudo, o imperador não se deixaria iludir e, tal como o rei do Egito usaria tal período para preparar o seu exército para o combate.

As tropas de elite egípcias estavam em melhor Estado do que Ramsés supusera; seria fácil contratar mercenários destemidos para acelerar a preparação dos jovens recrutados. Quanto ao armamento, rapidamente ficaria completo graças a produção intensiva dos armeiros. Os oficiais nomeados por Merneptah, com o aval de Ramsés, comandariam soldados capazes de enfrentar vitoriosamente os hititas.

Quando Ramsés se colocasse a frente do seu exército para marchar rumo ao norte, a certeza do triunfo incendiaria o coração dos seus regimentos.

Hattusil fazia mal em renunciar a paz; não só o Egito lutaria com ardor pela sua sobrevivência, como tomaria realmente a iniciativa para surpreender os guerreiros da Anatólia. Desta vez, Ramsés apoderar-se-ia da fortaleza de Kadesh.

No entanto, uma ansiedade pouco comum apertava o coração do rei, como se não tivesse bem certeza de como manteria a sua conduta; Nefertari já não estava ali para iluminar-lhe o caminho, por isso o monarca teria de consultar uma divindade.

Ramsés ordenou a Serramanna que preparasse um barco veloz para Hermópolis, no Médio Egito. Quando o soberano ia pisar a passarela, Iset a Bela dirigiu-lhe uma súplica.

— Posso ir com você?

— Não, preciso estar só.

— Tem notícias de Achar?

— Em breve estará de volta.

— Conhece os meus sentimentos, Majestade; dê uma ordem e obedecerei. A felicidade do Egito é mais importante do que a minha.

— Agradeço-lhe, Iset, mas essa felicidade desapareceria se o Egito se curvasse perante a injustiça.

A vela branca afastou-se para o sul.

Na orla do deserto, próximo da necrópole onde haviam sido embalsamados os grandes sacerdotes do deus Thot, crescia uma imensa palmeira mediterrânea, muito mais alta do que as suas congêneres. Segundo a lenda, Thot, o coração da luz divina e o senhor da língua sagrada, surgia ali para os fiéis que haviam preservado a sua boca de palavras inúteis. Ramsés sabia que o deus dos escribas era uma fonte fresca para os silenciosos, fonte essa que permanecia selada para os faladores. Orei meditou, portanto, um dia e uma noite junto a palmeira-dotim a fim de acalmar o fluxo tumultuoso de seus pensamentos.

De madrugada, um grito fortíssimo saudou o nascimento do sol.

A menos de três metros de Ramsés encontrava-se um macaco colossal, um babuíno de

maxilar agressivo. O Faraó sustentou o seu olhar.

— Abra-me o caminho, Thot, você que conhece os mistérios do céu e da terra. Você, que revelou a Regra aos deuses e aos homens, que modelou as palavras de poder. Faça com que eu siga o caminho justo, o caminho que será útil para o Egito.

O babuíno ergueu-se nas patas traseiras. Mais alto do que Ramsés, o animal levantou as patas da frente para o sol em sinal de adoração. Orei imitou o seu gesto, ele, cujos olhos suportavam a luz sem se queimarem.

A voz de Thot brotou do céu, da palmeira-dotim e da garganta do babuíno; o Faraó então recolheu-a no coração.

A chuva caía há vários dias, e o nevoeiro dificultava o avanço da caravana do chefe da diplomacia egípcia. Achar admirava-se com os burros que, apesar das cargas de setenta quilos, deslocavam-se com segurança, indiferentes ao mau tempo. O Egito via neles uma das encarnações do deus Seth, de potência inesgotável; sem os burros não havia prosperidade.

Achar tinha pressa de deixar a Síria do Norte, atravessar a Fenícia e entrar nos protetorados egípcios. As viagens geralmente divertiam-no; mas aquela parecia um fardo, que carregava com dificuldade. As paisagens o aborreciam, as montanhas deixavam-no pouco à vontade, os rios arrastavam idéias sombrias.

O responsável militar da caravana era um veterano pertencente ao exército de socorro que viera auxiliar Ramsés quando este lutara somente contra os hititas, em Kadesh. O homem conhecia bem Achar e sentia estima por ele; as suas proezas como agente secreto e o seu vasto conhecimento do terreno impunham respeito. O ministro dos Negócios Estrangeiros tinha também a reputação de ser um personagem amável, de conversa brilhante; mas desde a partida que ele estava abatido e triste.

Por ocasião de uma paragem num curral onde animais e homens se aqueceram, o veterano sentou-se ao lado de Achar.

— Está doente?

— Não, apenas cansado.

— As notícias são más, não é verdade?

— Poderiam ser melhores, mas, enquanto Ramsés governar a situação nunca será desesperadora.

— Eu conheço bem os hititas: são brutais e conquistadores.

Alguns anos de tréguas tornaram-nos ainda mais vingativos.

— Está enganado; o nosso mundo vai se desfazer talvez por causa de uma mulher. É certo que é diferente de todas as outras, visto tratar-se da grande esposa real. Ramsés tem razão: não se pode ceder de forma alguma quando os valores vitais da nossa civilização estão em jogo.

— Eis uma linguagem bem pouco diplomática!

— Aproxima-se a idade da aposentadoria. Prometera a mim mesmo demitir-me, assim que as viagens me parecessem esgotantes e sem interesse; chegou o momento de parar.

— Orei não aceitará separar-se de você.

— Sou tão teimoso quanto ele e hei de vencer essa negociação; ele verá o quanto é fácil encontrar um sucessor para mim. Os "filhos reais" não são todos simples cortesãos, e alguns são mesmo excelentes servidores do Egito. Na minha profissão, quando a curiosidade se extingue é preciso saber parar. O mundo exterior já não me interessa, e o meu único desejo, sentar-me a sombra das palmeiras e ver o Nilo correr.

— Não se trata de um simples momento de cansaço? — interrogou o veterano.

— Negociar e tagarelar são duas coisas que já não me interessam. A minha decisão é irrevogável.

— Também é a minha última viagem. Finalmente, o descanso!

— Onde vive?

— Numa aldeia perto de Karnak; a minha mãe é muito idosa, e me sentirei feliz por ajudá-la a passar uma velhice tranqüila.

— É casado?

— Não tive tempo para isso.

— Nem eu — disse Achara, sonhador. Você é ainda muito jovem.

— Prefiro esperar que a idade dissolva a minha paixão pelas mulheres; até lá eu assumirei corajosamente essa fraqueza. Esperemos que o tribunal do grande deus me perdoe.

O veterano acendeu uma fogueira com silex e madeira seca.

— Temos excelente carne seca e um vinho muito bom.

— Vou me contentar com um copo de vinho.

— Por acaso perdeu o apetite?

— Fui abandonado por um certo número de apetites. Será o início da sabedoria?

A chuva finalmente cessara.

— Podemos partir novamente.

— Os homens e os animais estão exaustos — objetou o veterano. Quando descansados, eles se deslocarão mais depressa.

— Vou dormir um pouco — disse Achara, sabendo que não conseguiria adormecer.

A caravana atravessou uma floresta de carvalhos verdes dominada por uma encosta saliente salpicada de blocos cheios de fendas. Pelo estreito caminho só era possível avançar em fila indiana. No céu, em constante mutação, acumulavam-se muitas nuvens.

Um sentimento estranho dominava Achara, um sentimento que não era capaz de identificar. Em vão tentava libertar-se dele sonhando com as margens do Nilo, com o jardim sombreado da vila de Pi-Ramsés, onde passaria dias calmos, e com seus cães, macacos e gatos, com quem teria finalmente tempo para se ocupar.

Sua mão direita pousou sobre a adaga de ferro que Hattusil lhe confiara para lançar a inquietação no espírito de Ramsés. Inquietar Ramsés... Hattusil conhecia muito mal o Faraó! Este nunca cederia sob ameaça. Achara sentiu vontade de jogar a arma na ribeira que corria embaixo, mas não seria aquela adaga que desencadearia as hostilidades.

Outrora, Achara chegara a pensar que seria bom unificar os costumes e abolir as diferenças entre os povos; atualmente, estava convencido do contrário. Da uniformidade nasceriam monstros, Estados sem gênio submetidos a poderes tentaculares e a oportunistas que defenderiam a causa do homem para melhor o sufocarem e fazerem entrar na linha.

Só um Faraó como Ramsés era capaz de afastar a humanidade da sua natural inclinação para a ignorância e a preguiça, conduzindo-a na direção dos deuses. E se a vida não proporcionasse mais nenhum Ramsés a espécie humana, esta desapareceria no caos e no sangue de combates fratricidas.

Como era bom poder confiar em Ramsés para as decisões finais. O Faraó não tinha outros guias a não ser o Invisível e o Além. Encontrava-se só perante o divino no naos do templo, só também em prol do povo que devia servir sem pensar na sua própria glória. E havia milênios que a instituição faraônica vencera os obstáculos e atravessava as crises, justamente por não ser deste

mundo.

Quando tivesse pousado as suas bagagens de ministro itinerante, Acharia reuniria os antigos textos sobre a dupla natureza do Faraó — celeste e terrestre e ofereceria a coletânea a Ramsés. Conversariam sobre ela durante noites serenas, sob uma parreira ou a margem de um lago coberto de lótus.

Acharia tivera sorte, muita sorte. Ser amigo de Ramsés o Grande, tê-lo ajudado a dismantelar conspirações e a repelir a ameaça hitita... O que poderia ter desejado de mais exaltante? Centenas de vezes Acharia se desesperara por causa da baixaza, da traição e da mediocridade; mas centenas de vezes a presença de Ramsés fizera de novo resplandecer o sol.

Uma árvore morta.

De grande porte, com o tronco largo e raízes a mostra, parecia, no entanto, indestrutível.

Acharia sorriu. Aquela árvore morta não era fonte de vida? Os pássaros encontravam nela refúgio, e os insetos, alimento. Por si só, simbolizava o mistério das relações invisíveis entre os seres vivos. O que eram os Faraós, senão árvores imensas, alcançando o céu, oferecendo alimento e proteção a todo o povo? Ramsés nunca morrera, porque a sua função o obrigara a atravessar, em vida, as portas do Além. Não obstante, apenas o conhecimento do sobrenatural permitia a um monarca orientar corretamente o cotidiano.

Acharia nunca freqüentara os templos, mas convivera com Ramsés e, por osmose, iniciara-se em certos segredos dos quais o Faraó era o depositário e guardião. Talvez o ministro de Ramsés já estivesse se cansando da tranqüila aposentadoria, antes mesmo de a ter vivido; não seria mais exaltante abandonar o mundo exterior e adotar a existência dos reclusos para conhecer outra aventura, a aventura do espírito?

O caminho tornava-se íngreme, e o cavalo de Acharia sentia dificuldade em subir. Mais um desfiladeiro e seria a descida para Canaã e, em seguida, a estrada para a fronteira nordeste do delta do Egito. Durante muito tempo Acharia recusara-se a acreditar que poderia contentar-se com uma simples felicidade, na terra onde havia nascido, ao abrigo dos tumultos e das paixões. Na manhã da partida, olhando-se num espelho, vira o seu primeiro cabelo branco; a neve das montanhas da Anatólia avançava. Um sinal sem qualquer ambigüidade, a vitória da velhice que tanto receara.

Só ele sabia que o seu organismo estava desgastado pelas muitas viagens, riscos e perigos a que fora exposto. Neferet, o médico-chefe do reino, conseguiria atenuar-lhe alguns males, não permitindo que a degradação avançasse demasiado depressa, mas Acharia não dispunha, como Ramsés, de uma energia renovada pelos rituais. O diplomata ultrapassara suas forças; o seu tempo de vida estava quase esgotado.

De repente, o grito terrível de um homem ferido de morte. Acharia fez estacar o cavalo e virou-se. Vindos de trás, outros gritos. Lutava-se mais abaixo, e uma saraivada de flechas estava sendo lançada da copa dos carvalhos.

Dos dois lados do caminho surgiram líbios e hititas armados com pequenas espadas e lanças.

Metade dos soldados egípcios foi exterminada em poucos minutos; os sobreviventes conseguiram abater alguns dos agressores, cujo efetivo era muito maior.

— Fuja ! — aconselhou o veterano a Acharia. — Galope sempre para a direita !

Acharia não pensou duas vezes. Brandindo a adaga de ferro, avançou sobre um arqueiro líbio, reconhecível pelas duas plumas presas nos cabelos por uma tira preta e verde. Com um

movimento longo, o egípcio cortou-lhe a garganta.

— Atenção, aten...

O aviso do veterano perdeu-se num estertor. A pesada espada empunhada por um demônio de cabelos longos e peito coberto de pêlos ruivos acabava de abrir-lhe o crânio.

Naquele mesmo instante, uma flecha atingiu Achaa nas costas. Com a respiração cortada, o chefe da diplomacia egípcia caiu no chão ferido.

Esgotara-se toda a sua resistência.

O demônio de pêlos ruivos aproximou-se do ferido.

— Uri-Techup...

— Eu mesmo, Achaa, e sou o vencedor! Vingo-me finalmente de você, diplomata maldito, você que contribuiu para a minha queda!

Mas você não passava de um obstáculo no meu caminho. Agora só falta Ramsés. Ramsés que acreditará que o autor dessa agressão é Hattusil, o covarde! O que diz do meu plano?

— Que... o covarde... é você.

Uri-Techup apoderou-se da adaga de ferro e cravou-a no peito de Achaa. A pilhagem havia começado; se o hitita não intervisse, os líbios matar-se-iam uns aos outros.

Achaa já não tinha forças para escrever o nome de Uri-Techup com o seu sangue. Usando o indicador, fez um último esforço ao que restava de sua energia moribunda, traçou um hieróglifo sobre a túnica, na altura do coração, e tombou, morto, sobre si mesmo.

Ramsés compreenderia aquele hieróglifo.

O palácio estava mergulhado no silêncio. De regresso de Hermópolis, Ramsés compreendeu imediatamente que ocorrera um drama. Os cortesãos haviam-se eclipsado, e o pessoal administrativo encerrava-se em seus gabinetes.

— Vá procurar Ameni — ordenou o rei a Serramanna.

Depois reúnam-se a mim no terraço.

Da parte mais elevada do palácio, Ramsés contemplava a sua capital da qual Moisés fora um dos arquitetos. As casas brancas com fachadas cor de turquesa dormitavam sob as palmeiras; transeuntes conversavam nos jardins, junto dos espelhos d'água; os enormes mastros com auriflmas, erguidos de encontro aos pilares, confirmavam a presença do divino.

O deus Thot pedira ao monarca que preservasse a paz, fossem quais fossem os sacrifícios que se fizessem; no labirinto das ambições, competia-lhe encontrar o bom caminho, a reta que evitasse massacres e desgraças. Abrindo o coração do rei, o deus do conhecimento ofertara-lhe uma nova vontade; o filho de Ra, o sol em quem encarnava a luz divina, era também o de Thot, o sol da noite.

Quando Ameni chegou e aproximou-se de Ramsés, estava mais pálido do que habitualmente; havia em seus olhos uma infinita tristeza.

— Você, pelo menos, será capaz de me dizer a verdade!

— Achaa morreu, Majestade.

Ramsés permaneceu impassível.

— Em que circunstâncias?

— A sua caravana foi atacada. Um pastor descobriu os cadáveres e preveniu a guarda de Carial. Dirigiram-se ao local, e um deles reconheceu Achaa.

— O seu corpo foi formalmente identificado?

— Sim, Majestade.

— Onde está ?

— Numa fortaleza, com os outros membros da caravana diplomática.

— Não há nenhum sobrevivente?

— Nenhum.

— Testemunhas?

— Não ha testemunhas.

— Quero que Serramanna vá ao local do ataque, recolha o mínimo indício e traga os despojos de Achaa e de seus companheiros.

Repousarão em terra do Egito.

O gigante sardo e um pequeno grupo de mercenários haviam cansado vários cavalos para atingir a fortaleza e voltar com a mesma rapidez. Logo que chegara a Pi-Ramsés, Serramanna levou o cadáver de Achaa a um embalsamador, que o lavara, o perfumara e o preparara, antes de ser apresentado ao Faraó.

Ramsés tomara o amigo nos braços e o depositara no leito de um dos quartos do palácio.

O rosto de Achaa estava sereno. Envolto numa mortalha branca, o chefe da diplomacia egípcia parecia dormir.

À sua frente estava Ramsés, ladeado por Ameni e Setaou.

— Quem o matou? — perguntou Setaou, cujos olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

— Nós descobriremos — prometeu o rei. — Estou aguardando o relatório de Serramanna.

— A sua morada de eternidade está pronta — afirmou Ameni.

O julgamento dos homens foi-lhe favorável, os deuses o farão renascer.

— O meu filho Kha dirigirá o ritual e pronunciar as antigas fórmulas de ressurreição. O que foi ligado aqui embaixo será também no Além; a fidelidade de Achaa ao seu pai o protegerá dos perigos do outro mundo.

— Matarei o assassino com as minhas próprias mãos — afirmou Setaou. — A partir de agora, este pensamento não me sairá mais da cabeça.

Serramanna apresentou-se perante o monarca.

— O que descobriu?

— Achaa foi atingido por uma flecha que se cravou na omoplata direita, mas esse ferimento não era mortal. Aqui está a arma que o matou.

O antigo pirata entregou a adaga a Ramsés.

— Ferro! — exclamou Ameni. — O sinistro presente do imperador do Hatti! Aqui está a sua mensagem: o assassinato do embaixador do Egito, amigo íntimo de Ramsés!

Serramanna nunca vira Ameni em semelhante Estado de fúria.

— Sabemos, portanto, quem é o assassino — concluiu Setaou, com frieza. — Hattusil pode encerrar-se o quanto conseguir em sua cidadela, que eu hei de entrar nela, para lançar o seu cadáver do alto das ameias.

— Faço uma reserva — adiantou o sardo — não é sobre o seu desejo de vingança, Setaou, mas sobre a identidade do assassino.

— Está adaga de ferro não é hitita?

— É evidente que sim, mas achei outra pista.

Serramanna mostrou uma pluma quebrada.

— É o ornamento de guerra dos líbios.

— Líbios aliados com hititas... Impossível!

Quando as forças do mal decidem unir-se — considerou Ameni — nada é impossível. Está tudo claro: Hattusil escolheu a prova de força. Tal como os seus predecessores, só pensa em destruir o Egito e está pronto para aliar-se com os demônios do inferno!

— Outro elemento de apreciação — comentou Serramanna é que a caravana era formada por um pequeno número de viajantes. Os agressores deviam ser quarenta, cinqüenta quando muito. Trata-se de um bando de ladrões que preparou uma emboscada, e não um exército regular.

— Essa é sua interpretação — objetou Ameni.

— Não, essa é a realidade; quando se examinam a paisagem, a pouca largura do caminho e as marcas deixadas pelos cavaleiros, não pode haver qualquer dúvida. Estou convicto de que não havia um único carro hitita naquelas paragens.

— E o que é que isso muda? — perguntou Setaou. — Hattusil deu ordem a um comando para executar Achaa com um belo presente para Ramsés: essa adaga de ferro! Visto que o Faraó se recusa a desposar sua filha, o imperador do Hatti assassina um dos seus amigos íntimos, um homem de paz e de diálogo. Nada pode modificar o espírito dos povos; os hititas serão sempre bárbaros sem palavra.

— Majestade — declarou Ameni com voz grave — tenho horror a violência e detesto a guerra. Mas deixar esse crime impune seria inconcebível e uma injustiça intolerável. Enquanto o Hatti não for esmagado, o Egito estará em perigo de morte. Achaa deu a vida para nos fazer compreender isso.

Sem manifestar a mínima emoção, Ramsés ouviu.

— Descobriu-se mais alguma coisa, Serramanna?

— Nada, Majestade.

— Achaa não havia escrito nada na terra?

— Não teve tempo. O golpe desferido pela adaga foi com extrema violência, e a morte, rápida.

— E as suas bagagens?

— Foram roubadas.

— E suas roupas?

— O mumificador tirou-as.

— Traga-as.

— Mas... ele deve tê-las destruído!

— Traga-as, e depressa.

Serramanna sentiu o maior medo da sua vida. Por que havia de se interessar por uma túnica e um manto manchados de sangue?

O sardo saiu do palácio em disparada, saltou para o dorso do seu cavalo e galopou até a aldeia dos embalsamadores, situada fora da cidade. O chefe dos mumificadores havia preparado Achaa para o último encontro terrestre entre o Faraó e o amigo diplomata.

— Quero as roupas de Achaa — exigiu o sardo.

— Não as tenho mais — respondeu o mumificador.

— O que fez com elas?

— Bem... dei-as ao lavadeiro do bairro norte, como é o costume.

— Onde ele mora?

— Na última casa da rua curva, a margem do canal.

O gigante sardo tornou a partir a toda velocidade. Obrigou o cavalo a saltar muros, atravessou jardins, meteu-se por ruelas, arriscando-se a derrubar transeuntes, e entrou na rua curva sem diminuir galope.

Quando se aproximou da última casa, puxou as rédeas do cavalo, alagado em suor, fazendo-o parar, e bateu na porta.

— Lavadeira!

Uma mulher veio abri-la.

Está no canal trabalhando.

Serramanna saltou do cavalo e correu até o canal reservado as lavagens dos mantos e das roupas sujas. Quando o homem estava começando a ensaboar a túnica de Achaa, o sardo o agarrou pelos cabelos.

Havia vestígios de sangue no manto. Na túnica também, mas com uma única diferença: mesmo ferido, Achaa conseguira desenhar um sinal.

— É um hieróglifo — constatou Ramsés. — O que diz ele, Ameni?

— Dois braços estendidos, com as palmas das mãos voltadas para o chão... O sinal da negação.

— "Não"... Estou lendo como você.

— O princípio de um nome ou de uma palavra... O que Achaa estava querendo dizer?

Setaou, Ameni e Serramanna estavam perplexos. Ramsés refletiu.

— Achaa dispôs de apenas alguns segundos antes de morrer e só pode desenhar um único hieróglifo. Previa as nossas conclusões: o autor deste abominável atentado só pode ser Hattusil; portanto, sinto-me na obrigação de lhe declarar imediatamente guerra. Então, Achaa pronunciou a sua última palavra para evitar uma tragédia: "Não". Não, o verdadeiro culpado não é Hattusil.

Os funerais do chefe da diplomacia egípcia foram grandiosos. Envergando uma pele de pantera, Kha praticou o ritual da abertura dos olhos, das orelhas e da boca sobre afago de acácia dourada contendo a múmia de Achaa.

Ramsés selou a porta da morada de eternidade.

Quando o silêncio caiu de novo sobre a necrópole, o rei permaneceu sozinho na capela aberta para o exterior. Foi o primeiro a desempenhar a função de sacerdote do ka do amigo defunto, depositando sobre o altar um lótus, lírios, um pão fresco e uma taça de vinho. A partir de agora, todos os dias, um sacerdote pago pelo palácio traria oferendas e ocupar-se-ia do domínio funerário de Achaa.

Moisés partira para o seu sonho, Achaa para o Além, e o círculo dos amigos de infância ia diminuindo. Por vezes, Ramsés chegava a lamentar o seu excessivamente longo reinado povoado de sombras. Tal como Sethi, Touya e Nefertari, Achaa era insubstituível. Pouco inclinado as confidências, percorrer a vida com a elegância de um felino; ele e Ramsés não precisavam falar muito um com o outro para conhecerem mutuamente suas mais secretas intenções.

Nefertari e Achaa haviam construído a paz; sem a sua determinação e coragem, o Hatti não teria concordado em renunciar a violência. Quem matara Achaa ignorava os laços indestrutíveis da amizade; até mesmo na hora de morrer Achaa extraíra a energia capaz de vencer a mentira.

Qualquer homem teria tido o direito de afogar o seu desgosto na embriaguez, de apagar a sua mágoa rememorando, com os seus amigos mais íntimos, recordações felizes. Qualquer homem exceto o Faraó.

Ver Ramsés o Grande a sós, mesmo sendo o seu filho mais novo e o general-chefe do seu exército, era de cortar o coração. Merneptah tentou manter-se firme, sabendo que o pai o julgaria, tal como Thot pesando os atos humanos.

— Pai, gostaria de dizer...

— É inútil, Merneptah. Achaa era meu amigo de infância, não seu. As condolências não atenuarão a minha dor. Para além da morte física, apenas conta a perenidade do ka. O meu exército está pronto para o combate?

— Sim, Majestade.

— Doravante não haverá mais qualquer descontrolo. O mundo vai mudar muito, Merneptah; devemos estar permanentemente preparados para nos defendermos. Que a sua vigilância seja constante.

— Devo compreender que foi declarada a guerra?

— Achaa evitou que caíssemos numa cilada e rompêssemos o primeiro tratado de paz com o Hatti. Mas esta paz não está salva justamente por isso. Para preservar a sua honra, que considera ferida Hattusil vai se ver na obrigação de invadir Canaã e lançar uma vasta ofensiva contra o Delta.

Merneptah ficou espantado.

— É conveniente que... o deixemos agir?

— Acreditará que estamos desorganizados e incapazes de reagir. Atacaremos quando

cometer a imprudência de avançar pelos braços do Nilo e fracionar as suas tropas. No nosso terreno os hititas não saberão manobrar.

Merneptah pareceu encolher-se.

— O que pensa desse plano, meu filho?

— É... audacioso.

— Quer dizer: perigoso?

— Você, o Faraó, e devo lhe obedecer.

— Seja sincero, Merneptah.

— Tenha confiança, Majestade; tenha confiança em você como todos os egípcios.

— Mantenha-se a postos.

Serramanna confiava em seu instinto de pirata. Não acreditava que Achaa tivesse morrido em um combate regular comandado por um oficial obedecendo ordens do imperador Hattusil. E esse mesmo instinto o conduziria para outra pista: a de uma fera capaz de matar para enfraquecer Ramsés assim privá-lo de um apoio precioso, mesmo que indispensável.

Fora por isso que o sardo se colocara perto da vila da dama Tanit, esperando a saída de Uri-Techup.

O hitita saiu da casa no início da tarde, afastando-se num cavalo preto malhado de branco, não sem antes ter verificado se estava sendo seguido.

Serramanna apresentou-se ao porteiro.

— Quero ver a dama Tanit.

A fenícia, recebeu o sardo numa soberba sala de duas colunas, iluminada por quatro janelas altas dispostas de forma a garantir uma agradável ventilação.

A bela fenícia, havia emagrecido.

— Trata-se de uma visita oficial, Serramanna?

— De início, amigável; e continuará amigável, dependendo de suas respostas, dama Tanit.

— Então será um interrogatório.

— Não, uma simples conversa com uma pessoa de qualidade que se perdeu metendo-se por um mau caminho.

— Não estou compreendendo.

— É claro que compreende. Acabam de acontecer fatos graves: Achaa, o ministro dos Negócios Estrangeiros, foi assassinado ao regressar do Hatti.

— Assassinado...

Tanit empalideceu. Para se ver livre de Serramanna bastava-lhe gritar por socorro. Imediatamente os quatro libios escondidos em sua casa matariam o sardo. Mas eliminar o chefe da guarda pessoal de Ramsés provocaria um inquérito, e Tanit seria triturada pela máquina judicial. Não, era preciso enfrentá-lo.

— Exijo que me descreva detalhadamente a ocupação do tempo do seu marido, Uri-Techup, nos dois últimos meses.

— Ele passou a maior parte do tempo nesta casa porque estamos muito apaixonados. Quando

sai, ou vai a uma taberna, ou passeia pela cidade. Somos muito felizes juntos.

— Quando saiu de Pi-Ramsés e quando regressou?

— Desde o nosso casamento que não sai da capital, cujos encantos saboreia. Assim ele vai esquecendo pouco a pouco o seu passado. Graças a nossa união, tomou-se um súdito do Faraó, como você e eu.

— Uri-Techup, um criminoso — afirmou Serramanna — que a ameaça e a aterroriza. Se me disser a verdade, eu a colocarei sob a minha proteção, e a justiça a libertará dele.

Por um instante, Tanit sentiu-se tentada a correr para o jardim. Serramanna então a seguiria, descobriria a presença dos líbios, e ela seria de novo livre... Porém, nunca mais reveria Uri-Techup. Renunciar a um amante daqueles era impossível para ela.

Havia adoecido durante a sua ausência; precisava dele como o viciado de uma droga. Graças a Uri-Techup, Tanit inebriava-se com o verdadeiro prazer, um prazer inesgotável que valia todos os sacrifícios.

— Mesmo que me arraste perante um juiz, Serramanna, não mudarei as minhas declarações.

— Uri-Techup vai destruí-la, dama Tanit.

Ela sorriu, pensando nos abraços febris que gozara poucos minutos antes da chegada do sardo.

— Se a sua lista de estúpidas desconfianças terminou, saia.

— Gostaria de poder ajudá-la, dama Tanit.

— Não estou em perigo.

— Quando se decidir, entre em contato comigo.

Provocante, ela apertou com doçura o enorme antebraço do gigante sardo.

— Você é um belo homem... Lamento por você, mas estou muito bem servida.

Enfeitada com um colar de ouro de onde estava suspenso um escaravelho de lápis-lazúli, pulseiras de turquesa nos pulsos e nos tornozelos, trajando um vestido de linho real plissado e uma capa rosa, com a tradicional, coroa de duas altas plumas, a grande esposa real Iset a Bela percorreu lentamente, de carro, as avenidas de Pi-Ramsés. Escolhera dois cavalos dóceis, cada qual com o dorso coberto por uma capa multicolor, e a cabeça enfeitada com um penacho de penas de avestruz tingidas de azul, vermelho e amarelo.

O espetáculo era magnífico. A notícia da passagem da rainha espalhou-se rapidamente e, em breve, a multidão se amontoava para admirá-la. As crianças jogaram pétalas de Lótus na frente dos cavalos, ao mesmo tempo em que as aclamações se erguiam. Ver de tão perto a grande esposa real não era uma promessa de felicidade? Esquecidos dos rumores da guerra, todos davam razão a Ramsés: não devia repudiar Iset a Bela, quaisquer que fossem as conseqüências da sua decisão.

Educada em meio aristocrático, Iset a Bela saboreava aquele contato com o seu povo, onde se misturavam as classes sociais e as culturas; todos os habitantes de Pi-Ramsés manifestavam-lhe a sua dedicação.

Apesar das restrições do condutor do carro, a rainha visitou os bairros mais populares, onde teve um acolhimento entusiástico. Como era bom ser amada!

De regresso ao palácio, Iset a Bela estendeu-se sobre o leito, como que inebriada. Nada era mais comovedor do que aquela confiança de uma população cheia de esperanças e de amanhã

risonhas.

Saindo do seu casulo, Iset a Bela descobrira o país do qual era rainha.

Durante o jantar para o qual tinham sido convidados os governadores de província, Ramsés anunciou-lhes a iminência do conflito.

Todos notaram que Iset a Bela estava radiosa; sem poder igualar-se a Nefertari, tornava-se digna de sua função e suscitava o respeito dos velhos cortesãos.

A uns e outros dirigia palavras de conforto: o Egito não tinha nada a temer do Hatti e saberia ultrapassar a prova graças a Ramsés. Os governadores de província foram sensíveis a convicção da rainha.

Quando Ramsés e Iset ficaram a sós, no terraço que dominava a cidade, Ramsés abraçou-a ternamente.

— Desempenhou muito bem o seu papel, Iset.

— Está finalmente orgulhoso de mim?

— Escolhi você como a grande esposa real e não me enganei.

— As negociações com o Hatti estão definitivamente quebradas?

— Estamos prontos para combater.

Iset a Bela pousou a cabeça no ombro de Ramsés.

— Aconteça o que acontecer, você será sempre o vencedor.

Kha não dissimulou a sua angústia.

— A guerra... Mas por que a guerra?

— Para salvar o Egito e lhe permitir encontrar o livro do conhecimento — respondeu Ramsés.

— É realmente impossível o entendimento com o Hatti?

— As suas tropas aproximam-se das províncias controladas por nós. Chegou a altura de ostentar o nosso dispositivo. Estou partindo com Merneptah e confio a você a gestão do reino.

— Meu pai! Não sou capaz de substituí-lo, nem mesmo por um breve período.

— Engana-se, Kha; com o auxílio de Ameni você desempenhará a missão que estou lhe confiando.

— E... se eu cometer erros?

— Preocupe-se com a felicidade do povo, e você não errará.

Ramsés subiu para o seu carro, que conduziria pessoalmente a frente dos regimentos que planejava dispor em vários pontos estratégicos do Delta e da fronteira do Nordeste. Atrás dele encontravam-se Merneptah e os generais dos quatro corpos do exército.

Quando o rei se preparava para dar o sinal de partida, um cavaleiro entrou a toda velocidade no pátio da caserna: era Serramanna.

O sardo desmontou de um salto e correu para o carro de Ramsés.

— Majestade, preciso lhe falar!

O Faraó ordenara ao ex-pirata que garantisse a segurança do palácio. Tinha consciência de desiludir o gigante, ávido por massacrar hititas, mas quem escolher para velar por Kha e Iset a Bela?

— Não voltarei atrás na minha decisão, Serramanna; você fica em Pi-Ramsés.

— Não se trata de mim, Majestade. Venha, suplico-lhe!

O sardo parecia perturbado.

— O que se passa?

— Venha, Majestade, rápido...

Ramsés pediu a Merneptah que avisasse aos generais que partida fora atrasada.

O carro do Faraó seguiu o cavalo de Serramanna, que o conduziu na direção do palácio.

A criada de quarto, a roupeira e as outras serviçais estavam acoradas nos corredores, e choravam.

Serramanna parou no limiar do quarto de Iset a Bela. No olhar do sardo havia espanto e confusão.

Ramsés entrou.

Um perfume de lírios, inebriante, enchia o compartimento iluminado pelo sol do meio-dia. Iset a Bela, trajando um vestido branco de cerimônia e com um diadema de turquesas, estava

estendida no leito, com os braços ao longo do corpo e os olhos abertos.

Sobre a mesa-de-cabeceira de sicônoro, uma túnica de pele de antilope; a túnica de Setaou, que ela lhe roubara do laboratório.

— Iset...

Iset: a Bela, o primeiro amor de Ramsés, a mãe de Kha e de Merneptah, a grande esposa real por quem se preparava para entrar em combate... Iset a Bela, que, agora, contemplava o outro mundo.

— A rainha escolheu a morte para evitar a guerra – explicou Serramanna. — Envenenando-se com as poções que estavam na túnica de Setaou, ela deixará de ser um obstáculo a paz entre o Egito e o Hatti.

— Está divagando, Serramanna.

Ameni interveio.

— A rainha deixou uma mensagem. Eu a li e pedi a Serramanna que fosse avisá-lo.

De acordo com a tradição, Ramsés não fechou os olhos da morta; era preciso enfrentar o Além com um olhar franco e o rosto descoberto.

Sepultada no Vale das Rainhas, Iset a Bela repousava num túmulo bem mais modesto que o de Nefertari. O próprio Ramsés praticara na múmia os rituais de ressurreição. Oculto do ka da rainha estava assegurado por um grupo de sacerdotes e sacerdotisas, encarregados de fazerem sua memória viver.

O Faraó depositara sobre o sarcófago da grande esposa real um ramo do sicônoro que havia plantado no jardim de sua vila de Mênfis quando ele estava com dezessete anos. Essa recordação da juventude faria reflorir a alma de Iset.

Terminada a cerimônia, Ameni e Setaou haviam solicitado audiência a Ramsés. Sem lhes responder, o rei subira a uma colina.

Setaou avançara atrás dele e, apesar do esforço imposto a sua fraca constituição, Ameni o imitara.

A areia, a encosta cheia de pedras, o andar rápido de Ramsés que lhe deixava os pulmões em fogo... Ameni foi praguejando ao longo do caminho, mas chegou ao cume, de onde o rei contemplava o Vale das Rainhas e as moradas de Nefertari e Iset a Bela.

Setaou manteve-se em silêncio para apreciar o panorama grandioso que se apresentava a sua frente. Sem fôlego, Ameni sentou-se num bloco de pedra, limpando a testa com as costas da mão.

Atreveu-se, então, a interromper a meditação do rei.

— Majestade, ha decisões urgentes a serem tomadas.

— Nada, mais urgente do que contemplar a região amada pelos deuses. Eles falaram, e a sua voz tornou-se céu, montanha, água e terra.

Na terra vermelha de Seth cavamos as sepulturas cuja câmara de ressurreição mergulha no oceano das origens que contorna o mundo.

Com os nossos rituais preservamos a energia da primeira manhã, e a nossa pátria ressuscita todos os dias. O resto não tem importância.

— Para ressuscitar é necessário começar pela sobrevivência! Se o Faraó esquecer os

homens, os deuses retirar-se-ão para sempre no invisível.

Setaou esperava que o tom crítico de Ameni merecesse uma resposta agressiva de Ramsés. Mas o rei contentou-se em fixar a separação brutal entre as terras cultivadas e o deserto, entre o cotidiano e o eterno.

— Que cilada imaginou, Ameni?

— Escrevi a Hattusil, o imperador do Hatti, para lhe anunciar a morte de Iset a Bela. Durante o período de luto está fora de questão desencadear a guerra.

Ninguém teria podido salvar Iset — afirmou Setaou.

Absorveu uma grande quantidade de substâncias cuja mistura era mortal. Queimei aquela maldita túnica, Ramsés.

— Não o considero responsável; Iset julgou agir no interesse do Egito.

Ameni ergueu-se.

— E teve razão, Majestade.

Indignado, o rei voltou-se.

— Como ousa falar assim, Ameni?

— Receio a sua cólera, mas faço questão de lhe dizer a minha opinião: Iset deixou este mundo para salvar a paz.

— O que pensa disso, Setaou?

Tal como Ameni, Setaou estava impressionado com o olhar inflamado de Ramsés, mas sentia-se na obrigação de ser sincero.

— Se recusasse compreender a mensagem de Iset a Bela, Ramsés, você a mataria uma segunda vez. Faça com que o seu sacrifício não tenha sido inútil.

— E como deverei agir então?

— Case-se com a princesa hitita — declarou Ameni com gravidade.

— Na situação atual, nada se opõe a isso — acrescentou Setaou. Ramsés cerrou os punhos.

— Tem então um coração tão duro como o granito? Ainda nem bem Iset repousa em seu sarcófago e você já ousa falar-me de casamento.

— Você não é um viúvo que chora a mulher — respondeu Setaou — mas o Faraó do Egito que deve preservar a paz e salvar o seu povo. E o povo não quer saber de seus sentimentos, de sua alegria ou de sua tristeza; o que o povo pretende é ser governado e conduzido pelo caminho certo.

— Um Faraó ligado a uma grande esposa real hitita... não é monstruoso?

— Pelo contrário — considerou Ameni. — Como selar de forma mais retumbante a aproximação definitiva entre os dois povos? Se aceitar esse casamento, o espectro da guerra será afastado por muitos e muitos anos. Imagina a festa que o seu pai Sethi e a sua mãe Touya celebrarão entre as estrelas? E não estou evocando nem a memória de Achaa, que deu a sua vida para construir uma paz duradoura.

— Está se tornando um conselheiro temível, Ameni.

— Não passo de um escriba de frágil saúde, sem grande inteligência, mas tenho a honra de transportar as sandálias do senhor das Duas Terras. E digo mais: não desejo que sejam novamente manchadas de sangue.

— A Regra lhe impõe que governe com uma grande esposa real lembrou Setaou. — Escolhendo essa estrangeira, você ganhará a mais bela das batalhas.

— Já estou odiando essa mulher!

— A sua vida não lhe pertence, Ramsés; o Egito exige-lhe esse sacrifício.

— E também vocês, meus amigos, estão me exigindo!

Ameni e Setaou concordaram com a cabeça.

— Deixem-me só; preciso refletir.

Ramsés passou a noite no cimo da colina. Depois de se ter alimentado do sol nascente, demorou-se mais algum tempo no Vale das Rainhas e em seguida reuniu-se a escolta. Sem dizer uma palavra, subiu em seu carro e apressou o trajeto até o Ramesseum, o seu templo de milhões de anos. Depois de ter celebrado ali os rituais da madrugada e se ter recolhido na capela de Nefertari, o Faraó retirou-se para o seu palácio, onde procedeu a longas abluções, bebeu leite, comeu figos e pão fresco.

Com o rosto sereno como se tivesse dormido várias horas, o monarca abriu a porta do gabinete, onde Ameni, com feições contraídas, redigia o correio administrativo.

— Escolha um papiro virgem de qualidade superior e escreva ao meu irmão, o imperador do Hatti.

— E... qual, o teor da carta?

— Anuncie-lhe que decidi fazer de sua filha a minha grande esposa real.

Uri-Techup esvaziou uma terceira taça de vinho forte de palma. Com consistência de licor, saturado de aromas e de resina, aquele líquido era utilizado pelos embalsamadores para a conservação das vísceras, assim como pelos médicos pelas suas propriedades anti-sépticas.

— Você bebe demais — observou Raia.

— Tem que se saber aproveitar os prazeres do Egito... Este vinho é uma maravilha. Ninguém seguiu você?

— Pode ficar tranqüilo.

O comerciante sírio esperara pela madrugada para se introduzir na vila da dama Tanit. Não detectara qualquer presença suspeita.

— Qual a razão dessa visita inesperada?

— Notícias importantes, meu senhor, muito importantes.

— Finalmente, a guerra!

— Não, senhor, não... Não haverá mais conflito entre o Egito e o Hatti.

Uri-Techup atirou a taça longe e agarrou o sino pela túnica.

— O que está dizendo? A minha cilada era perfeita.

— Iset a Bela morreu, e Ramsés prepara-se para desposar a filha do imperador Hattusil.

Uri-Techup largou o aliado.

— Uma hitita rainha do Egito... Impensável! Você deve estar enganado, Raia!

— Não, meu senhor; a informação , oficial. O senhor tirou a vida de Achaa por nada.

Era indispensável livrar-me daquele espião. Atualmente estamos livres para agir. Nenhum conselheiro de Ramsés tem a inteligência de Achaa.

— Perdemos, senhor. É a paz... uma paz que Ninguém conseguirá destruir.

— Imbecil ! Conhece a mulher que vai se tornar a grande esposa real do Faraó? Uma hitita, Raia, uma verdadeira hitita, orgulhosa, astuta, indomável. É a filha do seu inimigo Hattusil. Antes de mais nada, ela é uma hitita. E nunca se submeterá a um egípcio, mesmo que seja o Faraó. Eis a nossa oportunidade.

Raia suspirou. O vinho doce subira a cabeça do ex-general chefe do exército hitita; mesmo sem qualquer esperança, inventava um mundo imaginário.

— Abandone o Egito — recomendou a Uri-Techup.

— Imagine essa princesa hitita do nosso lado, Raia; teríamos uma aliada no coração do palácio!

— São apenas ilusões, senhor.

— Não, Raia; é um sinal que o destino nos envia, um sinal que saberei aproveitar em meu próprio benefício.

— Ficará desiludido, senhor.

Uri-Techup esvaziou a quarta taça de vinho de palma.

Esquecemos um detalhe, Raia, mas ainda temos tempo de intervir. Você vai utilizar os libios. Um dos cortinados mexeu-se, e o comerciante sírio apontou o indicador para o lugar suspeito. Ágil como um felino, Uri-Techup avançou sem ruído para o cortinado, puxou-o brutalmente e agarrou uma Tanit trêmula.

— Estava nos escutando?

— Não, não, estava vindo a sua procura...

— Não temos segredos para você, minha querida, já que não pode nos trair.

— Você tem a minha palavra.

— Vá deitar-se que daqui a pouco irei ao seu encontro.

O olhar apaixonado de Tanit prometia ao hitita uma noite fantástica. Com algumas frases secas, Uri-Techup passou as suas ordens a Raia.

O armeiro principal de Pi-Ramsés continuava fabricando espadas, lanças e escudos em ritmo acelerado. Enquanto o casamento com a princesa hitita não fosse celebrado, continuariam os preparativos para a guerra.

Em um armazém próximo das forjas estavam guardadas as armas capturadas dos hititas. Os artesãos egípcios as haviam estudado com atenção para descobrir seus segredos de fabricação. Um dos técnicos, um jovem metalúrgico muito criativo, estava interessado na adaga de ferro que o palácio acabava de lhe confiar.

A qualidade do metal, o peso e a largura da lamina, a maleabilidade do punho... Era tudo admirável.

Não seria fácil imitá-la; seriam necessárias várias tentativas infrutíferas para consegui-lo. Fascinado, o técnico pesou a adaga.

— Uma pessoa para você — anunciou-lhe uma ordenança.

O visitante era um mercenário de feições grosseiras.

— O que quer?

— O palácio quer recuperar a adaga de ferro.

— Tem uma ordem por escrito?

— Claro.

— Mostre-a.

De um saco de couro pendurado no cinto, o mercenário retirou uma tabuleta de madeira e estendeu-a ao técnico.

— Mas... não são hieróglifos!

Com um soco violento no queixo, o libio enviado por Raia deixou o egípcio inconsciente. Depois, agarrou a tabuleta e a adaga que a sua vítima havia deixado cair, e saiu disparado do armazém.

Na seqüência de vários interrogatórios, Serramanna ficou convencido de que o técnico não era cúmplice do ladrão da adaga e nem de algum mercenário ávido de lucro como havia tantos no exército egípcio.

— É um soldado a serviço de Uri-Techup — disse.

O escriba continuou a escrever.

— Tem alguma prova?

— O meu instinto não falha.

— Você não acha exagerada essa sua obstinação? Uri-Techup conseguiu fortuna e prazer; por que haveria de mandar roubar a adaga de Hattusil?

— Porque pensou num plano para prejudicar Ramsés.

— Qualquer conflito com os hititas é impossível neste momento. O essencial é o seu inquérito sobre o assassinato de Achara. Tem feito progressos?

— Ainda não.

— Ramsés exige a identificação do assassino.

— Esse crime e o roubo da adaga... Estão ligados. Se me acontecer alguma desgraça, concentre-se na pista de Uri-Techup.

— Se lhe acontecer alguma desgraça... O que está querendo dizer?

— Para avançar nas investigações, tenho de me infiltrar nos meios libios. O perigo é grande. Quando me aproximar da verdade, tentarão eliminar-me.

— Você é o chefe da guarda pessoal de Ramsés. Ninguém ousará atacá-lo.

— Eles não hesitaram em matar o ministro dos Negócios Estrangeiros do Faraó e seu amigo de infância.

— Não existe um modo menos perigoso?

— Receio que não, Ameni.

No coração do deserto líbio, a tenda de Malfi era uma estranha praça forte, guardada por homens destemidos.

O chefe da tribo bebia leite e comia tâmaras; não bebia vinho nem cerveja, considerando demoníacas essas bebidas porque embaralhavam as idéias.

A guarda pessoal de Malfi era exclusivamente composta por nativos de sua aldeia que, sem ele, teriam contaminado pobres camponeses. Comendo a vontade e corretamente vestidos, armados com lanças, espadas, arcos e fundas, escolhendo as mulheres que lhes agradavam, eles dedicavam um verdadeiro culto a Malfi, considerado a encarnação de um gênio do deserto. Não tinha ele a rapidez da pantera, dedos cortantes como laminas e olhos na nuca?

— Senhor, uma briga! — avisou-lhe o carregador de água. De rosto quadrado e testa larga semi-oculta por um turbante branco, Malfi levantou-se lentamente e saiu de sua tenda.

O campo de treino alojava cerca de cinco combatentes que, em plena tarde, se defrontavam com armas com mãos livres. Malfi gostava das condições extremas proporcionadas pelo calor e pelo deserto; só os que possuíam verdadeiro temperamento de guerreiro saíam vencedores das provas impostas.

Provas indispensáveis, considerando a tarefa que aguardava o exército líbio em formação: esmagar as forças de Ramsés. Malfi pensava constantemente nas gerações de chefes libios humilhados pelos Faraós. As hostilidades duravam séculos, pontuadas por derrotas infligidas pelos egípcios as tribos do deserto, corajosas mas mal organizadas.

Ofir, o irmão mais velho de Malfi, utilizara uma arma que esperava fosse decisiva: a magia

negra, colocada ao serviço da rede de espionagem hitita que dirigira. Pagara o seu fracasso com a vida, e Malfi jurara a si mesmo vingá-lo. Pouco a pouco ia conquistando as tribos líbias, das quais, mais cedo ou mais tarde, seria o senhor absoluto.

O encontro com o hitita Uri-Techup dava-lhe uma oportunidade suplementar de obter a vitória. Com um aliado daquela importância, vencer Ramsés deixava de ser uma utopia. Malfi apagaria os séculos de vergonha e frustração.

Um guerreiro robusto, de uma agressividade fora do comum, acabava de esquecer que estava em treinamento e entusiasmara-se, esmurrando dois adversários maiores do que ele e armados de lanças.

Quando Malfi se aproximou dele, o guerreiro gabava-se esmagando com o pé a cabeça de um dos derrotados.

Malfi agarrou um punhal dissimulado sob a túnica e espetou-o na nuca do violento guerreiro.

Os duelos interromperam-se imediatamente. Os rostos voltaram-se para Malfi.

— Continuem treinando e mantendo o controle de si mesmos ordenou o libio. — E lembrem-se de que o inimigo pode surgir não se sabe aonde.

Conhecer a grande sala de audiências de Pi-Ramsés era um deslumbramento. Mesmo os cortesãos, que estavam habituados a subirem a monumental escadaria adornada com figuras de inimigos postos fora de combate e submetidos pelo Faraó a lei de Matt, viviam aquele percurso com profunda emoção. Ao redor da porta de acesso, os nomes de coroação de Ramsés, pintados em azul sobre fundo branco, estavam inscritos em escudos cuja as formas ovais simbolizavam o circuito do cosmos sobre o qual reinava o senhor das Duas Terras.

As audiências Plenárias não eram freqüentes, e para elas toda a corte era convidada; só os acontecimentos excepcionais, pondo em jogo o futuro do Egito, levavam Ramsés a dirigir-se a todos os componentes da administração superior.

A angústia e a ansiedade dominavam. Mesmo acreditando nos rumores, o imperador hitita não havia se acalmado. Ramsés não o havia insultado quando, no início, recusara casar-se com a sua filha?

A aceitação tardia do Faraó não lhe lavara a afronta.

O chão da grande sala era composto por mosaicos de terracota envernizados e coloridos; entre os motivos decorativos viam-se lagos, jardins floridos, patos nadando numa lagoa verde-azulada e peixes esgueirando-se por entre Lótus brancos. Ritualistas, escribas, ministros, governadores de província, responsáveis pelas oferendas, guardiões dos segredos e grandes damas admiraram a mágica pintura de verdes-pálidos, vermelhos-profundos, azuis-claros, amarelo-ouro e branco que se exibia nas paredes onde esvoaçavam pousas, colibris, andorinhas, melhaticos, rouxinóis e maçaricos. Quando os olhares se elevavam, ficavam fascinados pela beleza dos frisos florais onde desabrochavam papoulas, dormideiras, Lótus, margaridas e acianos.

Um silêncio absoluto se fez quando Ramsés subiu a escadaria que conduzia ao seu trono de ouro, cujo último degrau era decorado com a figura de um leão fechando a boca sobre o inimigo surgido das trevas, a desordem que constantemente tentava destruir a harmonia de Matt.

Com a dupla coroa — a branca do Alto Egito encaixada na vermelha do Baixo Egito — Ramsés trazia também na cabeça "as Duas Potências", carregadas de magia. Na frente, a uraeus de ouro, a cobra fêmea que cuspiu o fogo que dispersava as trevas. Orei segurava na mão direita o cetro "magia", semelhante ao cajado do pastor; tal qual o pastor que reunia os seus animais e reconduzia os que haviam se perdido, também o Faraó devia reunir as energias dispersas. O saio de ouro de Ramsés parecia emitir raios de luz. Durante alguns segundos, o olhar do monarca demorou-se sobre uma pintura sublime, representando o rosto de uma jovem mulher em meditação perante um maciço de inalvas-rosas; a obra não lembrava Nefertari, cuja beleza para além da morte iluminava o reinado de Ramsés o Grande?

O Faraó não tinha tempo para se sentir nostálgico; o navio do Estado avançava, e o leme tinha de ser manobrado.

Eu os reuni aqui para que todo o país, por intermédio de vocês mesmos, seja informado de fatos importantes. Circulam, por todos os lados, mentirosos boatos, e quero restabelecer a verdade da qual lhes farei eco.

Ameni mantinha-se na última fila com outros escribas, como se apenas ocupasse um posto secundário; estaria mais bem informado sobre as reações da assistência. Serramanna, pelo

contrário, preferira observar os da primeira fila, pois a menor manifestação de hostilidade, interviria. Quanto a Setaou, este ocupava o seu lugar hierárquico, a esquerda do vice-rei da Núbia, entre os dignitários mais destacados, muitos deles lançando com frequência olhares a Lótus, que trajava um vestido rosa de alças deixando os seios a descoberto.

O governador da província do Delfim, no Baixo Egito, avançou e inclinou-se perante o monarca.

— Posso usar da palavra, Majestade?

— Estamos ouvindo.

— É verdade que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Achaa está na realidade prisioneiro em Hattusa, e que o tratado de paz com os hititas foi quebrado?

— O meu amigo Achaa foi assassinado quando regressava a Pi-Ramsés. Repousa para sempre em terra do Egito. O inquérito está em curso, e os culpados serão identificados e punidos. A paz com o Hatti, é em grande parte, obra de Achaa, e vamos continuar com ela.

O tratado de não-agressão com os hititas continua em vigor e assim permanecerá por muito tempo ainda.

— Majestade... Poderemos saber quem ser a próxima grande esposa real?

— A filha de Hattusil, imperador do Hatti.

Vários murmúrios percorreram a assistência. Um general do exército pediu a palavra.

— Majestade, não será oferecer demais ao nosso velho inimigo de ontem?

— Enquanto Iset a Bela reinava, rejeitei a proposta de Hattusil; hoje, esse casamento é o único meio de consolidar a paz que o povo do Egito deseja.

— Quer dizer então que teremos de tolerar a presença de um exército hitita sobre o nosso solo?

— Não, general; apenas a de uma mulher.

— Perdoe o meu atrevimento, Majestade, mas uma hitita no trono das Duas Terras... não será uma provocação aos olhos dos que combateram os guerreiros anatólios? Graças ao seu filho Merneptah, as nossas tropas estão prontas e bem equipadas. O que teríamos a temer de um conflito com eles? Em vez de ceder as suas insuportáveis exigências, melhor seria enfrentá-los.

A arrogância do oficial poderia custar-lhe o posto.

— As suas opiniões não são incorretas — considerou Ramsés — mas o seu olhar, por demais parcial. Se o Egito desencadeasse um conflito, quebraria o tratado de paz e a sua própria palavra. Você pode imaginar que um Faraó se comporte dessa maneira?

O general recuou e misturou-se entre os cortesãos, que os argumentos do monarca haviam convencido.

O supervisor dos canais também pediu a palavra.

— E se o imperador do Hatti recuasse na sua decisão e recusasse mandar a filha para o Egito? Não consideraria essa atitude intolerável Majestade?

Vestido com uma pele de pantera, Kha, o grande sacerdote de Mênfis, aproximou-se.

— O Faraó permite-me responder?

Ramsés aquiesceu.

— Do meu ponto de vista — declarou o filho mais velho do Faraó — a política e a diplomacia não oferecem garantias suficientes para ser tomada uma decisão vital. O respeito pela palavra dada e pelas Regras de Matt ultrapassa tudo; mas é também necessário pôr em prática as leis da magia de Estado que os nossos antepassados nos ensinaram. No ano 30 do seu reinado, Ramsés o Grande viveu a sua primeira festa de regeneração; doravante, será necessário dar com frequência ao nosso soberano as forças invisíveis de que tem necessidade para governar. Portanto, o mais urgente, neste trigésimo terceiro ano, é a preparação da sua segunda festa de regeneração. Depois ao horizonte se fulminar, e as respostas as nossas perguntas surgirão por si próprias.

— É uma preparação longa e dispendiosa. — protestou o direto da Casa do Ouro e da Prata. — Não seria conveniente adiar essa festa ?

— Impossível — respondeu o grande sacerdote. — O estudo dos textos e os cálculos dos astrólogos levam a mesma conclusão: a segunda festa de regeneração de Ramsés o Grande deve ser celebrada dentro de menos de dois anos. Que os nossos esforços se conjuguem para fazer vir deuses e deusas, e que os nossos pensamentos se consagrem a salvaguarda do Faraó.

O comandante-chefe das fortalezas da fronteira nordeste opinou por bem apresentar o seu testemunho. Militar de carreira e homem experiente, era ouvido por muitos dos notáveis.

— Respeito a opinião do grande sacerdote, mas o que faremos se os hititas nos atacarem? Quando Hattusil souber que o Egito prepara essa grande festa sem se preocupar com o casamento da sua filha, certamente que se sentirá ainda mais humilhado e desencadeará o ataque. E enquanto o Faraó celebrar os rituais, quem dará as ordens?

— A própria prática desses rituais nos protegerá — afirmou Kha, com a sua bela voz grave e melodiosa. — Sempre foi assim.

— Essa é a certeza de um iniciado habituado aos segredos dos templos, porém a de um militar experiente é outra. Hattusil hesita em nos atacar porque teme Ramsés, o vencedor de Kadesh; sabe que o monarca é capaz de proezas sobrenaturais. Se o rei não estiver a frente das tropas, o imperador do Hatti lançar todas as suas forças de batalha.

— A melhor proteção do Egito é a ordem mágica — considerou Kha. — Os perturbadores, sejam os hititas ou outros, são apenas instrumentos das forças das trevas. E nenhum exército humano as deterá. Não foi Amon que, em Kadesh, tornou o braço de Ramsés mais forte do que o de milhares de agressores?

O argumento impôs-se. Nenhum outro oficial formulou objeções.

— Gostaria de estar presente a altura do ritual — precisou Merneptah — mas o meu lugar não será na fronteira, sob as ordens do Faraó?

— Com dez filhos reais você garantirá a segurança do território durante o período das festas.

A decisão de Ramsés tranqüilizou a assembléia, mas o superior dos ritualistas, visivelmente irritado, abriu passagem até a primeira fila. O homem tinha o crânio raspado, um rosto longo e fino, e uma silhueta incrível.

— Se Vossa Majestade autorizar, tenho algumas perguntas a fazer ao grande sacerdote Kha.

O rei não manifestou qualquer oposição. Kha sabia que teria de sofrer aquela prova, mas esperava que acontecesse fora da corte.

— Em que local o grande sacerdote de Mênfis tenciona celebrar a segunda festa da regeneração?

— No templo de Pi-Ramsés, que foi construído para esse fim.

— Orei possui o testamento dos deuses?

— Possui.

— Quem presidirá o ritual?

— A alma imortal de Sethi.

— De onde vem a luz que oferecerá ao Faraó a energia celeste?

— Essa luz nasce de si mesma, renascendo a cada instante no coração do Faraó.

O superior dos ritualistas desistiu de fazer mais perguntas, pois não conseguia apanhar Kha em qualquer falta.

Com rosto grave, o dignitário voltou-se para Ramsés.

— Apesar da competência do grande sacerdote, Majestade, considero que é impossível celebrar essa festa da regeneração.

— Por que? — espantou-se Kha.

— Porque a grande esposa real desempenha nela um papel essencial. Ora, o Faraó, viúvo e ainda não tomou como esposa essa princesa hitita. E digo mais: nunca qualquer estrangeira teve acesso aos mistérios da regeneração.

Ramsés ergueu-se.

— Supõe que o Faraó não estava consciente dessa dificuldade?

Techaonq trabalhava o couro desde a infância. Filho de um líbio preso pela guarda egípcia em consequência de um roubo de carneiros e condenado a vários anos de trabalhos forçados, não acompanhara o pai quando este regressara ao seu país para ali encabeçar a luta armada contra o Faraó. Mineiro em Bubastis e depois em Pi-Ramsés, Techaonq arranjara trabalho e, pouco a pouco, fora conquistando algum prestígio na sua especialidade.

Aos cinquenta anos de idade fora assaltado pelo remorso. Ele, de barriga avantajada e rosto prazenteiro, não teria traído o seu país de origem, ao esquecer tão facilmente as derrotas militares de seu povo e as humilhações que o Egito lhe infligira? Sendo um artesão bem sucedido, a frente de uma empresa com trinta empregados, abria de boa vontade a sua porta aos líbios em dificuldades. Com o passar do tempo, impusera-se como um homem providencial para os seus compatriotas em exílio. Alguns integravam-se rapidamente na sociedade egípcia, toros continuavam com espírito vingativo. Todavia, outro movimento ia nascendo; um movimento que assustava Techaonq, já que não tinha assim grande desejo de ver desaparecer as Duas Terras. E se a Líbia saísse finalmente vitoriosa e um líbio subisse ao trono do Egito? Mas para que isso acontecesse era preciso eliminar Ramsés.

Para expulsar tal pensamento, Techaonq concentrou-se em seu trabalho. Verificou a qualidade das peles de cabra e de carneiro, e também das de antílope e de outros animais do deserto que acabavam de lhe ser entregues; depois da secagem, salgadura e defumação, uma equipe de especialistas aplicar-lhes-iam terra ocre e amaciá-las-iam com urina e excrementos de vaca e de cavalo. Por ser a mais malcheirosa operação feita naquela oficina, a mesma recebia inspeções regulares do serviço de higiene.

Após o curtimento provisório com óleo e alúmen, sucedia-se o verdadeiro curtimento com um produto rico em ácido tânico, extraído das vagens de acácia do Nilo. Se fosse necessário, mergulharia outra vez as peles em óleo, martelando-as e esticando-as para torná-las mais maleáveis. Techaonq era considerado um dos melhores artesãos, pois não se contentava apenas com um curtimento vulgar feito com gordura; além disso, tinha uma habilidade particular para a dobragem sobre o cavalete e o corte de peles. A sua clientela era numerosa e variada; a oficina de Techaonq fabricava sacos, colares, trelas para cães, cordas, sandálias, estojos e bainhas para adagas e espadas, capacetes, aljavas, escudos e até suportes de escrita.

Com um trinchete de lamina semicircular, Techaonq estava cortando uma correia em uma pele de antílope de primeira qualidade, quando um gigante de bigode entrou em sua oficina.

Serramanna, o chefe da guarda pessoal de Ramsés... Com o susto, o trinchete resvalou sobre a pele, desviou-se de sua direção e cortou o dedo médio esquerdo do artesão, que não pôde evitar um grito de dor. O sangue espirrou, e Techaonq mandou um assistente limpar a pele do animal, enquanto lavava o ferimento de seu dedo antes de cobri-lo com mel.

Imóvel, o gigante sardo assistira a cena. Techaonq curvou-se diante dele.

— Perdoe-me tê-lo feito esperar... Um acidente estúpido.

— É curioso... pois afirmam que você tem a mão muito firme.

Techaonq tremia de medo. Ele, um descendente de guerreiros líbios, deveria ter assustado o adversário apenas com o olhar. Mas Serramanna era mercenário, sardo e enorme.

— Está precisando dos meus serviços?

— Necessito de uma pulseira de força feita com excelente couro. Quando manejo o machado, tenha sentido, nesses últimos tempos, uma pequena fraqueza.

— Vou lhe mostrar várias, e você escolherá uma.

— Estou convencido de que as mais fortes estão escondidas nos fundos do estabelecimento.

— Não, eu...

— Claro que sim, Techaonq. Pois sou eu que estou lhe dizendo com toda a certeza.

— Ah, sim, sim, já me lembro!

— Ainda bem, vamos lá.

Techaonq suava em bicas. O que teria descoberto Serramanna? Nada, não podia saber nada. O líbio tinha que dominar-se, não demonstrar medo sem qualquer motivo. O Egito era um Estado corretíssimo com suas leis; por isso o sardo não se atreveria a usar de violência, pois corria o risco de ser severamente condenado por um tribunal.

Techaonq precedeu Serramanna no pequeno compartimento onde conservava as obras-primas que não estavam a venda. Entre elas, havia uma esplêndida pulseira de força de couro vermelho.

— Está tentando subornar-me, Techaonq?

— Claro que não!

— Uma peça com esse valor... , digna de um rei.

— Estou muito honrado com o seu elogio!

— Você é um artesão de elite, Techaonq; a sua carreira , brilhante, a sua clientela, notável, o seu futuro mais promissor ainda... Mas... que pena!

O líbio empalidece — Não compreendo...

— Por que tinha de se afastar do bom caminho quando a vida lhe sorria?

— Afastado do bom caminho, eu?...

Serramanna apalpus um magnífico escudo de couro castanho, digno de um general-chefe.

— Estou desolado, Techaonq, mas você está se arriscando a ter graves aborrecimentos.

— Mas... Mas por que?

— Reconhece este objeto?

Serramanna mostrou ao artesão um rolo de couro que servia de estojo para papiros.

— Saiu da sua oficina, não é verdade?

— Sim, mas...

— Sim ou não?

— Sim, eu admito que sim.

— A quem era destinado?

— Ao ritualista encarregado dos segredos do templo.

O sardo sorriu.

— É um homem sincero e correto, Techaonq; sempre tive certeza disso.

— Não tenha nada a esconder, senhor!

— No entanto, você cometeu uma falta grave.

— Qual?

— Servir-se deste estojo para transmitir uma mensagem subversiva.

O líbio empalideceu. A língua inchou-lhe na boca, e as têmporas tornaram-se dolorosas.

— É um erro de manipulação — afirmou Serramanna. — O ritualista ficou muito admirado por encontrar em seu estojo um apelo aos líbios do Egito, instigando-os a se prepararem para uma revolta armada contra Ramsés.

— Não, não... Isso é impossível!

— Este estojo saiu da sua oficina, Techaonq, e foi você quem redigiu está mensagem.

— Não, senhor, juro-lhe que não!

— Gosto muito do seu trabalho, Techaonq, mas você fez mal em se meter numa conspiração maior do que você. Na sua idade e na sua situação, isso constitui um erro imperdoável. Você não tem nada, mas tem tudo a perder. Que loucura foi essa?

— Senhor, eu...

— Não pronuncie falsos juramentos, porque você seria condenado pelo tribunal do Além. Escolheu o caminho errado, meu amigo, mas quero crer que foi enganado. Em certos momentos, todos nós cometemos uma falta sem percebermos, não é?

— É um mal-entendido, eu...

— Não perca tempo em mentir, Techaonq; os meus homens o estão vigiando há muito tempo e sabem que você é o protetor dos líbios revoltados.

— Revoltados não, senhor! Apenas homens em dificuldades que um compatriota tenta ajudar... Não é natural?

— Não minimize o seu papel. Sem você, não se poderia formar nenhuma rede secreta.

— Sou um comerciante honesto, eu...

— Sejamos honestos, meu amigo: possuo contra você uma prova que o enviará a morte ou, pelo menos, para o degredo perpétuo.

É só eu levar este texto ao vizir para ele me dar ordem para prender você. Um processo exemplar em perspectiva e um castigo na medida certa do seu crime.

— Mas... eu sou inocente!

— Vamos, Techaonq, comigo não! Com uma prova dessas, os juízes não hesitarão. Você não tem nenhuma chance de se safar. Nenhuma, se eu não intervier.

Um pesado silêncio instalou-se no compartimento onde o líbio conservava as suas mais belas peças.

— De que intervenção está falando, senhor?

Serramanna apalpou o escudo de couro.

— Seja qual for a sua posição, qualquer homem tem os seus desejos insatisfeitos; eu também. Sou bem pago, vivo numa agradável vila, posso ter tantas mulheres quantas quiser, mas gostaria de ser mais rico e não ter preocupações com a velhice. É claro que podia me calar e esquecer

que tenha esta prova... Mas tudo tem um preço, Techaonq.

— Um preço... muito alto?

— Não esqueça que também terei que fazer calar o encarregado dos serviços. Uma percentagem honesta sobre os seus lucros me alegraria.

— Se chegarmos a um acordo, você me deixará em paz?

De qualquer maneira, tenho que fazer o meu trabalho, amigo.

— O que quer saber, senhor?

— O nome dos líbios que assassinaram Achaa.

— Meu senhor... Não sei!

— Tanto sei que está dizendo a verdade como sei que vai descobrir sem demora o que estou lhe pedindo. Torne-se o meu investigador particular, Techaonq, e não terá razão de se queixar.

— E se eu não conseguir?...

— É uma pena, amigo... Mas estou certo de que evitará esse desastre. A título oficial, encomendo-lhe uma centena de escudos e de bainhas para as espadas dos meus homens. Quando for ao palácio peça para falar comigo.

Serramanna saiu da oficina, deixando atrás de si um Techaonq desnorteado. Ameni convencera o sardo a fazer-se passar por um homem corrupto, disposto a trair o seu rei para enriquecer; se Techaonq mordesse a isca, teria menos medo de falar e colocaria Serramanna na pista certa.

Naquele trigésimo terceiro ano do reinado de Ramsés o Grande, o inverno tebano, por vezes varrido por ventos gelados, mostrava-se demente. Um vasto céu azul sem nuvens, um Nilo tranqüilo, em cujas margens os campos de cultura verdejavam depois de uma boa inundação, burros carregados de forragem e trotando de uma povoação para outra, vacas cheias de leite dirigindo-se as pastagens guiadas por vaqueiros e cães, meninas brincando com suas bonecas na porta das casas brancas enquanto os rapazes corriam atrás de uma bola de pano... O Egito vivia de acordo com o seu ritmo eterno como se nada, nunca, o pudesse alterar.

Ramsés saboreou imóvel aquele momento inserido no cotidiano. Como os seus antepassados haviam tido razão em escolher a margem ocidental para ali construir os templos de milhões de anos e também escavar as moradas de vida, onde, todas as manhãs, os corpos de luz dos reis e das rainhas eram regenerados pelo sol nascente! Naquele local era abolida a fronteira entre o Aqém e o Além; ali, a criatura humana era absorvida pelo mistério.

Depois de celebrar o ritual da madrugada no templo do ka de Sethi, em Gurnaha, Ramsés recolheu-se na capela onde a alma do pai se expressava por intermédio de cada hieróglifo gravado nas paredes.

No coração do silêncio, captou a voz do Faraó transformado em estrela. Quando avançou pelo grande pátio, inundado por uma suave luz, cantoras e ritualistas saíam, em procissão, da sala de colunas. Logo que Meritamon viu o pai, destacou-se do grupo, dirigiu-se para ele e curvou-se cruzando os braços sobre o peito.

Cada dia se parecia mais com Nefertari. Luminosa como uma manhã de primavera, a sua beleza parecia ter-se alimentado da sabedoria do templo. Ramsés deu o braço a filha, e os dois avançaram lentamente pela ala das esfinges, ladeada de acácias e tamaragueiras.

— Tem-se mantido informada sobre os acontecimentos do mundo exterior?

— Não, meu pai; você faz reinar a lei de Matt e combate a desordem e as trevas, Não é o essencial? Os ruídos do mundo profano não trespassam as paredes do santuário, e é bom que seja assim.

— A sua mãe desejara essa vida, mas o destino impôs-lhe outra.

— Não era o senhor dono desse destino?

— O faraó tem o dever de agir neste mundo, embora o seu pensamento permaneça no segredo do templo. Hoje, tenho de preservar a paz, Meritamon; e, para consegui-lo, casarei com a filha do imperador do Hatti.

— Ela vai se tornar, então, a grande esposa real?

— Assim será, mas devo celebrar a minha segunda festa de regeneração antes desse casamento. É por isso que tenho de tomar uma decisão que não poderá consumir-se sem o seu acordo.

— Não desejo desempenhar qualquer papel na direção dos assuntos do país, o senhor sabe.

— O ritual não poder ser cumprido sem a participação ativa de uma grande esposa real egípcia. Pedir que você desempenhe esse papel simbólico, seria pedir muito?

— Isso significa... abandonar Tebas, ir a Pi-Ramsés e... e depois?

— Embora rainha do Egito, voltará para cá para viver a existência que você escolheu.

— E não me imporá tarefas profanas cada vez com mais frequência?

— Apenas a chamarei para as minhas festas de regeneração que, segundo Kha, deverão ser realizadas de três em três ou de quatro em quatro anos, até que o meu tempo de vida se esgote. Você tem toda a liberdade de aceitar ou recusar.

— Por que me escolheu?

— Porque os anos de recolhimento lhe deram a capacidade mágica e espiritual de desempenhar um papel ritualístico esmagador.

Meritamom imobilizou-se e voltou-se para o templo de Gurnaha.

— Está me pedindo demais, meu pai, mas você é o Faraó.

Setaou resmungava. Longe da sua querida Núbia, paraíso das serpentes, sentia-se exilado; no entanto, trabalho era o que não faltava.

Com a ajuda de Lótus, que todas as noites apanhava no campo répteis de bom tamanho, imprimira um novo dinamismo ao laboratório encarregado da preparação de remédios a base de veneno. E, por conselho de Ameni, aproveitava aquela estada em Pi-Ramsés para aperfeiçoar os seus conhecimentos de gestor. Com o avançar da idade, Setaou admitia que o entusiasmo não bastava para convencer os altos funcionários a lhe concederem o crédito e o material dos quais tinha necessidade na sua província núbia; mesmo sem se tornar um cortesão, aprendia a apresentar melhor as suas requisições, conseguindo resultados positivos.

Ao sair do gabinete do encarregado da marinha mercante, que concordara com a construção de três barcos cargueiros especialmente destinados a Núbia, Setaou encontrou Kha, cujo rosto parecia menos calmo do que habitualmente.

— Aborrecimentos?

— A organização desta festa exige uma atenção permanente... E acabo de ter uma surpresa desagradável. O controlador dos armazéns divinos do Delta, com quem contava para fornecer uma grande quantidade de sandálias, peças de linho e taças de alabastro, não está me oferecendo quase nada. Isso vem complicar, e muito, a minha tarefa.

— Deu alguma explicação?

— Está viajando; foi o que a esposa me respondeu.

— Um comportamento bastante irresponsável ! Sei que não passo de um administrador principiante, mas essa atitude não me agrada. Vamos falar com Ameni.

Saboreando uma coxa de pato assado que ia umedecendo em molho de vinho tinto, Ameni lia rapidamente os relatórios redigidos pelo controlador dos armazéns divinos do Delta, cuja sede administrativa ficava ao norte de Mênfis.

A conclusão do secretário particular de Ramsés não teve qualquer ambigüidade.

— Há qualquer coisa estranha nisso. Kha não se enganou — anunciou Ameni.

— É mesmo uma idéia de escriba ! — disse Setaou — Isso será longo e complicado, e Kha tem pressa. É preciso agir de forma mais sutil; nomeie-me controlador especial e rapidamente conseguirei saber a verdade.

Ameni fez cara de mau.

— Estamos no limite da legalidade... E se houvesse perigo?

— Disponho de auxiliares seguros e eficazes. Não percamos o nosso tempo com palavras vãs e dê-me uma ordem de missão por escrito.

— Dirija-se a este funcionário, e ele não deverá apresentar qualquer dificuldade em fornecer-lhe o material necessário para a festa de regeneração. Não estou gostando disso... Não estou gostando mesmo!

— Não haverá algum erro nas pastas da administração? — sugeriu Kha.

— É possível, mas nas minhas, não.

— A festa arrisca-se a ficar parcialmente comprometida — confessou o grande sacerdote. — Para acolher os deuses e deusas precisamos das mais belas peças de linho, das melhores sandálias.

— Vou mandar instaurar um inquérito técnico.

No centro dos armazéns do norte de Mênfis, a dama Chaerit dirigia os trabalhos com a autoridade de um general destemido. De pouca altura, morena, bonita, autoritária, orientava os condutores de rebanhos de burros com cargas de diversos produtos, distribuía as tarefas dos encarregados da manutenção, verificava as listas e não hesitava em brandir o seu bastão a frente do nariz dos raros reclamantes.

Uma mulher de fibra, como Setaou gostava.

Com os cabelos revoltos, a barba por fazer e a nova túnica de pele de antílope, que parecia ainda mais surrada do que a antiga, Setaou foi rapidamente localizado.

— O que faz aí, preguiçoso?

— Gostaria de lhe falar.

— Aqui não se conversa, trabalha-se !

— É precisamente a respeito do seu trabalho que gostaria de falar.

A dama Chaerit esboçou um sorriso maldoso.

— A minha forma de comandar desagrada-lhe, talvez...

— É a sua precisa qualificação que me preocupa.

A morena baixinha ficou espantada; um vagabundo não se exprimia daquela maneira.

— Quem é você?

— O controlador especial nomeado pela administração central.

— Perdoe-me... mas com esse aspecto...

— Os meus superiores o censuram, mas somente o toleram por causa dos meus excelentes resultados.

— Por uma questão de princípio, poderia me mostrar a sua ordem de missão?

— Ei-la.

O papiro possuía todos os selos indispensáveis, incluindo o do vizir, que aprovava a iniciativa de Ameni e Setaou.

A dama Chaerit leu e releu o texto que dava ao controlador o poder de inspecionar os armazéns a hora que quisesse.

— Era ao seu marido que eu deveria ter mostrado este documento.

- Ele está viajando.
- Não deveria ele estar em seu posto?
- A mãe dele é muito idosa e precisou de sua presença.
- Quer dizer, então, que você ficou no lugar do seu esposo.
- Conheço o trabalho e o executo muito bem.
- Temos um grave problema, dama Chaerit; você não parece estar em condições de entregar ao palácio o que ele exige para a festa de regeneração do rei.
- Bem... o pedido foi de surpresa... E, no momento, infelizmente é verdade.
- Preciso de explicações.
- Não estou a par de tudo, mas sei que uma importante remessa de material foi efetuada com destino a outro lugar.
- Para onde?
- Não sei.
- Por ordem de quem?
- Também não sei; mas quando o meu marido voltar, poderá lhe responder e tudo ficará novamente em ordem, tenha certeza.
- A partir de amanhã de manhã, examinarei os seus inventário e o conteúdo dos armazéns.
- Amanhã havia programado uma limpeza e...
- Tenha pressa, dama Chaerit. Os meus superiores exigem um relatório no mais breve espaço de tempo. Portanto, vou colocar os seus arquivos a minha disposição.
- Mas há muitos !...
- Não se preocupe, eu me arranjarei. Até amanhã, dama Chaerit.

Chaerit não tinha tempo a perder. Uma vez mais o marido tinha agido como um imbecil, dando uma resposta demasiado rápida aos questionários da administração.

Quando ele lhe mostrara a cópia da sua carta, tinha sido dominada por uma violenta cólera. Tarde demais para interceptar o correio...

Despachara imediatamente o marido para uma aldeia ao sul de Tebas, esperando que o incidente se escoasse nas areias e que o palácio apelasse para outros armazéns.

Infelizmente, a reação das autoridades fora muito diferente.

Apesar do seu aspecto bizarro, aquele controlador parecia determinado e esperto. Por instantes, Chaerit pensara em suborná-lo, mas aquela solução era demasiado arriscada. Não havia outra alternativa, a não ser aplicar o plano de urgência previsto para tal circunstância.

Hora de fechar os armazéns, reteve consigo quatro dos encarregados da manutenção. Ia perder muito na manipulação, mas era o único meio de escapar a justiça. Sacrifício doloroso, que a privaria de lucros consideráveis nas mercadorias pacientemente desviadas.

— No meio da noite — ordenou Chaerit aos seus empregados — vocês entrarão na construção a esquerda do armazém central.

— Está sempre fechado — objetou um dos homens.

— Vou abri-lo. Vocês vão transportar tudo que está em seu interior para o depósito central. O mais rapidamente possível e em silêncio.

— É fora da hora normal, patroa.

— Por isso lhes pagarei o equivalente a uma semana de salário.

— Se eu ficar realmente satisfeita, acrescentarei um bônus.

— Boa jogada, dama Chaerit — constatou. Assim, está bem...

Um largo sorriso espalhou-se pelo rosto dos quatro homens.

— Depois, esquecerão esta noite de trabalho. Estamos de acordo.

A voz cortante de Chaerit mal escondia a ameaça.

— Entendido, patroa.

O bairro dos armazéns estava deserto. A intervalos regulares, rondas de guardas acompanhadas por galgos percorriam o lugar.

Os quatro homens haviam se escondido na grande construção, próximo ao estacionamento dos trenós de madeira utilizados para o transporte de materiais pesados. Depois de terem bebido cerveja e comido pão fresco, dormiram, revezando-se.

No meio da noite fez-se ouvir a voz imperiosa da dama chaerit.

— Venham !

Puxara os ferrolhos de madeira e fizera saltar os selos de lama seca que proibiam a entrada na construção onde, oficialmente, o marido guardava os lingotes de cobre destinados as oficinas dos templos. Sem fazer perguntas, os homens transportaram cem jarros de vinho de primeira qualidade, quatrocentas peças de linho fino, seiscentos pares de sandálias de couro, peças de

carros, mil e trezentos pequenos blocos de minério de cobre, trezentos rolos de lã e cem taças de alabastro.

Quando os encarregados da manutenção pousavam as últimas taças, Setaou surgiu do fundo do armazém onde havia se escondido para assistir a cena.

— Devolvendo o que havia roubado para deter o meu inquérito. Boa jogada, mas tarde demais.

A pequena mulher morena manteve o sangue-frio.

— O que quer em troca do seu silêncio?

— O nome dos seus cúmplices: a quem vende os objetos roubados?

— Não interessa.

— Fale, dama Chaerit.

— Recusa negociar?

— Não é do meu feitio.

— Pior para você... Não deveria ter vindo só!

— Acalme-se que tenho uma aliada.

Na entrada do armazém surgiu Lótus. Com os seios nus, a esguia e bela núbia estava vestida apenas com um saíote curto de papiro segurava um cesto de vime fechado com uma tampa de couro.

Chaerit sentiu vontade de rir.

— Uma aliada de peso — ironizou.

— Mande os seus comparsas desaparecerem — disse Setaou com calma.

— Matem esses dois — ordenou secamente Chaerit a seus homens.

Lótus colocou o cesto no chão e tirou-lhe a tampa. Dele saíram quatro víboras sopradoras, muito excitadas, reconhecíveis pelas três zonas de cor azul e verde que lhes enfeitavam o pescoço. Expulsando o ar contido nos pulmões, emitiram um ruído aterrador.

Saltando por cima das pilhas de tecidos, os quatro empregados fugiram a toda velocidade.

As víboras voltaram-se para a dama Chaerit, prestes a desmaiar.

— Seria melhor falar — aconselhou Setaou. — O veneno destes répteis é muito tóxico. Talvez não a mate, mas os prejuízos causados em seu organismo serão irreparáveis.

— Direi tudo — prometeu a aterrorizada morena.

— Quem teve a idéia de desviar os bens destinados aos templos?

— Foi... o meu marido.

— Tem certeza?

— O meu marido... e eu.

— Há quanto tempo dura este tráfico?

— Pouco mais de dois anos. Se não tivesse havido esta festa de regeneração, nenhum pedido teria sido feito e tudo teria continuado.

— Foi necessário que subornasse os escribas.

— Nada disso ! O meu marido alterava os inventários e fiamos escoando os objetos em lotes mais ou menos importantes, conforme as oportunidades. O que eu estava preparando para vender era bastante volumoso.

— E o comprador?

— Um capitão de barco.

— O nome?

— Não sei.

— Descreva-o.

— Alto, barbudo, com uma cicatriz no antebraço esquerdo, olhos castanhos.

— É ele quem lhe paga?

— Sim, com pedras preciosas e algum ouro.

— Data da próxima transação?

— Depois de amanhã.

— Muito bem — concluiu Setaou, satisfeito. — Terei prazer de encontrá-lo.

A embarcação atracou no fim de um dia de navegação sem incidentes. Transportava grandes jarros de terracota que, graças a um segredo de fabricação dos oleiros do Médio Egito, conservava a água fresca e potável durante um ano. Mas os jarros estavam vazios, pois serviriam para esconder os objetos comprados a dama Chaerit.

O capitão fizera toda a sua carreira na marinha mercante, e os colegas o consideravam um excelente profissional: nenhum acidente grave, uma autoridade bem aceita pelas tripulações, um atraso mínimo nas entregas... Entretanto, as amantes custavam-lhe caro, e as despesas aumentavam bem mais depressa do que o sal rio. Após algumas reticências, fora obrigado a aceitar o negócio que lhe propunham: o transporte de mercadorias roubadas. A importância dos bônus permitia-lhe levar a vida opulenta de que tanto gostava.

A dama Chaerit era tão conscienciosa quanto ele. Como de hábito, o carregamento estava pronto, e seria necessário pouco tempo para transferi-lo do armazém para o lanchão. Uma atividade corriqueira que Ninguém estranhava. Tanto que as inscrições nas caixas de madeira e nos cestos referiam-se a produtos alimentares.

Antes, porém, o capitão teria de travar uma dura batalha. Por um lado, a dama Chaerit tornava-se cada vez mais ávida; por outro, o comanditário do marinheiro queria pagar cada vez menos. A discussão ameaçava ser longa, mas os interlocutores tinham que encontrar uma solução para o problema.

O capitão dirigiu-se para a casa em que Chaerit costumava recebê-lo. Pelo que estava combinado, ela fez-lhe um pequeno sinal do alto do terraço. Tudo estava, portanto, normal.

O marinheiro atravessou o pequeno jardim e entrou na sala de recepções, onde havia duas colunas pintadas de azul. Ao longo das paredes havia bancos.

Chaerit desceu a escada em passo rápido; atrás dela, uma Núbia soberba.

— Mas... quem é está mulher?

— Não se mexa, capitão — disse a voz grave de Setaou. — Ha uma cobra atrás de você.

— É verdade — confirmou a dama Chaerit.

— Quem é você? — perguntou o marinheiro.

— Um enviado do Faraó. A minha missão consistia em pôr fim as suas fraudes, mas quero também saber o nome do seu patrão.

O capitão julgou estar sendo vítima de um pesadelo. O mundo começava a desabar sobre a sua cabeça.

— O nome do seu patrão — repetiu Setaou.

O capitão sabia que a condenação seria pesada, mas também não seria o único a sofrer o castigo.

— Só o vi uma vez.

— Ele disse o nome?

— Sim... Chama-se Ameni.

Estupefato, Setaou deu alguns passos e parou na frente do capitão.

— Descreva-o!

Finalmente o capitão via o homem que o queria prender. Era ele a cobra! Convencido de que Setaou inventara a presença do réptil para o assustar, voltou-se e tentou fugir.

A serpente saltou e mordeu-o no pescoço. Sob o efeito da dor e da surpresa, o marinheiro perdeu a consciência e caiu no chão.

Imaginando que o caminho estava livre, Chaerit correu para o pequeno jardim.,

— Não! Gritou Lótus, apanhada desprevenida.

A segunda cobra, uma fêmea, picou a bonita morena nos rins quando ela ia atravessar a porta da casa. Sem fôlego, com o coração oprimido, a dama Chaerit arrastou-se, arranhando o solo com a unhas, e depois imobilizou-se, enquanto o réptil voltava lentamente para junto de seu companheiro.

— Não ha chance de salvá-los — lamentou Lótus.

— Roubaram o seu país — lembrou Setaou — e os juízes do Além não serão indulgentes.

Setaou sentou-se, perturbado.

— Ameni... Ameni, um corrupto!

A última carta do imperador Hatusil era uma obra-prima de diplomacia. Ramsés lera-a com atenção uma boa dezena de vezes e não conseguia formar opinião. O imperador desejava a paz ou a guerra? Ainda queria casar a filha com Ramsés ou envolvia-se na sua dignidade ultrajada?

— O que pensa disso, Ameni?

O porta-sandálias e secretário particular do rei parecia ter emagrecido, apesar da grande quantidade de comida que ingeria ao longo do dia. Depois de uma cuidadosa consulta, a doutora Neferet garantira-lhe que não sofria de nenhuma doença grave, mas que devia cansar-se menos.

— Achaa está nos fazendo falta; ele saberia decifrar está prosa.

— Qual é a sua opinião?

— Embora eu seja de natureza pessimista, pressinto que Hattusil lhe está abrindo uma porta. A sua festa de regeneração começa amanhã; a magia lhe dará a resposta.

— Estou contente por ir ao encontro da comunidade dos deuses e deusas.

— Kha trabalhou de forma admirável — afirmou Ameni. — Não faltará nada. Quanto a Setaou, acaba de resolver o caso de uma pilhagem organizada. Os objetos reencontrados já estão em Pi-Ramsés.

— E os culpados?

— Morreram num acidente. O caso será apresentado ao tribunal do vizir, que se pronunciará sobre a provável anulação do seu nome.

— Vou recolher-me até de madrugada.

— Que o ka o ilumine, Majestade, e que você possa iluminar de sol o Egito.

A noite de fim de verão estava quente e clara. Como a maior parte dos seus compatriotas, Ramsés decidira dormir ao ar livre, no terraço do palácio. Deitado sobre uma simples esteira, contemplava o céu, onde brilhavam as almas dos faraós transformados em luz. O eixo do universo passava pela estrela polar, em torno da qual se distribuía a corte das estrelas imortais, para além do tempo e do espaço. Desde a época das pirâmides, o pensamento dos sábios inscrevia-se no céu.

Aos cinquenta e cinco anos, depois de trinta e três de reinado, Ramsés detinha o fluxo das horas e interrogava-se sobre os seus atos.

Até então não tinha cessado de avançar, de ultrapassar obstáculos, de dilatar os limites do impossível. Embora a sua energia não houvesse diminuído, já não via o mundo como um carneiro que investisse com os chifres em riste, sem se preocupar com quem o seguia. Reinara sobre o Egito não consistia em impor-lhe a lei de um homem, mas em fazê-lo respirar o sopro de Matt de quem o Faraó era o primeiro a servir. Quando jovem rei, Ramsés esperara mudar as mentalidades, levar uma sociedade inteira no seu rasto, libertá-la para sempre da mesquinhez e da baixeza, dilatar o coração dos seres. Com a experiência, o sonho dissipara-se. Os humanos seriam sempre voltados para si próprios, atraídos pela mentira e pelo mal; nenhuma doutrina, nenhuma religião, nenhuma política lhes modificariam a natureza. Só a prática da justiça e a concretização permanente da regra de Matt evitavam o caos.

Ramsés esforçara-se por respeitar o que seu pai Sethi lhe ensinara. O seu desejo de ser um

grande Faraó, marcando com o seu cunho o destino das Duas Terras, já não contava. Depois de ter conhecido todas as felicidades, depois de ter conhecido o apogeu da força, só guardava uma ambição: servir.

Setaou estava embriagado, mas continuava a beber vinho dos oasis. Com as pernas hirtas, andava no quarto de um lado para o outro.

— Não durma, Lótus! Não é o momento de repousar... Temos de refletir e decidir,

— Há horas que você repete a mesma frase !

— Faria bem em ouvir-me, não falo por falar... Você e eu sabemos. Sabemos que Ameni é um vendido e um corrupto. Detesto aquele pequeno escriba, amaldiçoo-o, gostaria de vê-lo ferver nos caldeirões dos massacradores de almas... Mas é meu amigo e de Ramsés. E desde que nos mantenhemos em silêncio, não será condenado por roubo.

— Não é esse roubo que está relacionado com uma conspiração contra Ramsés?

— Temos de refletir e decidir... Se eu for falar com o rei...Não, é impossível. Está se preparando para a sua festa de regeneração.

— Não posso estragar este momento. Se eu for falar com o vizir... este mandará prender Ameni! E você que não diz nada !

— Durma um pouco; refletirá melhor depois.

— Não basta refletir, é preciso decidir! E para isso é preciso não dormir, Ameni... O que você fez, Ameni?

— Ora, aí está uma boa pergunta — observou Lótus.

Rígido como uma está tua, apesar das mãos trêmulas, Setaou contemplou a nébia.

— O que quer dizer?

— Antes de torturar o espírito, pergunte a você mesmo o que realmente terá feito Ameni.

— Mas é claro que sei, visto que o capitão do barco confessou. Há um tráfico, e a cabeça pensante desse tráfico é Ameni. O meu amigo Ameni.

Serramanna dormia só. No fim de um dia esgotante, durante o qual verificara a instalação dos diversos elementos do dispositivo de segurança em torno do templo de regeneração, deixara-se cair sobre o leito, sem sequer pensar em aproveitar o corpo delicioso da sua última amante oficial, uma jovem Síria ondulante como um junco.

Foi, então, despertado por gritos.

Emergindo com grande dificuldade das profundezas do sono, o gigante sardo sacudiu-se, espreguiçou-se e correu para o corredor onde o seu mordomo estava as voltas com um Setaou visivelmente nervoso.

— É preciso investigar imediatamente!

Serramanna afastou o mordomo, agarrou Setaou pela gola da túnica, arrastou-o para o seu quarto e despejou-lhe sobre a cabeça um jarro de água fria.

— O que é isso... ?

— Água. Você deve ter-se esquecido de bebê-la nos últimos tempos.

Setaou deixou-se cair sobre a cama.

— Preciso de você.

— Qual é a nova vítima das suas malditas serpentes?

— É preciso investigar.

— Sobre o que?

Setaou hesitou uma última vez, mas decidiu falar.

— Sobre a fortuna de Ameni.

— Como?

— Ameni possui uma fortuna oculta.

— O que é que você bebeu, Setaou? Deve ser pior do que veneno de serpente!

— Ameni possui uma fortuna ilegal... E pode mesmo ser ainda mais grave! Suponho que Ramsés esteja ameaçado...

— Explique-se!

De forma desordenada, mas sem omitir qualquer pormenor, Setaou relatou a forma como Lótus e ele tinham acabado com o tráfico da dama Chaerit.

— De que valem as confissões de um bandido como esse capitão? Pode ter atirado um nome ao acaso!

— Parecia sincero — objetou Setaou.

Serramanna estava apavorado.

— Ameni... O último de quem eu poderia suspeitar de trair o rei e o seu país.

— De mim você teria suspeitado?

— Não me aborreça com a sua suscetibilidade. O caso aqui é com Ameni.

— É preciso investigar, Serramanna.

— Investigar, investigar! Isso é fácil de dizer. Durante a festa de regeneração, tenho de me ocupar com a segurança de Ramsés. E, depois, Ameni aferrolha tudo. Se cometeu desonestidades, é preciso não alertá-lo, e assim impedi-lo de apagar as provas. Imagina o que seria se fizéssemos acusações levianas?

Setaou segurou a cabeça entre as mãos.

— Lótus e eu somos testemunhas. O capitão acusou Ameni.

O sardo sentiu-se enjoado. Que um homem como Ameni, fiel entre os fiéis, só tivesse pensado em enriquecer embrulhava-lhe o estômago; decididamente, não havia nenhum humano que pudesse salvar outro. O pior era a eventual cumplicidade de Ameni com conspiradores; estaria a sua fortuna oculta guardada para armar o braço dos adversários de Ramsés?

— Estou bêbado — admitiu Setaou — mas disse-lhe tudo. Agora somos três a saber.

— Teria preferido um outro tipo de confiança.

— Como tenciona agir?

— Ameni dispõe de aposentos oficiais no palácio, mas dorme quase sempre em seu gabinete. Será necessário fazer uma busca discreta, depois de o atrairmos para fora... Se ele tiver ouro ou pedras preciosas escondidas, vamos encontrá-los. Sempre que ele sair, vigilância permanente e identificação de todas as pessoas que ele receber.

Ele tem que ter contatos com outros membros da sua rede. Espero que os meus homens não

cometam erros... Se a guarda do vizir desconfiar desta investigação, terei grandes aborrecimentos.

— Temos de pensar em Ramsés, Serramanna.

— É só nisso em que eu penso.

Naquela manhã, todo o Egito orou por Ramsés. Depois de tão longo reinado, de que forma absorveria a formidável energia que emanava da comunidade dos deuses e deusas? Se o seu corpo físico já não estivesse em Estado de servir de receptáculo ao ka, seria destruído como um recipiente demasiado frágil. O fogo do reinado de Ramsés regressaria ao fogo celeste, e a sua múmia, a terra. Mas se o rei fosse regenerado, um sangue novo circularia nas veias do país.

Vindas das províncias do Norte e do Sul, as efígies das divindades haviam-se reunido no templo de regeneração de Pi-Ramsés, onde Kha as acolhera. Durante a festa, o Faraó seria seu hóspede e permaneceria no seio do sobrenatural, num espaço sagrado isolado do mundo profano.

De madrugada, ao vestir-se, Ramsés pensou em Ameni. Como o seu secretário particular devia achar intermináveis aqueles dias!

Durante todo o tempo das cerimônias, não poderia pedir conselho ao rei seria obrigado a classificar "a espera" grande número de pastas que considerava urgentes. Segundo Ameni, o Egito nunca era suficientemente bem governado, e nenhum funcionário levava o seu trabalho muito a sério.

Ostentando a coroa dupla após a correção, trajando uma túnica de linho plissado e um saiote dourado, e calçando sandálias de ouro, Ramsés apresentou-se no limiar da porta do palácio.

Dois filhos reais inclinaram-se perante o monarca. Com peruca de tiras compridas, camisa de largas mangas plissadas e longa saia, seguravam uma haste cuja extremidade superior fora talhada em forma de carneiro, uma das encarnações de Amon, o deus oculto. Lentamente, os dois porta-insígnias antecederam o Faraó até o portal de granito do templo de regeneração. Com uma altura de doze metros, era precedido de obeliscos e de colossos simbolizando, como os de Abu-Simbel, o ka real. Desde o início da construção da sua capital, Ramsés previra a implantação daquele templo, como se acreditasse na sua capacidade de reinar mais de trinta anos.

Dois sacerdotes com máscaras de chacal acolheram o monarca; um era o encarregado de abrir as vias do Sul, e o outro as do Norte.

Guiaram Ramsés pelo caminho que atravessava uma sala de colunas com altura de dez metros e o conduziram a sala dos tecidos. Ali o rei despiu-se e vestiu uma túnica de linho que ficava por cima dos joelhos, parecendo um sudário. Apertou na mão esquerda o cajado do pastor; na direita, o cetro de três correias, que evocava os três nascimentos do Faraó, no reino embaixo da terra, em cima da terra, e do céu.

Ramsés já passara por muitas provas físicas, desde o seu combate com um touro selvagem até a batalha de Kadesh, onde, sozinho em meio ao caos, tivera de enfrentar milhares de hititas em fúria.

Entretanto, a festa de regeneração convidava-o a um outro combate, onde as energias invisíveis entravam em cena. Morrendo em si mesmo, regressando ao renascido de onde viera, Ramsés devia renascer do amor dos deuses e das deusas, e suceder-se a si mesmo. Mediante este ato de alquimia, tecia os laços inalteráveis entre a sua pessoa simbólica e o seu povo, e entre o seu povo e a comunidade das forças criadoras.

Os dois sacerdotes com máscara de chacal guiaram o soberano até o grande pátio a céu aberto, evocação do Faraó Djeser, em Saqqara; era obra de Kha, grande admirador da arquitetura antiga, que mandara realizar aquela réplica no interior do templo de regeneração de

Ramsés.

Então ela veio ao seu encontro, Meritamon, a filha de Nefertari, a própria Nefertari ressuscitada para ressuscitar Ramsés. Com um longo vestido branco, discreto colar de ouro, e uma coifa com duas plumas altas que simbolizavam a vida e a Regra; deslumbrante, a grande esposa real colocou-se atrás do monarca. Pela magia do verbo e do canto, ela o protegia durante todas as etapas do ritual.

Kha acendeu a chama que iluminaria as está tuas das divindades, as capelas onde as estátuas tinham sido colocadas e o trono real no qual se instalaria Ramsés, se saísse vencedor das provas. O grande sacerdote seria assistido pelo conselho dos grandes do Alto e do Baixo Egito, entre os quais figuravam Setaou, Ameni, o grande sacerdote de Karnak, o vizir, a médica chefe do reino Neferet, os "filhos reais" e as "filhas reais". Já sóbrio, Setaou não queria pensar no comportamento condenável de Ameni; apenas lhe interessava o ritual que era necessário cumprir com perfeição para renovar a força vital de Ramsés.

Os grandes do Alto e do Baixo Egito prostraram-se perante o Faraó. Em seguida, Setaou e Ameni, agindo na qualidade de "amigo único", lavaram os pés do rei. Purificados, estes permitiram-lhe percorrer todos os espaços de Água, de terra ou de fogo. O jarro de onde brotava a Água tinha a forma do sinal hieróglifo sema, representando o conjunto formado pelo coração e pela artéria da tranqüila e significando "reunir". Com aquele líquido sacralizado, o Faraó tornava-se um ser coerente e unificador do seu povo.

Kha havia organizado tão bem as cerimônias, que os dias e as noites da festa se escoaram sem que Ninguém percebesse.

Obrigado a andar lentamente por causa da sua apertada túnica, Ramsés, tornou eficientes as oferendas alimentares depositadas sobre os altares das divindades; com o olhar e a fórmula "oferenda que o Faraó, fez surgir o ka imaterial dos alimentos. A rainha desempenhava a função da vaca celeste, encarregada de alimentar o rei com o leite das estrelas, para expulsar do seu corpo a fraqueza e a doença.

Ramsés venerou cada potência divina para que fosse preservada a multiplicidade da criação que alimentava a sua unidade. Com a sua ação, libertava precisamente a unidade inalterável oculta em cada forma e comunicava a cada estátua uma vida mágica.

Durante três dias, sucederam-se procissões, litânias e oferendas no grande pátio onde se encontravam as divindades. Abridadas em capelas as quais era possível aceder por meio de pequenas escadas, delimitavam o espaço sagrado e difundiam a sua energia. Ora agitada, ora moderada, a música dos tamborins, das harpas, dos alaúdes e dos oboés ritmava os episódios referidos no papiro que o condutor do ritual ia desenrolando.

Assimilando a alma das divindades, dialogando com o touro Apis e o crocodilo Sobek, manejando o arpão para impedir o hipopótamo de atacar, o Faraó ia tecendo laços entre o Além e o povo do Egito.

Pela ação do rei, o invisível tornava-se visível e construía-se uma relação harmoniosa entre a natureza e o homem.

Num pátio anexo fora edificado um estrado sobre o qual se encontravam dois tronos ligados; para alcançá-los, Ramsés teria de subir alguns degraus. Quando se sentava no trono do Alto Egito, usava a coroa branca; no do Baixo Egito, a coroa vermelha. E cada fase ritualística era realizada por um ou outro aspecto da pessoa real, dualidade em movimento, oposição aparentemente irredutível mas resolvida no ser do Faraó. As Duas Terras tornavam-se assim uma só sem se

confundirem. Permanecendo alternadamente num ou noutro trono, Ramsés tornava algumas vezes Hórus, de olhar penetrante; outras, Seth, de potência inegável, e havia o terceiro termo, o que conciliava os dois irmãos.

No penúltimo dia da festa, o rei abandonou a túnica branca para vestir o saiote tradicional dos monarcas do tempo das pirâmides, ao qual estava presa uma cauda de touro. Chegara a hora de verificar se o Faraó reinante assimilara corretamente a energia das divindades e se era capaz de tomar posse do céu e da terra.

Como havia vivido o segredo dos dois irmãos inimigos – Hórus e Seth — o Faraó estava apto a receber novamente o testamento dos deuses, que fazia dele o herdeiro do Egito. Quando os dedos de Ramsés se fecharam sobre o pequeno estajo de couro em forma de rabo de andorinha contendo o inestimável documento, todos sentiram um aperto no coração. A mão de um ser humano, mesmo que fosse a do senhor das Duas Terras, teria força suficiente para se apoderar de um objeto sobrenatural?

Segurando com firmeza o testamento dos deuses, Ramsés empunhou um remo-leme que trazia a sua capacidade para dirigir o barco do Estado na boa direção. Depois, em passos largos, percorreu o grande pátio, comparado a totalidade do Egito como reflexo do céu na terra. Quatro vezes foi executada a corrida ritualística, na direção de cada um dos pontos cardeais, pelo rei do Baixo Egito, e quatro vezes pelo rei do Alto Egito. As províncias das Duas Terras foram assim transfiguradas pelos passos do Faraó, que afirmava o reino dos deuses e a presença da hierarquia celeste; por intermédio dele, a totalidade dos Faraós defuntos readquiria vida, e o Egito tornava-se o campo fecundo do divino.

— Corri — proclamou Ramsés — segurei na mão o testamento dos deuses. Atravessei a terra inteira e toquei nos seus quatro lados. Percorri-a seguindo o meu coração. Corri, atravessei o oceano das origens, toquei nos quatro cantos do céu, fui tão longe como a luz e ofereci a terra fértil a sua soberana, a regra da vida.

Naquele último dia da festa de regeneração, preparavam-se as comemorações nas cidades e aldeias; sabia-se que Ramsés havia triunfado e que a sua energia de reinar estava renovada. No entanto, a alegria não podia manifestar-se, antes que o monarca regenerado mostrasse ao seu povo o testamento dos deuses.

De madrugada, Ramsés instalou-se numa cadeira de transportadores suportada pelos grandes do Alto e do Baixo Egito; as costas de Ameni doeram-lhe, mas ele fez questão de cumprir a sua parte na tarefa. O Faraó foi conduzido aos quatro orientes e, em cada ponto cardeal, retesou um arco e disparou uma flecha para anunciar ao universo inteiro que o Faraó continuava a reinar.

Depois, o monarca subiu a um trono cujo rodapé era adornado por doze cabeças de leão e dirigiu-se as direções do espaço para anunciar que a regra de Matt reduziria ao silêncio as forças do mal.

Coroado de novo, como da primeira vez, Ramsés homenageou os seus antepassados. Eles, que haviam aberto os caminhos no invisível, formavam a base da realeza. Setaou, que se gabava da sua força de caráter, não pôde controlar o choro; nunca Ramsés fora tão grande, nunca o Faraó encarnara tão profundamente a luz do Egito.

O rei saiu do grande pátio onde o tempo havia sido abolido. Atravessou a sala de colunas e subiu a escada que conduzia ao topo do pilar. Surgiu entre as duas altas torres, tal como o sol do meio-dia, e mostrou ao seu povo o testamento dos deuses.

Um imenso clamor se elevou da multidão. Por aclamação, Ramsés foi reconhecido digno de

governar; as suas palavras seriam vida, os seus atos ligariam a terra ao céu. O Nilo seria fecundo, atingiria a base das colinas, depositaria limo fértil sobre as terras, ofereceria aos homens água pura e peixes os mais diversos. Como as divindades estavam em festa, a felicidade inundou os corações; graças ao rei, os alimentos seriam tão abundantes como os grãos de areia do deserto. Por que se dizia de Ramsés o Grande que ele modelava a prosperidade com as suas próprias mãos?

Dois meses e um dia.

Num dia tempestuoso, depois de dois meses de investigação discreta e minuciosa. Serramanna não poupou nos meios: os seus melhores homens, mercenários experientes, tinham sido encarregados de seguir Ameni e de revistar as suas coisas sem chamar a atenção.

O gigante sardo os prevenira: se fossem descobertos, ele não os reconheceria; e se eles o delatassem ele os estrangularia com as suas próprias mãos. Recompensas prometidas: férias suplementares e vinho de primeira qualidade.

Realmente foi difícil afastar Ameni de seu gabinete. Uma visita de inspeção ao Fayum proporcionara ao sardo uma oportunidade inesperada; mas a busca não dera qualquer resultado. Nem na sua casa de funcionário, quase sempre desocupada, nem nos cofres, biblioteca ou atrás das prateleiras o secretário particular de Ramsés ocultava objetos ilícitos. Ameni continuava a trabalhar dia e noite, comia muito e dormia pouco. Quanto aos seus visitantes, pertenciam a alta administração, e o escriba tinha o costume de se encontrar com eles para lhes pedir contas e incitar o seu ardor ao serviço do Estado.

Ouvindo os relatórios negativos do sardo, Setaou se perguntava se não teria sonhado; mas Lótus, assim como ele, ouvira o nome de Ameni ser pronunciado literalmente pelo capitão do barco. Era impossível apagar aquele fato da sua memória.

Serramanna estava pensando em dismantelar o dispositivo que instalara; os seus homens estavam ficando nervosos e não tardariam a cometer alguma falha.

E foi nesse dia de tempestade que se verificou o incidente tão temido. No princípio da tarde, quando Ameni estava sozinho em seu gabinete, recebeu um visitante pouco habitual: um homem mal-barbeado, zarolho, de aspecto rude, de rosto queimado.

O mercenário as ordens de Serramanna seguira-o até o porto de Pi-Ramsés e não tivera qualquer dificuldade em identificá-lo: um capitão de lanchão.

— Tem certeza? — perguntou Setaou a Serramanna.

— O indivíduo partiu para o Sul com um carregamento de jarros. A conclusão é evidente.

Ameni a frente de um bando de ladrões; Ameni que conhecia a administração melhor do que Ninguém e abusava disso em seu proveito pessoal... E talvez pior ainda.

— Ameni esperou durante algum tempo — fez notar o sardo — mas tinha que retomar o contato com os seus cúmplices.

— Não posso acreditar.

— Lamento, Setaou, mas tenho que dizer a Ramsés aquilo que sei.

Esqueça as ofensas, escrevia o imperador Hattusil ao Faraó do Egito, retenha o seu braço e permita que respiremos o sopro da vida. Você na realidade é o filho do deus Seth! Ele prometeu-lhe o país dos hititas, e estes lhe darão em tributo tudo o que você desejar. Pois não estão a seus pés?

Ramsés mostrou a tabuinha a Ameni.

— Leia você próprio... Que surpreendente mudança de tom!

— Os partidários da paz venceram, e a influência da rainha Putuhepa foi predominante.

Majestade, não lhe resta mais do que redigir um pedido oficial para convidar uma princesa hitita a tornar-se rainha do Egito.

— Prepare-me belas fórmulas por baixo das quais colocarei o meu selo. Achaa não morreu por nada; a obra da sua vida que assim se coroa.

— Vou correndo ao meu gabinete para preparar a missiva.

— Não, Ameni; escreva-a aqui. Sente-se em minha cadeira para aproveitar os últimos raios de sol.

O secretário particular ficou rígido.

— Eu... na cadeira do Faraó?... Nunca!

— Tem medo?

— Claro que tenho medo! já outros foram fulminados por terem cometido esse tipo de loucura!

— Vamos até o terraço.

— Mas... e a carta... ?

— Ela pode esperar.

O panorama era deslumbrante. Suntuosa e tranqüila, a capital de Ramsés o Grande entregava-se a noite.

— Essa paz que tanto desejamos, Ameni, não estará aqui, perante os nossos olhos? É preciso saber saboreá-la a cada momento como um fruto raro e avaliar o seu verdadeiro valor. Mas os homens só pensam em perturbar a harmonia, como se a não suportassem. Por que, Ameni?

— Eu... não sei, Majestade.

— Nunca fez a si próprio está pergunta?

— Nunca tive tempo para isso. O Faraó existe: para responder as perguntas.

— Serramanna falou comigo — revelou Ramsés.

— Falou... sobre o que?

— De uma visita surpreendente, no seu gabinete.

Ameni não pareceu perturbado.

— De quem se tratava?

— Não poderá você dizer-me?

O escriba refletiu alguns instantes.

— Estou pensando no capitão de lanchão que não tinha entrevista e forçou a entrada; é óbvio que não costumo receber esse tipo de gente! O seu discurso era incoerente, falava dos estivadores e dos carregamentos em atraso... Expulsei-o com o auxílio de um guarda.

— Foi a primeira vez que o viu?

— E a última! Mas... qual a razão de todas estas perguntas?

O olhar de Ramsés tornou-se tão penetrante como o de Seth; os olhos do monarca relampejaram, rasgando o crepúsculo.

— Alguma vez já mentiu, Ameni?

— Nunca, Majestade! E nunca mentirei. Que as minhas palavras tenham o valor de um juramento, pela vida do Faraó!

Durante longos segundos Ameni parou de respirar. Sabia que Ramsés o julgava e ia pronunciar o seu veredicto.

A mão direita do Faraó pousou sobre o ombro do escriba, que sentiu imediatamente o efeito benéfico do seu magnetismo.

— Tenha confiança em você, Ameni.

— De que me acusam?

— De organizar um desvio de bens destinados aos templos e de enriquecer.

Ameni quase desmaiou.

— Eu, enriquecer?

— Temos trabalho, Ameni; a paz parece estar ao alcance da mão mas é necessário reunir de imediato um conselho de guerra.

Setaou caiu nos braços de Ameni, Serramanna gaguejou desculpas. Era evidente, mas o próprio Faraó inocentou você definitivamente.

— Vocês... Vocês me consideram realmente culpado? — espantou-se o secretário particular do rei que, com ar grave, observava cena.

— Trai a nossa amizade — reconheceu Setaou — mas só pensava na segurança de Ramsés.

— Nesse caso — considerou Ameni — agiu bem. E se tiver outras suspeitas, recomece. Salvar a pessoa do Faraó, o nosso mais imperioso dever.

— Alguém tentou desacreditar Ameni aos olhos de Sua Majestade — fez lembrar Serramanna. — Alguém a quem Setaou arruinou o tráfico.

— Quero saber de todos os pormenores — exigiu Ameni.

Setaou e Serramanna narraram os episódios de sua investigação.

— O chefe dessa rede fez-se passar por mim — concluiu o escriba — e enganou o capitão de lanchão que a cobra de Setaou enviou para o inferno dos ladrões. Espalhando essa falsa informação, lançava a suspeita sobre a minha pessoa e sobre o meu serviço. Bastava a visita de outro capitão para convencê-lo da minha culpabilidade.

Uma vez eu eliminado, a administração do país estaria desorganizada.

Ramsés saiu do seu mutismo.

— Sujar os que me estão mais próximos é macular o governo do país pelo qual sou responsável. Tentam enfraquecer o Egito no momento em que se trava uma batalha difícil com o Hatti. Não se trata de um simples caso de roubo, mesmo em grande escala, mas de uma gangrena que tem de ser detida o mais rapidamente possível.

— Descubramos o marinheiro que me visitou — disse Ameni.

— Tratarei disso — exclamou Serramanna. — Esse sujeito nos conduzirá até o seu verdadeiro patrão.

— Coloco-me a disposição de Serramanna — propôs Setaou.

— Devo isso a Ameni.

— Nada de falhas — exigiu Ramsés. — Quero a cabeça pensante.

— E se se tratasse de Uri-Techup? — interveio Serramanna.

Estou, certo de que só tem um desejo: vingar-se.

— E impossível — objetou Ameni. — Ele não conhece suficientemente o funcionamento da administração egípcia para ter organizado esse desvio de bens.

Uri-Techup, decidido a impedir o casamento de Ramsés com a filha de Hattusil, o tirano que o afastara do poder... O rei não colocou a parte a sugestão do chefe de sua guarda.

— Um executante pode ter agido por ordem de Uri-Techup insistiu Serramanna.

— Tréguas nas discussões — cortou Ramsés. — Sigam a pista, e rapidamente. Você, Ameni, vai trabalhar numa sala anexa ao palácio.

— Mas... por que?

— Porque é suspeito de corrupção e ficará sob vigilância. O adversário deve ficar convencido de que seu plano deu resultado.

Um vento fortíssimo e gelado varria as muralhas de Hattusa, a capital fortificada do Império hitita. O outono transformara-se bruscamente em inverno no elevado planalto da Anatólia. Chuvas torrenciais tornavam os caminhos lamacentos e dificultavam os deslocamentos dos comerciantes. Friorento, o imperador Hattusil enrolava-se em seu manto, ao canto do fogo, bebendo vinho quente.

A carta que acabava de receber de Ramsés alegrava-o profundamente. O Hatti e o Egito nunca mais estariam em guerra; embora o exercício da violência fosse por vezes necessário, Hattusil preferia a diplomacia. O Hatti era um Império envelhecido, cansado de tantos combates; desde o tratado que fora estabelecido com Ramsés, o povo ia-se habituando a paz.

Putuhepa regressou finalmente. A imperatriz havia passado várias horas no templo da Tempestade, para consultar os oráculos. Bela, majestosa, a grande sacerdotisa era uma soberana respeitada, mesmo pelos seus generais.

— Novidades? — interrogou Hattusil, inquieto.

— Sim, mas não boas. O tempo ruim vai aumentar, e a temperatura baixar.

— Pois eu tenho um milagre a lhe anunciar!

O imperador brandiu o papiro proveniente de Pi-Ramsés.

— Ramsés deu o seu acordo definitivo?

— Como a sua festa de regeneração foi celebrada e ele desposou simbolicamente a filha para celebrar os rituais, o Faraó do Egito, o nosso irmão bem-amado, consente em desposar a nossa filha. Uma hitita soberana das Duas Terras... Eu não acreditava que tal sonho realizaria!

Putuhepa sorriu.

— Você soube humilhar-se perante Ramsés.

— Por conselho seu, minha querida... Devido ao seu conselho. As palavras não têm qualquer importância — o essencial é atingir o objetivo.

— Infelizmente, o céu enfurece-se contra nós.

— O tempo acabará por melhorar.

— Os oráculos são pessimistas.

— Se demormos muito a mandar-lhe a nossa filha, Ramsés vai pensar numa manobra.

— O que devemos fazer, Hattusil?

— Dizer-lhe a verdade e pedir o seu auxílio. A ciência dos magos do Egito é incomparável; eles que acalmem os elementos e desobstruam o caminho. Escrevamos sem demora ao nosso irmão bem-amado.

Rosto anguloso e severo, crânio raspado, andar por vezes rígido devido as dores nas articulações, Kha caminhava pela imensa necrópole de Saqqara onde se sentia mais a vontade do que no mundo dos vivos. Grande sacerdote de Ptaha, o filho mais velho de Ramsés raramente deixava a antiga cidade de Mênfis. A época das pirâmides fascinava-o; Kha passava longas horas contemplando os três gigantes de pedra do planalto de Giz, as pirâmides construídas por Keóps, Kéfnen e Miquerinos. Quando o sol atingia o zênite, as suas faces recobertas de calcário branco

refletiam a luz e iluminavam os templos funerários, os jardins e o deserto. Encarnação da pedra primordial surgida do oceano das origens na primeira manhã do mundo, as pirâmides eram também raios de sol petrificados que conservavam uma energia inalterável. E Kha descobrira uma de suas verdades: cada pirâmide era uma letra do grande livro da sabedoria que ele procurava nos arquivos dos antigos.

Mas o grande sacerdote de Mênfis estava preocupado; próxima do imenso conjunto arquitetural de Djeser, dominada pela pirâmide em degraus, a pirâmide do rei Unas exigia trabalhos de restauração.

Datando do fim da quinta dinastia, com mais de um milênio, o venerável monumento sofria de graves mazelas. Era indispensável substituir diversos blocos de ornatos.

Ali, em Saqqara, o grande sacerdote Kha dialogava com as almas dos antepassados. Permanecendo nas capelas das moradas de eternidade, lia as colunas de hieróglifos que evocavam os belos caminhos do Além e o destino feliz dos que possuíam uma "voz justa" por terem vivido de acordo com a regra de Matt. Ao decifrar aquelas pirâmides, Kha voltava a dar vida aos proprietários dos túmulos que haviam permanecido presentes na terra do silêncio.

No momento em que o grande sacerdote de Ptaha dava a volta a pirâmide de Unas, viu o pai avançar em sua direção. Não se assemelhava Ramsés a um daqueles espíritos luminosos que, em certas horas do dia, surgiam aos videntes?

— Quais são os seus projetos, Kha?

— De imediato, acelerar a restauração das pirâmides do Império Antigo, que exigem intervenção urgente.

— Encontrou o livro de Thot?

— Apenas vestígios... Mas sou persistente. Ha tantos tesouros em Saqqara, que talvez precise de uma vida mais longa.

— Você só tem trinta e oito anos; Ptah-haotep não esperou ter cento e dez para redigir as suas máximas?

— Nestes lugares, meu pai, a eternidade alimentou-se do tempo dos homens e transformou-o em pedras vivas; estas capelas, estes hieróglifos, estes personagens que veneram o segredo da vida e lhe fazem oferendas não são o melhor da nossa civilização?

— Já pensou algumas vezes nos assuntos do Estado, meu filho?

— Por que hei de preocupar-me com isso, se é você quem reina?

— Os anos passam, Kha, e eu partirei também para o país que ama o silêncio.

— Vossa Majestade acaba de ser regenerado, e daqui a três anos organizarei melhor ainda a sua próxima festa de regeneração.

— Você ignora tudo de administração, de economia, do exército..

— Não tenho qualquer gosto por esses assuntos. A rigorosa existência prática dos rituais não é a base da nossa sociedade? A felicidade do nosso povo depende disso, e a ela desejo me dedicar cada dia mais.

— Por acaso admite que estou indo por um caminho errado?

Ramsés ergueu os olhos para o cume da pirâmide de Unas.

— Procurar o mais alto, o mais essencial, é sempre seguir no bom caminho. Mas o Faraó é

obrigado a descer ao mundo subterrâneo e escuro, para nele enfrentar o monstro que tenta secar o Nilo e destruir a barca da luz; se não travasse esse combate cotidiano, que rituais celebraríamos?

Kha tocou na pedra milenar como se está alimentasse o seu pensamento.

— De que forma posso servir ao Faraó?

— O imperador do Hatti deseja enviar a sua filha para o Egito a fim de que eu a despose; mas o tempo está tão ruim na Anatólia que é impossível a viagem por meio de uma caravana. Hattusil solicita uma intervenção dos nossos magos para que consigam dos deuses uma melhoria das condições do clima. Descubra, o mais rápido que puder, o texto que me permita satisfazê-lo.

Ninguém conseguiria descobrir Rerek, o capitão de lanchão, no lugar onde ele se refugiara, A conselho do patrão, instalara o seu domicílio por algum tempo no bairro asiático de Pi-Ramsés, depois de ter visitado um escriba de pele amarelada para lhe debitar um discurso sem pé nem cabeça. Mas era bem pago, muito mais bem pago do que três meses de trabalho no Nilo. Rerek tornara a ver o patrão, muito satisfeito com os seus serviços; segundo ele, o resultado esperado fora conseguido. Havia apenas uma leve contrariedade: o patrão exigia que Rerek mudasse de aparência. Orgulhoso da sua barba e da sua epiderme peluda, o marinheiro sentira-se tentado a discutir. Mas como se tratava de sua segurança, deixara-se convencer.

Glabro, retomaria o trabalho no Sul com outro nome, e a guarda do Faraó perderia para sempre o seu rastro.

Rerek passava o dia dormindo, no primeiro andar de uma pequena casa branca. A sua senhoria o acordava a passagem do transportador de água e arranjava-lhe pães recheados de alho e cebola, que ele consumia deliciado.

— O barbeiro está na pracina — avisou ela.

O marinheiro espreguiçou-se. Barbeado, pareceria menos viril e teria mais dificuldade para seduzir as moças; por sorte, dispunha de outros argumentos igualmente convincentes.

Rerek olhou pela janela.

Na pequena praça, o barbeiro havia instalado quatro estacas para suportar um toldo a fim de evitar as queimaduras do sol; sob aquele abrigo havia dois bancos: o mais alto para o barbeiro e o mais baixo para o cliente.

Como estavam presentes dez homens, a espera seria demorada; três deles puseram-se a jogar dados, e os outros sentaram-se encostados a parede de uma casa. Rerek tornou a deitar-se e novamente adormeceu.

A senhoria sacudiu-o.

— Vamos, desça! Você é o último.

Desta vez não havia escapatória. Com os olhos quase fechados, o marinheiro desceu a escada, saiu da modesta casa e sentou-se no banco de um metro de altura, que gemeu sob o seu peso.

— O que deseja? — perguntou o barbeiro.

— Barbeie-me completamente o queixo e as faces.

— Uma barba tão bonita assim?!

— Isso é problema meu.

— Como queira, meu amigo; quanto vai pagar?

— Um par de sandálias de papiro.

— É um grande trabalho...

— Se não quer, arranjo outro.

— Está bem, está bem...

O barbeiro molhou a própria pele com água de sabão, fez deslizar a navalha sobre sua face esquerda para verificar-lhe a eficácia e, depois, com um gesto brusco mas preciso, encostou-a no pescoço do marinheiro.

— Se tentar fugir, Rerek e se mentir, corto-lhe o pescoço.

— Quem... quem é você?

Setaou cortou de leve a própria pele e um pouco de sangue caiu no peito do marinheiro.

— Alguém que o matará se recusar-se a responder.

— Interrogue-me !

— Conhece um capitão de lanchão com uma cicatriz no ante-braço esquerdo e olhos castanhos?

— Sim.

— Conhece a dama Chaerit?

— Sim, já trabalhei para ela.

Como ladrão?

— Tivemos alguns Negócios.

— Quem é seu patrão?

— Chama-se... Ameni.

— Você vai levar-me até ele.

Com o rosto grave iluminado por um sorriso, Kha apresentou-se perante Ramsés, sentado em sua mesa de trabalho.

— Procurei durante três dias e três noites na biblioteca da Casa da Vida de Heliópolis, Majestade, e encontrei o livro dos encantamentos que dissiparão o mau tempo no Hatti: são os mensageiros da deusa Sekhamet que propagam os miasmas na atmosfera e impedem o sol de atravessar as nuvens.

— Como devemos agir?

— Recitar permanentemente e durante tanto tempo quanto for necessário as litânias destinadas a acalmar Sekhamet; quando a deusa chamar os seus emissários que partiram para a Ásia, o céu clareará.

Os sacerdotes e as sacerdotisas de Sekhamet já estão em ação. Graças as vibrações dos seus cânticos e ao efeito invisível dos rituais, podemos esperar um resultado rápido.

Kha retirou-se no momento em que Merneptah chegava. Os dois irmãos abraçaram-se.

O rei observou os seus filhos, tão diferentes mas que se completavam. Nem um nem outro o decepcionavam; não acabava Kha, a sua maneira, de atuar como um homem de Estado? Kha possuía a elevação do espírito indispensável para governar; Merneptah, a força necessária para comandar. Quanto a filha do monarca, Meritamon, voltara para Tebas, onde dirigia os rituais de animação das estátuas reais, tanto no santuário de Sethi como no templo de milhões de anos de Ramsés.

O Faraó agradeceu aos deuses por estes lhe terem oferecido três filhos excepcionais que, cada um a sua maneira, transmitiam o espírito da civilização egípcia e se preocupavam mais com os valores dela do que com a sua própria pessoa. Nefertari e Iset a Bela podiam repousar em paz.

Merneptah inclinou-se perante o Faraó.

— Mandou me chamar, Majestade?

— A filha de Hattusil e de Putuhepa prepara-se para trocar a capital hitita por Pi-Ramsés. A título diplomático, tornar-se-á a grande esposa real, e esta união selará de forma definitiva a paz entre o Hatti e o Egito. Esse pacto poderá desagradar a certos grupos de interesses. A sua missão consistirá em velar pela segurança da princesa desde a saída dela dos territórios controlados pelo Hatti até a sua entrada nos nossos protetorados.

— Vossa Majestade pode contar comigo. De quantos homens posso dispor?

De tantos quantos forem necessários.

Seria inútil um exército, muito lento e pesado para se deslocar. Reunirei uma centena de batedores daquelas regiões e bem armados, e vários mensageiros dispendo dos melhores cavalos. Em caso de ataque, saberemos resistir; informarei Vossa Majestade de forma regular. Se algum dos mensageiros se atrasar, a fortaleza mais próxima enviará imediatamente socorro.

— A sua missão é da maior importância, Merneptah.

— Não o decepcionarei, meu pai.

Desde o início da manhã que uma chuva fortíssima se abatia sobre Hattusa, ameaçando

inundar a cidade baixa. O pânico começava a espalhar-se, quando a imperatriz Putuhepa falou a população. Não só os sacerdotes do Hatti imploravam constantemente a clemência do deus da Tempestade, como também tinham apelado para os magos do Egito.

O discurso de Putuhepa acalmou as pessoas. Algumas horas mais tarde, a chuva parou; pesadas nuvens negras permaneciam no céu, mas do lado sul principiava a clarear. Começava a ser possível pensar na partida da princesa. A imperatriz dirigiu-se aos aposentos da filha.

Aos vinte e cinco anos, a jovem tinha a beleza selvagem das Anatólias. De cabelos louros, olhos negros amendoados, nariz fino, quase pontiagudo, pele de sedosa, alta, com membros delicados e porte digno pelo seu elevado nascimento, a princesa era a própria encarnação da sensualidade. Em um mínimo gesto havia uma nota de languidez que traduzia a feminilidade pronta a oferecer-se e, no mesmo instante, a fugir. Não havia dignitário algum que não tivesse sonhado desposá-la.

— O tempo está melhorando — disse Putuhepa.

A própria princesa penteava os longos cabelos antes de perfumá-los.

— Devo então preparar-me para partir.

— Está angustiada?

— Muito pelo contrário. Serei a primeira hitita a desposar um Faraó, e que Faraó! Ramsés o Grande, cuja glória extinguiu o fogo guerreiro do Hatti... Nem nos meus sonhos mais loucos pude imaginar destino tão fabuloso.

Putuhepa ficou surpreendida.

— Vamos nos separar para sempre e nunca mais você voltará a ver o seu país... Não é dilacerante?

— Sou uma mulher e vou casar com Ramsés, viver na terra amada dos deuses, reinar sobre uma corte faustosa, gozar de um luxo inaudito, saborear as delícias de um clima inigualável, sei lá o que mais! Mais unir-me a Ramsés, não me basta.

— O que quer dizer?

— Desejo também seduzi-lo. O Faraó não pensa em mim, mas na diplomacia e na paz, como se eu não passasse de uma frase de um tratado! Eu o farei mudar de opinião.

— Está se arriscando a ter uma grande decepção.

— Será que sou feia e estúpida?

— Ramsés já não é um jovem. Talvez nem sequer pouse os olhos em você.

— O meu destino me pertence, e ninguém poderá ajudar-me. Se não for capaz de conquistar Ramsés, para que servirá o meu exílio?

— O seu casamento garantirá a prosperidade de dois grandes povos.

— Não serei nem uma escrava nem uma reclusa, mas uma grande esposa real. Ramsés esquecerá as minhas origens, reinarei ao seu lado, e todos os egípcios se prostrarão perante mim.

— Desejo que assim seja, minha filha.

— E está é a minha vontade, mãe. E não é inferior a sua.

Embora fraco, o sol reapareceu. O inverno instalava-se com o seu cortejo de ventos e dias frios, mas o caminho que levava aos protetorados egípcios em breve estaria disponível. Putuhepa

teria gostado muito de trocar confidências com a filha, mas a futura esposa de Ramsés tornara-se uma estrangeira na sua própria casa?

Raia não conseguia se acalmar.

Uma violenta discussão colocara-o contra Uri-Techup, e os dois homens haviam se separado sem encontrar uma maneira de entender-se. Para o ex-general-chefe do exército hitita, a vinda da filha de Hattusil poderia ser explorada contra Ramsés, e a princesa não devia ser impedida de chegar ao Egito. Raia pensava diferente; aquele casamento diplomático anulava as últimas veleidades guerreiras.

Renunciando a lutar, Hattusil fazia o jogo de Ramsés. Raia quase chegara a arrancar a pequena barba em bico e rasgar a túnica de barras coloridas, de tal forma aquela perspectiva o torturava. O ódio por Ramsés tornara-se a sua principal razão de viver, e estava pronto a correr todos os perigos para abater aquele Faraó, cujas estátuas colossais imperavam nos grandes templos do país. Não, aquele monarca não havia de continuar conseguindo tudo o que queria. Uri-Techup adormecia, saciado de conforto e luxúria; ele, Raia, não perdera a vontade de combater. Ramsés não passava de um homem, e sucumbiria sob uma sucessão de golpes desferidos com força e precisão. Uma coisa era urgente: impedir a princesa hitita de chegar a Pi-Ramsés.

Sem prevenir Uri-Techup e os seus amigos hititas, Raia organizaria um atentado com o auxílio de Malfi. Quando o chefe das tribos soubesse que Merneptah, o filho de Ramsés, estava a frente do corpo expedicionário egípcio, ficaria babando. Eliminar simultaneamente a princesa hitita, futura esposa de Ramsés, e o filho mais novo do rei, que triunfo!

Nenhum membro da caravana sobreviveria. O Faraó se convenceria então de que fora um sobressalto de orgulho de alguma facção do exército hitita hostil a paz. O que precisava ser feito era espalhar, no terreno, armas hititas e abandonar alguns cadáveres de camponeses vestidos como soldados do exército de Hattusil. É verdade que a batalha seria feroz, e haveria perdas nas fileiras líbias, mas Malfi não se deteria por esse detalhe. A perspectiva de uma ação brutal, sangrenta e vitoriosa entusiasmava o guerreiro.

Hattusil perderia a filha, e Ramsés, o filho. E os dois soberanos vingariam a afronta com um conflito mais brutal do que os anteriores.

Achaa já não existia para acalmar as tensões. Quanto a Uri-Techup, seria colocado diante da real situação. Ou cooperava, reconhecendo o seu erro, ou seria eliminado. Raia tinha a mente cheia de idéias para corroer o Egito do interior; não seria concedido a Ramsés um único dia de repouso.

Ouviu baterem na porta reservada onde o comerciante guardava os vasos mais preciosos. Aquela hora da noite, só podia tratar-se de um cliente.

— Quem é?

— O capitão Rerek

— Não quero vê-lo aqui!

— Sofri um duro golpe, mas escapei... Preciso falar-lhe.

Raia entreabriu a porta.

O comerciante sírio mal teve tempo de entrever o rosto do marinheiro. Empurrado pelas costas, Rerek precipitou-se sobre Raia, que caiu de pernas para o ar, ao mesmo tempo que Serramanna e Setaou penetravam no estabelecimento.

O gigante sardo dirigiu-se ao capitão Rerek.

— Como se chama este homem? — perguntou, apontando para Raia.

— Ameni — respondeu o marinheiro.

Com as mãos imobilizadas por algemas de madeira e os tornozelos presos por uma corda, Rerek mal podia se mexer. Aproveitando a obscuridade que reinava no fundo do reservado, Raia deslizou para lá como um réptil e trepou na escada que conduzia ao telhado. Com alguma sorte, despistaria os seus perseguidores.

Sentada num dos cantos do telhado, uma linda núbia fitou-o com olhar severo.

— Não avance mais !

Raia tirou um punhal da manga direita da túnica.

— Afaste-se ou eu o mato !

Quando lançou-se, de braço erguido, para atacar, uma víbora marmoreada mordeu-o no calcanhar direito. A dor foi tão intensa que Raia largou a arma, tropeçou no rebordo, perdeu o equilíbrio e caiu do telhado.

Quando Serramanna se debruçou sobre o mercador sírio, fez uma careta de enfado. Na queda, Raia quebrara o pescoço.

Lânguida, saciada, com o corpo inebriado pelo ardor do amante, a dama Tanit estendeu-se sobre o peito forte de Uri-Techup.

— Faça amor comigo mais uma vez, peço-lhe !

O hitita teria cedido de boa vontade, mas foi alertado por um ruído de passos. Levantou-se e retirou uma espada curta de sua bainha.

Bateram na porta do quarto.

— Quem é?

— O mordomo.

— Eu tinha dado ordens para que não nos incomodassem berrou enraivecida.

— É um amigo do seu marido. Está dizendo que é muito urgente.

A fenícia reteve Uri-Techup pelo pulso.

— Talvez seja uma cilada.

— Eu sei me defender.

Uri-Techup chamou um hitita que estava de guarda no jardim da vila. Orgulhoso por servir ao ex-general-chefe, fez o seu relatório em voz baixa e desapareceu.

Quando o amante voltou ao quarto, a dama Tanit, nua, saltou-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. Sentindo-o preocupado, afastou-se e deu-lhe uma taça de vinho fresco para beber.

— O que se passa?

— O nosso amigo Raia está morto.

— Um acidente?

— Caiu de um telhado tentando escapar de Serramanna.

A fenícia empalideceu.

— Esse maldito sardo! Mas... ele vai chegar até você!

— É possível.

— Temos de fugir, fugir imediatamente!

— De maneira nenhuma. Serramanna está a espreita da minha falha; se Raia não teve tempo de falar, continuo fora do seu alcance. O desaparecimento desse comerciante sírio é até uma boa notícia..

Começava a perder o sangue-frio. Atualmente, já não preciso dele, já que estou em contato direto com os líbios.

— E se... nos contentássemos com a nossa felicidade?

Com violência, Uri-Techup esmagou os seios de Tanit.

— Contento-se em ser uma esposa dócil e silenciosa e farei sua felicidade.

Quando ele a devorou como uma guloseima, a mulher desfaleceu de prazer.

Os caçadores apresentaram as peles de animais a Techaonq. O líbio escolhia a matéria-

prima que utilizava; só tinha confiança na sua própria avaliação e mostrava-se de extrema severidade, recusando três quartos das mercadorias propostas. De manhã, havia tratado com dureza dois caçadores que lhe ofereciam peles de m qualidade.

De repente, lançaram a seus pés uma túnica com riscas coloridas.

— Reconhece-a? — perguntou Serramanna.

Com o abdômen contraído por dores, o líbio colocou as mãos sobre o ventre volumoso.

— E... é uma indumentária vulgar.

— Examine-a atentamente.

— Garanto-lhe... Não vejo nada demais nela...

— Vou ajudá-lo, Techaonq, porque você me é simpático. Esta túnica pertencia ao comerciante sírio Raia, um personagem duvidoso que não tinha a consciência tranqüila e se matou estupidamente ao tentar fugir. Pode-se dizer que o seu passado de espião veio brutalmente a superfície. Mas eu tenho uma certeza: vocês deviam ser amigos, ou melhor, cúmplices.

— Eu não me dava com esse...

— Não me interrompa, Techaonq. Não tenha provas, mas não duvido de que o defunto Raia, você e Uri-Techup tenham feito um pacto contra Ramsés. A morte do sírio é um aviso: se os seus outros aliados ainda tentarem fazer mal ao rei, acabarão como Raia. Agora, gostaria de receber o que me é devido.

— Mandarei entregar em sua casa um escudo de couro e sandálias de luxo.

— Um início satisfatório... Tem nomes para me dar?

— Tudo está calmo entre os líbios, senhor Serramanna! Todos reconhecem a autoridade de Ramsés.

— Pois que continuem assim. Até breve, Techaonq.

Logo que o cavalo de Serramanna se afastou, o líbio, com as mãos crispadas sobre o estômago, precipitou-se para os sanitários.

O imperador Hattusil não estava concordando com a sua esposa Putuhepa. A imperatriz sempre admirara a sagacidade do esposo e a sua percepção rigorosa das coisas, mas dessa vez uma violenta discussão explodira entre os dois.

— É preciso avisar Ramsés da partida de nossa filha — insistiu Putuhepa.

— Não — retorquiu o imperador. — É conveniente aproveitar a situação para saber se os militares descontentes são capazes de agir contra nós.

— Contra nós... Quer dizer: contra a sua filha e a escolta! Compreende que está dando a chance de utilizar a sua própria filha como isca?

— Ela nada arriscará Putuhepa; em caso de agressão, os melhores soldados hititas a protegerão e aniquilarão os rebeldes.

Daremos assim um golpe duplo: o de eliminar os restos da oposição militar a nossa política e o de selar a paz com Ramsés.

— A minha filha não deve correr qualquer perigo.

— A minha decisão está tomada: ela partirá amanhã. Somente quando atingir a fronteira da zona de influencia egípcia, depois de ter atravessado o Hatti, Ramsés será avisado da chegada de

sua futura mulher.

Como a jovem princesa parecia frágil no meio dos oficiais e dos soldados hititas de pesadas couraças e capacetes ameaçadores! Equipado com novas armas, e dotado de cavalos jovens e saudáveis, o destacamento de elite encarregado de escoltá-la dir-se-ia invencível.

O imperador Hattusil sabia que a filha corria riscos, mas a ocasião era demasiado tentadora. Não devia um chefe de Estado privilegiar o seu poder, as vezes mesmo em detrimento da própria família?

Em diversas carroças, encontravam-se o dote da princesa e as oferendas para Ramsés o Grande: ouro, prata, bronze, tecidos e jóias. E um presente ao qual o Faraó seria particularmente sensível: dez magníficos cavalos dos quais ele próprio cuidaria e que, alternando entre si, teriam a honra de puxar o seu carro.

O céu estava completamente limpo, e o calor, insuportável. Sob os mormaços de inverno, os soldados sufocavam e transpiravam.

Fevereiro assemelhava-se bruscamente a um mês de verão. Esta aberração não podia durar; sem dúvida, dentro de algumas horas a chuva cairia e encheria as cisternas.

A princesa ajoelhou-se diante do pai, que a ungiu com o óleo do noivado.

— O próprio Ramsés celebrará a união do matrimônio — anunciou o rei. — Boa viagem, futura rainha do Egito.

A caravana iniciou a sua marcha; a frente do carro onde se instalara a jovem, avançava outro veículo do mesmo tamanho, igualmente confortável.

Na parte de trás, sentada num trono de madeira leve, ia a imperatriz Putuhepa.

— Irei com a minha filha — disse ao imperador, ao passar diante dele — e a acompanharei até a fronteira.

Montanhas hostis, caminhos escarpados, desfiladeiros inquietantes, bosques densos onde o agressor podia ocultar-se... A imperatriz Putuhepa sentia medo do seu próprio país. É verdade que os soldados estavam em permanente alerta, e o seu número deveria desencorajar qualquer assaltante. Mas o Hatti fora durante muito tempo o teatro de lutas intensas e sangrentas; não tentaria Uri-techup em pessoa, ou algum dos seus sequazes, eliminar a princesa, símbolo da paz?

O mais penoso era a ausência de inverno. Preparados para aquele período, os organismos tinham que suportar o sol ardente e a seca, o que provocava uma fadiga fora do normal, tornando terrível a viagem.

Putuhepa notou que a vigilância da escolta enfraquecia e que a energia dos oficiais diminuía. Seriam capazes de enfrentar um ataque maciço?

A princesa continuava imperturbável, como se aquilo tudo não tivesse qualquer efeito sobre ela. Ativa, iluminava o caminho com a vontade feroz de atingir o seu objetivo.

Quando os pinheiros sussurravam, quando o fluxo de uma corrente se assemelha a corrida de homens armados, Putuhepa sobressaltava-se. Onde se ocultavam os sediciosos? Que estratégia teriam adotado? A imperatriz do Hatti acordava muitas vezes de noite, prestando ouvidos ao mínimo ruído suspeito, e passava o dia perscrutando os bosques, as encostas abruptas e as margens das ribeiras.

A princesa e a mãe não falavam uma com a outra. Encerrada no seu silêncio, a filha de Putuhepa recusava qualquer contato com a sua vida anterior; para ela, o Hatti estava morto, e o

futuro chamava-se Ramsés.

Sofrendo com o calor, sequiosa, esgotada, a caravana ultrapassou Kadesh e chegou ao posto fronteiro de Aya, na Síria do Sul. Ali se erguia uma fortaleza egípcia, na orla do território controlado pelo Faraó.

Os arqueiros tomaram posição nas ameias, e a grande porta fechou-se. A guarnição julgava que era um ataque. A princesa desceu do seu carro e saltou para um dos cavalos Destinados a Ramsés. Sob o olhar estupefato da mãe e do chefe do Destacamento hitita, galopou na direção da praça forte e se estacou ao pé das muralhas. Nenhum arqueiro egípcio ousara atirar.

— Sou a filha do imperador do Hatti e a futura rainha do Egito declarou. — Ramsés o Grande espera-me para celebrar o nosso matrimônio. Acolha-me bem; caso contrário, a cólera do Faraó o queimará como fogo.

O comandante da fortaleza apareceu.

— Há um exército com você.

— Não é um exército, é a minha escolta.

— Esses guerreiros hititas são ameaçadores.

— Está enganado, comandante; estou lhe dizendo a verdade.

— Não recebi qualquer ordem da capital.

— Avise imediatamente a Ramsés da minha presença.

Com a respiração curta, os olhos avermelhados e o peito preso, Ameni estava resfriado. As noites de fevereiro eram geladíssimas, e o fraco sol do dia não era suficiente para aquecer a atmosfera. O escriba particular de Ramsés havia encomendado uma grande quantidade de lenha, mas a entrega estava atrasada. De muito mau humor, preparava-se para descarregar a sua raiva sobre um dos seus subordinados, quando um mensageiro do exército depositou na sua mesa de trabalho uma mensagem proveniente da fortaleza de Aya, na Síria do Sul.

Em meio a uma série de espirros, Ameni decifrou o texto em código, jogou um cobertor de lã sobre a sua túnica de linho grosso, rodeou a garganta com um pano e, apesar dos brônquios em fogo, correu até o gabinete de Ramsés.

— Majestade... Uma notícia incrível! A filha de Hattusil chegou a Aya. O comandante da fortaleza aguarda as suas instruções.

Aquela hora tardia, o rei trabalhava a luz de lampiões a óleo cuja chama não fazia qualquer fumo. Colocados sobre altos suportes de madeira de sicônoro, espalhavam uma luz suave e bem distribuída.

— Com certeza deve ser um equívoco — considerou Ramsés.

— Hattusil teria me avisado sobre a partida da filha.

— O comandante da fortaleza tem a sua frente um exército hitita apresentando-se como... um cortejo nupcial!

Orei caminhou alguns passos no seu vasto gabinete aquecido por braseiros.

— É um ardil, Ameni; um ardil do imperador Hattusil para verificar a força do seu poder no interior do próprio Hatti. Temia que a caravana fosse atacada por militares revoltados.

— E como isca... a própria filha !

— Agora Hattusil deve estar mais tranqüilo. Que Merneptah parta imediatamente para a Síria com o corpo expedicionário previsto para proteger a princesa. Ordene ao comandante da fortaleza de Aya que abra as suas portas e acolha os hititas.

— E se...

— Vou correr o risco.

Tanto os hititas quanto os egípcios estavam espantados uns com os outros, mas depois se confraternizaram, fizeram a festa, beberam e comeram juntos como velhos companheiros de armas. Putuhepa podia regressar descansada para Hattusa, enquanto a filha, acompanhada de dignitários e de alguns soldados hititas, continuaria o seu caminho, para Pi-Ramsés sob a proteção de Merneptah.

Na manhã seguinte, seria a se~ definitiva; com os olhos embaçados de lágrimas, a imperatriz olhou a filha, bela e conquistadora.

— Não sente saudade nenhuma? — perguntou Putuhepa.

— Nunca fui tão feliz!

— Nunca mais voltaremos a nos ver.

— É a lei da vida, mãe. A cada um o seu destino... E o meu , fabuloso!

— Seja feliz, minha filha.

— Já sou!

Magoada, Putuhepa nem sequer beijou a filha. Acabava de romper-se o último laço.

— É completamente anormal — constatou o comandante da fortaleza de Aya, um militar de carreira de rosto quadrado e voz áspera. — Nesta estação, as montanhas deveriam estar cobertas de neve e deveria chover todos os dias. Se este calor continuar, vamos ter falta de água nas cisternas.

— Viemos em marcha forçada — afirmou Merneptah — e estou com vários doentes para tratar. Ao longo do caminho, ha muitas nascentes e poços secos. Receio arrastar a princesa para uma aventura arriscada.

— Completamente anormal — repetiu o comandante. — Só uma divindade pode provocar está perturbação.

Merneptah receava ouvir aquela opinião.

— Acho que você tem razão. Há alguma estatua protetora nesta fortaleza ?

— Sim, mas só serve para afastar os maus espíritos dos arredores; não tem poder suficiente para modificar o clima. Seria necessário invocar uma divindade cuja energia fosse comparável a do céu.

— Possui reservas de água suficientes para a nossa viagem de regresso?

— Infelizmente, não. Deverá permanecer aqui e esperar pela chuva ?

— Se este falso verão durar, não haver água suficiente para os egípcios e os hititas.

— Estamos no inverno, e esta seca em breve irá acabar.

— Você deve ter notado, comandante, que ela não é natural.

Partir foi arriscado, mas ficar não será menos.

O oficial franziu a testa.

— Mas... o que pretende fazer?

— Informar a Ramsés. Só ele saberá o que fazer.

Kha desenrolou sobre a mesa de trabalho de Ramsés três longos papiros que havia descoberto nos arquivos da Casa da Vida de Hermópolis.

Os textos são formais, Majestade; apenas um deus reina sobre o clima da Ásia: Seth. Mas nenhum colégio de magos é qualificado para entrar diretamente em contato com ele. E a você e só a você que compete dialogar com Seth para que ele volte a colocar as estações em seu lugar certo. Entretanto...

— Fale, meu filho.

— Entretanto, sou contrário a essa tarefa. A força de Seth é perigosa e incontrolável.

— Receia a minha própria fraqueza?

— Você é o filho de Seth, mas alterar o clima exige manejar o relâmpago, o raio e a tempestade... Ora, Seth é imprevisível. E o Egito precisa de você. Enviemos a Síria várias estatuas divinas e uma caravana de reabastecimento.

— Crê que Seth as deixará passar?

Kha baixou a cabeça.

— Não, Majestade.

— Não me deixa então outra alternativa. Ou travo o combate que ele me propõe, ou Merneptah, a princesa hitita e todos os seus companheiros morrerão de sede.

O filho mais velho de Ramsés não tinha qualquer argumento para se opor ao pai.

— Se eu não regressar do templo de Setha — disse o Faraó a Kha —, seja o meu sucessor e consagre a sua vida ao Egito.

A princesa hitita, instalada nos aposentos do comandante da fortaleza, exigiu falar com Merneptah. Este último achou-a agitada e autoritária, mas comportou-se com o respeito digno de uma grande dama.

— Por que não partimos imediatamente para o Egito?

— Porque é impossível, princesa.

— O tempo está magnífico.

— É a seca na estação das chuvas, e a água fica escassa.

— De qualquer maneira, é melhor irmos, pois não vamos criar raízes nesta horrível fortaleza!

— O céu não nos é favorável; é uma vontade divina que está nos prendendo aqui.

— Os seus magos estão despreparados?

— Apelei para o maior de todos: Ramsés em pessoa.

A princesa sorriu.

— Você é um homem inteligente, Merneptah; falarei de você ao meu esposo.

— Esperemos, princesa, que o céu ouça as nossas preces.

— Não duvide ! Não vim até aqui para morrer de sede. O céu e a terra não se encontram nas mãos do Faraó?

Nem Setaou nem Ameni conseguiram mudar a decisão do soberano. Durante o jantar, Ramsés comera um pedaço de carne cortado do pernil de um boi, animal que encarnava a potência de Seth, e bebera vinho forte dos oasis colocado sob a proteção do próprio deus. Depois de ter purificado a boca com sal — a exaltação de Seth, portadora do fogo terrestre indispensável a conservação dos alimentos — recolhera-se perante a estátua do pai; ele, que tinha ousado, através do seu nome, proclamar-se o representante terrestre do senhor da tempestade.

Sem o auxílio de Sethi, Ramsés não tinha qualquer chance de convencer Seth. Um só erro, um gesto ritualístico pouco exato, um desvio de pensamento, e o raio atacaria. Em face da força no Estado bruto, restava uma única arma: a retidão. A retidão que Sethi ensinara a Ramsés ao iniciá-lo nas funções de Faraó.

No meio da noite, o rei entrou no templo de Sethi, construído no lugar de Avaris, a capital odiada do invasor hitita. Um local consagrado ao silêncio e a solidão, um local onde apenas o Faraó podia penetrar sem receio de ser aniquilado.

Diante do deus Sethi, era preciso vencer o medo e depois lançar um olhar de fogo sobre o mundo, conhecê-lo na sua violência e convulsões, tornar-se a força na sua origem, no coração do cosmos, onde a inteligência humana não penetrava.

Sobre o altar, Ramsés depositou uma taça de vinho e um órix em miniatura feito de acácia. Capaz de resistir ao calor excessivo do deserto e de sobreviver naquele meio hostil, o órix era habitado pela chama de Sethi.

— O céu está em suas mãos — disse o rei ao deus — e a terra sob os seus pés. O que você ordena se realiza. Provocou calor e seca, devolve-nos a chuva do inverno.

A estátua de Sethi não reagiu, e os seus olhos permaneceram frios.

— Sou eu, Ramsés, filho de Sethi, quem lhe fala. Nenhum deus tem o direito de perturbar a ordem do mundo e o curso das estações; todas as divindades devem submeter-se a regra. E você, tal como as outras.

Os olhos da estátua ficaram vermelhos, e um repentino calor invadiu o santuário.

— Não dirija a sua potência contra o Faraó; nele estão reunidos Hórus e Sethi. Você está em mim e utilizo a sua força para combater as trevas e afastar a desordem. Obedeça-me, Sethi, faça chover nos países do Norte!

O céu foi riscado por relâmpagos, e a tempestade abateu-se sobre Pi-Ramsés.

Iniciava-se, naquele momento, uma noite de luta.

A princesa enfrentou Merneptah.

— Está espera é insuportável! Leve-me imediatamente para o Egito !

— Tenho ordens para garantir a sua segurança; enquanto durar está seca anormal, seria imprudente seguirmos caminho.

— Por que o Faraó não intervém?

Uma gota de água caiu no ombro esquerdo da princesa, e uma segunda veio desfazer-se sobre a sua mão direita. Tanto ela como Merneptah ergueram ao mesmo tempo os olhos para o céu, que havia escurecido e começava a carregar-se de nuvens negras. Um relâmpago atravessou as nuvens, seguido pelo ruído do trovão, e uma chuva torrencial desabou. Em poucos instantes, a temperatura baixou.

O inverno frio e chuvoso, de acordo com a lei das estações, expulsara o verão e a seca.

— Eis a resposta de Ramsés — disse Merneptah.

A princesa hitita inclinou a cabeça para trás, abriu a boca e bebeu avidamente a água do céu.

— Partamos, partamos depressa!

Ameni andava de um lado para o outro em frente da porta do quarto de Ramsés. Sentado, com os braços cruzados, rosto carrancudo, Setaou olhava fixamente para a frente. Kha lia um papiro mágico cujas fórmulas ele salmodiava interiormente. Aquela era a décima vez, pelo menos, que Serramanna limpava a sua espada curta com um pano embebido em óleo de linhaça.

— A que horas o Faraó saiu do templo de Seth? — perguntou o sardo.

— De madrugada — respondeu Ameni.

— Falou com Alguém?

— Não, não pronunciou uma única palavra — declarou Kha.

Fechou-se no quarto, chamei a médica chefe do reino e ele concordou em recebê-la.

— Ela o está examinando há mais de uma hora! — protestou Setaou.

— Visíveis ou não, as queimaduras de Seth são terríveis — afirmou o grande sacerdote. — Confiemos na ciência de Neferet.

— Dei-lhe vários remédios para a saúde do coração — lembrou Setaou.

A porta abriu-se finalmente.

Os quatro homens rodearam Neferet.

— Ramsés está fora de perigo — afirmou a médica chefe do reino. — Um dia de repouso, e o rei retomará o curso normal de suas atividades. Agasalhe-se bem: o tempo vai tornar-se frio e úmido.

A chuva estava começando a cair em Pi-Ramsés.

Unidos como irmãos sob o comando de Merneptah, egípcios e hititas atravessaram Canaã, enveredaram pela rota costeira dominada pelo Sinai e entraram no Delta. Cada parada nos fortins era uma festa.

Durante a viagem, vários soldados trocaram as armas por trombetas, flautas e tamborins.

A princesa hitita devorou com os olhos as paisagens verdejantes, maravilhou-se diante dos palmares, dos campos férteis, dos canais de irrigação, das florestas de papiros. O mundo que descobria não se assemelhava em nada ao rude planalto anatólio da sua juventude.

Quando o cortejo avistou a cidade de Pi-Ramsés, as ruas já estavam apinhadas de gente; Ninguém conseguiria dizer como se espalhara a informação, mas todos sabiam que a filha do imperador do Hatti em breve ia fazer a sua entrada na capital de Ramsés o Grande. Os ricos misturavam-se com os humildes, os notáveis andavam lado a lado com os trabalhadores, a alegria dilatava os corações.

— Extraordinário — comentou Uri-Techup, na primeira fila de espectadores, em companhia da esposa. — Este Faraó conseguiu o impossível.

— Fez chover depois de ter dominado o deus Sethi — comentou a dama Tanit, igualmente deslumbrada. — Os seus poderes são infinitos.

— Ramsés é a água e o ar para o seu povo — acrescentou um talhador de pedra. — O seu amor é semelhante ao pão que comemos e aos tecidos de que nos vestimos. É o pai e a mãe de todo o país!

— O seu olhar sonda os espíritos e investiga as almas acentuou uma sacerdotisa da deusa Hathaor.

Uri-Techup estava vencido. Como lutar contra um Faraó que possuía dentro de si uma força sobrenatural? Ramsés comandava os elementos, modificava o tempo na própria Ásia, reinava sobre uma corte de gênios capazes de vencer qualquer exército! E, tal como o hitita pressentira, nada pudera opor-se ao trajeto perfeito da viagem da filha do imperador. Qualquer ataque a caravana seria levado ao fracasso.

O antigo general-chefe dos guerreiros da Anatólia pôs fim aqueles pensamentos. Não ia, também ele, sucumbir a magia de Ramsés!

O seu objetivo, o seu único objetivo, era destruir aquele homem que arruinara a sua carreira e reduzira o seu orgulhoso Hatti a condição de escravo. Fossem quais fossem os seus poderes, aquele Faraó não era um deus e sim um humano, com as suas fraquezas e insuficiências.

Embriagado pelas suas vitórias e popularidade, Ramsés acabaria por perder a lucidez, o tempo seria seu próprio adversário.

E não podia esquecer que era uma princesa hitita que ia casar com ele! Corria em suas veias o sangue de uma nação indomável e vida de desforra. julgando selar a paz com aquela união, Ramsés talvez se enganasse profundamente.

— Ei-la! — gritou a dama Tanit, grito que foi repetido por milhares de peitos eufóricos.

No interior de seu carro, a princesa acabava de se maquiar.

Pintou as pálpebras com tinta verde a base de silicato de cobre hidratado e traçou uma oval negra em redor dos olhos, aplicando com um pauzinho uma outra tinta composta por sulfureto de chumbo, prata e carvão vegetal. Contemplou a sua obra no espelho e ficou satisfeita. A mão não tremera.

Auxiliada por Merneptah, a jovem hitita desceu do carro.

A sua beleza espantou a multidão. Envergando um longo vestido verde que valorizava a sua pele de nácar, a princesa tinha o porte de uma rainha.

De repente, todas as cabeças se voltaram para a avenida principal da cidade, de onde subia

um ruído característico, formado pelo galope de cavalos e pela fricção das rodas de um carro.

Ramsés o Grande vinha ao encontro de sua futura esposa.

Os dois cavalos, jovens e fogosos, eram descendentes do casal que, juntamente com o leão Matador, tinham sido os únicos aliados do Faraó em Kadesh, quando os soldados o haviam abandonado na ocasião do avanço hitita. Os dois soberbos corcéis estavam enfeitados com um penacho de plumas vermelhas de extremidade azul; sobre o dorso traziam uma cobertura de algodão vermelho, azul e verde. As rédeas estavam presas ao cinto do monarca, que segurava na mão direita o cetro de iluminação.

Chapeado a ouro, o carro avançava em boa velocidade, sem causar qualquer choque. Ramsés comandava os cavalos com seu tom normal de voz, sem ter necessidade de aumentá-lo. Trazendo na cabeça a coroa azul, que recordava a origem celeste da monarquia faraônica, o soberano parecia inteiramente vestido de ouro.

Sim, era o sol que acompanhava a corrida do monarca, iluminando os súditos com os seus raios. Quando o carro parou a alguns metros da princesa hitita, as nuvens escuras abriram-se como por encanto, e o sol reinou como senhor absoluto num céu que se tornara azul. Não era Ramsés, o Filho da Luz, o autor daquele novo milagre?

A jovem permaneceu de olhos baixos. Orei verificou que ela tomara o partido da simplicidade. Um discreto colar de prata, pequenas pulseiras do mesmo metal, um vestido discreto... A ausência e artificios punha em destaque o seu corpo soberbo.

Kha aproximou-se de Ramsés e lhe entregou um vaso de faiança.

Ramsés ungiu a fronte da princesa com o precioso óleo.

— Eis a unção do matrimônio — declarou o Faraó. — Ela faz de você a grande esposa real do senhor das Duas Terras. Que as forças do mal se afastem de você. Está nascendo neste dia para a sua função, segundo a regra de Matt, e ganhará o nome de "A que vê Hórus e a perfeição da luz divina". * Olhe para mim, Mat-Hor, minha esposa.

Ramsés estendeu os braços para a jovem que, muito lentamente, colocou as suas mãos nas do Faraó. Ela, que nunca conhecera o medo, estava atterrada. Depois de ter esperado tanto por aquele momento, durante o qual faria uso das suas mil e uma seduções, temia desmaiar como uma garota assustada. Desprendia-se de Ramsés um tal magnetismo, que teve a impressão de tocar na carne de um deus e mergulhar num outro mundo onde não possuía qualquer ponto de referência. Seduzi-lo... A jovem avaliava agora a presunção dos seus vaticínios, mas era tarde demais para recuar, embora sentisse vontade de fugir e de voltar para o Hatti, longe, para bem longe de Ramsés.

Com as mãos presas nas do rei, ousou erguer os olhos e fitá-lo.

Aos cinquenta e seis anos, Ramsés era um homem magnífico, de um porte inigualável. Testa ampla e descoberta, arcadas superciliares salientes, sobranceiras grossas, olhos penetrantes, maçãs do rosto salientes, nariz longo, fino e meio aquilino, orelhas redondas e firmemente desenhadas, tronco largo, era a verdadeira união sonhada da força com a delicadeza.

Mat-Hor, a hitita que se tornara egípcia, ficou imediatamente apaixonada por ele, com a violência típica das mulheres do seu sangue.

Ramsés convidou-a a subir para o seu carro.

— Neste trigésimo quarto ano do meu reinado, a paz com o Hatti fica proclamada para sempre — declarou o Faraó, cuja voz sonora subiu até o céu. — Serão colocadas em Karnak, Pi-

Ramsés, Elefântina, Abu-Simbel e em todos os santuários da Núbia estrelas consagradas ao nosso casamento. Serão celebradas festas em todas as cidades e aldeias, e será bebido vinho oferecido pelo palácio. A partir de Hoje, as fronteiras entre o Egito e o Hatti estão abertas; que circulem livremente as pessoas e os bens no interior de um vasto espaço de onde a guerra e o ódio estarão ausentes.

Um formidável clamor saudou a declaração de Ramsés.

Involuntariamente dominado pela emoção, Uri-Techup juntou a sua voz a da multidão.

Quando a extremidade superior do mastro duplo e chegando até a borda, a vela de linho retangular estava inflada pelo vento do norte, e o barco real subia, a toda velocidade, a corrente em direção a Tebas, na proa, o capitão sondava muitas vezes o Nilo, com o auxílio de uma comprida vara; conhecia tão bem a corrente e a localização dos bancos de areia que nenhuma falsa manobra comprometeria a viagem de Ramsés e Mat-Hor. O próprio Faraó içara a vela, enquanto a sua jovem esposa repousava numa cabine ornamentada com flores, e o cozinheiro depenava um pato que prepararia para o jantar. Três timoneiros seguravam o remo-leme com dois olhos mágicos indicadores da via certa, um marinheiro retirava água do rio e, segurando-se apenas com uma das mãos, um grumete ágil como um macaco subiu ao topo do mastro principal para ver ao longe e prevenir o capitão para a presença inesperada de um bando de hipopótamos.

A tripulação bebera, com de leite, um vinho excepcional da grande vinha de Pi-Ramsés, datado do ano vinte e dois do seu reinado, ano memorável no qual fora assinado o tratado de paz com o Hatti.

De qualidade incomparável, o vinho havia sido conservado em jarros de terracota begerosado, de forma cônica, com bico direito fechado por uma rolha de argila e palha. Dos lados, flores de lótus e uma representação de Íbis, o senhor da iniciação nos grandes mistérios, personagem atarracado, de tronco largo e pernas curtas, que esticava uma língua vermelha para exprimir o poder supremo do Verbo.

Quando Ramsés voltou a cabine central depois de ter saboreado o ar vivificante que corria sobre o rio, Mat-Hor estava acordada.

Perfumada com jasmim, os seios nus e usando um vestido muito curto, era a própria imagem da sedução.

— O Faraó é o senhor do esplendor — disse ela com voz doce a estrela cadente seguida de rastros de fogo, o touro indomável de chifres acerados, o crocodilo no meio das águas do qual ninguém pode se aproximar, o falcão que se apodera da sua presa, o grifo divino que ninguém pode vencer, a tempestade que se desencadeia, a chama que penetra as trevas espessas.

— Conhece bem os nossos textos tradicionais, Mat-Hor.

— A literatura egípcia foi uma das disciplinas que estudei. Tudo o que há escrito a respeito do Faraó me apaixona; pois não é o homem mais poderoso do mundo?

— Deve então saber que o Faraó detesta a lisonja.

— Sou sincera; não existe maior felicidade do que este momento. Sonhei com você, Ramsés, enquanto meu pai o combatia. Estava convencida de que apenas o sol do Egito me daria vida. Hoje sei que estava com a razão — A jovem aninhou-se na perna direita de Ramsés, apertando-a ternamente.

— Ser-me-á interdito amar o senhor das Duas Terras?

O amor de uma mulher... Há muito tempo que Ramsés não pensava nisso. Nefertari fora o amor, Iset a Bela a paixão, e essas felicidades pertenciam ao passado. Aquela jovem hitita despertava nele o desejo que julgava extinto. Sabiamente perfumada, oferecendo-se sem exagero, sabia tornar-se atraente sem perder sua nobreza.

Ramsés sentiu-se perturbado com sua beleza selvagem e o encanto dos seus amendoados

olhos negros.

— Você é muito nova, Mat-Hor.

— Sou uma mulher, Majestade, e também a sua esposa. Não terei o dever de conquistá-lo?

— Venha a até a proa e descubra o Egito; é dele que eu sou esposo.

Orei cobriu com uma capa os ombros de Mat-Hor e levou-a até a proa do barco. Indicou-lhe o nome das províncias, das cidades e das aldeias, descreveu as suas riquezas, pormenorizou os sistemas de irrigação, evocou os costumes e as festas.

E chegaram a Tebas.

Na margem do Oriente, os olhos deslumbrados de Mat-Hor contemplaram o imenso templo de Karnak e o santuário do ka dos deuses — o luminoso Luxor. Na margem do Ocidente, dominada pelo Cume onde residia a deusa do silêncio, a hitita ficou muda de admiração diante do Ramesseum, o templo de milhões de anos de Ramsés, e do colosso gigantesco que encarnava na pedra o ka do rei, assimilado a uma potência divina.

Mat-Hor constatou que um dos nomes do Faraó, "o que se assemelha a abelha", estava plenamente justificado, porque o Egito era realmente uma colméia onde a ociosidade não existia. Cada um tinha uma função a desempenhar, respeitando uma hierarquia de deveres. No próprio templo, a atividade era incessante: perto do santuário afadigavam-se os grupos de profissões, enquanto no interior os iniciados celebravam os rituais. Durante a noite, os observadores do firmamento faziam os seus cálculos astronômicos.

Ramsés não concedeu qualquer tempo de adaptação a nova grande esposa real. Instalada no palácio do Ramesseum, teve de submeter-se as exigências do seu cargo e aprender a sua função de rainha. Ficou assim sabendo que era indispensável obedecer para conquistar Ramsés.

O carro real deteve-se em frente da entrada da aldeia de Deirel-Medinefi, vigiada pela guarda do Faraó e pelo exército. Seguia-o uma caravana que trazia aos artesãos, encarregados de escavar e decorar os túmulos dos Vales dos Reis e das Rainhas, os alimentos habituais: pães, sacos de feijão, legumes frescos, peixe de primeira qualidade e blocos de carnes seca e marinada. A administração fornecia igualmente sandálias, peças de tecido e ungüentos.

Mat-Hor apoiou-se no braço de Ramsés para descer do carro.

— O que viemos fazer aqui?

— Para você, o essencial.

Sob as aclamações dos artesãos e das famílias, o casal real dirigiu-se para a casa branca de dois andares do chefe da comunidade, um quinquagenário cujo gênio de escultor causava a admiração de todos.

— Como posso agradecer a Vossa Majestade a sua generosidade? — perguntou este, inclinando-se.

— Conheço o valor da sua mão; sei que você e os seus irmãos ignoram a fadiga. Sou seu protetor e enriquecerei a sua comunidade para que as suas obras sejam imortais.

— Ordene, Majestade, e nós agiremos.

— Venha comigo. Vou lhe mostrar a localização de dois canteiros de obras que você deve abrir imediatamente.

Quando o carro real enveredou pelo caminho que conduzia ao Vale dos Reis, Mat-Hor sentiu-

se dominada pela angústia. A visão dos rochedos queimados de sol, de onde toda a vida parecia ausente, apertou-lhe o coração. Arrancada ao luxo e ao conforto do palácio, sofria o choque da pedra e do deserto.

No limiar do Vale dos Reis, guardado dia e noite, cerca de sessenta dignitários de diferentes idades esperavam Ramsés. Com a cabeça raspada, o peito coberto por um largo colar, e com um saiote comprido e plissado, seguravam uma haste de sicônoro encimada por uma pluma de avestruz.

— São os meus "filhos reais" — explicou Ramsés.

Os dignitários elevaram as hastes, formaram uma ala de honra, e depois seguiram o monarca em procissão.

Ramsés parou não muito longe da entrada do seu próprio túmulo.

— Aqui — ordenou o monarca ao chefe da comunidade de deirel-medinefi — você escavar um imenso túmulo,* com salas de colunas e tantas câmaras funerárias quantos os "filhos reais". Em companhia de Osíris, eu os protegerei para todo o sempre.

Ramsés entregou ao mestres-de-obras o plano que ele próprio traçara em papiro.

— Eis a morada da eternidade da grande esposa real Mat-Hor; você escavar á este túmulo no Vale das Rainhas, a boa distância do de Iset a Bela e bem longe do de Nefertari.

A jovem hitita empalideceu.

* Este túmulo do Vale dos Reis, que tem o número 5, foi descoberto em 1820 por James Burton. As escavações foram recentemente retomadas por uma equipe norte-americana, espantada pela enormidade do monumento. Trata-se do maior túmulo egípcio conhecido.

— O meu túmulo, mas...

— Está é a nossa tradição — afirmou Ramsés. — Quando Alguém é encarregado de pesados deveres, deve pensar no Além. A morte é a nossa melhor conselheira, porque situa as nossas ações no seu lugar exato e permite distinguir o essencial do secundário.

— Mas não quero afogar-me em tristes pensamentos!

— Deixou de ser uma mulher como as outras, Mat-Hor, já não é uma princesa hitita unicamente preocupada com o seu prazer: você é agora a rainha do Egito. Portanto, apenas conte com o seu dever; para o compreender, você tem de encontrar a sua própria morte.

— Recuso-me a isso!

O olhar de Ramsés fez Mat-Hor lamentar imediatamente ter pronunciado tais palavras. A hitita, arrependida, caiu de joelhos.

— Perdoe-me, Majestade.

— Levante-se, Mat-Hor; você não é minha serva, mas sim de Matt, a Regra do universo que criou o Egito e o faraó sobreviverá. Agora, dirijamo-nos para o seu destino.

Orgulhosa, apesar do seu medo, mas conseguindo conter a angústia, a jovem hitita descobriu o Vale das Rainhas que, apesar do seu caráter desértico, lhe pareceu menos austero do que o dos Reis.

Como o local não ficava fechado no centro de elevados penhascos, mas aberto para o mundo dos vivos que ela sentia muito próximo, Mat-Hor concentrou-se na pureza do céu e recordou a beleza das paisagens do verdadeiro vale, o do Nilo, onde tencionava viver numerosas horas de alegria e prazer.

Ramsés pensava em Nefertari, que ali repousava, na sala de ouro de uma magnífica morada de eternidade, onde ressuscitava a cada instante sob a forma de um fênix, de um raio de luz ou de um sopro de vento elevando-se até os limites do mundo. Nefertari, que vagueava em uma barca sobre o fluido celeste, no centro da luz.

Mat-Hor permaneceu silenciosa, não se atrevendo a interromper a meditação do rei. Apesar da gravidade do lugar e do momento, sentiu-se perturbada no mais profundo do seu ser pela imponência e força do soberano egípcio. Fosse quais fossem as provas a ultrapassar, a hitita atingiria o seu objetivo: seduzir Ramsés.

A paciência de Serramanna estava no limite. Já que a astúcia e a suavidade não davam qualquer resultado, o gigante sardo decidira voltar a um método mais direto. Depois de ter saboreado uma costeleta de vaca com grão-de-bico, dirigiu-se a cavalo a oficina de Techaonq.

Dessa vez o líbio diria tudo o que sabia, principalmente o nome do assassino de Achaá.

Quando apeou, Serramanna ficou surpreendido com uma aglomeração em frente a oficina do tanoeiro. Mulheres, crianças, velhos e operários falavam sem parar.

— Afastem-se ! — ordenou o sardo. — Deixem-me passar.

O gigante não precisou repetir a ordem; todos se calaram.

De dentro da casa saíra um cheiro insuportável; Serramanna, que adquirira o hábito de se perfumar a egípcia, hesitou em entrar, mas a visão da equipe de curtidores amontoados junto das peles de antílopes salgadas incitou-o penetrar naquele lugar nauseabundo.

Afastou rosários de vagens de acácia, ricas em ácido técnico, passou ao lado de uma tina de terra ocre e pôs as enormes mãos nos ombros de dois aprendizes.

— O que está acontecendo?

Os aprendizes afastaram-se. Serramanna viu, então, o cadáver de Techaonq com a cabeça mergulhada numa pia cheia de urina e excrementos.

— Um acidente, um terrível acidente — explicou o chefe de oficina, um líbio corpulento.

— Como aconteceu?

— Ninguém sabe... O patrão vinha trabalhar cedo e, quando chegamos, o encontramos assim.

— Não ha testemunhas?

— Nenhuma.

— Isso me espanta muito... Techaonq era um técnico experiente. Não era do tipo que morresse tão estupidamente. Não, o que aconteceu aqui refere-se a um crime, e um de vocês sabe de alguma coisa.

— Está enganado — protestou frouxamente o chefe da oficina.

— Eu mesmo vou verificar isso — prometeu Serramanna com ar feroz. O que eu preciso é de um bom interrogatório.

O mais novo dos aprendizes esgueirou-se como uma enguia e saiu da oficina, afastando-se a toda velocidade. O sardo, que apesar da boa vida não havia perdido os reflexos, lançou-se em sua perseguição.

As ruelas do bairro operário não tinham segredos para o rapaz, mas a força física do chefe da guarda pessoal de Ramsés permitiu-lhe não perdê-lo de vista. Quando o aprendiz estava tentando escalar um muro, a pesada mão de Serramanna fechou-se sobre o seu saíote.

Atirado ao ar, o fugitivo gritou e caiu pesadamente no chão.

— Ai, os meus rins... Arrebentei os rins!

— Vai tratar deles quando me disser a verdade. Não demore, patife, ou lhe estourarei os pulsos também.

Aterrorizado, o aprendiz falou de forma entrecortada.

— Foi um lião que matou o patrão... Um homem de olhos negros, rosto quadrado e cabelos ondulados... Chamou Techaonq de traidor... O patrão protestou, jurou que não lhe tinha dito nada...Mas o outro não acreditou... Estrangulou-o e mergulhou a cabeça dele na pia de excrementos... Depois, voltou-se para nós e nos ameaçou: "Tão certo como eu me chamo Malfi e serei o senhor da Líbia que os matarei se falarem alguma coisa a guarda egípcia..." E agora que lhe contei tudo, estou morto !

— Não diga besteira, rapaz; você não colocará mais os pés nessa sua oficina e irá trabalhar na propriedade do administrador do palácio.

— Você... não vai me mandar para a prisão?

— Gosto dos rapazes corajosos. Vamos, fique de pé.

Tentando acompanhar o melhor que podia, o aprendiz conseguiu seguir o gigante, que parecia muito contrariado. Ao contrário do que havia esperado, não fora Uri-Techup que matara Techaonq.

Uri-Techup, o hitita traidor associado a Malfi, um líbio assassino, inimigo hereditário do Egito... Eis o que se tramava na sombra!

Agora era preciso convencer Ramsés do problema.

Setaou lavava as taças de cobre, os frascos e os filtros de diversos tamanho, enquanto Lótus limpava as prateleiras do laboratório. Depois, o encantador de serpentes tirou a sua pele de antílope, mergulhou-a na água e torceu-a para extrair as soluções medicinais de que estava saturada. Competia a Lótus transformar novamente a túnica numa verdadeira farmácia ambulante, graças aos tesouros oferecidos pela cobra negra, a víbora sopradora, a víbora de chifres, ou por suas semelhantes. A bela núbia debruçou-se sobre o líquido castanho e viscoso; diluído, seria um remédio eficaz para as perturbações da circulação sanguínea e as fraquezas do coração.

Quando Ramsés entrou no laboratório, Lótus inclinou-se, mas, Setaou continuou o seu trabalho.

— Está de mau humor — constatou o rei.

— É verdade.

— Desaprova o meu casamento com a princesa hitita.

— Mais uma vez é verdade.

— Por que?

— Vai lhe trazer infelicidade.

— Não está exagerando, Setaou?

— Lótus e eu conhecemos bem as serpentes; para descobrir a vida no coração do seu veneno, é preciso ser um especialista. E essa víbora hitita é capaz de atacar de uma forma que nem mesmo o melhor especialista poderá prever.

— Graças a você, não estou imunizado contra as víboras?

Setaou resmungou. De fato, desde a sua adolescência e durante muitos anos, fizera Ramsés absorver uma poção que continha minúsculas doses de veneno para lhe permitir sobreviver a qualquer tipo de mordedura.

— Tem demasiada confiança no seu poder, Majestade... Lótus acredita que você é quase imortal, mas eu estou convencido de que essa hitita vai prejudicá-lo.

— Diz-se que ela está muito apaixonada — sussurrou a núbia.

— Ai é que reina o perigo! — exclamou o encantador de serpentes. — Quando o amor se transforma em ódio, é uma arma terrível. É evidente que essa mulher tentará vingar os seus! Não dispõe de um campo de batalha inesperado, que é o palácio real? Claro que Ramsés não me dará ouvidos.

O Faraó voltou-se para Lótus.

— Qual é a sua opinião?

— Mat-Hor é bela, inteligente, astuta, ambiciosa e... hitita.

— Não esquecerei — prometeu Ramsés.

O rei leu com atenção o relatório que Ameni lhe entregara. Com a pele macilenta e o cabelo cada vez mais ralo, o secretário particular do monarca anotara com mão firme e precisa as declarações inflamadas de Serramanna.

— Uri-Techup é o assassino de Achaa, e Malfi, o líbio é seu cúmplice... Mas não temos qualquer prova.

— Nenhum tribunal os condenará — reconheceu Ameni.

— Esse Malfi !... Já ouviu falar dele?

— Consultei os arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e as notas de Achaa, e interroguei os especialistas da Líbia. Malfi, é o chefe de uma tribo guerreira, particularmente vingativa com relação a nós.

— Um simples bando de loucos ou um perigo real?

Ameni refletiu durante alguns instantes.

— Gostaria de lhe dar uma resposta que o sossegasse, mas ha um rumor de que Malfi conseguiu chefear vários ataques.

— Rumor ou certeza?

— A guarda do deserto não conseguiu detectar a localização do seu acampamento.

— No entanto, esse Malfi, entrou no Egito, assassinou um de seus compatriotas em sua oficina e partiu impune!

Ameni receava sofrer a cólera de Ramsés, tanto mais violenta quanto rara.

— Ignorávamos a sua capacidade de fazer o mal — precisou o escriba.

— Se já não sabemos detectar o mal, como poderemos governar o país?

Ramsés levantou-se e andou até a grande janela do seu gabinete, de onde contemplava o sol de frente sem queimar os olhos. O sol, o seu astro protetor, dava-lhe, todos os dias, a energia para cumprir a sua tarefa, fossem quais fossem as dificuldades.

— Não devemos negligenciar Malfi — declarou o rei.

— Os líbios são incapazes de nos atacar !

— Um punhado de demônios pode espalhar a infelicidade, Ameni. Esse líbio vive no deserto, onde cata as forças destruidoras e sonha utiliza-las contra nós. Não se trata de uma guerra como

a que travamos contra os hititas, mas outra espécie de luta, mais dissimulada, porém não menos violenta. Sinto o ódio de Malfi. Cresce, aproxima-se...

Outrora, era Nefertari quem exercia os seus dons de vidência para orientar a ação do rei; desde que brilhava no céu, entre as estrelas, Ramsés tinha a sensação de que o espírito dela vivia nele e que continuava a guiá-lo.

— Serramanna fará uma investigação profunda – prometeu Ameni.

— Tem mais preocupações, meu amigo?

— Uma pequena centena de problemas, como todos os dias, e todos muito urgentes.

— Suponho ser inútil pedir-lhe que repouse um pouco.

— No dia em que não houver mais nenhum problema para resolver, fique certo de que repousarei.

Com cinza e natrão misturados com carbonato e bicarbonato de sódio, a mais hábil das massagistas do palácio esfregou a pele de Mat-Hor para livrá-la das impurezas. Depois, ensabouu a jovem hitita com sabão a base de casca e miolo de balanita, árvore rica em saponina, pedindo-lhe em seguida para se estender sobre as lajes quentes para friccioná-la. A pomada aromática suavizava as dores, suprimia as tensões e perfumava o corpo.

Mat-Hor sentia-se no paraíso. Nunca na corte de seu pai, o imperador do Hatti, alguém se ocupara dela com tanto cuidado e competência. Maquiadoras, manicuras e pedicures praticavam a sua arte com perfeição, e a nova rainha do Egito sentia-se a cada dia mais bela.

Não era uma condição indispensável para conquistar o coração de Ramsés? Radiante de juventude e felicidade, Mat-Hor sentia-se irresistível.

— Agora — decidiu a massagista — a pomada anti-rugas.

A hitita enfureceu-se.

— Na minha idade? Você está louca !

— É na sua idade que é preciso começar a lutar contra o envelhecimento e não quando já é muito tarde.

— Mas...

— Tenha confiança, Majestade; na minha concepção, a beleza de uma rainha do Egito é assunto de Estado.

Vencida, Mat-Hor abandonou o rosto as mãos da massagista, que espalhou sobre ele uma dispendiosa pomada feita com mel, natrão vermelho, pó de alabastro, grãos de alforva e leite de jumenta.

A primeira sensação de frescor sucedeu um suave calor que expulsava para longe a fealdade e a velhice.

Mat-Hor ia de banquetes para recepções, era recebida na casa dos nobres e dos ricos, visitava os haréns onde eram ensinadas tecelagem, música e poesia, e iniciava-se todos os dias, com voluptuosidade, na arte de viver egípcia.

Tudo era ainda mais belo do que nos seus sonhos. Já não pensava em Hattusa, a sombria e cinzenta capital da sua infância, sempre dedicada a afirmar-se como potência militar. Ali, em Pi-Ramsés, não havia altas muralhas, mas sim jardins, lagos e moradias ornamentadas com mosaicos envernizados, que faziam da capital de Ramsés a cidade de turquesa, onde a alegria de viver se misturava com o canto dos pássaros.

A princesa hitita sonhara com o Egito, e o Egito lhe pertencia ! Era a sua rainha, e respeitada por todos.

Mas será que reinava verdadeiramente? Sabia que Nefertari havia trabalhado dia após dia ao lado de Ramsés, tomara realmente parte na condução dos assuntos de Estado e fora mesmo a principal mentora do tratado de paz estabelecido com os hititas.

Ela, Mat-Hor, aturdiu-se com luxos e prazeres, mas via Ramsés tão pouco! É certo que ele fazia amor com desejo e ternura, mas permanecia distante, e ela não exercia qualquer poder sobre o rei. E era certo também que nada aprendera sobre os segredos de governar.

Aquele fracasso era apenas temporário. Mat-Hor seduziria Ramsés, dominá-lo-ia. A inteligência, a beleza e a astúcia seriam as suas armas. A batalha ia ser longa e difícil, porque o adversário era de peso; no entanto, a jovem hitita não duvidava do seu sucesso. Sempre obtivera aquilo que desejava com intensidade. E o que ela queria no momento era tornar-se uma rainha tão prestigiada que lhe apagasse realmente a recordação de Nefertari.

— Majestade — murmurou a criada de quarto — creio que... creio que o Faraó está no jardim.

— Vá ver se é realmente ele e volte imediatamente!

Por que Ramsés não a prevenira de sua presença? Aquela hora, no final da manhã, o monarca não tinha costume de repousar, mesmo que um pouco. Que acontecimento insólito justificava aquela exceção?

A criada de quarto voltou, esbaforida.

— É mesmo o Faraó, Majestade.

— Está só?

— Sim, sozinho.

— Dê-me o meu vestido mais leve e mais simples.

— Não quer o de linho fino, com bordados vermelhos?

— Não e saia...

— Que jóias deseja usar?

— Nada de jóias.

— E a peruca?

— Não quero peruca. Vai sair ou não?

Ramsés estava sentado na posição de escriba junto de um sicônoro de copa larga e folhagem cintilante, carregado de frutos verdes e vermelhos. O rei estava vestido com o saiote tradicional usado pelos Faraós do Antigo Império, na época em que as pirâmides haviam sido construídas. Nos pulsos brilhavam duas pulseiras de ouro.

A hitita observou-o.

Não havia dúvida de que falava com alguém.

Descalça, aproximou-se. Uma ligeira brisa fazia murmurar as folhas do sicônoro cujo canto possuía a untuosidade do mel. Estupefata, a jovem descobriu o interlocutor do monarca: Vigilante, o seu cão, deitado de costas!

— Majestade...

— Venha cá Mat-Hor.

— Sabia que eu estava aqui?

— O seu perfume a traiu.

Sentou-se ao lado de Ramsés. Vigilante o cão rolou para o lado e sentou-se na postura de esfinge.

— Você... você estava falando com esse animal?

— Todos os animais falam. Quando eles nos são íntimos, como era o meu leão e como é este

ção, herdeiro de uma dinastia de vigilantes, têm realmente muito a nos dizer se os soubermos ouvir.

— Mas... sobre o que ele está conversando?

— Transmite-me a fidelidade, a confiança e a lealdade, e descreve-me os belos caminhos do Além nos quais me guiará.

Mat-Hor fez uma cara de muxoxo.

— A morte... Por que falar desse horror?

— Só as criaturas humanas cometem horrores; a morte é uma simples lei física, e o além da morte pode se tornar plenitude se a nossa existência foi justa e de acordo com a regra de Matt.

Mat-Hor aproximou-se de Ramsés e o contemplou com seus soberbos olhos negros amendoados.

— Não receia sujar o seu vestido?

— Ainda não estou vestida, Majestade.

— Um vestido austero, nem uma jóia, sem peruca... Por que tanta simplicidade?

— Vossa Majestade me censura por isso?

— Você tem uma posição a manter, Mat-Hor, e não pode se comportar como uma mulher qualquer.

A hitita rebelou-se.

— Alguma vez o fiz? Sou a filha de um imperador e, atualmente, a esposa do Faraó do Egito! A minha existência sempre esteve submetida às exigências da etiqueta e do poder.

— Sobre a etiqueta, é verdade; mas qual a razão para evocar o poder? Você não possuía nenhuma responsabilidade na corte do seu pai.

Mat-Hor sentiu-se presa na armadilha.

— Eu era muito jovem... Além disso, o Hatti é um Estado militar onde as mulheres são consideradas seres inferiores. Aqui, tudo é diferente! Não tem a rainha do Egito o dever de servir ao seu país?

A jovem estendeu os longos cabelos sobre os joelhos de Ramsés.

— Sente-se verdadeiramente egípcia, Mat-Hor?

— Nunca mais quero ouvir falar do Hatti!

— Renegaria o seu pai e a sua mãe?

— Não, claro que não... mas estão tão longe!

— Você está vivendo uma difícil provação.

— Uma provação? Claro que não, pois foi isso o que sempre desejei! Não quero ouvir mais falar do passado.

— Então como poderemos preparar o amanhã se não conseguimos decifrar os segredos de ontem? Você é jovem, Mat-Hor, e está inquieta em busca do seu equilíbrio. E não será fácil você descobri-lo.

— O meu futuro está completamente traçado: sou a rainha do Egito!

— Reinar é uma função que se renova dia após dia e que nunca se completa.

A hitita sentiu-se magoada.

— Não... não compreendo.

— Você é o símbolo vivo da paz entre o Egito e o Hatti declarou Ramsés. — Muitos mortos marcaram a estrada que conduziu ao fim de tão longo conflito. Graças a você, Mat-Hor, a alegria substituiu o sofrimento.

— Quer dizer que sou apenas... um símbolo?

— Precisarás de muitos anos para penetrar os segredos do Egito; aprenda a servir Maat, a deusa da Verdade e da justiça, e a sua existência será luminosa.

A hitita levantou-se e enfrentou o senhor das Duas Terras.

— Desejo reinar ao seu lado, Ramsés.

— Você não passa de uma criança, Mat-Hor; renuncie primeiro aos seus caprichos, mantenha a sua posição e deixe o tempo realizar a sua obra. Agora, deixe-me só; vigilante tem muitas confidências a me fazer.

Sentindo-se humilhada, a hitita correu para os seus aposentos; Ramsés jamais a veria chorar de raiva.

Durante os meses que se seguiram após a conversa com Ramsés, Mat-Hor apresentou-se deslumbrante. Trajando vestidos suntuosos, iluminou com a sua beleza e encanto as noites de Tebas, desempenhando com perfeição o papel de uma rainha dedicada a vida mundana. Atenta aos conselhos do rei, familiarizou-se com os hábitos da corte e aumentou o seu conhecimento da cultura do velho Egito, cuja profundidade a fascinava.

Mat-Hor não encontrou qualquer hostilidade, mas não conseguiu conquistar a simpatia de Ameni, que todos diziam ser o amigo mais próximo do monarca; quanto a Setaou, outro dos confidentes do rei, regressara para a Núbia em companhia de Lótus, com o objetivo de recolher veneno dos seus queridos répteis e pôr em prática as suas idéias relativas ao desenvolvimento da região.

A jovem hitita tinha tudo e ao mesmo tempo não tinha nada. O poder, tão próximo de si, começava a escapar-lhe, e a amargura começava a invadir-lhe o coração. Procurava em vão um meio de conquistar Ramsés e, pela primeira vez, duvidava de si mesma. Mas não daria ao rei a oportunidade de perceber o que sentia; atordoava-se, então, em festas e divertimentos dos quais mostrava-se incontestavelmente uma rainha.

Naquela noite de outono, Mat-Hor sentiu-se cansada; despediu as serviçais e estendeu-se sobre a cama com os olhos abertos para melhor sonhar com Ramsés, aquele homem todopoderoso e inatingível.

Um sopro de vento ergueu o véu de linho suspenso em frente da janela. Pelo menos foi o que a hitita julgou por um momento, até ver surgir a sua frente um homem de cabelos longos e torso imponente.

Mat-Hor ergueu-se e cruzou os braços sobre o peito.

— Quem é você?

— Um compatriota.

A luz do luar permitiu a rainha distinguir melhor os traços do visitante inesperado.

— Uri-Techup!

— Lembra-se de mim, jovenzinha?

— Como se atreveu a entrar em meu quarto?

— Não foi fácil, e estou a espreita ha horas. Como esse miserável do Serramanna não para de me mandar vigiar, esperei muito tempo antes de me aproximar de você.

— Uri-Techup... Aquele que matou o imperador Muwattali e tentou eliminar o meu pai e a minha mãe!

— Tudo isso já vai longe... Hoje, somos dois hititas exilados no Egito.

— Está esquecendo quem eu sou?

— Uma bela mulher condenada a afundar-se num mundo artificial.

— Sou a esposa de Ramsés e a rainha deste país!

Uri-Techup sentou-se ao pé do leito.

— Saia desse sonho, garota.

— Vou chamar a guarda.

— Muito bem, chame-a.

Uri-Techup e Mat-Hor desafiaram-se com o olhar. A jovem ergueu-se e serviu-se de uma taça de água fresca.

— Você não passa de um monstro e um bruto! Por que deveria dar ouvidos a você, o general traidor?

— Porque pertencemos ao mesmo povo que sempre será o inimigo deste maldito Egito!

— Pare de divagar, o tratado de paz foi assinado.

— Pare você de se embalar com ilusões, Mat-Hor; para Ramsés você não passa de uma estrangeira que em breve será jogada num harém.

— Você está muito enganado.

— Então me responda: ele lhe deu uma só parcela de poder?

Mat-Hor permaneceu muda.

— Aos olhos de Ramsés, você não existe. Não passa de uma hitita e da garantia dessa paz que o Faraó acabará por quebrar para esmagar um inimigo desmobilizado. Ramsés é astuto e cruel, e armou uma sutil emboscada na qual Hatusil caiu. E você, sacrificada pelo seu próprio pai. Continue, Mat-Hor, aproveite e goze os bons tempos porque a juventude passa depressa, muito mais depressa do que você imagina.

A rainha deu as costas a Uri-Techup.

— Já acabou?

— Reflita no que acabo de lhe dizer e constatará a verdade das minhas afirmações; se desejar voltar a me ver, arranje um jeito de me informar sem alertar Serramanna.

— Que razão eu teria para voltar a vê-lo?

— O amor por seu país tanto quanto o meu. E porque não aceita nem a derrota nem a humilhação.

Mat-Hor hesitou um longo tempo antes de se voltar.

Um vento leve soerguia os cortinados de linho; Uri-Techup havia desaparecido. Não seria um demônio da noite que teria vindo chamá-la a realidade?

Os seis homens cantavam a plenos pulmões, movendo cadenciadamente os pés mergulhados dentro de um enorme tonel cheio de uvas; tomados de entusiasmo, esmagavam os cachos de uvas maduras que dariam um excelente vinho. Meio ébrios por causa dos vapores exalados pelo tonel, agarravam-se com mãos mais ou menos firmes aos ramos da parreira. O mais agitado era Serramanna, que impunha o ritmo aos seus companheiros.

— Há alguém a sua procura — disse um vinhateiro.

— Continuem — ordenou Serramanna aos seus homens — e nada de demora.

O homem era um oficial pertencente a guarda do deserto. De rosto largo, queimado de sol, nunca se separava de seu arco, de suas flechas e de sua espada curta.

— Estou vindo fazer-lhe o relatório — disse a Serramanna — As nossas patrulhas percorrem o deserto da Líbia há vários meses, em busca de Malfi e dos separatistas que ele encabeçou.

— Localizou-os, finalmente?

— Felizmente, não. Aquele deserto é imenso, e nós só controlamos a área próxima do Egito. Aventurarmo-nos mais seria arriscado. Os beduínos nos espreitam e previnem Malfi, da nossa aproximação. Para nós, é uma sombra inatingível.

Serramanna ficou decepcionado e contrariado. A competência dos guardas do deserto era indiscutível; o fracasso deles provava a que ponto Malfi era um adversário temível.

— Existe a certeza de Malfi ter formado uma coligação com várias tribos?

— Ainda não tenho certeza — respondeu o oficial. — Talvez se trate de um boato como tantos outros.

— Malfi gabou-se de possuir uma adaga de ferro?

— Não ouvi nada a esse respeito.

— Deixe montado o dispositivo de defesa; ao menor incidente, avise o palácio.

— Como quiser... Mas o que temos nós a temer dos líbios?

— Temos certeza de que Malfi procurará atacar-nos de uma forma ou de outra. E é suspeito de crime.

Ameni não jogava fora nenhum documento. Durante anos, o seu gabinete de Pi-Ramsés encheu-se de arquivos, sob a forma de papiros e tabuletas de madeira. Três compartimentos anexos guardavam as pastas antigas. Por várias vezes, os seus subordinados o haviam aconselhado a que se desembaraçasse de textos sem importância, mas Ameni queria guardar a mão o máximo de informações, sem ser obrigado a recorrer as diversas seções administrativas, cuja lentidão o exasperava.

O escriba trabalhava depressa; do seu ponto de vista, qualquer problema cuja solução se arrastasse tinha tendência a agravar-se. E, na maior parte das vezes, mais valia contar consigo mesmo do que pensar nas inúmeras relações prontas a serem abandonadas, logo que a dificuldade parecesse intranponível.

Saciado com um enorme prato de carne cozida que não o fazia engordar mais do que as suas outras refeições, Ameni trabalhava a luz dos lampiões a óleo, quando Serramanna entrou em seu gabinete.

— Outra vez lendo...

— É preciso que alguém, neste país, se encarregue dos pormenores.

— Está gastando cada vez mais a saúde, Ameni.

— Ha muito tempo que ela já se foi.

— Posso sentar-me?

— Desde que não desarrume nada.

O gigante sardo ficou de pé.

— Nada de novo a respeito de Malfi, — lamentou. — Apenas que se esconde no deserto da Líbia.

— E Uri-Techup?

— Leva uma bela vida com a sua rica fenícia. Se não o conhecesse como o caçador conhece a sua presa, juraria que se transformou num homem de respeito, sem outras ambições que não a da felicidade conjugal e da boa mesa.

— E, afinal, por que não? Muitos outros estrangeiros foram seduzidos por uma vida tranqüila.

— Precisamente...

O tom do sardo intrigou Ameni.

— O que está querendo dizer?

— Você é um excelente escriba, mas o tempo passa, e você não é mais um rapaz.

Ameni pousou o pincel e cruzou os braços.

— Encontrei uma mulher encantadora e muito tímida — confessou o sardo. — É evidente que não me convém. Em contra-partida, você deveria apreciá-la...

— Pretende... casar-me?

— Eu tenho necessidade de mudar com frequência... Mas você seria fiel a uma boa esposa.

Ameni encolerizou-se.

— A minha existência é este gabinete e a gestão dos assuntos públicos ! Imagina uma mulher aqui?

— Arrumaria tudo como bem entendesse e espalharia a confusão e o caos!

— Não pense mais, e procure, antes, identificar o assassino de Achaa.

O templo de milhões de anos de Ramsés, na margem oeste de Tebas, estendia-se por uma superfície de cinco hectares. De acordo com os desejos do Faraó, os pilares pareciam subir até o céu, havia árvores sombreando os lagos de água pura, as portas eram de bronze dourado, os pavimentos, de prata, e havia imagens vivas, animadas pela presença do ka, residindo nos seus pátios. Ao redor do santuário havia uma biblioteca e armazéns; no centro da construção, as capelas dedicadas a Sethi, o pai de Ramsés, a Touya, a mãe do monarca, e a Nefertari, a grande esposa real.

O senhor das Duas Terras deslocava-se freqüentemente a esse lugar mágico que pertencia as divindades. Ali venerava a memória de seus entes queridos, presentes nele para todo o sempre; mas aquela viagem revestia-se de um caráter excepcional.

Meritamon, a filha de Ramsés e de Nefertari, devia cumprir um ritual que imortalizaria o Faraó reinante.

Quando a viu, Ramsés ficou de novo chocado pela semelhança com a mãe; no vestido que a moldava toda, enfeitado com duas rosetas a altura do peito, Meritamon encarnava Sechaat, a deusa da Escrita. O seu rosto esguio, enquadrado por brincos em forma de disco, era frágil e luminoso.

O rei abraçou-a.

— Como tem passado, minha filha querida?

— Graças a você, posso meditar neste templo e tocar música para os deuses. E a cada instante sinto a presença de minha mãe.

— Foi a seu pedido que me desloquei a Tebas. Que mistério deseja me revelar, você que é a única rainha do Egito reconhecida pelos templos?

Meritamon inclinou-se diante do soberano.

— Que Vossa Majestade faça o favor de me seguir.

A deusa que ela encarnava guiou Ramsés até uma capela onde o esperava um sacerdote com a máscara de íbis do deus Thaot. Sob o olhar de Ramsés, Thaot e Sechaat inscreveram os cinco nomes do rei nas folhas de uma grande árvore gravada em relevo na pedra.

— Assim — disse Meritamon — os seus anos são fixados milhões de vezes, e assim durarão para sempre.

Ramsés sentiu uma estranha emoção. Não passava de um homem a quem o destino confiara uma pesada carga, mas o casal divino evocava uma outra realidade, a de Faraó, cuja alma passava de rei em rei, desde a origem das dinastias.

Os dois celebrantes retiraram-se, deixando Ramsés contemplar a árvore de milhões de anos, onde acabava de ser inscrita a sua eternidade.

Meritamon regressava ao recinto das instrumentistas do templo, quando uma jovem mulher loura, vestida de forma suntuosa, interceptou-lhe o caminho.

— Sou Mat-Hor — declarou, agressiva. — Nunca nos encontramos, mas preciso falar-lhe.

— Você é a esposa oficial do meu pai, nada temos a nos dizer !

— Você é a verdadeira rainha do Egito!

— O meu papel é estritamente teológico.

— Em outras palavras, essencial!

— Interprete os fatos como quiser, Mat-Hor; para mim nunca haverá outra esposa real, a não ser Nefertari.

— Ela está morta e eu estou viva! Já que você não quer reinar, por que está tentando me impedir de fazê-lo?

Meritamon sorriu.

— A sua imaginação é bastante fértil. Vivo aqui em reclusão e não me interesso pelos assuntos mundanos.

— Mas está presente como rainha do Egito e quando dos rituais de estado !

— Essa é a vontade do Faraó. Está querendo contestá-la?

— Fale com ele, convença-o a dar-me o lugar que me compete; a sua influência será determinante.

— O que deseja realmente, Mat-Hor?

— Tenho o direito de reinar, pois o casamento me deu esse direito.

— O Egito não se conquista pela força, mas pelo amor. Neste país se você negligenciar a regra de Maat esquecendo os seus deveres, terá dolorosas decepções.

— Os seus discursos não me interessam, Meritamon; é o seu auxílio que exijo. Eu não renuncio ao mundo.

— Tem mais coragem do que eu. Boa sorte, Mat-Hor.

Ramsés meditou longamente na imensa sala de colunas do templo de Karnak, que seu pai Sethi começara e que, de acordo com a sua qualidade de filho e sucessor, tinha terminado. Filtrada pelas janelas de pedra, a luz iluminava sucessivamente as cenas esculpidas e pintadas, onde se via o Faraó fazendo oferendas as divindades para que estas consentissem a vida na terra.

Amon, a grande alma do Egito que dava sopro a todas as narinas, permanecia misterioso, mas, agindo por todo lado; vem no vento, revelava uma das litânicas, mas ninguém o vê. A noite está cheia da sua presença. O que é alto e o que é baixo, é ele quem o realiza. Tentar conhecer Amon, sabendo que sempre escaparia a inteligência humana, não seria, como afirmava o livro de saída para a luz, afastar o mal e as trevas, perscrutar o futuro e organizar o país a fim de que fosse a imagem do céu?

O homem que avançava para Ramsés tinha o rosto quadrado e pouco agradável que a idade não transformara. Antigo controlador das cavaliças do reino, entrara para o serviço de Amon do templo de Karnak e ascendera nos escalões da hierarquia até se tornar o segundo profeta do deus. De crânio raspado, vestindo uma túnica de linho imaculado, Bakhaen imobilizou-se a alguns passos do monarca.

— Grande é a minha alegria por revê-lo, Majestade.

— Graças a você, Karnak e Luxor são dignos das divindades que os habitam. Como tem passado Nebu?

— O grande sacerdote já não sai da sua pequena casa, junto do lago sagrado, e já está com bastante idade; mas continua a dar ordens.

Ramsés apreciava a fidelidade de Bakhaen; era uma daquelas criaturas excepcionais,

desprovidas de ambição, preocupando-se prioritariamente em agir com retidão. A gestão do maior domínio sagrado do Egito estava em boas mãos.

No entanto, Bakhaen parecia menos calmo do que habitualmente.

— Muitas preocupações? — perguntou Ramsés.

— Acabo de receber queixas vindas dos pequenos santuários da região tebana; em breve estarão sem olíbano, incenso e mirra, indispensáveis a prática cotidiana dos rituais. Numa emergência, as reservas de Karnak bastarão para lhes acudir; já as minhas se esgotarão dentro de dois ou três meses.

— Os templos não devem receber seus fornecimentos antes do início do inverno?

— É verdade, Majestade, mas que quantidade receberemos? As últimas colheitas foram tão escassas que nos arriscamos a ter falta dessas substâncias essenciais. Se o ritual deixar de ser celebrado de forma satisfatória, o que acontecerá com a harmonia do país?

Quando Ramsés regressou a capital, Ameni apresentou-se ao seu gabinete com os braços carregados de papiros administrativos.

Todos se perguntavam como um escriba de aparência tão frágil tinha a energia necessária para transportar cargas tão pesadas.

— Majestade, é necessário intervir com a maior urgência! A taxa sobre os barcos de carga, excessiva, e...

Ameni interrompeu-se. A gravidade do rosto de Ramsés impediu-o de importuná-lo com pormenores.

— Qual é o estado de nossas reservas de olíbano, incenso e mirra?

— Não posso responder-lhe de imediato, tenho que verificar... Mas não há nada de alarmante.

— Como pode ter certeza?

— Porque instalei um sistema de controle. Se as reservas tivessem baixado de forma significativa, eu saberia.

— Na região de Tebas em breve reinará a penúria.

— Utilizemos as reservas dos armazéns de Pi-Ramsés e façamos votos para que as próximas colheitas sejam abundantes.

— Esqueça as suas tarefas secundárias e ocupe-se imediatamente desse problema.

Ameni convocou para o seu gabinete o diretor das reservas da Dupla Casa Branca, o chefe do Tesouro e o superior da Casa do Pinhão, este último encarregado de verificar as entregas de mercadorias provenientes do estrangeiro. Os três notáveis andavam pela casa dos cinquenta anos bem vividos.

— Fui obrigado a abandonar uma reunião importante — queixou-se o chefe do Tesouro — e espero que não nos chamem para nada.

— Vocês três são os responsáveis pelas nossas reservas de olíbano, mirra e incenso — recordou-lhes Ameni — já que nenhum de vocês me alertou, suponho que a situação não tem nada de inquietante.

— Já quase não tenho olíbano — confessou o diretor das reservas da Dupla Casa Branca — mas com certeza não é este o caso dos meus colegas.

— Eu também só tenho uma pequena reserva — afirmou o chefe do Tesouro — mas como a cota de alerta ainda não foi atingida, não considere necessário dirigir um relatório aos meus colegas.

— A minha declaração é idêntica — disse o diretor da Casa do Pinhão. — Se as minhas reservas tivessem continuado a diminuir durante os próximos meses, não teria deixado de intervir.

Ameni estava aterrorizado.

Os três altos funcionários tinham interpretado as indicações a letra e, como sucedia diversas vezes, não haviam se comunicado entre si.

— Forneçam-me a situação exata das suas reservas.

Os cálculos de Ameni foram rápidos: antes da próxima primavera, não haveria mais um grão sequer de incenso no Egito, e a mirra e o olíbano teriam desaparecido dos laboratórios e dos templos.

Diante de tal situação surgiria, em todo o país, um sentimento de revolta contra a negligência de Ramsés.

Sempre tão bela como a aurora da primavera, a médica chefe Neferet terminou a preparação de um amálgama composto por resina de pistacheiro, mel, partículas de cobre e um pouco de mirra, destinado a tratar de um dente de seu ilustre paciente.

— Não ha qualquer abscesso — explicou a Ramsés — mas apenas gengivas sensíveis e uma tendência cada vez mais acentuada para a artrite. Vossa Majestade não deve se esquecer de bochechar não das decocções de salgueiro.

— Mandei plantar milhares de salgueiros ao longo do rio e nas margens dos lagos; em breve estará a sua disposição grande quantidade de produtos antiinflamatórios.

— Obrigada, Majestade. Prescrevo-lhe igualmente uma pasta para mascar, a base de briônia, zimbro, frutos de sicônoro e incenso. Já que me referi ao incenso e a mirra, cuja ação sobre a dor é assinalável, quero lhe informar que esses produtos em breve nos faltarão.

— Eu sei, Neferet, eu sei...

— Quando serão entregues aos médicos e cirurgiões?

— O mais rapidamente possível.

Percebendo o embaraço do monarca, Neferet não fez as perguntas que lhe queimavam os lábios. O problema devia ser grave, mas ela confiava em Ramsés para tirar o país daquele impasse.

Ramsés tinha meditado longamente diante da estátua do pai, Sethi, cujo rosto de pedra era animado por uma vida intensa, graças ao gênio do escultor. Na austera sala de paredes brancas, a presença de Sethi ligava o pensamento do Faraó reinante ao do seu predecessor; quando tinha que tomar decisões que diziam respeito ao futuro do reino, Ramsés nunca deixava de consultar a alma do pai, que o iniciara na sua função mediante uma educação rigorosa que muitos não teriam agüentado.

Sethi tivera razão. Se Ramsés suportava o peso de um longo reinado, devia-o a essa formação exigente. Mesmo com a maturidade, o fogo que o animava não diminuía de intensidade, mas a paixão da juventude metamorfoseara-se num desejo ardente de construir o seu país e o seu povo como tinham feito os seus antepassados.

Quando os olhos de Ramsés se detiveram sobre o grande mapa do Oriente Próximo, que consultava com freqüência, o Faraó pensou em Moisés, o seu amigo de infância. Também ele queimava-se com um fogo ardente, o seu verdadeiro guia no deserto, em busca da Terra Prometida.

Por diversas vezes, apesar da opinião de seus conselheiros militares, o Faraó recusara intervir contra Moisés e os hebreus; não deveriam ir até o limite do seu destino?

Ramsés mandou entrar Ameni e Serramanna.

— Tomei várias decisões. Uma delas dever satisfazê-lo, Serramanna.

Ao ouvir isso, o gigante sardo sentiu uma imensa alegria.

Tanit, a sensual fenícia, nunca se cansava do corpo de Uri-Techup. Embora o hitita a tratasse com brutalidade, curvava-se a todas as suas exigências; graças a ele, descobria todos os dias os prazeres da união carnal e vivia uma nova juventude. Uri-Techup tornara-se o seu deus.

Depois de a ter beijado com selvageria, o hitita levantou-se e, no esplendor da sua nudez, espreguiçou-se como um felino.

— Você é uma potra soberba, Tanit! Por um instante, quase me fez esquecer o meu país.

Tanit também saiu da cama e, acocorada, beijou as batatas das pernas do seu amante.

— Somos felizes, muito felizes! Pensemos apenas em nós e no nosso prazer...

— Partiremos amanhã para a sua vila de Fayum.

— Não gosto dela, meu querido; prefiro Pi-Ramsés.

— Assim que chegarmos lá, partirei novamente, e você fará constar que estamos juntos nesse ninho de amor.

Tanit ergueu-se e encostou os seus volumosos seios no peito de Uri-Techup, que a abraçou com ardor.

— Onde vai e durante quanto tempo ficar ausente?

— Você não precisa saber. Quando eu voltar, e Serramanna interrogar você apenas diga estas palavras: Não nos separamos nem um segundo.

— Confie em mim, querido, eu...

O hitita esbofeteou a fénicia, que soltou um grito de dor.

— Você é uma fêmea, e uma fêmea não deve se meter nos assuntos dos homens. Obedeça, e tudo correrá bem.

Uri-Techup estava partindo para reunir-se a Malfi. No intuito de interceptarem a caravana de olíbano, mirra e incenso e destruírem os preciosos produtos. Com aquele desastre, a popularidade de Ramsés seria gravemente afetada, e a perturbação dominaria o país, criando as condições propícias para um ataque-surpresa dos líbios.

No Hatti, o partido hostil a paz com o Egito expulsaria Hattusil do seu trono e chamaria Uri-Techup, o único chefe de guerra capaz de vencer os exércitos do Faraó.

Uma serviçal assustada surgiu no limiar da porta.

— Senhora, é a guarda do Faraó! Um gigante com capacete e armado...

— Mande-o embora — ordenou Tanit.

— Não — interveio Uri-Techup. — Vejamos o que quer o nosso amigo Serramanna. Ele que espere, que nós já vamos.

— Recuso-me a receber esse brutamontes!

— Pelo contrário, minha linda! Esqueceu que somos o casal mais apaixonado deste país? Coloque um vestido que deixe os seios nus e perfume-se.

— Um pouco de vinho, Serramanna? — perguntou Uri-techup, apertando nos braços uma lânguida Tanit.

— Estou em missão oficial.

— Ramsés concedeu o direito de asilo a Uri-Techup em tempos difíceis e alegre-se hoje pela sua integração na sociedade egípcia. É por isso que o rei lhe concedeu um privilégio do qual poderá se orgulhar.

Tanit ficou espantada.

— De que se trata?

— A rainha vai fazer uma visita a todos os haréns do Egito, onde, em sua honra, serão organizadas inúmeras festividades. Tenho o prazer de lhe anunciar que você faz parte do número de seus convidados e que a acompanhará durante toda a sua viagem.

— E... é maravilhoso! — exclamou a fenícia.

— Não parece satisfeito, Uri-Techup — comentou o sardo.

— Claro que sim... Eu, um hitita...

— Não é a rainha Mat-Hor também de origem hitita? E você é casado com uma fenícia. O Egito é muito acolhedor quando respeitam as suas leis. E no seu caso, você já é considerado um autêntico súdito do Faraó.

— Por que foi justamente você o encarregado de nos transmitir essa novidade?

— Porque sou o responsável pela segurança dos hóspedes de categoria — respondeu o sardo com um grande sorriso. — E não vou perder você de vista um só instante.

— E o que essa missão tem a ver conosco? — perguntou.

Não passavam de cem, mas estavam poderosamente armados e perfeitamente treinados. Malfi formara um comando de que apenas faziam parte os seus melhores homens, um misto de guerreiros experientes e de jovens combatentes de energia inesgotável.

Depois da última sessão de treino, que provocara a morte de uma dezena de incapazes, o comando abandonara o campo secreto, no coração do deserto da Líbia, para tomar o caminho do Norte, na direção da franja ocidental do delta do Egito. Por intermédio de barcos, ou por caminhos lamacentos, os líbios atravessariam aquele delta, de oeste para leste, e depois bifurcariam para a península arábica para atacarem a caravana de substâncias preciosas. Uri-Techup e seus partidários se juntariam a eles antes da fronteira e lhes dariam informações exatas que permitiriam evitar as patrulhas egípcias escapar a vigilância das sentinelas.

A primeira etapa da conquista seria um triunfo. Os líbios oprimidos readquiririam a esperança, e Malfi seria aclamado o herói de um povo vingativo, ávido de desforra. Graças a ele, o Nilo transformar-se-ia num mar de sangue. Entretanto, seria necessário primeiro ferir o Egito nos seus valores essenciais: a celebração dos rituais e o culto prestado as divindades, expressões da regra de Maat. Sem olíbano, sem mirra e sem incenso, os sacerdotes ficariam como que abandonados e acusariam Ramsés de ter quebrado o pacto com o céu.

O batedor recuou.

— Não pode avançar mais — disse a Malfi.

— Perdeu a cabeça?

— Venha ver com os seus próprios olhos, senhor.

Deitado de bruços sobre uma colina de terra mole, e oculto pela vegetação espinhosa, Malfi, não queria acreditar no que estava vendo.

O exército egípcio espalhara-se por uma larga faixa de terra, entre o mar e os pântanos sulcados por pequenas barcas ocupadas por arqueiros. Torres de madeira permitiam as sentinelas vigiar uma vasta extensão do horizonte. Havia ali milhares de soldados, comandados por Merneptah, o filho mais novo de Ramsés.

— E impossível passar — considerou o batedor. — Seríamos descobertos e massacrados.

Malfi não podia arrastar para a morte os seus melhores homens, os futuros pontas-de-lança do exército líbio. Destruir uma caravana era fácil, mas enfrentar tão elevado número de soldados egípcios seria suicídio.

Furioso, o líbio agarrou um tufo de espinheiros e o esmagou na mão.

O chefe das caravanas de partida para o Egito estava estupefato. Ele, um comerciante aguerrido, sírio de cinquenta e oito anos que havia percorrido todas as rotas do Oriente Próximo devido ao seu negócio, nunca vira semelhante tesouro. Solicitara aos produtores para se reunirem com ele na ponta noroeste da península arábica, numa região árida e desolada, onde a temperatura diurna era tórrida, e a noturna muitas vezes gelada, sem contar com as serpentes e os escorpiões. Mas o lugar era ideal para abrigar um armazém secreto, onde, ha três anos, o sírio acumulava as riquezas roubadas do tesouro egípcio.

Aos seus cúmplices, o líbio Malfi e o hitita Uri-Techup, afirmara convictamente que as reservas de produtos preciosos, aliás muito fracas devido as magras colheitas, haviam sido destruídas. Malfi e Uri-Techup eram guerreiros, não negociantes; ignoravam que um bom comerciante nunca sacrifica uma mercadoria.

Com cabelos negros e oleosos grudados em um crânio redondo, cara de lua cheia, tronco largo sobre pernas curtas, o sírio mentia e roubava desde a adolescência, nunca esquecendo de comprar o silêncio daqueles que poderiam denunciá-lo as autoridades.

Amigo de outro sírio, Raia, espião a serviço dos hititas que sofrera uma morte brutal, o chefe das caravanas havia acumulado, com o correr dos anos, uma bela fortuna oculta. Mas, em comparação com a incrível riqueza que acabava de ser depositada em seu armazém, esta era ridícula.

Com uma altura de três metros, as árvores de incenso da Arábia tinham dado três colheitas tão abundantes, que fora preciso contratar, e se o hitita o obrigasse a abrir o armazém?... Seria melhor fugir ou tentar convencer o ex-general-chefe do exército hitita?

Desesperado, o sírio foi incapaz de tomar uma decisão.

Entretanto, o homem que veio ao seu encontro não era Uri-techup.

— Você... você é hitita?

— Sou.

— É amigo de...

— Nada de nomes. Sim, sou amigo do general, do único homem capaz de salvar o Hatti da desonra.

— Muito bem, muito bem... Que os deuses lhe sejam favoráveis ! Quando voltarei a vê-lo?

— Dever ser paciente.

— Não lhe aconteceu nada de mal, não é?

— Não, fique sossegado; ele apenas ficou retido no Egito por causa das cerimônias oficiais e conta com você para respeitar, ao pé da letra, os termos do seu contrato.

— Não há qualquer razão para ele se inquietar! O contrato foi executado, e tudo se passou como ele desejava.

— Posso então tranquilizar o general.

— Com toda a certeza. Ele pode alegrar-se: os seus desejos foram satisfeitos! Entrarei em contato com ele, assim que chegar ao Egito.

Logo que o hitita partiu, o chefe das caravanas engoliu, sem respirar, três taças de licor forte. A sorte lhe estava propícia mais do que ousara esperar! Uri-Techup retido no Egito... Decididamente, existia realmente um gênio bom dos ladrões!

Restava agora Malfi, um louco perigoso, as vezes animado de momentos de lucidez. Conclusão geral: bastava a visão de sangue para o embriagar. Para ele, matar mercadores lhe dava tanto prazer como estar com uma mulher, pois se esqueceria de examinar até as mercadorias. Mas, se ficasse desconfiado, procuraria o chefe das caravanas com uma fúria de demente.

O sírio tinha muitas qualidades, mas não a da coragem física; enfrentar Malfi. era muito superior as suas forças.

Ao longe, surgiu uma nuvem de poeira.

O negociante não esperava Ninguém... Então só podia ser o líbio e seu grupo de assassinos.

Resignado, o sírio deixou-se cair sobre uma esteira; a sua sorte tinha mudado. Malfi cortarlhe-ia o pescoço com requintes de maldade, fazendo-o morrer lentamente.

A nuvem de poeira deslocava-se bem devagar. Cavalos? Não, teriam avançado mais depressa. Burros?... Sim, eram burros. Uma caravana, portanto. Mas vinha de onde?

Reconfortado, mas intrigado, o comerciante ergueu-se e não perdeu mais de vista o cortejo de quadrúpedes pesadamente carregados que avançava no seu próprio ritmo, com passo seguro. Então reconheceu os homens da caravana: eram os mesmos que ele enviara para a morte, pelo caminho onde os esperaria Malfi.

Não estaria sendo vítima de uma miragem? Não, pois viu que se aproximava o chefe da caravana, um compatriota mais idoso do que ele.

— Fez boa viagem, amigo?

— Sem problemas.

O chefe das caravanas dissimulou a sua estupefação.

— Não houve nenhum incidente?

— Nenhum. Temos pressa de beber, comer, lavar-nos e dormir. Vai tratar do carregamento?

— Claro, claro... Vá descansar.

A caravana, sã e salva; o carregamento, intacto... Só havia uma explicação possível: Malfi e os líbios tinham sido detidos. Talvez o guerreiro louco tivesse sido morto pela guarda do deserto.

A sorte e a fortuna... A vida concedia todas as felicidades ao sírio. Como fizera bem em correr riscos.

Um pouco embriagado, correu até o armazém, cuja chave só ele possuía.

Parou, atônito: o ferrolho de madeira estava quebrado !

Lívido, o chefe das caravanas empurrou a porta. Á sua frente, diante do amontoado de tesouros, um homem de crânio raspado, vestido com uma pele de pantera.

— Quem... quem é você?

— Kha, o grande sacerdote de Mênfis e filho mais velho de Ramsés. Vim buscar o que pertence ao Egito.

O sírio empunhou a sua adaga.

— Nada de gestos estúpidos... O Faraó o está observando.

O sírio voltou-se. De todos os lados surgiam arqueiros egípcios, saindo de trás dos montículos de areia. E, iluminado pelo sol, Ramsés o Grande, com a coroa azul, em pé no seu carro.

O chefe das caravanas caiu de joelhos.

— Perdão... Não sou culpado... Obrigaram-me...

— Será julgado — disse-lhe Kha.

À simples idéia de comparecer diante de um tribunal que pronunciaria o castigo supremo, o sírio entrou em pânico. Com a adaga erguida, lançou-se sobre um arqueiro que se aproximava dele para lhe colocar as algemas de madeira e espetou-lhe a lâmina no braço.

Considerando o seu companheiro em perigo de morte, três outros arqueiros não hesitaram em disparar os seus arcos; o sírio caiu, com o corpo trespassado de flechas.

Apesar da opinião contrária de Ameni, Ramsés fizera questão de encabeçar pessoalmente a expedição. Graças as informações fornecidas pela guarda do deserto e a utilização de sua vara de radiestesista, o rei havia localizado o ponto clandestino de reunião das caravanas desviadas. E descobrira igualmente um outro fato estranho, cuja veracidade queria verificar.

O carro do Faraó avançou pelo deserto, seguido por uma legião de outros carros militares. Os dois cavalos de Ramsés eram tão rápidos que logo se distanciaram do resto da escolta.

Até o horizonte, viam-se apenas areia, pedras e montículos.

— Por que se perde o rei por estes ermos? — perguntou um tenente de cavalaria ao arqueiro que era seu companheiro de carro.

— Particpei da batalha de Kadesh. Ramsés nunca age por acaso. É uma força divina que o guia.

O monarca atravessou uma duna e estacou.

Ao longe, a perder de vista, magníficas árvores de casca amarela e cinzenta e de madeira branca e suave. Uma extraordinária plantação de olibano que proporcionariam ao Egito a sua preciosa resina durante muitos e muitos anos.

Os nervos de Uri-Techup estavam sendo submetidos a dura prova. Nem a beleza dos jardins, nem a qualidade dos alimentos, nem o encanto dos concertos podiam fazer-lhe esquecer a presença inexistente de Serramanna e o seu insuportável sorriso. Madame Tanit, em contrapartida, apreciava aquela visita aos haréns em companhia de uma rainha deslumbrante, que seduzia até mesmo os mais intragáveis administradores. Mat-Hor parecia encantada com as lisonjas dos cortesãos em busca de suas boas graças.

— Excelentes notícias – anunciou-lhe Serramanna. — Ramsés acaba de realizar um novo milagre. O Faraó descobriu uma enorme plantação de olibano, e as caravanas chegaram sãs e salvas a Pi-Ramsés.

O hitita cerrou os punhos. Por que Malfi não interviera? Se o líbio tivesse sido detido ou morto, Uri-Techup deixaria de ter a chance de espalhar a perturbação no Egito.

Enquanto Madame Tanit discutia com algumas mulheres de Negócios convidadas pela rainha para o harém de Mer-Ur, o mesmo do qual Moisés fora um dos administradores, Uri-Techup afastou-se um pouco, sentando-se sobre um muito baixo de pedras soltas, as margens de um lago próximo do harém.

— Em que pensa, caro compatriota?

O ex-general-chefe do exército hitita ergueu os olhos para contemplar uma Mat-Hor no apogeu de sua beleza.

— Estou muito triste.

— E qual é a causa dessa tristeza?

— Você, Mat-Hor.

— Eu? Então você não está triste coisa nenhuma.

— Ainda não compreendeu a estratégia de Ramsés?

— Revele-a para mim, Uri-Techup.

— Você está vivendo os seus últimos momentos de sonho. Ramsés acaba de realizar uma expedição militar para subjugar ainda mais as populações de suas colônias; é preciso ser cego para não perceber que está consolidando as suas bases de partida para um ataque contra o Hatti! Antes de lançar-se ao ataque, ele vai se livrar de dois personagens incômodos: você e eu. Primeiro eu, que ficarei com residência fixa sob a vigilância da guarda palaciana e provavelmente serei vítima de um acidente; depois será a sua vez, ficará enclausurada num destes haréns que visita com tanto prazer!

— Os haréns não são prisões!

— Vão lhe dar um cargo honorífico e fictício e nunca mais você vai rever o rei, pois Ramsés só sonha com a guerra.

— Como pode estar tão seguro disso?

— Tenha muitos amigos, Mat-Hor, que me dão as verdadeiras informações, aquelas a que você nunca terá acesso.

A rainha pareceu perturbada.

— O que propõe?

— O rei, um bom gastrônomo. Aprecia especialmente uma receita criada por ele próprio, a "delícia de Ramsés", uma marinada com alho doce, cebolas, vinho tinto dos oásis, carne de vaca e filetes de perca do Nilo. É uma fraqueza que uma hitita deveria saber explorar.

— Atreve-se a propor-me que...

— Não se faça de ingênuo! Em Hattusa você aprendeu a utilizar o veneno.

— Você é um monstro!

— Se não eliminar Ramsés, ele destruirá você.

— Nunca mais me dirija a palavra, Uri-Techup.

O hitita jogava pesado. Se não tivesse conseguido introduzir a dúvida e a angústia no espírito de Mat-Hor, está o denunciaria a Serramanna. Mas se conseguisse, teria avançado uma boa parte do caminho.

Kha está inquieto.

No entanto o programa de restauração que iniciara no local de Saqqara já apresentava evidentes resultados. A pirâmide de degraus de Djoser, a de Unas no interior da qual foram inscritos os primeiros Textos das Pirâmides, que revelavam processos de ressurreição da alma real, os monumentos de Pepi I, todos haviam sido beneficiados com os seus atenciosos cuidados.

E o grande sacerdote de Mênfis não ficara por ali: tinha igualmente pedido as suas equipes de mestres-de-obras e de talhadores de pedra para tratarem os desgastes das pirâmides e dos templos dos Faraós da quinta dinastia, no lugar de Abusir, ao norte de Saqqara. Mesmo em Mênfis, Kha mandara ampliar o templo de Ptaha, que incluía agora uma capela dedicada a memória de Sethi, e que seria completado, num futuro próximo, com um santuário para a memória de Ramsés.

Quando se sentia dominado por uma pesada fadiga, Kha dirigia-se ao local onde tinham sido escavados os túmulos dos reis da primeira dinastia, na orla do planalto desértico de Saqqara, dominando os palmeirais e as terras de cultura. A sepultura o rei Djed, assinalada por trezentas cabeças de touro em terracota, dispostas em um rebordo a toda a volta e munidas de chifres verdadeiros, transmitia-lhe a energia necessária para consolidar os laços do presente com o passado.

Kha ainda não havia descoberto o livro de Thaot e, vez ou outra, resignava-se ao fracasso. Não seria devido a sua falta de vigilância e a sua negligência em relação ao culto do touro? O grande sacerdote prometia a si próprio corrigir os seus erros, mas primeiro precisava terminar o programa de restauração.

Mas conseguiria fazê-lo? Pela terceira vez, desde o começo do ano, Kha fez-se conduzir de carro até a pirâmide de Miquerinos, sobre a qual, terminada a restauração, desejava gravar uma inscrição comemorativa.

E, pela terceira vez, o canteiro de obras estava vazio, com exceção de um velho talhador de pedra, que comia pão com alho.

— Onde estão os seus companheiros? — perguntou Kha.

— Voltaram para casa.

— Outra vez o fantasma!

— Sim, o fantasma tornou a aparecer. Várias pessoas o viram; segurava serpentes nas mãos e ameaçava matar quem se aproximasse.

— Enquanto esse espectro não for expulso, ninguém aceitará trabalhar aqui, mesmo que receba um excelente salário.

Era aquele o desastre que Kha tanto temia: ver-se na impossibilidade de pôr em bom estado os monumentos do planalto de Gizé. É que o fantasma fazia cair as pedras e provocava acidentes. Todos sabiam que se tratava de uma alma atormentada, que voltara a terra para espalhar a infelicidade entre os vivos. Apesar de toda a sua ciência, Kha não conseguia impedi-lo de cometer maldades.

Quando viu aproximar-se o carro de Ramsés a quem solicitara auxílio, Kha readquiriu esperança. Mas se o rei falhasse, seria necessário declarar uma parte do planalto de Gizé zona interdita e resignar-se a ver as obras-primas se degradarem.

— A situação está se agravando, Majestade; ninguém aceita mais trabalhar aqui.

— Pronunciou os esconjuros habituais?

— Não fizeram efeito.

Ramsés contemplou a pirâmide de Miquerinos, com maciça base de granito. Todos os anos o faraó vinha absorver em Gizé a energia dos construtores que haviam colocado na pedra os raios de luz que uniam a terra ao céu.

— Sabe onde se esconde o fantasma?

— Não, pois nenhum artesão ousou segui-lo.

O rei viu o velho talhador de pedra que continuava a comer e aproximou-se dele. Surpreendido, este deixou cair o pedaço de pão e ajoelhou-se, com as mãos estendidas para a frente, tocando com a testa no chão.

— Por que não fugiu como os outros?

— Eu... eu não sei, Majestade!

— Sabe o lugar em que se esconde o fantasma, não é verdade?

Mentir ao rei era condenar-se para toda a eternidade.

— Conduza-nos até lá.

Trêmulo, o velho guiou o rei pelas ruas de túmulos onde repousavam os fiéis servidores de Afiquerinos, que, no Além, continuavam a formar a corte real. Algumas, que o olhar exercitado de Kha não deixou de notar, tinham mais de mil anos e precisavam de reparos.

O talhador de pedra entrou num pequeno pátio ao ar livre, cujo solo estava coberto de pedacinhos de calcário. Em um canto via-se uma pilha de pequenos blocos.

— É aqui, mas não vão mais longe.

— Quem é esse fantasma? — perguntou Kha.

— Um escultor cuja memória não foi honrada e que se vingava agredindo os seus colegas.

Segundo as inscrições hieroglíficas, o defunto havia dirigido uma equipe de construtores na época de Miquerinos.

— Afastemos esses blocos — ordenou Ramsés.

— Majestade...

— Ao trabalho.

Surgiu a boca de um poço retangular; Kha lançou-lhe dentro uma pedra cuja queda pareceu interminável.

— Mais de quinze metros — calculou o talhador de pedra quando ouviu o som do impacto do pedregulho no fundo do poço.

— Não se aventure nesse buraco do inferno, Majestade.

Uma corda com nós pendia ao longo da parede do poço.

— Mesmo assim, é preciso descer — afirmou Ramsés.

— Nesse caso, sou eu que devo correr esse risco — decidiu o talhador.

— Se encontrar o espectro — objetou Kha — saberá pronunciar as fórmulas que impedirão o fantasma de cometer maldades?

O velho baixou a cabeça.

— Como grande sacerdote de Ptaha — disse o filho mais velho de Ramsés — compete-me cumprir essa tarefa. Não me proíba, pai.

Kha iniciou uma descida que lhe pareceu interminável. O fundo do poço não era escuro: das paredes de calcário emanava uma luminosidade estranha. O grande sacerdote finalmente colocou o pé num solo irregular e seguiu por um estreito corredor que terminava numa falsa porta na qual estava representado o defunto, rodeado de colunas de hieróglifos.

Então Kha compreendeu.

Uma larga fenda atravessava a pedra gravada em toda a sua altura e desfigurava o beneficiário dos textos de ressurreição. Tendo deixado de encarnar numa imagem viva, o seu espírito transformara-se num fantasma agressivo, censurando os humanos por terem desprezado a sua memória.

Quando Kha saiu do poço, estava exausto, mas radioso. Logo que a falsa porta fosse restaurada e o rosto do defunto esculpido novamente com amor, a maldição desapareceria.

Desde o seu regresso Pi-Ramsés, que Uri-Techup não conseguia se acalmar. Vigiado constantemente por Serramanna durante uma viagem interminável, sem nada poder fazer, e privado de informações, queria massacrar o Egito inteiro, a começar por Ramsés. E ainda tinha que aturar os ataques amorosos, da melosa Tanit, que precisava de sua ração cotidiana de prazer.

E lá vinha ela, seminua, na sua aura de perfume...

— Querido... os hititas!

— Os hititas o que?

— Centenas... centenas de hititas invadiram o centro de Pi-Ramsés.

— Uri-Techup agarrou a fenícia pelos ombros.

— Enlouqueceu, mulher?

— Foram as minhas serviçais que me contaram!

— Os hititas atacaram, feriram o coração do reino de Ramsés..

— É fabuloso, Tanit!

Uri-Techup afastou a esposa e vestiu uma pequena túnica com riscas negras e vermelhas. Eufórico como no tempo de seu esplendor, saltou para o dorso de um cavalo, pronto a lançar-se na batalha.

Hattusil fora derrubado, os partidários da guerra haviam triunfado a qualquer preço, as linhas de defesa egípcia tinham sido atravessadas num ataque-surpresa, e o destino do Oriente Próximo fraquejava!

Na grande alameda que ia do templo do deus Ptaha ao palácio real, uma multidão heterogênea estava em festa.

Não havia um único soldado a vista, e muito menos vestígios de luta.

Interdito, Uri-Techup dirigiu-se a um guarda que participava da confusão.

— Parece que os hititas invadiram Pi-Ramsés!

— É verdade.

— Mas... onde estão eles?

— No palácio.

— Mataram Ramsés?

— O que?... Não, não: estes são os primeiros hititas que vêm visitar o Egito e trouxeram muitos presentes para o nosso soberano.

— Turistas... Estupefato, Uri-Techup atravessou a multidão e apresentou-se na porta principal do palácio.

— Só faltava mesmo você! — exclamou a voz torturante de Serramanna. — Quer assistir a cerimônia?

Espantado, o hitita deixou-se levar pelo gigante sardo para a sala de audiências onde os cortesãos se amontoavam.

Na primeira fila, os enviados dos visitantes com os braços carregados de presentes. Quando Ramsés surgiu, as conversas cessaram. Um a um, os hititas ofereceram ao Faraó lápis-lazúli, turquesas, cobre, ferro, esmeraldas, ametistas, coralina e jade.

O rei deteve-se em algumas soberbas turquesas; só podiam ser provenientes do Sinai, onde, na época de sua juventude, Ramsés estivera em companhia de Moisés. Era impossível esquecer a montanha vermelha e amarela, os seus rochedos inquietantes e as suas secretas ravinas.

— Você, que me traz estas maravilhas, encontrou Moisés e o povo hebreu em seu caminho?

— Não, Majestade.

— Ouviu falar de seu êxodo?

— Todos o temem, pois facilmente entram em batalha; mas Moisés afirma que não de atingir o país que lhe foi prometido.

Então, o amigo de infância de Ramsés continuava a perseguir o seu sonho. Recordando aqueles longínquos anos que haviam construído os seus respectivos destinos, o monarca deu apenas uma atenção superficial aos presentes.

O chefe da delegação foi o último a inclinar-se perante Ramsés.

— Somos livres de circular por todo o Egito, Majestade?

— É essa a consequência da paz.

— Poderemos honrar os nossos deuses em sua capital?

— Na parte oriental da cidade ergue-se o templo da deusa Síria Astart, é a companheira do deus Seta e a protetora do meu carro e dos meus cavalos. Foi a ela que pedi para que velasse pela segurança do porto de Mênfis. O deus da Tempestade e a deusa do Sol, que são venerados em Hattusa, são igualmente bem-vindos a Pi-Ramsés.

Depois de a delegação hitita ter abandonado a sala de audiências, Uri-Techup abordou um dos seus compatriotas.

— Reconhece-me?

— Não.

— Sou Uri-Techup, o filho do imperador Muwattali!

— Muwattali morreu e quem reina é Hattusil.

— Esta visita... é uma cilada, não é verdade?

— Uma cilada? Viemos visitar o Egito, e muitos outros hititas também virão. A guerra terminou, acabou realmente.

Durante longos minutos, Uri-Techup permaneceu imóvel no meio da imensa alameda de Pi-Ramsés.

O diretor do Tesouro, acompanhado por Ameni, ousou finalmente apresentar-se diante de Ramsés. Até então preferira segurar a língua, esperando que o escândalo não estalasse e que a razão prevalecesse. Mas a chegada dos visitantes hititas, ou, mais exatamente, a oferta de seus presentes, provocara tais excessos que o alto funcionário já não tinha como se calar.

Enfrentar Ramsés estava acima de suas forças, por isso o diretor do Tesouro dirigira-se a Ameni, que o ouvira, sem dizer palavra.

Terminadas as explicações, o secretário particular do monarca pedira-lhe imediatamente

audiência, insistindo com o dignitário para que repetisse as suas acusações, palavra por palavra, sem omitir o mínimo pormenor.

— Não tem nada a acrescentar, Ameni?

— Será realmente necessário, Majestade?

— Estava ciente de tudo?

— A minha vigilância foi apanhada em falta, devo reconhecer; mas eu já tinha também chamado a atenção.

— Consideram, tanto um como o outro, que o problema está resolvido?

Aliviado, o diretor do Tesouro evitou o olhar severo do rei; felizmente, este não lhe fizera qualquer censura. Quanto a Ameni, contava com Ramsés para restabelecer a regra de Maat no coração do próprio palácio.

— Até que enfim, Majestade. — exclamou Mat-Hor — já estava desesperada para voltar a vê-lo. Por que não estive a seu lado quando recebeu os meus compatriotas? Teriam ficado encantados por me admirarem.

Soberba em seu vestido vermelho enfeitado com rosetas de prata, Mat-Hor fez uma pirueta no meio de um balé de serviçais.

Como todos os dias, perseguiram o mínimo grão de pó, traziam jóias novas e vestidos suntuosos e mudavam centenas de flores que perfumavam os aposentos da rainha.

— Mande embora o seu pessoal — ordenou Ramsés.

A rainha ficou estática.

— Mas... não tenho razão de queixa ?

Não era um homem apaixonado que Mat-Hor tinha a sua frente, mas o Faraó do Egito. Devia estar com aqueles olhos quando contra-atacara em Kadesh, lançando-se sozinho sobre milhares de hititas.

— Saiam todas! — gritou a rainha. — Desapareçam !

Pouco habituadas a serem tratadas assim, as serviçais retiraram-se sem pressa, deixando no chão os objetos que estavam usando.

Mat-Hor tentou sorrir.

— O que se passa, Majestade?

— Considera o seu comportamento como o de uma rainha do Egito ?

— Mantenho a minha posição, como você me exigiu!

— Pelo contrário, Mat-Hor, está se comportando como um tirano com caprichos inaceitáveis.

— O que está me censurando?

— O assédio ao diretor do Tesouro para fazer sair de suas reservas as riquezas que pertencem aos templos, e ontem atreveu-se a fazer um decreto para se apropriar dos metais oferecidos ao Estado pelos seus compatriotas.

A jovem revoltou-se.

— Sou a rainha, tudo me pertence !

— Engana-se profundamente. O Egito não é governado pela avidez e pelo egoísmo, mas pela

lei de Maat. Esta terra é propriedade dos deuses, que a transmitem ao Faraó, cujo dever é mantê-la de boa saúde, próspera e feliz. O que você deveria ter demonstrado em todas as circunstâncias, Mat-Hor, era a retidão. Quando um chefe deixa de ser um modelo, o país inteiro resvala para a decadência e para a ruína. Agindo assim, está atacando a autoridade do Faraó e o bem-estar do seu povo.

Ramsés não aumentara a voz, mas as suas palavras eram mais cortantes do que o gume de uma espada.

— Eu... eu não julgava...

— Uma rainha do Egito não tem de julgar, mas sim de agir. E você agiu mal, Mat-Hor; anulei o seu decreto e tomei decisões para impedi-la de fazer mal. Residirá a partir de agora no harém de Mer-Ur e só virá a corte por minha ordem. Nada lhe faltará, mas qualquer excesso será banido a partir de agora.

— Ramsés... você não pode recusar o meu amor!

— A minha esposa é o Egito, Mat-Hor, e você é incapaz de compreender isso.

O vice-rei da Núbia já não suportava a presença e a atividade de Setaou, o amigo de infância de Ramsés. Aconselhado de forma eficaz pela esposa Lótus, uma feiticeira núbia, Setaou empenhara-se de tal forma no desenvolvimento econômico da província do Grande Sul, que conseguira pôr todas as tribos para trabalhar sem provocar conflitos entre elas! Uma proeza que o vice-rei julgava irrealizável.

Além disso, Setaou era adorado pelos talhadores de pedra, pois cobria a região de templos e capelas para a glória do Faraó e de seus deuses protetores. E era também Setaou quem velava pela boa organização dos trabalhos agrícolas, pelo estabelecimento de um cadastro e pela cobrança dos impostos.

O vice-rei era obrigado a encarar a situação: aquele encantador de serpentes, que o alto funcionário considerara um extravagante sem futuro, impunha-se como um gestor rigoroso. Se Setaou continuasse a obter tão notáveis resultados, a sua posição de vice-rei se tornaria muito pouco confortável; acusado de incapacidade e de preguiça, acabaria perdendo o posto.

Era impossível negociar com Setaou. Teimoso, recusando-se a deixar correr o tempo e a reduzir o seu programa de trabalho, o amigo de infância de Ramsés punha de lado todos os compromissos. O vice-rei nem sequer tentara suborná-lo; apesar da sua posição social, Setaou e Lótus viviam com simplicidade, em contato com os indígenas, e não manifestavam qualquer gosto pelo luxo.

Ao vice-rei só restava uma solução: provocar em Setaou um acidente mortal, organizado com suficiente cuidado para que não subsistissem quaisquer dúvidas sobre a causa da morte do amigo do monarca. Fora por isso que o vice-rei convocara para Abu-Simbel um mercenário núbio recentemente saído da prisão. O homem tinha um passado negro e era desprovido de qualquer senso moral. Uma volumosa retribuição convencê-lo-ia a agir sem demora.

A noite estava escura. Formando a fachada do grande templo, os quatro colossos sentados que encarnavam o ka de Ramsés olhavam a distância, penetrando os tempos e os espaços que os olhos humanos não podiam perceber.

O núbio já estava a espera. De cabeça baixa, maçãs do rosto salientes e lábios grossos, estava armado com uma azagaia.

— Sou o vice-rei.

— Já o conheço. Eu o vi na fortaleza onde eu estava preso.

— Preciso dos seus serviços.

— Caço para a minha aldeia... Agora sou um homem honesto.

— Está mentindo. Acusam-no de roubo e ha provas contra você.

Enraivecido, o núbio cravou a azagaia no solo.

— Quem está me acusando?

— Se não colaborar comigo, voltará para a prisão e nunca mais sairá de lá; se me obedecer, ficará rico.

— O que quer de mim?

— Há alguém atravessando o meu caminho; você irá livrar-me dele.

— Um núbio?

— Não, um egípcio.

— Então vai ter que pagar caro.

— Não está em posição de negociar — disse o vice-rei.

— Quem devo eliminar?

— Setaou.

O núbio agarrou a azagaia e brandiu-a no céu.

— Isso vale uma fortuna!

— Será generosamente pago, com a condição de a morte dele parecer um acidente.

— Entendido.

De repente, como se estivesse bêbado, o vice-rei titubeou e caiu sentado; o núbio não teve oportunidade de olhar, pois o mesmo aconteceu com ele.

Os dois homens tentaram erguer-se, mas, perdendo o equilíbrio, caíram novamente.

— O chão está tremendo — exclamou o núbio. — O deus Terra está encolerizado !

A colina emitiu um rugido, e os colossos oscilaram. Paralisados pelo pânico, o vice-rei e o seu cúmplice viram soltar-se a enorme cabeça de um deles.

O rosto de Ramsés precipitou-se sobre os criminosos e esmagou-os sob seu peso.

Dama Tanit estava desesperada. Há mais de uma semana que Uri-Techup não fazia amor com ela. Ele saía cedo pela manhã, galopava pelo campo durante todo o dia, regressava esgotado, comia por um batalhão e adormecia sem dizer uma palavra.

Tanit: só ousara interrogá-lo uma vez, pois ele lhe batera com tal violência que a deixara marcada. A fenícia só encontrava algum reconforto junto ao seu pequeno gato rajado e nem sequer tinha disposição para gerir o seu patrimônio.

Mais um dia que chegava ao fim, vazio e monótono, a não ser pelo felino que ronronava nos joelhos de Tanit.

Ouviu-se o trote de um cavalo... Uri-Techup estava de volta!

O hitita surgiu, excitado.

— Vem, minha linda !

Tanit precipitou-se nos braços do amante, que lhe arrancou o vestido e a atirou em cima das almofadas.

— Meu querido... Finalmente você voltou !

A fúria do amante encheu-a de prazer; Uri-Techup devorou-a.

— Que preocupação o consumia?

— Julgava-me abandonado... Mas Malfi está vivo e continua a unir as tribos líbias. Um dos seus emissários me contactou para que eu não perca a confiança. A luta continua, Tanit, e Ramsés não é invulnerável.

— Desculpe em lhe repetir isso, meu querido... mas esse Malfi me dá medo.

— Os hititas refugiam-se na sua covardia. Só os líbios os farão sair do seu torpor, e Malfi é o

homem da situação. A única alternativa é a violência e o combate até o fim... E está contando comigo para travá-lo.

Tanit dormia, saciada de prazer; sentado no jardim, numa cadeira de palha, Uri-Techup, com a cabeça cheia de sonhos sangrentos, contemplava a lua subindo no céu e pedia a sua ajuda.

— Hei de ser mais eficaz do que esse astro — murmurou atrás dele uma voz feminina.

O hitita voltou-se.

— Você, Mat-Hor... Está correndo grande risco!

— A rainha ainda tem o direito de ir aonde quer.

— Parece desalentada... Ramsés a repudiou?

— Não, claro que não!

— Então por que veio aqui, tão secretamente?

A bela hitita ergueu o olhar para o céu estrelado.

— Tinha razão, Uri-Techup. Sou uma hitita e assim permanecerei... Ramsés nunca me reconhecerá como a sua grande esposa real. Nunca serei igual a Nefertari.

Mat-Hor não conseguiu conter alguns soluços. Uri-Techup quis tomá-la em seus braços, mas a rainha libertou-se.

— Sou estúpida... Por que hei de chorar por um fracasso? É a atitude dos fracacos! Uma princesa hitita não tem o direito de sentir pena de seu destino.

— Você e eu nascemos para vencer.

— Ramsés humilhou-me — confessou Mat-Hor — Tratou-me como uma serviçal! Amava-o, estava preparada para me tornar uma grande rainha, curvei-me a sua vontade, mas ele me espezinhou com desdém.

— Está decidida a vingar-se?

— Não sei... já não sei.

— Mantenha-se lúcida, Mat-Hor! Aceitar a humilhação sem reagir seria uma covardia indigna de você. E se aqui está é porque tomou uma decisão.

— Cale-se, Uri-Techup!

— Não, não me calarei! O Hatti não está vencido, ainda pode erguer a cabeça. Tenha poderosos aliados, Mat-Hor, e temos um inimigo comum: Ramsés.

— Ramsés é meu marido.

— Não, Ramsés é um tirano que a despreza e que já esqueceu que você existe. Aja, Mat-Hor, aja como eu lhe propus. O veneno está a sua disposição.

Matar o seu sonho... Podia Mat-Hor destruir o futuro que tanto havia desejado, acabar com os dias do homem por quem sentira uma louca paixão, o Faraó do Egito?

— Decida-se — ordenou Uri-Techup.

A rainha sumiu na escuridão.

Com um sorriso nos lábios, o guerreiro hitita subiu ao terraço da vila para se aproximar da lua e lhe agradecer.

— Quem está me seguindo?

— Sou eu, Tanit.

O hitita agarrou a fenícia pelo pescoço.

— Estava nos espionando?

— Não, eu...

— Ouviu tudo, não é verdade?

— Sim, mas juro-lhe que ficarei calada!

— Claro, querida, você não cometeria um erro fatal. Olhe, minha bela, olhe!

De sua túnica, Uri-Techup extraiu uma adaga de ferro que apontou em direção ao astro noturno.

— Olhe bem está arma. Foi ela que matou Achaa, o amigo de Ramsés; será ela que também matará o Faraó e que vai trespassar a sua garganta se você me trair.

Para festejar o seu aniversário, Ramsés convidara para a sua mesa os dois filhos, Kha e Merneptah, e também Ameni, o fiel dos fiéis, que tivera a idéia de pedir ao cozinheiro do palácio que preparasse para aquela ocasião uma "delícia de Ramsés" servida com um excepcional vinho do ano três de Sethi.

Para a felicidade do futuro do Egito, não havia qualquer desentendimento entre Kha e Merneptah. O filho mais velho, teólogo e ritualista, continuava a sua busca do conhecimento estudando os velhos textos e os monumentos do passado; o mais novo exercia as funções de general-chefe e velava pela segurança do reino. Nenhum outro "filho real" possuía a sua maturidade, o seu rigor e o seu senso de Estado. Quando chegasse o momento certo, Ramsés designaria o seu sucessor com toda a serenidade.

Mas quem sonharia em suceder Ramsés o Grande, cujos espantosos sessenta anos atraíam o olhar das beldades do palácio? Há muito que o prestígio do monarca ultrapassara as fronteiras do Egito, e a sua lenda corria nos lábios dos contadores de histórias, do sul da Núbia até a ilha de Creta. Pois não era ele o soberano mais poderoso do mundo, o Filho da Luz e o construtor infatigável? Nunca os deuses haviam concedido tantos dons a um ser humano.

— Bebamos a glória de Ramsés — propôs Ameni.

— Não — objetou o monarca. — Celebremos antes a nossa mãe, o Egito, esta terra que é o reflexo do céu.

Os quatro homens comungavam no amor a civilização e o país que lhes ofereciam tantas maravilhas e aos quais consagravam as suas vidas.

— Por que Meritamom não está na nossa companhia? — perguntou Kha.

— Neste momento, toca música para os deuses; é a sua vontade, e eu a respeito.

— Não convidou Mat-Hor — fez notar Merneptah.

— Reside agora no harém de Mer-Ur.

— Mas cruzei com ela na cozinha — admirou-se Ameni.

— Já devia ter abandonado o palácio. A partir de amanhã, Ameni, vele para que a minha decisão se concretize. Ha informações a respeito da Líbia, Merneptah?

— Nada de novo, Majestade. Parece que Malfi não passa de um louco, e que o seu sonho de conquista limita-se apenas ao seu cérebro doentio.

O fantasma de Gizé desapareceu — revelou Kha. — Os talhadores de pedra trabalham em paz.

O mordomo do palácio aproximou-se e apresentou uma missiva ao rei. Envolta no selo de Setaou, trazia a menção "urgente" Ramsés quebrou o selo, desenrolou o papiro, leu a pequena mensagem do amigo e levantou-se bruscamente.

— Estou partindo imediatamente para Abu-Simbel; terminem a refeição sem mim.

Nem Kha, nem Merneptah, nem Ameni sentiram qualquer desejo de saborear a marinada. Por instantes, o cozinheiro teve a tentação de saboreá-la com os seus ajudantes, mas tratava-se da refeição real; tocá-la teria sido simultaneamente um insulto e um saque. Desolado, o cozinheiro jogou fora o delicioso prato no qual Mat-Hor despejara o veneno dado por Uri-

Techup.

Uma vez mais a Núbia fascinou Ramsés. A pureza do ar, o azul absoluto do céu, o verde deslumbrante dos palmares e da orla cultivada que se alimentava do Nilo para lutar contra o deserto, o vôo dos pelicanos, grous coroados, flamingos rosa e íbis, o aroma das mimosas, a magia ocre das colinas, permitindo a alma comunicar-se com as forças ocultas da natureza.

Ramsés não saía da frente do barco rápido que o conduzia a Abu-Simbel. Reduzira ao mínimo a sua escolta, sendo ele próprio a escolher uma tripulação infatigável, formada por marinheiros de elite habituados aos perigos da navegação no Nilo.

Já perto do seu objetivo, quando o monarca se instalara na cabine, sentado numa cadeira de dobrar com pés em forma de cabeças de pato incrustadas de marfim, o barco diminuiu a marcha.

— O que se passa? — perguntou Ramsés ao capitão.

— Na margem ha um exército de crocodilos, com pelo menos sete metros; de comprimento! E a água está cheia de hipopótamos. De momento, não podemos continuar. Aconselho Vossa Majestade a desembarcar agora. Os animais parecem nervosos e podem nos atacar.

— Avance sem receio, capitão.

— Majestade, eu lhe garanto...

— A Núbia é uma terra de milagres, capitão.

Com a garganta apertada, os marinheiros retomaram a marcha.

Os hipopótamos agitaram-se. Na margem, um enorme crocodilo sacudiu a cauda, avançou alguns metros num abrir e fechar de olhos, e imobilizou-se novamente.

Ramsés sentira a presença de seu aliado antes mesmo de notá-lo. Afastando com a tromba os ramos baixos de uma acácia, o grande elefante macho soltou um barrido que fez centenas de pássaros levantarem vôo e petrificou os marinheiros.

Alguns crocodilos refugiaram-se numa área cheia de plantas e semi imersa; outros lançaram-se sobre os hipopótamos que se defenderam vigorosamente. O combate foi rápido e violento, e depois o Nilo reencontrou a sua serenidade.

O elefante soltou um segundo barrido dirigido a Ramsés, que o saudou com a mão. Há muitos anos, o filho de Sethi salvara um filhote de elefante ferido, depois de adulto, o animal de grandes orelhas e pesadas presas manifestava-se a favor do rei, sempre que este necessitava dele.

— Não deveríamos capturar aquele monstro e levá-lo para o Egito? — sugeriu o capitão.

— Venere a liberdade e livre-se de lhe criar problemas.

Dois promontórios salientes, uma enseada, areia dourada, um vale separando as duas partes da montanha, acácias cujo perfume embalsamava o ar leve, a beleza fascinante da Núbia... A visão de Abu-Simbel apertou o coração de Ramsés. Ali criara dois templos que encarnavam a união do casal real formado para sempre por ele e Nefertari.

Como o rei receava, a carta de Setaou não exagerava nada: a área sofrera um tremor de terra. A cabeça e o torso de um dos quatro colossos sentados haviam caído.

Setaou e Lótus receberam o monarca.

— Há feridos? — perguntou Ramsés.

— Dois mortos: o vice-rei da Núbia e um agregado.

— O que faziam juntos?

— Ignoro.

— Há prejuízos no interior dos templos?

— Verifique pessoalmente.

Ramsés entrou no santuário. Os talhadores de pedra já estavam trabalhando; tinham escorado os pilares danificados da grande sala e reerguido os que ameaçavam desmoronar.

— A construção dedicada a Nefertari também foi afetada?

— Não, Majestade.

— Que os deuses sejam louvados, Setaou.

— Os trabalhos serão feitos com cuidado, e não restarão quaisquer vestígios desse desastre. Quanto ao colosso, vai ser mais difícil. Tenho diversos projetos a lhe apresentar,

— Vamos deixá-lo como está.

— Você... você quer deixar a fachada neste estado?

— Este tremor de terra significa uma mensagem do deus da Terra; se ele remodelou está fachada, não vamos contrariar a sua vontade.

A decisão do Faraó havia chocado Setaou, mas Ramsés mostrara-se inflexível. Apenas três colossos perpetuariam a presença do ka real; mutilado, o quarto colosso seria testemunha do desgaste e da imperfeição inerentes a todas as obras humanas. O gigante de pedra partido, em vez de prejudicar a Majestade do conjunto, fazia ressaltar a força de seus três companheiros.

O rei, Setaou e Lótus jantaram próximos a um palmar. O encantador de serpentes não pedira ao monarca que se untasse com assafáctida, a resina da canafrecha da Pérsia, cujo cheiro horrível afugentava os répteis; mas lhe oferecera os frutos vermelhos de um arbusto que continham um antídoto contra o veneno das víboras.

— Aumentou a quantidade das oferendas divinas – disse Ramsés a Setaou — acumulou o produto das ceifas nos celeiros reais, restabeleceu a paz nesta província turbulenta, construiu santuários em toda a Núbia e sempre defendeu a verdade em lugar da mentira; o que pensaria de se tornar o representante da justiça de Maat, aqui?

— Mas... essa é uma prerrogativa do vice-rei!

— Não o esqueci, meu amigo; pois você não é o novo vice-rei da Núbia, nomeado por um decreto datado do ano trinta e oito do meu reinado?

Setaou procurou as palavras para protestar, mas Ramsés não lhe deu tempo.

— Não pode mais recusar. Este tremor de terra também foi um aviso para você. A sua existência adquire hoje uma outra dimensão.

— Você sabe como amo este país; cuide bem dele, Setaou.

O encantador de serpentes afastou-se na noite perfumada; precisava ficar só, para assimilar a decisão que fazia dele um dos primeiros personagens do Estado.

— Autoriza-me a fazer-lhe uma pergunta insolente, Majestade? — pediu Lótus.

— Não é uma noite especial?

— Por que Vossa Majestade esperou tanto tempo para nomear Setaou vice-rei da Núbia?

— Ele tinha que aprender a governar a Núbia sem pensar no que fazia; hoje, vive a sua vocação e responde a um apelo que pouco a pouco o invadiu. Nunca ninguém conseguiu corrompê-lo ou aviltá-lo porque a sua vontade de servir esta província sempre animou cada um de seus gestos. E ele precisava do tempo necessário para ter consciência disso.

Ramsés entrou sozinho no grande templo de Abu-Simbel para celebrar o ritual da madrugada. O monarca seguiu o caminho da luz que ia até o naos para iluminar primeiro as estátuas sentadas de Amon e do ka real, depois as do ka real e de Ra. O Faraó, e não o homem encarregado de cumprir essa função na terra, estava associado ao deus oculto e a luz divina, aos dois grandes deuses criadores que, reunidos sob o nome de Amon-Ra, formavam um ser completo.

A quarta estátua, a do deus Ptaha, permanecia na penumbra. Na sua qualidade de filho de Ptaha, Ramsés era o construtor do seu reino e do seu povo; era igualmente o que transmitia o Verbo graças ao qual todas as coisas se tornavam reais. O rei pensou no seu filho Kha, grande sacerdote de Ptaha, que escolhera a trilha desse mistério.

Quando o monarca saiu do grande templo, uma suave claridade banhava a esplanada arborizada e começava a fazer cantar a cor quente da Núbia, cujo dourado mineral evocava a carne dos deuses.

Ramsés dirigiu-se para o templo dedicado a Nefertari, aquela para quem o sol se erguia.

E esse sol, o pai que alimentava o Egito, continuaria a erguer-se até o fim dos tempos para a grande esposa real que iluminara as Duas Terras com a sua beleza e sabedoria.

A rainha, imortalizada por escultores e pintores, deu a Ramsés o desejo de passar para o Além e finalmente reunir-se a ela; implorou ao Além que ela, que fazia reverdecer o mundo e cintilar o Nilo, o tomasse pela mão e saísse daquelas paredes em que vivia, eternamente jovem e bela, na companhia de seus irmãos, os deuses, e das suas irmãs, as deusas. Mas Nefertari, vogando na barca do sol, contentou-se em sorrir para Ramsés. A tarefa do rei não estava terminada, um Faraó, fossem quais fossem os seus sofrimentos de homem, devia-se as potências celestes e ao seu povo. Estrela imperecível, Nefertari, de doce rosto e palavra justa, continuaria a guiar os passos de Ramsés para que o país se mantivesse no caminho de Maat até a hora em que esta, por fim, lhe concedesse o repouso.

O dia chegava ao fim quando a magia de Nefertari incitou o rei a regressar ao mundo exterior onde não tinha o direito de fraquejar. Encontravam-se na esplanada centenas de núbios em trajes de cerimônia. Com perucas tingidas de vermelho, brincos de ouro, uma túnica branca caindo até os tornozelos e saíotes enfeitados com motivos florais, os chefes de tribo e os seus dignitários estavam com os braços cheios de presentes: peles de pantera, anéis de ouro, marfim, ébano, plumas e ovos de avestruz, sacos cheios de pedras preciosas, leques.

Acompanhado por Setaou, o decano da assembléia avançou para Ramsés.

— Que seja prestada homenagem ao Filho da Luz.

— Que seja prestada homenagem aos filhos da Núbia, que escolheram o caminho da paz — respondeu Ramsés. — Que estes dois templos de Abu-Simbel, tão caros ao meu coração, sejam o símbolo da sua união com o Egito.

— Toda a Núbia já sabe que Vossa Majestade nomeou Setaou vice-rei.

Um pesado silêncio pairou sobre a assembléia. Se os chefes de tribo desaprovassem aquela decisão, recomençaria a desordem. Mas mesmo assim Ramsés não retiraria o seu apoio a Setaou; sabia que o amigo tinha nascido para governar aquela região e que a tornaria feliz.

O decano voltou-se para Setaou, vestido com a sua túnica de pele de antílope.

— Agradecemos a Ramsés, o Grande ter escolhido o homem que sabe salvar vidas, fala com o coração e conquistou o nosso.

Comovido até as lágrimas, Setaou inclinou-se diante de Ramsés.

De repente, o que viu aterrorizou-o: uma víbora de chifres aproximava-se do pé do rei, ondulando sobre a areia.

Setaou desejou gritar e alertar o monarca, mas foi saudado levado em triunfo nos braços dos núbios, num grande barulho de aclamações, e os seus avisos foram abafados pelo ruído dos festejos.

Quando a víbora estava se erguendo para atacar, um íbis branco desceu do céu azul, cravou o bico na cabeça da víbora e retomou o vôo levando a sua presa.

Os que tinham visto a cena não duvidaram: fora o deus Thaot, sob a forma de um íbis, que salvara a vida do monarca. E assim, já que Thaot tinha se manifestado daquela maneira, a forma de governar do vice-rei Setaou seria justa e prudente.

Escapando da multidão de seus partidários, o novo vice-rei conseguiu finalmente aproximar-se do monarca.

— E pensar que aquela víbora...

— Do que tinha medo, Setaou, se foi você que me imunizou? Precisa ter confiança em você, meu amigo.

Duas vezes pior, talvez três, ou mesmo dez! Sim, era bem pior do que Setaou imaginara. Desde a sua nomeação, estava assoberbado de trabalho e tinha que conceder audiências a mil e um súditos que as solicitavam e cujos pedidos eram todos muito urgentes. Em poucos dias, constatou que os seres humanos não tinham qualquer pudor quando se tratava de defender os seus interesses, sem se importar com os dos outros.

Apesar do seu desejo de obedecer ao rei e realizar a missão que ele lhe confiara, Setaou esteve prestes a renunciar. Capturar perigosos répteis era mais fácil do que resolver conflitos entre facções rivais.

Mas a sua função de vice-rei da Núbia beneficiou dois aliados que ele não esperava. A primeira foi Lótus, cuja metamorfose o surpreendeu. Ela, a apaixonada de iniciativas deliciosas, a linda Núbia que sabia extrair um delicioso prazer do corpo de seu amante, a feiticeira capaz de falar a linguagem das serpentes, tornara-se sua assistente com a frieza de uma mulher de poder. A sua beleza, que se mantinha intacta apesar dos anos, foi um trunfo precioso durante as discussões com os dignitários das tribos que, esquecendo as suas querelas e aluminas exigências, contemplavam as formas encantadoras da esposa do vice-rei. Em suma, Lótus encantava a outros tipos de répteis.

O segundo aliado foi mais surpreendente ainda: o próprio Ramsés. A presença do monarca durante as primeiras discussões de Setaou com os oficiais superiores das fortalezas egípcias foi determinante. Apesar de seu espírito bastante limitado, os oficiais compreenderam que Setaou não era um fantoche e que tinha o apoio do rei.

Ramsés não pronunciou uma única palavra, deixando o amigo exprimir-se e provar o seu valor.

No final da cerimônia de instalação do vice-rei na fortaleza de Buhaen, Setaou e Ramsés passearam pelas ameias.

— Nunca soube agradecer — confessou Setaou — mas...

— Ninguém teria conseguido impedir você de se impor; apenas lhe fiz ganhar algum tempo, nada mais.

— Deu-me a sua magia, Ramsés, e essa força é insubstituível.

— Foi o amor por este país que dominou a sua existência, e você aceitou a realidade porque é um autêntico guerreiro, ardente e sincero como esta terra.

— Um guerreiro a quem você pede para consolidar a paz.

— Não é ela o mais suave dos alimentos?

— Em breve vai partir, não é verdade?

— Você é o vice-rei, a sua esposa é notável; a você compete tornar a Núbia próspera.

— Voltará Majestade?

— Não sei.

— No entanto, você também ama este país.

— Se vivesse aqui, eu me sentaria sob um palmar, a margem do Nilo, diante do deserto, e contemplaria o percurso do sol sonhando com Nefertari e sem me preocupar com os assuntos de Estado.

— Hoje e só Hoje, começo a sentir um pouco o peso que recai sobre os seus ombros.

— Porque você já não pertence a si próprio, Setaou.

— Não tenho a sua força, Majestade. Esse fardo não será muito pesado para mim?

— Graças as serpentes, você venceu o medo; graças a Núbia, você viverá a prática do poder sem dele ser escravo.

Serramanna treinava boxe em um boneco de pano, praticava com o arco, corria e nadava; porém, este excesso de exercícios físicos não dava vazão ao ódio que sentia contra Uri-Techup. Contrariamente as suas esperanças, o hitita nem perdera o sangue-frio nem cometera o erro que teria permitido ao sardo prendê-lo. E a sua grotesca união com Tanit assumia a forma de um casamento respeitável ao qual as grandes famílias de Pi-Ramsés se iam habituando.

No momento em que o chefe da guarda pessoal de Ramsés estava mandando embora uma estupenda dançarina núbia, cuja alegre sensualidade o havia acalmado um pouco, um de seus subordinados irrompeu a porta adentro.

— Já almoçou, rapaz?

— Bem...

— Perca do Nilo, rins com molho, pombo recheado, legumes frescos... Agrada-lhe?

— De que maneira, chefe?

— Quando tenho fome, fico com as orelhas surdas, vamos comer, depois você fala.

Terminada a refeição, Serramanna estendeu-se sobre as almofadas.

— O que o traz aqui, rapaz?

— Como tinha me pedido, chefe, montei guarda discretamente em frente a vila da dama Tanit durante a sua ausência. Um homem de cabelos encaracolados e túnica multicolor procurou três vezes o porteiro.

— Seguiu-o?

— Essa não era uma de suas ordens, chefe.

— Portanto, não posso censurá-lo de nada.

— Bem, é que... da terceira vez eu o segui e perguntava a mim mesmo se não tinha feito uma grande besteira.

Serramanna levantou-se, e a sua mão enorme caiu sobre o ombro do mercenário.

— Bravo, meu rapaz! Às vezes é preciso saber desobedecer. Qual é o resultado da sua perseguição?

— Descobri onde ele vive.

Serramanna refletira longamente. Devia empreender uma ação brutal e obrigar o suspeito a falar, ou consultar primeiro Ameni? Outrora, não teria hesitado; mas o antigo pirata tornara-se egípcio, e o respeito pela justiça parecia-lhe agora um valor que permitia aos seres humanos conviverem sem demasiados choques e sem insultar os deuses. Assim, o chefe da guarda pessoal de Ramsés entrou no gabinete do secretário particular e porta-sandálias do monarca, que trabalhava só, a luz de lampiões a óleo.

Enquanto lia as tabuletas de madeira, Ameni devorava um caldo de favas, pão fresco e bolos de mel. E o milagre continuava: nenhum alimento o fazia engordar.

— Quando vem me visitar tão tarde — disse a Serramanna — não é bom sinal.

— Engana-se. Talvez eu tenha uma pista interessante, mas ainda não fiz nada.

Ameni ficou surpreso.

— Será que o deus Thaot o tomou sob a proteção de sua asa de íbis e insuflou-lhe um pouco de bom senso? Agiu bem, Serramanna. O vizir não brinca com o respeito a que os cidadãos tem direito.

— Trata-se de um fenício rico, chamado Narisli, que vive numa grande vila. Foi várias vezes a casa da dama Tanit.

— Visitas de cortesia, entre compatriotas.

— Mas Narisha não sabia que Tanit e Uri-Techup andavam em viagem oficial, em companhia da rainha. Desde que regressaram, só veio uma vez, no meio da noite.

— E você mandou vigiar a casa da dama Tanit sem autorização?

— De forma nenhuma, Ameni; obtive essas informações de um vigilante encarregado da segurança do bairro.

— Não só me toma por um imbecil, como ainda brinca com os diplomatas! Ora, ora, eis aí um novo Serramanna...

O escriba parou de comer.

— Você está me tirando o apetite.

— Será que cometi um erro grave? — inquietou-se o sardo.

— Não, a sua apresentação dos fatos é astuciosa e conveniente... Mas o nome Narisha é que me inquieta.

— É um homem rico e, com toda certeza, influente, mas por que haveria de escapar a justiça?

— Porque é mais influente do que você imagina! Narisha é um comerciante da cidade de Tiro, encarregado de preparar, com o nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, a visita do rei a Fenícia.

O sardo entusiasmou-se.

— É uma cilada! Narisha está em contato com Uri-Techup.

— Ele tem Negócios com a sua compatriota, a dama Tanit; ela mesma é uma rica comerciante; portanto, nada prova que conspire com o hitita.

— Não sejamos cegos, Ameni.

— Estou numa situação difícil. Depois de ter passado vários meses na Núbia para firmar a autoridade de Setaou, Ramsés retomou a pasta dos nossos protetorados do Norte e dos nossos reforços comerciais. Como os laços com a Fenícia enfraqueceram um pouco, ele decidiu reforçá-los com uma viagem oficial. Você conhece bem o rei: não será um mero atentado que o fará recuar.

— Temos de continuar a investigação e provar que aquele Narisha é um cúmplice de Uri-Techup.

— E você pensa que íamos ficar de braços cruzados?

As águas do Nilo refletiam o ouro do sol poente. Tanto na casa dos ricos como na dos humildes estava sendo preparada a refeição.

As almas dos mortos, depois de terem vogado em companhia do astro-rei e terem se alimentado com a sua energia, regressavam as suas moradas de eternidade para ali se regenerarem com uma outra forma de energia — o silêncio.

No entanto, nessa noite, os cães encarregados de guardar a imensa necrópole de Saqqara estavam atentos, porque o local acolhia dois visitantes de altíssima qualidade, Ramsés, o Grande e o seu filho Kha, este último dominado por uma exaltação que lhe era pouco habitual.

— Como estou feliz por recebê-lo em Saqqara, Majestade.

— Os seus trabalhos correram bem e descobriu o livro de Thaot?

— A maior parte dos monumentos antigos está restaurada, estamos fazendo os acabamentos finais. Quanto ao livro de Thaot, talvez eu esteja prestes a reconstituí-lo página por página, e é exatamente uma delas que gostaria de lhe mostrar. Durante a sua longa estada na Núbia, os mestres-de-obras e os artesãos do deus Ptaha trabalharam sem cessar.

A alegria do filho enchia Ramsés de felicidade: raramente o vira tão feliz.

No vasto domínio de Saqqara reinava a pirâmide-mãe de Djoser e de Imotep, a primeira construção em pedras talhadas cujos degraus formavam uma escada para o céu; mas não foi para o extraordinário monumento que Kha conduziu o pai. Seguiu por um caminho desconhecido, serpenteando para noroeste da pirâmide.

Uma capela de colunas sobrelevadas, cujo envasamento era adornado por estrelas dedicadas as divindades por intermédio de grandes personagens do Estado, marcava a entrada de um subterrâneo guardado por sacerdotes com tochas.

— Ao saíote de cerimônia do Faraó — lembrou Kha — está presa uma cauda de touro, pois este simboliza a força por excelência. E essa força é a do touro Apis, que permite ao senhor das Duas Terras ultrapassar todos os obstáculos. É ele, Ápis, que transporta sobre o dorso a múmia de Osiris para ressuscitá-lo com a sua corrida celeste. Tinha feito o juramento de construir para o touro Apis um santuário de acordo com a grandeza de sua dinastia; essa obra está pronta.

Precedidos pelos portadores de tochas, o monarca e o filho mais velho penetraram no templo subterrâneo dos touros Ápis. No decurso das gerações, a alma do deus passara de animal em animal sem que a transmissão de sua força sobrenatural tivesse sido interrompida. Cada um deles repousava num enorme sarcófago depositado numa capela; mumificados como os humanos, os touros Ápis tinham sido inumados com os tesouros do seu reinado, jóias, vasos preciosos e mesmo pequenas fitas com cabeça de touro, que se animariam magicamente no Além para lhe evitar qualquer fadiga. Os construtores tinham escavado e preparado impressionantes galerias

que ligavam entre si as capelas onde os touros mumificados dormiam um tranqüilo sono.

— Todos os dias — explicou Kha — os sacerdotes especializados apresentarão as oferendas em cada uma das capelas para que a grande alma de Ápis dê ao Faraó a força de que tem necessidade. Mandei igualmente construir um sanatório onde os doentes serão instalados em quartos de paredes cobertas de estuque onde farão curas de sono. Não lhe parece que a médica chefe Neferet vai ficar encantada?

— A sua obra é magnífica, meu filho; ela há de atravessar os séculos.

— Ápis vem ao seu encontro, Majestade.

Saindo das trevas, um colossal touro negro avançou lentamente para o Faraó. O Ápis reinante tinha o porte de um monarca pacífico.

Ramsés recordou o momento aterrador em que, em Abidos, seu pai Sethi o confrontara com um touro selvagem. Quantos anos já tinham passado desde o episódio que decidira o destino do Filho da Luz.

O touro aproximou-se. Ramsés permaneceu imóvel.

— Venha em paz até mim, meu irmão.

Ramsés tocou no chifre do touro que, com a sua língua áspera, lambeu a mão do monarca.

Os altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros haviam aprovado com grandes elogios o projeto de Ramsés, felicitando o Faraó pela sua notável iniciativa, apreciada por todos os principados colocados sob a proteção do Egito e do Hatti. Não passara sequer uma sombra de crítica nem mesmo uma sugestão. Não era divino o pensamento de Ramsés o Grande?

Quando Ameni entrou no gabinete do monarca, detectou imediatamente a sua contrariedade.

— Devo chamar a médica chefe Neferet, Majestade?

— Sofro de um mal que ela não poder curar.

— Deixe-me adivinhar: já não suporta as lisonjas.

— Quase trinta e nove anos de reinado, cortesãos indolentes e hipócritas, notáveis que me louvam em vez de refletirem por si mesmos, patéticos responsáveis que apenas existem em função das minhas decisões... Tenho razões para me alegrar?

— Teve então que ultrapassar os sessenta anos para descobrir a verdadeira natureza dos cortesãos? Esse momento de fraqueza nem parece seu, Majestade. E a mim, por quem me toma? Os deuses não me concederam a profundidade e a larga visão de Vossa Majestade, mas, apesar disso, exprimo a minha opinião.

Ramsés sorriu.

— E já sei que não aprova a minha viagem oficial a Fenícia.

— Segundo Serramanna, Vossa Majestade pode ser vítima de um atentado.

— É um risco inerente a qualquer deslocamento nessa região; se a minha magia for eficaz, o que tenho a temer?

— Como é certo que Vossa Majestade não renunciará ao seu projeto, reforçarei o dispositivo de segurança tanto quanto puder. Mas é realmente necessária essa viagem a Tiro? Os nossos agentes comerciais são perfeitamente capazes de resolver esse tipo de problema.

— Está subestimando a importância da minha intervenção?

— Então Vossa Majestade tem uma intenção oculta !

— A inteligência é uma virtude reconfortante, Ameni.

Uri-Techup levantou-se tarde e almoçou no jardim, ao ar livre.

— Onde está minha mulher? — perguntou ao mordomo.

— Dama Tanit foi tratar de uns assuntos na cidade.

O hitita não ficou contente. Por que a mulher não lhe havia dito que ia sair? Ao voltar, ele a abordou.

— De onde está vindo?

— De vez em quando, tenho de ocupar-me de meus bens.

— Com quem se encontrou?

— Com um rico compatriota.

— Como se chama?

— Estará com ciúmes, meu querido?

Uri-Techup esbofeteou-a.

— Não se divirta comigo e responda-me quando eu lhe perguntar.

— Você me magoou!

— Como ele se chama?

— Narisha. Deseja desenvolver o volume de trocas com o Egito e serve mesmo de intermediário para a próxima viagem de Ramsés a Fenícia.

Uri-Techup beijou a fenícia nos lábios.

— Apaixonante, minha florzinha, era o que me devia ter dito imediatamente, sem me provocar de forma estúpida. Quando verá novamente Narisha?

— Concluimos o negócio.

— Invente uma nova idéia para trabalhar com ele e arranque o máximo de informações sobre essa viagem de Ramsés. Graças ao seu poder de sedução, conseguirá isso sem dificuldade.

Dama Tanit tentou protestar, então Uri-Techup deitou-se sobre ela. Enfeitiçada, a bela fenícia abandonou-se; era-lhe impossível lutar contra o desejo do amante.

— Todos os banquetes foram suspensos — anunciou dama Tanit a Uri-Techup, que entregara as mãos aos cuidados de uma manicura.

— Por que razão?

— O touro Ápis morreu. Durante o período de luto não é permitida nenhuma festividade.

— Que costume ridículo!

— Não para os egípcios.

Dama Tanit dispensou a manicura.

— É a própria força do Faraó que está em jogo — enfatizou a fenícia. — Compete-lhe descobrir o corpo de um touro no qual encarnará Ápis. Caso contrário, o seu prestígio declinará.

— Ramsés não terá qualquer dificuldade.

— A tarefa não é assim tão simples, porque o animal deve apresentar determinadas características.

— E quais são?

— Ele terá que interrogar um sacerdote especializado no culto de Ápis.

— Faça com que nos convidem para os funerais.

O cadáver do velho touro Ápis, morto em sua morada do templo de Mênfis, fora depositado sobre um leito funerário na "sala pura", onde, como um Osíris, tivera as honras de uma vigília fúnebre a qual assistiam Ramsés e Kha. Haviam sido recitadas para o defunto as fórmulas da ressurreição; Ápis, a força mágica de Ptaha, o deus dos construtores, devia ser tratado com as devidas honras a sua função.

Terminada a mumificação, Ápis fora colocado sobre um sólido trenó de madeira e conduzido até o barco real, que o transportou através do Nilo. Organizara-se, depois, uma procissão em direção a necrópole de Saqqara e a sepultura subterrânea dos touros.

Ramsés abriu a boca, os olhos e as orelhas do touro ressuscitado na "morada de ouro". Nem a Uri-Techup nem a dama Tanit fora permitido contemplar esses ritos misteriosos, mas ambos conseguiram com que um sacerdote tagarela falasse, satisfeito por exhibir a sua sabedoria.

— Para se tornar um Ápis, o touro deve ter a pelagem negra salpicada de manchas brancas, um triângulo branco na testa, um crescente lunar no peitoral e outro no flanco, e os pêlos da cauda alternadamente negros e brancos.

— Existem muitos touros com essas características? — perguntou o hitita.

— Não; existe apenas um único touro nesse molde preparado pelos deuses.

— E se o Faraó não o encontrar?

— Perderá todo o vigor, e inúmeras desgraças se abaterão sobre o país. Mas Ramsés não falhará em sua tarefa.

— Todos nós estamos convencidos disso.

Uri-Techup e a esposa afastaram-se.

— Se esse animal existe — disse o hitita — vamos descobri-lo antes de Ramsés e matá-lo.

O rosto de Ameni estava inquieto e cansado. Como seria possível não estar cansado? O próprio Ramsés nunca conseguira que o fiel amigo, apesar das múltiplas dores, concordasse em diminuir o seu ritmo de trabalho.

— Muito boas notícias, Majestade. Por exemplo...

— Comece pela má Ameni.

— Como adivinhou?

— Você nunca soube dissimular os seus sentimentos.

— Como queira... O imperador Hattusil escreveu-lhe.

— Os nossos diplomatas correspondem-se regularmente; o que há de anormal nisso?

— Dirige-se a você, seu irmão, porque Mat-Hor se queixa da sorte que você lhe reservou. Hattusil está espantado e pede explicações.

O olhar de Ramsés relampejou.

— Tenho certeza de que essa mulher o caluniou para provocar a ira do pai e reacender a discórdia entre os nossos dois povos.

— Respondamos como convém ao meu irmão Hattusil.

— Inspirei-me nos textos redigidos por Achaa e proponho-lhe uma missiva que deverá dar todas as satisfações ao imperador do Hatti.

Ameni mostrou um rascunho ao rei, uma tabuleta de madeira gasta pela força de tantas vezes ter sido apagada e raspada.

— Belo estilo diplomático — considerou Ramsés. — Você está sempre progredindo.

— Posso entregar a redação definitiva a um escriba de mão perfeita?

— Não, Ameni.

— Mas... por que?

— Porque eu próprio vou redigir a resposta.

— Perdoe, Majestade, mas receio...

— Recear a verdade? Vou me contentar em explicar a Hattusil que a filha dele é incapaz de assumir a função de grande esposa real e que passará a partir de agora, dias serenos numa redoma dourada, enquanto Meritamon permanecerá a meu lado nas cerimônias oficiais.

Ameni estava lívido.

— Talvez Hattusil seja seu irmão, mas é um monarca muito temperamental... Uma resposta tão brutal arrisca-se a provocar uma reação não menos brutal.

— Ninguém deveria se ofender com a verdade.

— Majestade...

— Volte as suas pastas, Ameni; a minha carta partirá amanhã para o Hatti.

Uri-Techup escolhera bem sua esposa. Bela, sensual, apaixonada, aceita na alta sociedade, e rica, muito rica. Graças a fortuna da dama Tanit, o hitita pudera contratar um considerável número de informantes encarregados de o avisarem dos locais onde viviam touros machos, adultos, de pelagem negra salpicada de manchas brancas.

Como Ramsés ainda não iniciara nenhuma procura, Uri-Techup aproveitara a sua vantagem.

Oficialmente, Tanit desejava comprar gado e queria adquirir poderosos reprodutores antes de investir na criação. A procura tinha-se iniciado em redor de Pi-Ramsés, estendendo-se depois as províncias que se encontravam entre a capital e Mênfis.

— O que Ramsés está fazendo? — perguntou Uri-Techup a fenícia, que voltava do palácio onde conversara com funcionários da Dupla Casa Branca, encarregados de aplicar a política econômica do soberano.

— Passei a maior parte do tempo em companhia de Kha; pai e filho estão reformulando o antiquíssimo ritual de entronização do novo Ápis.

— Esse maldito touro já foi descoberto?

— Compete ao Faraó, e apenas ao Faraó, identificá-lo.

— Nesse caso, por que ele ainda não se mexeu?

— Porque o período de luto ainda não terminou.

— Se pudéssemos colocar diante da entrada do templo subterrâneo o cadáver do novo Ápis... a reputação de Ramsés ficaria destruída !

— O meu mordomo tem uma mensagem para você.

— Mostre-me, e depressa !

Uri-Techup arrancou um pedaço de calcário das mãos de Tanit. De acordo com um dos batedores, um touro correspondendo as características exigidas tinha sido localizado numa pequena aldeia ao norte de Mênfis. O dono do animal exigia por ele um preço exorbitante.

— Vou partir imediatamente — anunciou Uri-Techup.

Naquela metade de tarde ensolarada, a aldeia cochilava. Perto do poço, num bosquezinho de palmeiras, duas meninas brincavam com bonecas. Não longe, a mãe consertava cestos de vime.

Quando o cavalo de Uri-Techup irrompeu naquele mundo calmo, as duas crianças, assustadas, correram para junto da mãe, também ela aterrada pela violência que emanava do cavaleiro de longos cabelos.

— Você, mulher, diga-me onde está o proprietário de um vigoroso touro negro.

A mãe de família recuou, apertando as crianças contra o corpo.

— Fale ou vai sentir os meus punhos!

— Na saída sul da aldeia, um casarão com um cercado...

O cavalo lançou-se na direção indicada. Alguns minutos de galope, e Uri-Techup avistou o cercado.

Um touro esplêndido, de pelagem negra salpicada de manchas brancas, ruminava, parado.

O hitita desmontou e o examinou de perto: possuía todos os sinais característicos de um Ápis!

Uri-Techup correu para o celeiro do casarão onde os agricultores armazenavam forragem.

— Onde está o patrão?

— Debaixo da pérgula.

Uri-Techup estava atingindo o seu objetivo; pagaria qualquer preço sem regatear.

Deitado numa esteira, o dono abriu os olhos.

— Fez boa viagem?

O hitita estacou.

— Você...

Serramanna ergueu-se lentamente, desdobrando a sua enorme estatura.

— Interessando-se por criação de gado, Uri-Techup? Excelente idéia! É um dos pontos fortes do Egito.

— Mas você não...

— O dono deste casarão? Claro que sim! Uma bela propriedade que pude oferecer a mim mesmo, graças ao apoio de Ramsés. Passarei aqui uma velhice tranqüila. Não deseja comprar o meu mais belo touro ?

— Não, está enganado, eu...

— Quando Ameni e eu verificamos que você andava muito agitado, o secretário particular do rei teve uma idéia divertida: pintar na pelagem deste animal os símbolos característicos do touro Ápis. Esta brincadeira ficará entre nós, não é verdade?

O período de luto terminaria em breve, e os ritualistas começavam a inquietar-se: por que motivo o rei não iniciava a busca do novo Apis? Depois de ter visitado diversas vezes o templo subterrâneo dos touros mumificados e trabalhado dias inteiros sobre o ritual da primeira dinastia, a dinastia que permitia aos Ápis ressuscitar, Ramsés ouvia o filho, o grande sacerdote de Ptaha, falar-lhe da ação incessante do deus dos construtores, trabalhando tanto nos espaços celestes

como nas colméias ou no ventre das montanhas. O verbo criador de Ptaha revelava-se no coração e era formulado pela língua, porque todo o pensamento vivo devia encarnar-se numa forma justa e bela.

Uma semana antes da data fatídica, o próprio Kha não dissimulava a sua inquietação.

— Majestade, o luto...

— Eu sei, meu filho; o sucessor do Ápis defunto existe, não se aflija.

— Se estiver longe daqui, a viagem o fará perder tempo.

— Está noite dormirei no templo subterrâneo e pedirei aos deuses e a Nefertari que me guiem.

Ao cair do dia, o monarca ficou a sós com a dinastia dos Ápis. Conhecia cada um pelo seu nome e apelou a alma única que os ligava uns aos outros. Deitado no leito rústico de uma cela de sacerdote, Ramsés confiou o seu espírito ao sono. Não apenas ao simples repouso do corpo e dos sentidos, mas ao sonho capaz de viajar como um infatigável pássaro. Como se o seu ser tivesse sido de repente provido de asas, o rei abandonou a terra, elevou-se no céu, e viu... Viu o Alto e o Baixo Egito, as províncias, as cidades e as aldeias, os grandes templos e os pequenos santuários, o Nilo e os canais de irrigação, o deserto e os campos cultivados.

Um forte vento norte empurrava, em direção a Abidos, o barco com duas velas brancas. A proa, Ramsés saboreava o prazer nunca saciado de admirar o seu país ao fluir da água.

Com absoluta convicção, Kha afirmara aos ritualistas e a corte que partia com o pai para identificar o touro Ápis e trazê-lo para Saqqara. Conhecedor das conseqüências dramáticas de um fracasso, o grande sacerdote recusava-se a admiti-lo.

— Estamos chegando — disse ao monarca.

— Esta viagem pareceu-me tão curta... Quando somos inundados por tanta beleza, o tempo deixa de existir.

O clero de Abidos em peso acolheu o rei no desembarcadouro.

O grande sacerdote saudou Kha.

— Sua Majestade está vindo preparar os mistérios de Osíris?

— Não — respondeu Kha. — Ramsés está convencido de que a nova encarnação do touro Apis se encontra aqui.

— Se assim fosse, nós teríamos prevenido Sua Majestade! Em que informações se baseia?

— Só ele sabe.

O grande sacerdote de Abidos ficou consternado.

— Tem tentado chamar seu pai a razão?

— Ele é Ramsés.

Todos esperavam que o monarca explorasse o campo circundante, mas ele dirigiu-se sem hesitação para o deserto, para os túmulos dos Faraós das primeiras dinastias. Em Saqqara repousavam as suas múmias, em Abidos perdurava o seu ser luminoso. As tamaragueiras sombreavam as sepulturas.

Então Ramsés o viu sob a folhagem.

Um magnífico touro negro cujo focinho se ergueu para ficar apontado na direção do homem

que avançava para ele.

Era justamente a cena que o Faraó contemplara no sonho proporcionado pela comunidade dos Ápis.

O quadrúpede não manifestou qualquer agressividade; dir-se-ia que estava reencontrando um velho amigo depois de longa separação.

Na testa do touro, um triângulo branco; no peitoral e no flanco, um crescente lunar; e os pêlos de sua cauda eram alternadamente negros e brancos.

— Venha, Ápis. Vou conduzi-lo a sua morada.

Quando o barco real atracou no cais principal do porto de Mênfis, toda a cidade já estava em festa. Os dignitários de Pi-Ramsés haviam deixado a capital para virem admirar o novo Ápis, cuja força permitiria ao Faraó reinar ainda durante longos anos. Até Ameni se deslocara, não com intenção de participar das festividades, porque era portador de más notícias.

Aclamados, o touro e o rei, lado a lado, desceram do barco e seguiram em direção ao templo de Ptaha, onde, num vasto curral próximo do santuário, viveria a partir de agora a encarnação de Ápis, cercado por vacas cada qual mais encantadora.

Diante da porta do curral realizou-se um antigo ritual: uma mulher de qualidade, reconhecida como honrada e gozando de excelente reputação, postou-se diante do touro. Levantou o vestido na altura do ventre e mostrou o sexo. Assim acolhia a sacerdotisa de Hathaor, em meio aos risos da multidão, o fecundador que engravidaria as vacas, animais sagrados da deusa, garantindo, portanto, a descendência dos Ápis.

Na primeira fila de espectadores, Uri-Techup não sabia para onde olhar. Aquela cena insólita, aquela mulher impudica que também ria, aquele touro impassível e o povo em veneração perante Ramsés... Aquele Ramsés que parecia indestrutível!

Qualquer outro teria desistido, mas Uri-Techup era um hitita, um chefe guerreiro, e Ramsés roubara-lhe o trono. Nunca lhe perdoaria ter reduzido a nação hitita, outrora conquistadora e vitoriosa, a um amontoado de medrosos curvando a cabeça diante do adversário de ontem.

A grande porta dupla do templo fechou-se. Enquanto a população dançava, cantava, comia e bebia por conta do Faraó Ramsés. Um grupo de ritualistas celebraram a cerimônia de entronização do Ápis, cujo ponto culminante era a corrida do touro levando no dorso a múmia de Osiris, o corpo recomposto e revivificado do deus vencedor da morte.

— Como é possível gostar assim de viagens? – resmungou Ameni — E enquanto está viajando, os aborrecimentos e as urgências acumulam-se sobre a minha mesa de trabalho !

— Se você veio até aqui — observou Ramsés — não foi sem um motivo importante.

— E ainda vai me acusar de perturbar um período de festividades.

— Já lhe fiz alguma censura séria?

O porta-sandálias do rei rosnou uma resposta indistinta.

— O imperador Hattusil respondeu com uma rapidez surpreendente — revelou. — Basta ler nas entrelinhas para detectar a sua raiva. Desaprova a sua atitude e mal disfarça as suas ameaças.

Ramsés guardou silêncio por alguns momentos.

— Já que os meus argumentos não o convenceram, utilizaremos uma estratégia diferente.

Pegue um papiro novo, Ameni, e traga-me o seu melhor pincel; as minhas propostas deverão surpreender o meu irmão Hattusil.

— As negociações terminaram — revelou Tanit a Uri-Techup — e o mercador Narisha partiu para Tiro a fim de receber Ramsés ao lado do governador da cidade e das personalidades locais.

O hita apertou o cabo da adaga de ferro que nunca o abandonava.

— Não conseguiu informações mais confidenciais?

— O itinerário não, é secreto, e o monarca estará acompanhado por seu filho Merneptah, general-chefe do exército egípcio, a frente de dois regimentos de elite. Qualquer ataque contra eles seria rechaçado na hora.

Uri-Techup sentiu a raiva subir-lhe pelo corpo. Malfi ainda não dispunha de homens suficientes para travar uma batalha dessa importância.

— Apesar de tudo — acrescentou a fenícia — é curioso que os altos funcionários da Dupla Casa Branca não tenham feito qualquer referência particular, como se o faraó não estivesse relacionado com os problemas econômicos. Existem, no entanto, pontos litigiosos que o Egito não costuma deixar passar em silêncio.

— Que conclusão você tira disso?

— Que Ramsés esconde o verdadeiro objetivo da viagem.

Uri-Techup ficou perplexo.

— É capaz de você ter razão... Pois bem, descubra.

— Como?

— Vá ao palácio, faça os cortesãos falarem, roube documentos, sei lá... Vire-se, Tanit !

— Mas, meu querido...

— Não discuta. Tenho que saber.

Larga e segura, a pista acompanhava a base do monte Carmelo e descia em suave declive para o mar. O mar... Uma visão estranha para muitos soldados egípcios, uma incrível planície de água sem limites.

Os veteranos avisavam aos mais novos: meter os pés na espuma das ondas não era perigoso, o conveniente era não nadar para longe, pois havia o risco de ser arrastado para o fundo das águas por um gênio malfazejo.

Ramsés avançava a frente de seu exército, logo atrás de Merneptah e dos batedores. O filho mais novo do rei, ao longo de toda a viagem, não cessara de verificar o seu dispositivo de segurança. O monarca, por seu lado, não revelara qualquer sinal de inquietação.

— Se reinar — disse a Merneptah — não se esqueça de visitar os nossos protetorados a intervalos regulares; e se for o seu irmão Kha, lembre-lhe isso. Quando o Faraó está muito longe e muito ausente, a revolta tenta quebrar a harmonia; quando está próximo, os corações acalmam-se.

Apesar das palavras reconfortantes dos veteranos, os jovens recrutas não estavam tranquilos; uma seqüência de ondas violentas vindo rebentar nos esporões rochosos que avançavam pelo mar adentro fê-los sentir saudades das margens do Nilo.

A terra pareceu-lhes menos agressiva: campos cultivados, pomares e olivais testemunhavam a riqueza agrícola da região. Mas a velha cidade de Tiro estava voltada para o largo; um braço de mar formava uma espécie de fosso impossível de atravessar, espécie de proteção natural contra o ataque de uma frota inimiga. A nova Tiro fora edificada sobre três ilhotas separadas por canais pouco profundos, ao longo dos quais se encontravam as docas secas.

De cima das torres de vigia, os habitantes de Tiro observaram o Faraó e os seus soldados. Conduzida por Narisli, uma delegação veio ao encontro do senhor do Egito. As saudações foram calorosas, e Narisli, com entusiasmo, guiou Ramsés pelas ruelas da sua cidade.

Merneptah manteve os olhos fixos sobre os telhados, de onde, a qualquer momento, podia surgir o perigo.

Tiro dedicava-se ao comércio; ali se vendiam vidros, vasos de ouro e prata, tecidos coloridos com púrpura e muitas outras mercadorias que transitavam pelo porto. As casas, com altura de quatro ou cinco andares, eram encostadas umas as outras.

Amigo íntimo de Narisli, o governador ofereceu a Ramsés sua luxuosa vila para instalar-se. Construída no ponto culminante da cidade, a residência dominava o mar. O seu terraço florido era uma maravilha, e o proprietário chegara ao ponto de mobiliar a vasta moradia em estilo egípcio, para que o Faraó se sentisse a vontade.

— Espero que fique satisfeito, Majestade — declarou Narisli — A sua visita é uma enorme honra; está noite mesmo Vossa Majestade presidirá a um banquete que ficará nos anais da nossa história.

— Poderemos esperar que as relações comerciais com o Egito irão se desenvolver?

— Não sou contra a idéia, mas com uma condição.

— A diminuição da nossa margem de lucro... Eu já desconfiava. Não nos opomos, desde que possamos recuperá-la no volume de trocas.

— Estava pensando em outra condição.

Apesar da doçura do ar, o negociante fenício sentiu o sangue gelar nas veias. Na seqüência do tratado de paz, o Egito admitira que a região ficasse sob o controle hitita, mesmo que, na realidade, se beneficiasse de uma real independência. Uma desastrosa vontade de poder não impeliu Ramsés a pôr a mão na Fenícia, com risco de denunciar o tratado e provocar um conflito?

— Quais são as suas exigências, Majestade?

— Vamos ao porto. Merneptah nos acompanhará.

Por ordem do rei, o seu filho mais novo teve de contentar-se com uma pequena escolta.

Na parte ocidental do porto encontrava-se uma centena de homens de idades e origens diversas, nus e acorrentados. Alguns tentavam manter uma aparência digna, outros tinham o olhar no vazio.

Os tírios, de cabelos encaracolados, discutiam os preços, quer por prisioneiro ou por lote de prisioneiros; tencionavam conseguir polpudos lucros na venda daqueles escravos saudáveis. A disputa verbal e financeira anunciava-se dura.

— Que esses homens sejam libertados — exigiu Ramsés.

Narisha pareceu divertido.

— Valem muito dinheiro... Permita a cidade de Tiro oferecê-los a Vossa Majestade.

— Eis a verdadeira razão de minha viagem: nenhum dos habitantes de Tiro que quiser negociar com o Egito dever ser comerciante de escravos.

Chocado, o fenício teve que apelar para todo o seu sangue-frio para não lançar um violento protesto.

— Majestade... A escravatura é uma lei natural; as sociedades comerciais praticam-na desde sempre.

— Não existe escravatura no Egito — disse Ramsés — Os seres humanos são o rebanho de Deus, nenhum indivíduo tem o direito de tratar o outro como um objeto sem alma ou como uma mercadoria.

O fenício nunca tinha ouvido um discurso tão aberrante; se o seu interlocutor não fosse o Faraó do Egito, tê-lo-ia tomado por um louco.

— Os seus prisioneiros de guerra não foram reduzidos a escravatura, Majestade?

— Em função da gravidade dos fatos de que eram acusados, foram condenados a períodos de trabalhos forçados mais ou menos longos. Recuperada a liberdade, puderam agir como quiseram; a maior parte deles permaneceu no Egito, e muitos ali formaram suas famílias.

— Os escravos são indispensáveis para inúmeros trabalhos.

— A lei de Maat exige um contrato entre o que ordena um trabalho e aquele que o realiza; caso contrário, a alegria não pode circular nem na obra mais sublime nem no trabalho mais modesto. E esse contrato baseia-se na palavra dada por cada uma das partes. Julga por acaso que as pirâmides e os templos poderiam ter sido construídos por bandos de escravos?

— Majestade, não se podem modificar hábitos antigos...

— Não sou ingênuo, e sei que a maior parte dos países continuará a praticar a escravatura. Agora já sabe quais são as minhas exigências.

— O Egito está se arriscando a perder importantes mercados.

— O essencial é preservar a sua alma; o Faraó não é o patrão dos mercadores, e sim o representante de Maat na terra e o servidor de seu povo.

As palavras de Ramsés gravaram-se no coração de Merneptah; para ele, a viagem a Tiro ficaria sendo uma etapa fundamental.

Uri-Techup estava de tal forma enraivecido que, para se acalmar, derrubara a machadada um sicônio centenário que dava sombra a um pequeno lago onde os patos gostavam de chapinhar. Assustado, o jardineiro da dama Tanit refugiara-se na cabana onde arrumava os seus utensílios.

— Ora, até que enfim você apareceu! — exclamou o hitita quando a esposa atravessou o limiar da propriedade.

Tanit contemplou o desolador espetáculo.

— Foi você que...?

— Estou em minha casa e faço o que quero! O que soube no palácio?

— Deixe-me sentar, que estou cansada.

O pequeno gato rajado saltou para os joelhos da dona; esta acariciou-lhe maquinalmente o

topo da cabeça, e ele ronronou.

— Fale, Tanit!

— Você vai ficar decepcionado: o verdadeiro objetivo da viagem de Ramsés era lutar contra a escravatura, que está aumentando cada vez mais em Tiro e na região.

Uri-Techup esbofeteou violentamente Tanit.

— Não brinque comigo !

Querendo defender a dona, o pequeno gato arranhou o hitita, que o agarrou pelo pescoço e o degolou com a sua adaga de ferro.

Salpicada de sangue e horrorizada com a cena, Tanit correu e escondeu-se no seu quarto.

Serramanna estava melancólico.

— Ramsés regressou são e salvo da Fenícia;

— Estou respirando melhor — confessou o secretário particular do rei. — Por que você está de tão mau humor, Serramanna?

— Porque a pista de Narisha termina num beco sem saída.

— O que esperava?

— Ter a prova de que esse fenício tratava de Negócios escusos com a dama Tanit. Assim poderia ameaçar inculpá-la.

Ameni estava aliviado;

— Esqueceu de que ele é o assassino de Achaa?

— Não existem provas.

— Infelizmente, você tem razão.

O sardo sentia-se envelhecer. Ele, respeitando a lei! Tinha que resignar-se e admitir o seu fracasso: Uri-Techup mostrara-se suficientemente astuto para escapar a justiça egípcia.

— Vou voltar para casa.

— Uma nova conquista?

— Nem isso, Ameni. Estou cansado e vou dormir.

— Uma dama o espera — anunciou o mordomo de Serramanna.

— Não chamei nenhuma mulher !

— Não se trata de uma mulher qualquer, mas de uma dama importante. Pedi-lhe que esperasse na sala de hóspedes.

— Você está obcecado por esse hitita! Vai acabar ficando com a mente perturbada.

Intrigado, Serramanna atravessou o compartimento de entrada em grandes passadas.

— Tanit!

A bela fenícia ergueu-se e, chorando, precipitou-se nos braços do gigante. Estava despenteada, e as faces apresentavam vestígios de pancadas.

— Proteja-me, suplico-lhe!

— Bem que eu queria, mas de que... ou de quem?

— Do monstro que fez de mim sua escrava.

Serramanna evitou manifestar a sua alegria.

— Se deseja que eu atue de forma oficial, dama Tanit, você terá que apresentar queixa.

— Uri-Techup cortou o pescoço do meu gato, derrubou um sicônoro do meu jardim e me bate a toda hora.

— São crimes que o condenarão a um castigo, ou seja, a trabalhos forçados. Mas isso não bastará para torná-lo incapaz de fazer o mal.

— Os seus homens me protegerão?

— Os meus mercenários formam a guarda pessoal do rei e não poderão intervir num assunto particular. A menos que este se transforme... num assunto de Estado.

Enxugando as lágrimas, Tanit afastou-se do gigante e fitou-o direto nos olhos.

— Uri-Techup quer assassinar Ramsés. O seu aliado é o líbio Malfi, com quem fez uma aliança em minha própria casa. Foi Uri-Techup quem matou Achaa com uma adaga de ferro que ele nunca abandona. E é com essa mesma adaga que ele quer matar o rei. E agora, trata-se de um assunto de Estado?

Uma centena de homens espalhou-se pelos arredores da vila da dama Tanit. Alguns arqueiros subiram nas árvores que davam para o jardim da fenícia, e outros nos telhados das casas vizinhas.

Uri-Techup estaria só ou com os líbios? Será que tomaria os servos como reféns se percebesse o cerco? Serramanna exigira um silêncio completo quando estavam se aproximando, sabendo que o mínimo incidente alertaria o hitita.

O que justamente não aconteceu.

Ao escalar o muro da cerca, um mercenário segurou-se mal e caiu no mato.

Uma coruja piou, e os homens de Serramanna pararam de repente. Após alguns minutos de imobilidade, o sardo deu nova ordem para avançar.

Uri-Techup não tinha qualquer chance de fugir, mas não se entregaria sem lutar. Serramanna esperava capturá-lo vivo para fazê-lo comparecer perante o tribunal do vizir.

Uma luz brilhava no quarto da dama Tanit.

Serramanna e uma dezena de mercenários rastejaram sobre o solo úmido de orvalho, chegaram aos ladrilhos que rodeavam a casa e entraram no recinto.

A serviçal gritou de susto e largou o lampião a óleo, feito de terracota, que se quebrou ao cair no chão. Durante alguns instantes reinou a confusão. Os mercenários lutaram com inexistentes adversários e quebraram móveis a golpes de espada.

— Calma! — berrou Serramanna. — Luz, depressa!

Acenderam outros lampiões. Trêmula, a serviçal estava prisioneira de dois soldados que a ameaçavam com suas espadas.

— Onde está Uri-Techup? — perguntou Serramanna.

— Quando percebeu que a patroa havia desaparecido, saltou para o dorso do seu melhor cavalo e partiu num galope desesperado.

Furioso, o sardo esmagou com o punho um pote cretense. O instinto guerreiro do hitita, ao presentir o perigo, dera-lhe a ordem: fugir, o que ele fez, de imediato.

Para Serramanna, ser recebido no austero gabinete de Ramsés equivalia a penetrar no coração do mais secreto santuário do país.

Estavam presentes Ameni e Merneptah.

— A dama Tanit voltou para a Fenícia depois de ter prestado declarações perante o vizir — informou Serramanna. — Segundo diversos testemunhos, Uri-Techup tomou a direção da Líbia. Deve ter ido juntar-se ao seu aliado Malfi.

— É apenas uma hipótese — considerou Ameni.

— Não, uma certeza! Uri-Techup não tem mais onde se esconder e nunca desistirá de combater o Egito.

— Infelizmente — deplorou Merneptah — não conseguimos localizar o seu acampamento; esse líbio não para num lugar. Pensando bem, o nosso fracasso não deixa de ser tranquilizador: é a prova de que Malfi não consegue reunir um verdadeiro exército.

A nossa vigilância não deve abrandar — ordenou Ramsés — A aliança de dois seres maléficos e violentos constitui um perigo que não se pode negligenciar.

Serramanna tomou um ar digno.

— Majestade, tenho um pedido a lhe fazer.

— Estou ouvindo.

— Estou convencido de que cruzaremos novamente o caminho desse monstro Uri-Techup. Solicito o privilégio de combatê-lo, esperando matá-lo com as minhas próprias mãos.

— Concedido.

— Seja qual for o futuro, graças a Vossa Majestade a minha existência terá sido bela. Muito obrigado, Majestade.

O sardo retirou-se.

— Parece contrariado — disse Ramsés a Merneptah.

— Depois de intermináveis caminhadas através de regiões mais ou menos hostis, Moisés e os hebreus aproximam-se de Canaã, que consideram como a sua Terra Prometida.

— Como Moisés deve estar feliz..

— Não se pode dizer o mesmo das tribos da região, que temem a presença daquele povo belicoso. É por isso que solicito mais uma vez autorização para intervir militarmente e abafar esse perigo crescente.

— Moisés irá até o fim na sua busca, criando um país no qual os seus fiéis viverão como quiserem; é exatamente assim, meu filho, e não interviremos. Amanhã, quem sabe, dialogaremos com esse novo Estado e talvez sejamos seus aliados.

— E se tornarem-se um inimigo?

— Moisés não será inimigo de sua terra natal. Preocupe-se com os líbios, Merneptah, não com os hebreus.

O filho mais novo de Ramsés não insistiu. Embora não concordasse muito com a argumentação do pai, curvou-se ao seu dever de obediência.

— Recebemos notícias do seu irmão Hattusil — revelou Ameni.

— Boas ou más?

— O imperador do Hatti está refletindo sobre o assunto.

Hattusil sentia frio, mesmo quando o sol brilhava intensamente. No interior de sua cidadela de grossas paredes de pedra, não conseguia se aquecer. Bem junto do fogo de lenha que crepitava numa ampla lareira, releu para sua esposa Putuhepa as propostas do Faraó do Egito.

— A audácia de Ramsés é incrível ! Dirijo-lhe uma carta de censuras e olhe o que ele ousa responder-me: que lhe envie outra princesa hitita para selar um novo casamento diplomático e fortalecer a paz. Sugere que eu próprio vá ao Egito...

— Maravilhosa idéia — considerou a imperatriz Putuhepa — A sua visita oficial demonstrará de forma bem evidente, que a paz estabelecida entre os nossos dois povos é irreversível.

— Nem pense nisso! Eu, o imperador dos hititas, apresentar-me como um súdito do Faraó!

— Ninguém está pedindo que você se humilhe; pode ter certeza de que seremos recebidos com as honras devidas a nossa posição real. A carta de aceitação já está redigida; só falta você colocar o seu selo.

— Precisamos refletir mais e principiar negociações.

— O tempo das negociações já passou, Hattusil. Preparem-o-nos para partir para o Egito.

— Decidiu liderar a diplomacia hitita?

— A minha irmã Nefertari e eu mesma construímos a paz; que o imperador do Hatti a consolide.

Putuhepa dirigiu um fervoroso pensamento ao homem mais sedutor que jamais conhecera — Achara, o amigo de infância de Ramsés — a um homem que vivia agora no paraíso dos justos. Para ele, este será um momento de muita alegria.

Quando Mat-Hor soube da novidade que estava emocionando todo o Egito — o anúncio da visita oficial dos pais ao Egito — julgou que ia regressar as boas graças oficiais. É certo que gozava de uma vida dourada no harém de Mer-Ur e saboreava, sem se cansar, os inúmeros prazeres de sua condição. Porém, não reinava, e não passava de uma esposa diplomática, privada de todo o poder.

A hitita escreveu uma longa carta a Ameni, secretário particular do monarca; em termos virulentos, exigia ocupar a função de grande esposa real para receber o imperador e a imperatriz do Hatti, e pedia uma escolta para reconduzi-la ao palácio de Pi-Ramsés.

Assinada por Ramsés, a resposta foi contundente: Mat-Hor não assistiria as cerimônias e permaneceria no harém de Mer-Ur. Depois de uma violenta explosão de raiva, a hitita refletiu: de que forma poderia prejudicar o Faraó, a não ser impedindo a vinda de Hattusil? Dominada por essa idéia, arranjou um modo de se atravessar no caminho de um sacerdote do deus crocodilo, cuja reputação de ritualista era bem conhecida.

— No Hatti — disse-lhe ela — muitas vezes consultamos os adivinhos para conhecer o futuro, que lêem nas entranhas dos animais.

— Não é um pouco... grosseiro?

— Vocês utilizam outros métodos?

— Compete ao Faraó saber adivinhar o amanhã.

— Mas vocês, os sacerdotes, são detentores do segredo de determinadas técnicas.

— Existe um corpo de magos do Estado, Majestade, mas a sua formação é longa e muito rigorosa.

— Não fazem perguntas aos deuses?

— Em determinadas circunstâncias, o grande sacerdote de Arnon questiona a potência criadora, com a autorização do rei, e o deus responde por intermédio de seu oráculo.

— E suponho que todos se curvam a sua decisão.

— Quem ousaria erguer-se contra a vontade de Amon?

Sentindo que não conseguiria outras respostas do sacerdote, Mat-Hor não o importunou mais.

Nesse mesmo dia, depois de ter ordenado ao seu pessoal que nada dissesse sobre a sua ausência, partiu para Tebas.

A morte, de doce sorriso, acabara por lembrar-se da idade venerável de Nebu, o grande sacerdote de Amon, que se fora na sua pequena casa, próxima ao lago sagrado de Karnak com a certeza de ter servido bem ao deus oculto, príncipe de toda a vida, e ao Faraó Ramsés, seu representante na terra.

Bakhen, o segundo profeta de Amon, avisara imediatamente o rei, que veio prestar homenagem a Nebu, um desses poucos homens íntegros graças aos quais a tradição egípcia se perpetuava, fossem quais fossem os ataques de alguma força do mal. O silêncio do luto pesava sobre o imenso templo de Karnak, depois de ter celebrado o ritual da madrugada, Ramsés encontrou-se com Bakhen junto do escaravelho gigante que, no ângulo noroeste do lago sagrado,

simbolizava o renascimento do sol depois da sua vitória sobre as trevas.

— Chegou a hora, Bakhen. Você percorreu um longo caminho desde o nosso longínquo primeiro encontro, sem nunca pensar em você mesmo. Se os templos de Tebas são esplêndidos, é em parte a você que se deve o seu esplendor; a sua gestão é irrepreensível, e todos o felicitam pela sua autoridade. Sim, chegou a hora de nomeá-lo grande sacerdote de Karnak e primeiro profeta de Amon.

A voz grave e rouca do antigo controlador dos estábulos tremeu de emoção.

— Majestade, não creio que... Nebu era...

— Ha muito que Nebu proponha seu nome como sucessor dele, e ele sabia julgar os homens. Entrego-lhe o bordão e o anel de ouro, insígnias da sua nova dignidade. Governar esta cidade santa e velar para que ela nunca se desvie de sua função.

Bakhen começou a recuperar a serenidade; Ramsés sentiu que ele se ligava de imediato as suas inúmeras tarefas, sem sonhar com o prestígio que lhe estava sendo conferido por um título tão invejado.

— O meu coração não pode ficar mudo, Majestade. Aqui, no Sul, existem alguns notáveis que estão chocados com a sua decisão.

— Refere-se a viagem oficial do imperador e da imperatriz do Hatti?

— Exatamente.

— Diversos notáveis do Norte partilham a sua opinião, mas essa visita acontecerá, pois virá consolidar a paz.

— Numerosos religiosos desejam a intervenção do oráculo. Se o deus Amon nos conceder o seu acordo, todos os protestos cessarão.

— Prepare a cerimônia do oráculo, Bakhen.

Aconselhada por um dos gestores do harém de Mer-Ur, Mat-Hor fora bater na porta certa: a de um rico negociante sírio a quem não escapava nenhum acontecimento da vida tebana. Ele vivia numa suntuosa propriedade da margem leste, não longe do templo de Karnak, e recebeu a rainha numa sala de duas colunas, decorada com pinturas representando acianos e lírios.

— Que honra para um modesto comerciante, Majestade!

— Esta entrevista não aconteceu e nós nunca nos encontramos. Está bem claro?

A hitita ofereceu um colar de ouro ao sírio, que se curvou, sorrindo.

— Se me prestar o auxílio de que preciso, serei muito generosa.

— O que deseja?

— Estou interessada no oráculo de Amon.

— O boato está confirmado: Ramsés vai realmente consultá-lo.

— Por que motivo?

— Pedir ao deus que aprove a vinda de seus pais ao Egito.

A sorte estava do lado de Mat-Hor; como o destino já fizera a maior parte do trabalho, só lhe restava agora terminá-lo.

— E se Amon recusar? — perguntou.

— Ramsés será obrigado a curvar-se... E nem me atrevo a imaginar a reação do imperador do Hatti. Mas não é o Faraó o irmão dos deuses? A resposta do oráculo não poderá ser negativa.

— Exijo que seja.

— Como?...

— Repito: ajude-me e você se tornará muito rico. De que forma responde o deus?

— Os sacerdotes trazem a barca de Amon, e o primeiro profeta interroga o deus. Se a barca avançar, a resposta é "sim", se recuar é "não".

— Compre os transportadores da barca e que Amon rejeite a proposta de Ramsés.

— É impossível.

— Arranje uma maneira de fazer substituir os mais corretos por homens de confiança, utilize poções que façam adoecer os incorruptíveis... Consiga isso, e o cobrirei de ouro.

— Os riscos...

— Você já não tem mais chance de escolha, mercador: agora é meu cúmplice. Não renuncie e não me traia, ou serei implacável.

Ficando a sós e em frente dos saquinhos contendo pepitas de ouro e pedras preciosas que a hitita lhe oferecera como adiantamento sobre a sua futura fortuna, o sírio refletiu longamente. Havia quem afirmasse que Mat-Hor nunca mais recuperaria a confiança do rei, outros estavam convencidos do contrário; sabia-se que alguns sacerdotes de Karnak, invejosos com a ascensão de Bakhaen, estavam dispostos a pregar-lhe uma partida malévola.

Subornar todos os portadores da barca sagrada era irrealizável, mas bastaria comprar os braços mais robustos; o deus hesitaria, partilhado entre o avanço e o recuo, e depois manifestaria claramente a sua recusa.

Os dados estavam lançados... E a riqueza era tão tentadora !

Tebas, estava emocionada.

Tanto nos campos como nos bairros da cidade, sabia-se que seria celebrada "a bela festa da audiência divina", durante a qual Amon e Ramsés demonstrariam, mais uma vez, a sua comunhão.

No pátio do templo onde se desenrolava o ritual, não estava faltando nenhuma personalidade da grande cidade do Sul. O governador, os administradores, os gestores de domínios não queriam de forma alguma perder aquele acontecimento excepcional.

Quando a barca de Amon saiu do templo coberto para surgir em plena luz, todos prenderam a respiração. No centro da barca de madeira dourada estava o naos contendo a estátua divina, oculta aos olhares humanos. No entanto, seria ela, esfinge viva, que tomaria a decisão.

Caminhando sobre o solo de prata, os portadores avançavam com lentidão. Bakhen, o novo grande sacerdote de Amon, notou várias fisionomias novas, lembrando-se de que haviam lhe falado de uma indisposição alimentar que impedira vários titulares de participarem da cerimônia.

A barca deteve-se em frente ao Faraó, e Bakhaen tomou a palavra.

— Eu, servidor do deus Amon, interrogo-o em nome de Ramsés, o Filho da Luz; tem o faraó do Egito motivo para fazer vir a esta terra o imperador e a imperatriz do Hatti?

Até mesmo as andorinhas haviam cessado a sua louca correria no céu azul; assim que o deus respondesse positivamente, todos os pulmões se libertariam para aclamar Ramsés.

Subornados pelo mercador sírio, os portadores mais robustos consultaram-se com o olhar e tentaram dar um passo para trás.

Tentativa inútil.

Julgaram que os seus colegas, decididos a avançar, manifestassem uma resistência de curta duração; utilizaram, portanto, uma energia que deveria ser decisiva.

Mas uma força estranha os obrigou a avançar. Deslumbrados por uma luz que vinha do naos, não quiseram mais resistir.

O deus Amon aprovara a decisão do seu filho Ramsés — a festa podia começar.

Era ele mesmo. Ligeiramente curvado, com os cabelos grisalhos, mas o olhar sempre inquisidor, tinha, a primeira vista, o aspecto de um homem vulgar, do qual ninguém desconfiaria. Ele, Hattusil, o imperador do Hatti, enfiado num espesso manto de lã para lutar contra a sensação de frio que nunca o abandonava, nem no inverno nem no verão.

Ele, o chefe de uma nação guerreira e conquistadora, o comandante supremo das tropas hititas em Kadesh, mas também o negociador do tratado de paz, ele, Hattusil, senhor incontestável de um país áspero onde toda a oposição fora aniquilada.

E Hattusil acabava de pousar o pé na terra do Egito, acompanhado de duas mulheres: a sua esposa Putuhepa e uma jovem e assustada princesa hitita.

— E impossível — murmurou o imperador do Hatti — completamente impossível... Não, não é o Egito.

E, no entanto, não estava sonhando: era Ramsés, o Grande que vinha ao encontro do seu antigo adversário para abraçá-lo.

— Como tem passado o meu irmão Hattusil?

— Envelhecendo, meu irmão Ramsés.

A fuga de Uri-Techup, agora tão inimigo do Egito quanto do Hatti e procurado por assassinato, desfizera qualquer obstáculo a visita oficial de Hattusil ao Egito.

— Nefertari teria apreciado muito este momento extraordinário — disse Ramsés a Putuhepa, deslumbrante no seu longo vestido vermelho e enfeitada com jóias egípcias de ouro que o Faraó lhe presenteara.

— Durante toda a nossa viagem, não deixei de pensar nela — confessou a imperatriz — Seja qual for a duração do seu reinado, ela será sempre a sua única esposa real.

As declarações de Putuhepa anulavam qualquer dificuldade diplomática. Sob o sol de um verão ardente, Pi-Ramsés estava em festa. Brilhando com todo o seu fulgor, a cidade de turquesas acolhera os milhares de dignitários vindos de todas as cidades do Egito para assistir a chegada dos soberanos do Hatti e as numerosas cerimônias preparadas em sua honra.

O encanto e a riqueza da capital deslumbraram o casal real hitita. Sabendo que o deus Amon dera o seu acordo a Ramsés, a população dispensou um entusiástico acolhimento aos ilustres visitantes. Em pé, ao lado do Faraó, em seu carro puxado por dois cavalos com penachos, Hattusil surpreendia-se com tudo.

— O meu irmão não se beneficia de nenhuma proteção?

— A minha guarda pessoal está vigilante — respondeu Ramsés.

— Mas essas pessoas, tão próximas de nós... A nossa segurança não está garantida!

— Observe o olhar dessas pessoas, Hattusil: não contém nem ódio nem agressividade. Hoje, eles nos agradecem por termos construído a paz, e nós comungamos com eles essa alegria.

— Uma população que não é governada pelo terror... Como é estranho! E como conseguiu meu irmão Ramsés erguer um exército capaz de resistir as forças hititas?

— Todos os egípcios amam o seu país assim como os deuses o amam.

— Foi você, Ramsés, que me impediu de vencer. Você e ninguém mais. Mas, ao chegar aqui, aos poucos fui deixando de lamentá-lo.

O imperador do Hatti tirou o seu manto de lã; já não sentia frio.

— O clima é bom para mim — constatou — É pena... Teria gostado de viver aqui.

Realizada no palácio de Pi-Ramsés, a primeira recepção foi grandiosa. Havia uma tal quantidade de pratos deliciosos que Hattusil e Putuhepa não puderam fazer mais do que mordiscar aqui e ali, molhando os lábios em taças cheias de um vinho excepcional. Lindas bailarinas de seios nus encantaram-lhes os ouvidos e os olhos, e a imperatriz apreciou a elegância dos vestidos usados pelas damas nobres.

— Gostaria que esta festa fosse dedicada a Achaa – sugeriu Putuhepa — Deu a sua vida pela paz, por essa felicidade de que gozam atualmente os nossos dois povos.

O imperador aprovou, mas parecia contrariado.

— A nossa filha não está presente — lamentou Hattusil.

— Não voltarei atrás na minha decisão — declarou Ramsés — Embora Mat-Hor tenha cometido graves erros, continuará a ser o símbolo da paz e, a esse título, será honrada como merece. Devo ser-lhe mais preciso?

— É inútil, meu irmão Ramsés; as vezes é conveniente ignorar certos pormenores.

Ramsés evitou, assim, mencionar a prisão do comerciante sírio que denunciara Mat-Hor, julgando desse modo livrar-se de lançar calúnias sobre a rainha.

— O Faraó deseja conversar com a sua futura esposa?

— Não me parece necessário, Hattusil; celebraremos com pompa esse segundo casamento diplomático, e os nossos dois povos ficarão gratos por isso. Mas o tempo dos sentimentos e dos desejos já passou.

— Nefertari é realmente inesquecível... E esta certo assim. Não imagino que a princesa que escolhi, bela mas de inteligência fraca, possa conversar com Ramsés, o Grande. Ela descobrirá apenas, a doçura de viver a egípcia e ficará alegre por isso. Quanto a Mat-Hor, que não gostava do Hatti, apreciará cada dia mais o seu país de adoção onde tanto desejava residir. Com a idade, ganhará juízo.

Hattusil acabava de selar o destino das duas princesas hititas. Naquele quadragésimo ano do reinado de Ramsés, não havia um motivo sequer de discussão entre o Hatti e o Egito. Por isso, os olhos castanhos da imperatriz Putuhepa se tinham iluminado, revelando uma intensa alegria.

Os pilares, os obeliscos, os colossos, os grandes pátios a céu aberto, as colunatas, as cenas de oferendas, os solos de prata fascinaram Hattusil, que se interessou também pela Casa da Vida, a morada dos livros, os armazéns, os estábulos, as cozinhas e os gabinetes onde trabalhavam os escribas. O imperador do Hatti saiu muito impressionado de suas conversas com o vizir e os ministros; a arquitetura da sociedade egípcia era tão grandiosa quanto a de seus templos.

Ramsés convidou Hattusil para queimar incenso a fim de encantar o olfato das divindades e atrai-las para a morada que os homens lhes haviam construído. A imperatriz foi associada ao ritual de apaziguamento das forças perigosas, conduzido por Kha, com o habitual rigor. E em seguida houve a visita aos templos de Pi-Ramsés, em especial aos santuários dedicados aos deuses estrangeiros; e o imperador saboreou descontraidamente algumas horas de repouso nos jardins do palácio.

— Teria sido lamentável se o exército hitita tivesse destruído cidade tão bela — disse ele a Ramsés. — A imperatriz está encantada com a sua estada aqui. Já que estamos em paz, permite o meu irmão que lhe solicite um favor?

A relativa passividade de Hattusil começava a intrigar Ramsés; o grande estrategista emergia, lutando contra o fascínio do Egito.

— Tanto a imperatriz como eu mesmo estamos deslumbrados com tantas maravilhas, mas temos de pensar em realidades menos sorridentes — continuou Hattusil. — Assinamos um acordo de assistência mútua em caso de agressão de terceiros contra os nossos respectivos países, e gostaria de observar as condições do exército egípcio. O faraó me autoriza a visitar a caserna principal de Pi-Ramsés?

Se Ramsés respondesse que era “segredo militar” ou conduzisse o imperador para uma caserna secundária, Hattusil deduziria que ele estava preparando um golpe baixo; chegara, portanto, o momento da verdade pelo qual aceitara aquela viagem.

Merneptah, o meu filho mais novo, é o general-chefe do exército egípcio. Será ele quem levará o imperador do Hatti em visita a caserna principal de Pi-Ramsés.

Á saída do banquete organizado em honra da imperatriz Putuhepa, Hattusil e Ramsés fizeram uma pequena caminhada pela margem do lago coberto de Lótus azuis e brancos.

— Saboreio um sentimento que até agora me era desconhecido confessou Hattusil. — A confiança. Só o Egito sabe criar seres com a sua dimensão, meu irmão Ramsés. Ter conseguido construir uma verdadeira amizade entre dois soberanos outrora prontos a se destruírem é um milagre. Mas você e eu estamos envelhecendo e devemos pensar na nossa sucessão... Quem você escolheu entre os inúmeros filhos reais?

— Kha é um homem de ciência, profundo, ponderado, capaz de acalmar os espíritos em qualquer circunstância e convencer sem ferir; saber preservar a coesão do reino e pesar com maturidade as suas decisões. Merneptah é corajoso, sabe comandar e governar, é amado pela casta dos militares e temido pela dos altos funcionários. Tanto um como outro estão aptos para reinar.

— Em outras palavras, ainda hesita; fique tranqüilo, o destino lhe enviará um sinal. Com homens assim, não me sinto inquieto pelo futuro do Egito. Saberão prolongar a sua obra.

— E quanto a você?

— A minha sucessão será garantida por um medíocre escolhido entre medíocres. O Hatti declina, como se a paz lhe tivesse truncado a virilidade e roubado qualquer ambição; mas não tenho remorsos, pois não havia outra solução. Teremos pelo menos vivido alguns anos tranqüilos, e terei proporcionado ao meu povo uma felicidade que ele jamais conhecera antes. Infelizmente, o meu país não saberá evoluir, e desaparecerá. Aliás... tenho outro pedido a lhe fazer. Na minha capital, não tenho o costume de andar tanto e mesmo assim meus pés doem. Disseram-me que a médica chefe do reino é muito competente, além de se tratar de uma mulher muito bonita.

Neferet saiu da grande sala de recepções do palácio, onde conversava com Putuhepa, para se ocupar dos dedos dos pés do soberano hitita.

— É uma doença que conheço e posso tratar — afirmou depois do exame. — De início, vou aplicar uma pomada a base de almagre, mel e cânhamo. Amanhã de manhã utilizarei outro remédio, composto de folhas de acácia e jujubeira, pó de malaquita e o interior de um mexilhão, tudo esmagado e reduzido a pó. Esta segunda pomada lhe dará uma agradável sensação de

frescor, mas terá de andar com os pés enfaixados por ligaduras.

— Se lhe oferecesse uma fortuna, Neferet, aceitaria vir comigo para o Hatti e ser a minha médica pessoal?

— Bem sabe que não, Majestade.

— Então nunca vencerei o Egito — brincou Hattusil com um ligeiro sorriso.

Belas-Coxas assobiava uma canção de glorificação a Ramsés, enquanto avançava com o seu burro carregado de louças, em direção a fronteira noroeste do Delta. Próximo da costa batida pelas ondas do Mediterrâneo, o mercador ambulante seguia por caminhos sinuosos para chegar a uma pequena aldeia de pescadores onde, com toda a certeza, esgotaria a sua produção.

Belas-Coxas sentia-se orgulhoso pelo apelido que recebera das jovens que assistiam as corridas de velocidade entre homens, na areia úmida, a beira-mar; há mais de dois anos que nenhum concorrente conseguia vencê-lo. E as admiradoras apreciavam o esforço dos atletas nus, que utilizavam toda a sua energia para seduzi-las. Graças as suas coxas, o corredor mais rápido do oeste do Delta já não se dava conta das conquistas que fazia.

Aquele êxito não tinha somente lados bons, pois essas jovens gostavam de enfeites, e Belas-Coxas era obrigado a fazer muitos negócios que lhe rendessem lucros e o fizessem permanecer a altura de sua reputação de campeão estupendo e generoso. Era por isso que percorria os caminhos com rapidez para obter o máximo de lucro com o seu comércio.

Passaram grous acima de sua cabeça, precedendo nuvens baixas empurradas pelo vento. Observando a posição do sol, Belas-Coxas compreendeu que não atingiria o seu objetivo antes do cair da noite. Era melhor parar numa das cabanas de juncos que havia ao longo do caminho. Era mais prudente porque, quando as trevas invadissem a zona costeira, criaturas perigosas sairiam de suas tocas e agrediriam os imprudentes.

Belas-Coxas descarregou o burro, deu-lhe de comer e fez brotar uma chama com sílex e um pau de fogo. Saboreou dois peixes grelhados e bebeu água fresca conservada num jarro. Depois, estendeu-se sobre a esteira e adormeceu.

Enquanto sonhava com a próxima corrida e mais uma vitória, foi despertado por um ruído insólito. O burro escavava o solo com a pata dianteira. Aquele era um sinal que não deixava margem a dúvidas: perigo.

Belas-Coxas levantou-se, apagou o fogo e escondeu-se rápido atrás de um emaranhado de espinheiros. E foi mesmo a tempo, porque cerca de trinta homens armados, com capacetes e couraças, surgiram da escuridão. A lua, que estava cheia naquela noite, permitiu-lhe ver distintamente o homem que os comandava. Tinha a cabeça descoberta, os cabelos compridos e o peito coberto de pelos ruivos.

— Aqui havia um espião, e fugiu! — gritou Uri-Techup, espetando a lança na esteira.

— Não me parece — objetou um dos homens — Veja essas louças e esse burro: são de algum mercador ambulante que decidiu repousar aqui.

— Todas as aldeias a oeste desta região estão sob o nosso controle; temos de encontrar esse espião e matá-lo. Espalhem-nos!

Quatro anos haviam se passado desde a visita do imperador Hattusil e da imperatriz Putuhepa. As relações entre o Egito e o Hatti continuavam boas, e o espectro da guerra desvanecera-se. Um fluxo regular de visitantes hititas vinha sempre admirar as paisagens e as cidades do Delta.

As duas esposas hititas de Ramsés entendiam-se as mil maravilhas; as ambições de Mat-Hor esfumaram-se sob o efeito de uma existência luxuosa, e a sua compatriota saboreava gulosamente o dia-a-dia. Juntas e sem mágoa, haviam aceitado que Ramsés o Grande, com sessenta e seis anos, se tornara uma lenda viva fora do seu alcance. E o Faraó, compreendendo

que o fogo da destruição já não ardia na alma das duas rainhas, admitia a presença das duas em algumas cerimônias oficiais.

No ano quarenta e três do seu reinado, a pedido insistente de Kha, Ramsés celebrara a quinta festa de regeneração, na presença da comunidade dos deuses e das deusas, vindos a capital sob a forma de estátuas animadas pelo ka. Doravante, o Faraó deveria recorrer com frequência a aquele processo ritual para poder suportar o peso da idade, que cada vez se fazia sentir mais.

E Ramsés devia também consultar regularmente a médica chefe Neferet. Ignorando o mau humor do seu ilustre paciente que, por vezes, aceitava mal o envelhecimento, Neferet evitava-lhe sofrimentos dentários e travava a evolução da artrose. Graças aos seus tratamentos, a vitalidade do monarca permanecia intacta e permitia-lhe manter o seu ritmo de trabalho.

Depois de ter despertado a força divina em seu santuário e celebrado o ritual da madrugada, Ramsés conversava com o vizir, Ameni e Merneptah; deixava a esse trio o cuidado de concretizar as suas diretivas. À tarde, estudava com Kha os grandes rituais de Estado e dava-lhes novas formulações.

O rei afastava-se pouco a pouco da administração do país, confiando-a a excelentes mãos; ia muitas vezes a Tebas ver a filha Meritamon em seu templo de milhões de anos.

Ao regressar de Karnak, onde o grande sacerdote Bakhaen desempenhava a sua tarefa com satisfação geral, foi acolhido no porto de Pi-Ramsés por um Merneptah preocupado.

— Um relatório inquietante, Majestade.

O general-chefe do exército egípcio conduziu pessoalmente o carro real em direção ao palácio.

— Se os fatos forem confirmados, Majestade, devo acusar-me de um ato leviano.

— Explique-se, Merneptah.

— O oásis de Siwa, perto da fronteira Líbia, parece ter sido atacado por um bando armado sob as ordens de Malfi.

— De quando data essa informação?

— Chegou há dez dias, mas acabo de ser avisado agora.

— Por que a põe em dúvida?

— Porque a identificação do oficial encarregado da segurança do oásis não está correta; talvez a urgência e o fogo da ação sejam os causadores desse erro. Se o oásis foi realmente atacado, temos de reagir. E se tratar-se de Malfi, temos de sufocar-lhe a revolta no início.

— Por que se considera responsável, meu filho?

— Porque não fui vigilante, Majestade. A paz com o Hatti fez-me esquecer que a guerra podia vir do oeste. E esse maldito Uri-Techup continua em liberdade... Permita-me que parta para Siwa com um regimento e esmague esses imbecis.

— Apesar dos seus trinta e oito anos, ainda conserva o entusiasmo da juventude, Merneptah! Um oficial experiente se encarregará dessa missão. Quanto a você, ponha as nossas forças em Estado de alerta.

— Juro-lhe que eram bandidos líbios! — repetiu Belas-Coxas ao sonolento guarda-fronteira.

— Está contando a primeira coisa que lhe vem a cabeça, rapaz. Não ha nenhum líbio por aqui.

— Corri até ficar sem fôlego porque eles queriam me matar. Se eu não fosse um campeão de corrida, eles teriam me agarrado. Muitos capacetes, couraças, espadas, lanças... Um verdadeiro exército!

Depois de uma série de bocejos, o guarda-fronteira observou o jovem com um olhar irritado.

— A cerveja forte perturba a cabeça... Pare de beber! Os bêbados acabam mal.

— Como estava lua cheia — insistiu Belas-Coxas — vi até o chefe deles antes de fugir. Um homem de cabelos compridos e peito coberto de pêlos ruivos.

Esses pormenores despertaram o funcionário. Como todos os oficiais do exército, da polícia e das alfândegas, recebera também um desenho representando o criminoso Uri-Techup, com a promessa de uma boa recompensa a quem contribuísse para a prisão do hitita.

O guarda-fronteira exibiu o retrato perante os olhos de Belas-Coxas.

— É ele?

— Sim, é o chefe deles!

Ao longo da faixa desértica ocidental do Delta, entre o território egípcio e o mar, a administração militar mandara construir fortins junto dos quais haviam se desenvolvido pequenas povoações. Estavam separados uns dos outros por um dia de carro ou dois dias de marcha rápida, e as guarnições tinham ordem de prevenir os generais de Pi-Ramsés e de Mênfis, ao mínimo movimento suspeito dos líbios.

E, se havia uma região que os altos comandos consideravam rigorosamente vigiada, era aquela. Quando o governador militar da zona fronteira recebeu um relatório alarmante com base nas declarações de um mercador ambulante, não quis transmiti-lo aos seus superiores, com medo de ser ridicularizado. No entanto, a eventualidade da captura de Uri-Techup incitou-o a enviar uma patrulha até a região onde o hitita parecia ter sido descoberto.

Era por isso que Nakti e seus homens, arrancados do repouso, avançavam em marcha forçada por uma região inóspita, infestada de mosquitos, com uma única idéia na cabeça: terminar, o mais depressa possível, aquela penosa missão.

Nakti praguejava a cada passo; quando seria finalmente transferido para Pi-Ramsés, para uma caserna confortável, em vez de perseguir inimigos inexistentes?

— Fortim a vista, chefe.

— Os guardas-fronteiras nos tomarão por verdadeiros imbecis, pensou Nakti, "mas pelo menos vão nos dar de beber e comer e regressaremos amanhã de manhã."

— Atenção, chefe!

Um soldado puxou Nakti para trás; no caminho, um enorme escorpião negro, em posição de ataque. Se o oficial, perdido em suas reflexões, tivesse dado mais um passo, teria sido picado.

— Mate-o — ordenou o oficial ao seu salvador.

O soldado não teve tempo de retesar o arco. Das ameias do fortim partiram flechas que vieram cravar-se nos carros e nos soldados egípcios; com a precisão de arqueiros treinados, os líbios comandados por Uri-Techup deixaram estendidos no chão todos os membros da patrulha de Nakti.

Com a sua adaga de ferro, o próprio hitita cortou a garganta dos feridos.

Como fazia todas as manhãs, o governador militar da zona fronteira com a Líbia dirigiu-se ao seu gabinete para consultar os relatórios enviados pelos fortins; habitualmente, essa aborrecida tarefa era despachada com rapidez porque nas tabuletas de madeira figurava uma única frase: "Nada a assinalar".

Naquela manhã não havia nenhum relatório.

Era inútil ir procurar longe o culpado: o soldado encarregado da distribuição do correio oficial esquecera-se de acordar. Furioso, o governador militar prometeu a si mesmo demiti-lo de suas funções e mandá-lo para a lavanderia.

Sem muito entusiasmo, um soldado varria o pátio do fortim; dois jovens recrutas exercitavam-se no manejo da espada curta. O governador avançou em passo acelerado até o alojamento dos correios e batedores.

Não havia ninguém nas esteiras.

Estupefato, interrogou-se sobre as razões de semelhante aberração; nem relatórios, nem soldados encarregados de transmiti-los... Qual o motivo daquela incrível alteração da ordem?

O oficial só teve tempo de abrir a boca quando, de repente, a porta do fortim foi derrubada pelos golpes de uma viga de madeira manejada por líbios em fúria usando uma pluma presa nos cabelos.

A machadadas, massacraram o varredor e os dois recrutas, antes de abrirem o crânio do governador, petrificado, pois nem sequer pudera fugir. Uri-Techup cuspiu sobre o cadáver.

— O oásis de Siwa não foi atacado — declarou o oficial superior a Merneptah. — Fomos vítimas de uma falsa informação.

— Não há vítimas?

— Nem vítimas nem revolta; fui lá inutilmente.

Depois de ficar só, Merneptah sentiu-se dominado pela angústia; se haviam distraído assim a sua atenção, não seria para atacarem em outro lado?

Somente Ramsés seria capaz de detectar a dimensão do perigo.

No momento em que Merneptah subia para o carro, o seu ajudante de campo correu em sua direção.

— General, uma mensagem de uma guarnição próxima da fronteira Líbia... Um ataque em massa contra os nossos fortins! A maior parte deles já caiu, e o governador do lugar talvez esteja morto!

Os cavalos de Merneptah nunca galoparam com tal velocidade. Saltando do carro ainda em movimento, o filho mais novo do rei subiu correndo a escadaria do palácio. Com o apoio de Serramanna, interrompeu a audiência que o Faraó concedia a alguns governadores de província.

Bastou o rosto alterado de Merneptah para Ramsés compreender que ocorrera um acontecimento grave. O rei dispensou os governadores, prometendo-lhes um próximo encontro.

— Majestade — declarou o general-chefe — os líbios invadiram provavelmente o noroeste do Delta; desconheço ainda a extensão do desastre.

— Uri-Techup e Malfi! — exclamou Serramanna.

— O hitita é realmente mencionado no relatório mal escrito que recebi. E Malfi conseguiu unir os clãs líbios que se digladiavam! A nossa reação deve ser violenta e rápida... A menos que se trate de uma nova cilada, como a de Siwa.

Se o grosso das tropas se dirigisse para o noroeste do Delta e se fosse um chamariz, Malfi atacaria a área de Tebas e não encontraria qualquer resistência. Poria abaixo a cidade santa do deus Amon a ferro e fogo.

Da decisão de Ramsés dependia o futuro do Egito.

— Majestade — disse Serramanna, tímido — havia-me prometido !

— Não esqueci: você virá comigo.

De olhos negros e cruéis num rosto quadrado, Malfi era considerado pelos seus homens como a encarnação de um demônio do deserto, capaz de ver pelas costas e esfacelar qualquer adversário com os dedos cortantes como lâminas. A quase-totalidade das tribos co locara-se sob seu comando porque ele soubera, ao cabo de longas conversações, atizar o velho ódio contra o Egito. Diante da ferocidade dos guerreiros líbios, os egípcios, enfraquecidos por uma longa rotina de paz, fugiriam. E a presença do hitita Uri-Techup, cuja reputação de bravura não precisava ser apregoada, galvanizava os conquistadores.

— Mais adiante, a menos de duas horas de caminhada — disse Uri-Techup estendendo o braço direito — são as aldeias do Delta. Em breve elas serão nossas. Depois, destruiremos Pi-Ramsés, cujas defesas estarão reduzidas ao mínimo. Você será proclamado Faraó, Malfi, e o que restar do exército egípcio ficará sob a sua soberania.

— A sua estratégia é infalível, Uri-Techup?

— É, pois conheço bem Ramsés. A diversão de Siwa deve tê-lo perturbado e convencido de que decidimos abrir várias frentes. A sua prioridade será proteger Tebas e os seus templos; por isso, enviará para o Sul dois regimentos, com certeza sob o comando de Mernepthah. O terceiro garantirá a segurança de Mênfis. E como Ramsés tem a vaidade de se considerar invencível, colocar-se-á a frente do quarto para nos aniquilar. Teremos a nossa frente apenas alguns milhares de homens, Malfi, e os venceremos facilmente. Apenas lhe peço um único favor: deixe-me matar Ramsés com a minha adaga.

O líbio balançou a cabeça afirmativamente. Teria preferido dispor de mais tempo para tornar as suas tropas mais aguerridas, mas o alerta dado por um mercador ambulante obrigara-o a precipitar o assalto.

Um único regimento não assustava Malfi. Os líbios tinham ânsia de lutar; decuplicado pela droga, o seu ardor dar-lhe-ia vantagem sobre os timoratos egípcios.

Uma única ordem: luta sem quartel.

— Ei-los — anunciou Uri-Techup.

Pelos olhos de Malfi perpassou um clarão de raiva. Finalmente ia vingar a honra da Líbia, achincalhada pelos Faraós há tantos séculos, arrasar suas aldeias opulentas e queimar suas colheitas. Dos sobreviventes faria escravos.

— Ramsés avança a frente de suas tropas — constatou o hitita, excitado.

— Quem vem a direita dele?

O rosto de Uri-Techup ficou sombrio.

— O filho mais novo, Merneptah.

— Não deveria comandar as tropas reunidas em Tebas?

— Mataremos o pai e o filho.

— E o homem a esquerda do rei?

— É Serramanna, o chefe de sua guarda pessoal... O destino é favorável, Malfi hei de esfolá-lo vivo.

Soldados de infantaria, arqueiros e carros perfilavam-se no horizonte, numa ordem perfeita.

— Não é apenas um regimento — observou Malfi.

Consternado, Uri-Techup não se atreveu a responder. Minuto a minuto, a vasta planície cobria-se de soldados egípcios.

O líbio e o hitita renderam-se a evidência: Ramsés correria o risco de vir ao seu encontro com os quatro regimentos dos deuses Amon, Ra, Ptaha e Setha. Era a totalidade da força de ataque egípcia que se preparava para cair sobre os seus inimigos.

Malfi fechou os punhos.

— Você dizia conhecer bem Ramsés, Uri-Techup!

— A sua estratégia é aberrante... Como se atreve a correr tantos riscos?

O líbio constatou que era impossível a retirada. Os arqueiros núbios, comandados pelo vice-rei Setaou, barravam-lhe o caminho.

— Um líbio vale pelo menos quatro egípcios — berrou Malfi para os seus homens. — Ao ataque!

Enquanto Ramsés permanecia impassível em seu carro, os líbios lançaram-se ao ataque da primeira linha egípcia; os soldados de infantaria ajoelharam-se para facilitar a pontaria dos arqueiros, cujos disparos dizimaram o adversário.

Os arqueiros líbios revidaram, porém com menos eficiência; e a segunda leva de ataque, bastante desorganizada, lançou-se sobre os soldados de Setha. Veio o contra-ataque dos carros: a ordem de Merneptah, avançaram sobre os líbios que, apesar dos gritos de Malfi, começaram a debandar.

Os fugitivos esbarraram com os núbios de Setaou, cujas flechas revelaram-se devastadoras. O resultado do combate já não deixava dúvidas agora: a maior parte dos líbios, esmagados em número, depuseram as armas.

Louco de raiva, Malfi reuniu a sua volta os últimos partidários; Uri-Techup desaparecera. Esquecendo o covarde que o abandonara, o líbio tinha uma única idéia em mente: massacrar o máximo de egípcios. E a sua primeira vítima seria Merneptah, ao alcance de sua lança.

No auge do combate, os olhares dos dois homens cruzaram-se. Apesar da distância que os separava, o filho mais novo de Ramsés sentiu o ódio do líbio.

No mesmo instante, as duas lanças romperam o ar.

A de Malfi raspou o ombro de Merneptah; a do general-chefe cravou-se na testa do líbio. Permaneceu estático por instantes, depois vacilou e caiu.

Serramanna estava passando um dia agradável. Manejando a sua pesada espada de gume duplo com uma notável destreza, já nem fazia conta do número de líbios que cortara em

pedaços. A morte de Malfi desencorajara os seus últimos partidários, e o gigante sardo pode então parar.

Ao voltar-se para Ramsés, ficou aterrado com o que viu.

Com capacete e uma couraça que lhe ocultava a pelagem ruiva do peito, Uri-Techup conseguira infiltrar-se nas linhas egípcias e aproximava-se do carro real por trás.

O hitita ia assassinar Ramsés!...

Numa corrida louca, empurrando os filhos reais, Serramanna conseguiu entrepor-se entre o carro do rei e Uri-Techup, mas não evitou o golpe violento desferido pelo hitita: a adaga de ferro enterrou-se no peito do gigante sardo.

Mortalmente ferido, Serramanna ainda teve forças suficientes para agarrar o pescoço do inimigo mortal, estrangulando-o com suas enormes mãos.

— Falhou, Uri-Techup, você é um vencido !

O sardo só abrandou o aperto no momento em que o hitita cessou de respirar. Então, como uma fera que sente a morte apoderar-se dele, deitou-se de lado.

Ramsés segurou a cabeça do homem que acabava de salvá-lo.

— Conseguiu uma grande vitória, Majestade... E graças a Vossa Majestade, que bela vida vivi...

Orgulhoso com a sua última façanha, o sardo partiu para o Além entregando a alma nos braços de Ramsés.

Vasos e jarros de prata maciça com bordos de ouro de quinze quilos, mesas de oferendas de ouro e prata com mais de três quintais, uma barca em pinho do Liffiano, coberta de ouro com o comprimento de sessenta e cinco metros, placas de ouro destinadas a enfeitar as colunas, quatrocentos quilos de lápis-lazúli, oitocentos quilos de turquesas, estes eram, entre muitos outros, os tesouros que Ramsés oferecera aos templos de Tebas e Pi-Ramsés para agradecer as divindades lhe terem concedido a vitória sobre os líbios e de terem salvado o Egito da invasão.

E o quadragésimo quinto ano do seu reinado vira o nascimento de um novo templo de Ptaha na Núbia, em Gerf Hussein, onde uma velha gruta sagrada fora transformada, por Setaou, em santuário. O rei inaugurara esse pequeno Abu-Simbel, também ele escavado numa montanha de arenito; ali, como em muitos outros lugares, tinham sido erigidas estátuas colossais do monarca sob a forma de Osiris.

Terminadas as festividades, Ramsés e Setaou contemplaram o pôr-do-sol sobre o Nilo.

— Está se tornando um construtor infatigável, Setaou.

— O exemplo vem do alto, Majestade; o fogo da Núbia é tão ardente que deve ser canalizado nas pedras dos templos. Não serão eles a sua voz para a posteridade? E depois teremos muito tempo para repousar na eternidade! A nossa curta existência é um lugar de esforço e só ele nos concede a longevidade.

— Tem encontrado dificuldades nas suas novas funções?

— Nada de sério. Durante o seu reinado, Ramsés, você matou a guerra. A paz com o Hatti, a paz na Núbia, a paz imposta a Líbia...

— Esta obra tem a beleza de um edifício grandioso e contará como uma das suas mais belas criações. Lá onde quer que se encontre, como Achaa deve estar feliz!

— Penso muitas vezes no sacrifício de Serramanna; ofereceu sua vida para me salvar.

— Todos os seus amigos teriam agido como ele, Majestade; como poderia ser de outra forma, já que você e o nosso porta-voz perante o Além?

Plantado no ano um do reinado de Ramsés no jardim do palácio de Tebas, o sicônoro transformara-se numa árvore magnífica, espalhando uma sombra fantástica. Sob a sua folhagem, Ramsés ouvia a filha tocar alaúde para ele, acompanhada pelo canto dos chapins.

Como todos os dias, em todos os templos do Egito, os sacerdotes haviam-se purificado com a água dos lagos sagrados e celebrado os rituais em nome do Faraó; como todos os dias, os alimentos tinham sido trazidos aos santuários, quer grandes ou pequenos, para serem oferecidos as divindades antes de serem redistribuídos as criaturas humanas; como todos os dias, o poder divino fora despertado, e a deusa Maat pudera dizer ao rei: "Vives de mim, o perfume do meu orvalho vivifica-te, os teus olhos são Maat."

A filha de Ramsés e de Nefertari pousou o alaúde ao pé do sicônoro.

— Você é a rainha do Egito, Meritamón.

— Quando me fala assim, Majestade, é porque se prepara para perturbar a minha calma.

— A idade já me pesa, Meritamón. Bakhaen vela pela prosperidade de Karnak, e os seus dias têm mais tarefas do que horas. Seja você, minha filha, a guardiã do meu templo de milhões de

anos. Foi graças a sua magia que eu e a sua mãe vencemos a adversidade; faça com que os rituais e as festas sejam celebrados no momento exato, para que a energia do Ramesseum continue a brilhar.

Meritamon beijou a mão do rei.

— Meu pai... você bem sabe que nunca nos abandonará.

— Felizmente, nenhum homem escapa a morte.

— Os Faraós não triunfaram dela? Embora lhe tenha desferido rudes golpes, resistiu-lhe e creio mesmo que a domesticou.

— Será dela a última palavra, Meritamon.

— Não, Majestade; a morte deixou passar a ocasião de o aniquilar. Hoje, o seu nome está presente em todos os monumentos do Egito e a sua fama ultrapassou as nossas fronteiras. Ramsés já não pode morrer.

A revolta dos líbios fora esmagada, a paz reinava, o prestígio de Ramsés aumentava cada vez mais, mas as pastas espinhosas continuavam a acumular-se no gabinete de Ameni, cada vez mais rabugento. E não seriam nem o general-chefe Merneptah nem o grande sacerdote Kha que dariam uma solução ao problema insolúvel sobre o qual o secretário particular do rei quebrava a cabeça. O próprio vizir se declarara incompetente. Para quem se voltar, senão para Ramsés?

— Não censuro a Vossa Majestade que viaje — declarou Ameni mas quando está longe da capital os aborrecimentos tem tendência para se acumular.

— Estará a nossa prosperidade em perigo?

— Persisto em pensar que, numa arquitetura monumental, o menor defeito pode provocar a sua ruína. Eu não trabalho com o que é grandioso, mas com as dificuldades do dia-a-dia.

— Pode poupar-me de um longo discurso?

— Recebi uma queixa do governador da cidade de Sumenu, no Alto Egito; o poço sagrado que alimenta a localidade secou, e os sacerdotes locais confessam-se incapazes de impedir essa catástrofe.

— Enviou especialistas para lá ?

— Acusa-me de cumprir mal a minha função? Um exército de técnicos fracassou. E aqui me tem com esse poço recalitrante e uma população angustiada!

Várias donas-de-casa haviam se reunido na margem de um dos canais que irrigavam os campos da cidade de Sumenu. No meio da tarde, vinham lavar a louça, a boa distância das lavadeiras, as quais estava reservado um outro setor do canal. Conversavam, trocavam confidências, faziam mexericos e não se privavam de criticar esta ou aquela pessoa. A língua mais afiada da cidade era a de Brunette, a linda esposa de um marceneiro.

— Se o poço está seco — disse ela — teremos de deixar a cidade.

— Impossível! — protestou uma criada. — A minha família vive aqui há várias gerações, e não quero que os meus filhos sejam criados noutra lugar que não seja Sumenu.

— E como vai se arranjar sem a água do poço?

— Os sacerdotes têm de intervir!

— Falharam. Até o mais sábio de todos eles é incapaz de acabar com essa calamidade.

Cego e coxo, um homem idoso aproximou-se do grupo de mulheres.

— Tenho sede... Dêem-me de beber, peço-lhes.

Brunette interrompeu-o com rudeza.

— Não nos importune, vagabundo. Ganhe a sua vida e assim poderá beber.

— A sorte me abandonou, a doença caiu sobre mim, e...

— Já ouvimos essa história centenas de vezes. Desapareça ou atiramos-lhe pedras!

O cego bateu em retirada, e as conversas recomeçaram.

— E a mim, vocês me dariam água?

As mulheres voltaram-se, subjugadas pelo sexagenário que lhes fizera a pergunta. Pelo seu porte era fácil reconhecer um importante personagem.

— Senhor — disse Brunette — estamos prontas a lhe satisfazer.

— Por que repeliram aquele infeliz?

— Porque não passa de um inútil e nos importuna sempre!

— Recordem-se da lei de Matt: "Não troce dos cegos, nem achincalhe os anões, não faça qualquer mal aos coxos, porque estamos todos, saudáveis ou enfermos, nas mãos de Deus. Que ninguém permaneça abandonado e sem cuidados."

Envergonhadas, as donas-de-casa baixaram os olhos; mas Brunette rebelou-se.

— Quem é você, para nos falar nesse tom?

— O Faraó do Egito.

Petrificada, Brunette refugiou-se atrás das saias de suas companheiras.

— Pesa um inalefício sobre o poço principal de Sumenu. Por causa de sua atitude desprezadora e desprezível para com este infeliz, eis a conclusão a que cheguei, depois de ter passado vários dias aqui.

Brunette prostrou-se perante Ramsés.

— Para salvar o poço bastará que modifiquemos a nossa atitude?

— Você irritou o deus que o habita e terei de acalmá-lo.

Quando a estátua monumental do deus Sobek, homem com cabeça de crocodilo sentado num trono, saiu do ateliê dos escultores da Casa da Vida de Surnenti, os habitantes da cidade amontoaram-se a sua passagem. Puxada por uma equipe de talhadores de pedra que a fizeram deslizar sobre toras dispostas no chão molhado, a esfinge avançou lentamente até o poço principal onde Ramsés recitou pessoalmente as litânias suplicando a Sobek que fizesse surgir do Num, oceano primordial que rodeia a terra, a água indispensável para a sobrevivência dos humanos.

Depois, o rei ordenou aos artesãos que descessem a estátua ao fundo do poço, onde executaria a sua obra de vida.

A partir do dia seguinte, o poço de Sumententi fornecia novamente o precioso líquido aos habitantes da cidade, que organizaram um banquete onde ficaram, lado a lado, o cego e a esposa do marceneiro.

Nascido de pai egípcio e de mãe fenícia, Hefat tinha feito uma brilhante carreira. Aluno estudioso, estudante destacado na universidade de Mênfis, onde os seus dons em matemática haviam deslumbrado os professores mais exigentes, hesitara muito tempo entre diversos postos antes de entrar para o serviço central de hidrologia que geria as águas do Nilo, que ia desde as previsões da cheia até os métodos de irrigação.

Com o correr dos anos, Hefat tornara-se o interlocutor obrigatório do vizir, dos ministros e dos governadores de província. A sua habilidade em lisonjear os seus superiores permitira-lhe subir regularmente na hierarquia, fazendo-o esquecer que seu modelo fora Chaenar, o irmão mais velho do Faraó Chaenar, traidor de sua pátria, mas cortesão e político de fascinante ambição.

Por sorte, Hefat mostrou-se prudente, evitando tomar abertamente o partido de Chaenar, que tivera um fim trágico.

Com cinqüenta anos de plena atividade, casado e pai de dois filhos, Hefat surgia como um notável bem instalado no topo de uma administração da qual controlava todos os mecanismos com mão de ferro. Quem poderia supor que era o último membro importante da rede de influências instalada por Chaenar, na sua estratégia para a conquista do trono?

Essas distantes recordações poderiam ter permanecido perdidas no passado, se o alto funcionário não tivesse encontrado o comerciante fenício Narisha, cuja fortuna o fascinara. Hefat havia tomado consciência de que um homem de sua qualidade, e dispondo de sua competência, podia igualmente tornar-se muito rico.

Jantando com o fenício, Hefat abrira os olhos. Ramsés em breve seria setuagenário e abandonaria o governo do país a homens convencionais, incapazes de tomar iniciativas. O filho mais velho, Kha, era um místico afastado das exigências da administração; Merneptah obedecia cegamente ao pai e ficaria desamparado quando este desaparecesse; e Ameni, o idoso escriba, seria afastado.

Refletindo bem, o poder instalado era muito mais frágil do que parecia. Forçado a recorrer a magia das festas de regeneração e aos cuidados da médica chefe Neferet, Ramsés declinava.

Não teria chegado o momento de desferir um golpe decisivo e realizar o sonho de Chaenar?

Merneptah conduziu o embaixador do Hatti a grande sala de audiências do palácio de Pi-Ramsés. O diplomata inclinou-se perante Ramsés; estava só, sem o seu comitê habitual de portadores de presentes.

— Majestade, tenho uma triste notícia a lhe comunicar: o seu irmão, o imperador Hattusil, acaba de morrer.

Desde a batalha de Kadesh até a visita ao Egito do imperador do Hatti, inúmeras cenas passaram pela memória do monarca. Hattusil fora um temível adversário antes de se tornar um aliado leal. Com ele, Ramsés construía um mundo melhor.

— Já foi designado o seu sucessor?

— Sim, Majestade.

— Está decidido a respeitar o tratado de paz?

A garganta de Merneptah apertou-se.

— As decisões do nosso defunto imperador obrigam os seus sucessores — respondeu o embaixador — a não contestar uma única cláusula do contrato.

— Transmita as minhas condolências e os meus afetuosos pensamentos a imperatriz Putuhepa.

— Infelizmente, Majestade, a imperatriz estava doente, e a morte do imperador Hattusil precipitou o seu fim.

— Garanta ao novo senhor do Hatti a minha amizade e a minha boa vontade; pode ter certeza de que nunca lhe faltará o auxílio do Egito.

Quando o embaixador saiu, Ramsés dirigiu-se ao filho.

— Entre em contato imediatamente com os nossos informantes para que me enviem, com a maior brevidade possível, um relatório pormenorizado sobre a situação no Hatti.

O egípcio Hefat recebeu o fenício Narisha na sua bela vila de Pi-Ramsés; apresentou-lhe a esposa e os dois filhos, e gabou-se de sua excelente educação e do belo futuro que os aguardava. Depois de um agradável almoço, durante o qual foram trocadas banalidades, o chefe do serviço de hidrologia e o negociante estrangeiro retiraram-se para um quiosque de madeira de sicônor, com finas colunas delicadamente trabalhadas.

— O seu convite honra-me muito — disse o fenício — mas perdoe-me por ser direto: qual é o verdadeiro motivo? Eu faço comércio, você é um técnico superior... Não temos nenhum ponto em comum.

— Ouvi dizer que a política comercial de Ramsés não lhe satisfazia.

— A sua ridícula contestação dos corretos fundamentos da escravatura prejudica-nos, é verdade; mas o Egito acabará por compreender que está isolado e que a sua posição é insustentável.

— Isso pode demorar muitos anos... E você, como eu, gostaria de enriquecer logo.

O fenício ficou intrigado.

— Não Estou compreendendo o sentido de suas palavras, Hefat.

— Hoje, Ramsés reina como senhor único; mas nem sempre foi assim. Esse poder absoluto oculta uma grande fraqueza: a idade. E não falo da pouca capacidade dos dois favoritos a sucessão, Kha e Merneptah.

— Não me meto em política, e menos ainda na do Egito.

— Mas acredita no poder supremo do lucro, não é verdade?

— Não é aí que reside o futuro da humanidade?

— Então apressemos esse futuro! Tanto você como eu temos razões, embora diferentes, para nos vingarmos de Ramsés, um velho rei que agora está incapacitado de reagir. Mas isso não é o essencial, é possível aproveitar a degeneração do poder central para realizar uma fantástica operação comercial.

— De que tipo?

— Em poucas palavras: triplicar a riqueza da Fenícia. E Estou certo de ficar abaixo da verdade. É bobagem dizer que o instigador desse fabuloso acontecimento, você, Narisha, será elevado aos píncaros.

— E você, Hefat?

— De início, prefiro permanecer na sombra.

— Qual é o seu plano?

— Antes de revelá-lo, devo certificar-me do seu silêncio.

O negociante sorriu.

— Meu caro Hefat, a palavra dada só tem valor no Egito; se você se lançar nos Negócios, tem de abandonar o mais rapidamente possível essa moral arcaica.

O alto funcionário hesitou em continuar. Se o fenício o traísse, acabaria os seus dias na prisão.

— Muito bem, Narisha, vou explicar-lhe tudo.

À medida que Hefat falava, o fenício perguntava-se como podia semelhante loucura ter germinado no cérebro de um súdito do Faraó.

Mas ele, Narisha, não corria qualquer risco, e o egípcio tinha razão: se a operação tivesse êxito, uma fortuna fenomenal estaria esperando por eles, e o reinado de Ramsés terminaria num desastre.

Merneptah não conseguia afastar do espírito o episódio líbio. Ele, o general-chefe encarregado da segurança do território, não tinha sabido descobrir a manobra de Malfi. Sem a clarividência e a audácia de Ramsés, os revoltados líbios teriam invadido o Delta, destruído a capital e matado milhares de egípcios.

Aproveitando tal experiência, o próprio Merneptah inspecionara os fortins encarregados de observar os deslocamentos das tribos Líbias e dar o alerta em caso de perigo. O filho mais novo do rei procedera a mudanças indispensáveis, tornara a disciplina mais rigorosa e insistira na missão vital desempenhada pelos militares destacados para aquela ingrata tarefa.

Merneptah não acreditava na derrota definitiva dos líbios. É verdade que Malfi não existia mais, porém outros guerreiros, ávidos de vingança, tão cheios de ódio como ele, o substituiriam e defenderiam a guerra contra o Egito a qualquer preço. O general-chefe iniciara, portanto, o reforço da proteção do flanco noroeste do Delta, com o pleno acordo de Ramsés.

Mas como evoluiria a situação no Hatti? A morte de Hattusil, soberano inteligente e realista, não marcaria o início de uma crise interna que o embaixador tentara disfarçar com as suas tranquilizadoras declarações? Entre os hititas, era comum se apoderarem do trono utilizando o veneno ou o punhal. E talvez o velho imperador tivesse se enganado julgando ter aniquilado todas as formas de oposição.

Impaciente por obter notícias seguras do Hatti, Merneptah mantinha os seus regimentos em pé de guerra.

Embora não desprezasse o peixe, Vigilante tinha uma predileção especial por carne vermelha; de olhar tão vivo como os de seus predecessores representantes de sua dinastia, o cão de Ramsés apreciava os encontros com seu dono; uma refeição sem carinhosas palavras não tinha o mesmo sabor.

O rei e Vigilante terminavam o seu almoço um de frente para o outro, quando Merneptah chegou ao palácio.

— Majestade, li todos os relatórios dos nossos informantes conversei demoradamente com o chefe de nossos agentes colocados em Hattusa.

Ramsés encheu de vinho uma taça de prata e ofereceu-a ao filho.

— Não me esconda nada, Merneptah; quero conhecer toda a verdade.

— O embaixador do Hatti não nos mentiu: o sucessor de Hattusil está firmemente decidido a respeitar o tratado de paz e manter excelentes relações com o Egito.

A cheia do Nilo... Um milagre todos os anos renovado; um dom dos deuses que desencadeava o fervor da população e o seu reconhecimento para com o Faraó, o único capaz de fazer subir as águas do rio para fecundar a terra.

E a cheia daquele ano fora formidável: onze metros! Desde o início do reinado de Ramsés que nunca faltara a água vivificadora, surgida das profundezas do oceano celeste.

Confirmada a paz com o Hatti, o verão anunciava-se rico em festas e passeios de um aglomerado populacional a outro, graças aos inúmeros barcos restaurados durante o inverno. Tal como todos os seus compatriotas, o alto funcionário Hefat admirava o grandioso espetáculo que o Nilo proporcionava, transformado em lago e de onde emergiam as colinas sobre as quais foram construídas as aldeias. A família partira para Tebas a fim de passar algumas semanas de férias em casa de seus pais, e ele estava a vontade para agir como quisesse.

Enquanto os camponeses descansavam, os responsáveis pela irrigação trabalhavam sem parar. Mas Hefat olhava a cheia com outros olhos. Enquanto iam se enchendo as bacias de retenção, separadas por diques de terra que iriam sendo abertos a medida das necessidades, Hefat felicitava-se pela idéia genial que iria fazer dele um homem mais rico e mais poderoso do que Ramsés o Grande.

Os altos responsáveis pela administração egípcia haviam solicitado audiência a Ramsés para lhe apresentarem uma proposta que consideravam razoável. Sem combinarem, todos tinham chegado a mesma conclusão.

O monarca ouvira-os com atenção. Sem lhes opor uma recusa categórica, desaconselhara-os de iniciarem a operação pretendida, a qual desejava, no entanto, que tivesse êxito. Interpretando as palavras de Ramsés como um incentivo, o diretor do Tesouro, com uma coragem muito apreciada pelos seus colegas, dirigira-se ao gabinete de Ameni nessa mesma tarde, depois de o secretário particular do Faraó ter mandado o seu pessoal para casa.

Perto dos setenta anos, Ameni continuava parecido com o mesmo estudante que jurara fidelidade a Ramsés antes de este se tornar faraó: pele amarelada, frágil, sempre magro e esfomeado, apesar da grande quantidade de alimento que ingeria, com as costas permanentemente cheias de dores, mas capaz de suportar tarefas que teriam derrubado qualquer colosso, além de ser um trabalhador infatigável, exato e meticoloso, dormindo apenas algumas horas por noite e relendo pessoalmente todas as pastas.

— Algum aborrecimento? — perguntou ao diretor do Tesouro.

— Não precisamente.

— Então do que se trata? Eu Estou trabalhando.

— Nós nos reunimos sob a direção do vizir e...

— Nós, quem?

— Bem... o diretor da Dupla Casa Branca, o ministro da Agricultura, o...

— Muito bem, já sei. E qual o motivo dessa reunião?

— Para dizer a verdade, havia dois.

— Vejamos então o primeiro.

— Pelos serviços prestados ao Egito, os seus colegas da alta administração desejam lhe oferecer uma vila numa localidade a sua escolha.

Ameni descansou o pincel.

— Interessante... E o segundo motivo?

— Você já trabalhou muito, Ameni, muito mais do que exigia a administração. Com certeza nunca pensou, devido a sua dedicação... Mas não seria a hora de você se aposentar? Uma aposentadoria tranquila, numa casa confortável, sem esquecer a estima geral. O que pensará disso?

O silêncio de Ameni pareceu-lhe que iria concordar.

— Tinha certeza de que você ouviria a voz da razão, Ameni concluiu, encantado, o diretor do Tesouro. — Os meus colegas tomarão conhecimento da sua decisão com alegria.

— E quem disse que eu vou concordar?

— Então... quer dizer que...

— Nunca me aposentarei — declarou Ameni, enraivecido. Ninguém, com exceção do Faraó, me fará deixar este gabinete. Enquanto ele não exigir a minha demissão, continuarei trabalhando no meu ritmo e de acordo com os meus métodos. Ficou bem claro?

— Pensávamos que, para o seu próprio interesse...

— Então não pensem mais.

Hefat e o fenício Narisha reencontraram-se na casa do egípcio, num dia quente de verão. O negociante gostou da cerveja fresca, leve e digestiva que lhe fora servida.

— Não quero mostrar-me pretensioso — disse Narisha — mas julgo ter feito um excelente trabalho: os comerciantes fenícios estão prontos para comprar o Egito. Mas você, Hefat, está pronto para vendê-lo?

— A minha opinião continua a mesma.

— Datas exatas?

— É impossível eu violar as leis da natureza, mas não teremos de esperar muito tempo.

— Existe algum obstáculo sério?

Hefat exibiu a sua confiança.

— Graças a minha posição administrativa, nenhuma.

— Não lhe será indispensável o selo do grande sacerdote de Mênfis?

— Com certeza que sim, mas esse grande sacerdote, Kha, perdido em sua busca espiritual e no seu amor pelas velhas pedras. Nem sequer vai reparar no documento que assinar.

— Um pequeno detalhe está me preocupando — confessou o fenício. — Por que odeia o seu país?

— Graças ao nosso acordo, o Egito nada sofrerá e vai se abrir finalmente para o mundo exterior, que varrerá as suas velhas superstições e costumes ultrapassados, como desejava o meu modelo, Chaenar. Era Ramsés que ele desejava derrubar, agora serei eu quem derrubará o tirano. Os hititas, os líbios, os magos falharam, e Ramsés já não desconfia: mas eu, Hefat, o vencerei.

— A resposta é não — disse Ameni ao governador da província dos Dois Falcões, um jovem

forte de queixo quadrado.

— Por que?

— Porque nenhuma província se beneficiará de privilégios especiais, em detrimento de outras.

— No entanto, a administração central encorajou-me!

— E possível, mas nenhuma administração está autorizada a fazer a lei! Se eu tivesse concordado com os nossos altos funcionários em todas as circunstâncias, o Egito estaria arruinado.

— A sua recusa é definitiva?

— O sistema de irrigação não será modificado, e a água das bacias de retenção será liberada na época habitual, e não antes.

— Nesse caso, exijo ver o rei!

— Ele o receberá, mas não o faça perder seu tempo.

Colocado em desvantagem por uma opinião desfavorável de Ameni, o governador de província não tinha qualquer chance de conseguir a adesão de Ramsés; portanto, não lhe restava outra coisa a fazer, senão voltar a sua capital provinciana.

Ameni estava intrigado.

Quer por correio, quer durante as entrevistas diretas, seis governadores de importantes províncias haviam-lhe pedido para confirmar a decisão tomada pelos serviços hidrológicos de Mênfis: liberar o mais rapidamente possível a água das bacias de retenção para aumentar a superfície cultivável.

Duplo erro, segundo Ameni, porque, por um lado, não era necessário um tal desenvolvimento agrícola e, por outro, a irrigação devia ser garantida de forma progressiva e não brutal. Felizmente, os técnicos ignoravam que a maioria dos governadores de província, com uma discrição exemplar, consultava sempre o secretário particular do rei antes de enveredarem por um terreno escorregadio.

Se não tivesse ele tantos problemas para resolver, Ameni, de boa vontade, teria instaurado um inquérito para identificar o responsável por aquelas aberrações.

O escriba começou a estudar um relatório relativo a plantações de salgueiros no Médio Egito; mas, incapaz de se concentrar, interrompeu a leitura. Decididamente, aquele assunto era muito grave para ser negligenciado.

Ramsés e Kha atravessaram o pilone de acesso ao templo de Thaot, em Hermópolis, passaram por um pátio inundado de sol e foram recebidos pelo grande sacerdote de deus no limiar do templo coberto. O rei e o filho admiraram as salas onde apenas adentravam os servidores de Thaot, patrono dos escribas e dos sábios, e recolheram-se no seu santuário.

— É aqui que termina a minha investigação — declarou Kha.

— Descobriu o livro de Thaot?

— Sim, meu pai. Acreditei durante muito tempo que se tratava de um escrito muito antigo, oculto na biblioteca de um templo. Mas finalmente compreendi que cada uma das pedras dos nossos santuários era uma das letras desse livro, redigido pelo deus do Conhecimento para dar um sentido a nossa vida. Thaot transmitiu a sua mensagem em cada escultura e em cada hieróglifo, e

é ao nosso espírito que compete a tarefa de reunir o que está esparso, da mesma forma que Isis reuniu os pedaços dispersos do corpo de Osíris. O nosso país inteiro, meu pai, é um templo a imagem do céu, e compete ao faraó manter esse livro aberto para que os olhos do coração possam decifrá-lo.

A alegria e o orgulho que Ramsés sentiu ao ouvir a mensagem do sábio, seu filho, nenhum poeta, nem mesmo Homero, encontraria palavras para descrever.

Embora simples, a idéia do técnico Hefat seria de uma eficácia terrível: liberar antes do tempo devido as reservas de água acumuladas nas bacias de irrigação e pôr a culpa desse erro na administração e, principalmente, em Kha, o filho mais velho de Ramsés, que era o encarregado de pôr o seu selo no documento que comprometia a sua autoridade teórica de supervisor dos canais.

Tranqüilizados pelos estudos falsificados que Hefat tivera o cuidado de lhes enviar, os governadores de província haviam caído na armadilha e julgavam poder dispor de reservas suplementares para desenvolverem as suas culturas e enriquecerem a sua região. Quando tomassem consciência do acúmulo de erros, seria demasiado tarde. Já não haveria água suficiente para garantir a irrigação, e a expectativa das colheitas ficaria reduzida a nada.

Depois de Kha, o próximo seria Ramsés a ser acusado.

Interviriam então Narisha e os comerciantes fenícios, que proporião, por um preço exorbitante, os produtos de que o Egito teria necessidade; o Tesouro seria obrigado a aceitar as suas condições, e o velho Faraó seria arrastado pela tormenta, ao mesmo tempo que Hefat obteria enormes lucros da transação. Se as circunstâncias fossem propícias, expulsaria o vizir a fim de ocupar o seu lugar; então, dono de uma fabulosa fortuna, instalar-se-ia na Fenícia. Última formalidade a ser executada: solicitar a Kha que pusesse o seu selo. Hefat nem sequer teria de se encontrar com o grande sacerdote, que ordenaria ao secretário que se encarregasse da tarefa.

E foi o secretário quem recebeu calorosamente o técnico.

— Está com sorte; o grande sacerdote está aqui e vai recebê-lo de boa vontade.

— Não será necessário — protestou Hefat. — Não queria importuná-lo.

— Siga-me, eu lhe peço.

Nervoso, o alto funcionário foi levado a uma biblioteca, onde Kha, vestido numa túnica que se diria ter sido talhada numa pele de pantera, estudava papiros.

— Sinto-me feliz por encontrá-lo, Hefat.

— É para mim uma grande honra, príncipe; mas não queria interromper as suas pesquisas.

— Em que lhe posso ser útil?

— Uma simples rotina administrativa...

— Mostre-me o documento.

A voz de Kha era grave, e o seu tom, autoritário; o grande sacerdote não correspondia ao sonhador que Hefat imaginara.

— É uma proposta insólita que necessita de um exame cuidadoso — considerou Kha.

O técnico empalideceu.

— Não, príncipe, é um método banal para facilitar a irrigação, nada mais.

— Você é muito modesto! Como sou incapaz de dar um parecer, transmitirei este documento a uma personalidade mais competente.

"Outro especialista" pensou Hefat, mais calmo. Não teria dificuldade em convencê-lo, apoiando-se na sua elevada posição hierárquica.

— Eis quem vai julgá-lo — anunciou Kha.

Com uma túnica de linho fino de mangas largas, Ramsés trazia nos pulsos as suas duas famosas pulseiras de ouro, cujo motivo central, em lápis-lazúli, representava um pato selvagem.

O olhar do Faraó trespassou a alma de Hefat e o obrigou a recuar, fazendo-o esbarrar nas prateleiras carregadas de papiros.

— Cometeu um grave erro — declarou Ramsés — ao julgar que o seu saber lhe bastaria para arruinar o meu país; por acaso não sabe que a cupidez é uma doença incurável, que torna as pessoas cegas e surdas? Para um técnico, você foi muito superficial, considerando que o Egito era governado por incapazes.

— Majestade, suplico-lhe...

— Não gaste as palavras, Hefat; você não é digno de utilizá-las. No seu comportamento eu vejo a marca de Chaenar, a baixeza que leva um homem a destruição traíndo Maat. O seu futuro está agora nas mãos dos juízes.

Fora Ameni que, graças a um rigoroso inquérito, salvara o país de um perigo bem real. O rei teria gostado de recompensá-lo, mas como não o aborrecer? Bastara um simples olhar de cumplicidade entre os dois. E Ameni regressara ao trabalho.

As estações e os dias haviam-se escoado, simples e felizes, até a primavera do quinquagésimo quarto ano do reinado de Ramsés o Grande que, depois de ter consultado a médica chefe Neferet, tomara uma decisão contrária a opinião dela. Revigorado pela celebração da sua nona festa de regeneração, o monarca sentira desejo de percorrer os campos egípcios.

O mês de maio trazia de volta fortes calores, benéficos para o reumatismo do rei.

Era a época das colheitas. Os camponeses avançavam manejando uma foice com cabo de madeira, cortando bem alto os caules de trigo maduro; depois, as espigas eram reunidas em molhos e transportadas para as eiras por burros de inesgotável coragem. A construção das medas de palha exigia mãos hábeis, capazes de erguer pirâmides truncadas que deveriam permanecer sólidas durante boa parte do ano. Para reforçar a meda, espetavam-lhe dois longos paus.

Assim que o Faraó entrava numa aldeia, os notáveis apresentavam-lhe uma mesa de oferendas, carregada de espigas e de flores; depois, o monarca sentava-se embaixo de um quiosque e escutava as queixas. Os escribas tomavam notas e as transmitiam a Ameni, que exigira ler todos os relatórios redigidos durante a viagem.

O rei constatou que, no conjunto, os agricultores estavam bem, e que não havia males sem remédio, embora a perfeição não tivesse sido alcançada. Os solicitantes não se mostraram agressivos, com exceção de um camponês de Beni Hassan, cuja veemência chocou os que estavam ao redor do Faraó.

— Passo os dias cultivando — queixou-se ele — as noites reparando os meus utensílios, correndo atrás dos meus animais que fogem constantemente, e o inspetor dos impostos ainda me assalta e me pilha! Com o seu exército de aves de rapina, chama-me de ladrão, mói-me de pancadas porque não posso pagar e prende a minha mulher e os meus filhos! Como poderei ser feliz?

Todos receberam uma reação violenta de Ramsés, mas este permaneceu impassível.

— Quer preparar outras críticas?

O camponês ficou espantado.

— Não, Majestade, não...

— Um de seus familiares é escriba, não é verdade?

O homem não conseguiu dissimular o seu mal-estar.

— Sim, mas...

— Fez você decorar um texto clássico ensinado em todas escolas de escribas, que exaltam a sua profissão para melhor denegrir as outras, e você o recitou muito bem; mas você sofre realmente de todas as desgraças que acabou de me descrever?

— Há realmente animais que fogem e passam de um campo para outro... E isso cria histórias.

— Se não conseguir resolver as coisas amigavelmente com os seus vizinhos, apele para o juiz da aldeia. E nunca, aceite a injustiça, por menor que ela seja. Assim, estará ajudando o Faraó a governar.

Ramsés inspecionou numerosos recintos de armazenamento, e ordenou aos medidores de grãos para manejarem o alqueire com rigor, em Karnak a festa das colheitas, está começando e os grandes celeiros do domínio de Amon fartos.

Atravessava campos luxuriantes, próximos do templo, antes de atingir um embarcadouro. Fatigado, Ramsés aceitara ser transportado numa cadeira de carregadores.

Bakhaen foi o primeiro a ver o preguiçoso que, em vez de trabalhar com os seus camaradas, dormitava debaixo de um salgueiro. Esperava que o rei não o visse, mas o olhar de Ramsés ainda era penetrante.

— Esta falta será castigada — prometeu o grande sacerdote.

— Por essa vez, seja indulgente; não fui eu quem mandou plantar salgueiros em todo o Egito?

— Este homem nunca saberá o que ele lhe deve, Majestade.

— Já tive muitas vezes, como ele, a tentação de adormecer embaixo de uma árvore e esquecer o peso da minha função.

Não longe do embarcadouro, Ramsés ordenou aos carregadores que o colocassem no chão.

— Majestade — inquietou-se Bakhaen — porque quer caminhar?

— Olhe aquela pequena capela, lá embaixo... Está em ruínas.

Um modesto santuário da deusa das Colheitas, uma cobra fêmea, que sofrera com o tempo e a indiferença; entre as pedras mal-ajustadas cresciam ervas bravas.

— Essa sim, é uma verdadeira falta — considerou Ramsés — Mande restaurar e aumentar aquela capela, Bakhaen. Faça-lhe uma porta de pedra, e que uma estátua da deusa, criada pelos escultores de Karnak, resida em seu interior. São as divindades que criaram o Egito; não as devemos negligenciar, nem mesmo nos seus aspectos mais modestos.

O senhor das Duas Terras e o grande sacerdote de Amon colocaram flores dos campos junto do santuário, em homenagem ao ka da deusa; bem alto, no céu, um falcão descrevia círculos, planando.

No caminho de volta a capital, Ramsés fez uma parada em Mênfis para conversar com seu filho Kha, que tinha terminado o programa de restauração dos monumentos do Antigo Império e ainda o de embelezamento do templo subterrâneo dos touros Apis.

No desembarcadouro, foi a médica chefe Neferet, sempre bela e elegante, quem acolheu o rei.

— Como tem passado, Majestade?

— Com um certo cansaço, dores nas costas, mas o corpo está agüentando. Parece perturbada, Neferet.

— Kha está muito doente.

— Não está querendo dizer... ?

— Trata-se de uma doença que conheço, mas que não conseguirei curar. O coração do seu filho está gasto, e os remédios não fazem efeito.

— Onde está ele?

— Na biblioteca do templo de Ptaha, no meio dos textos que tanto estudou.

O rei dirigiu-se imediatamente para junto do filho.

Ao aproximar-se dos sessenta anos, o rosto anguloso e severo do grande sacerdote tornara-se sereno. Em seus olhos azuis-escuros espelhava-se a paz interior de alguém que, durante toda a sua vida, se preparara para encontrar-se com o Além. Medo algum deformava as suas feições.

— Majestade! Esperava tanto vê-lo antes da minha partida...

O Faraó agarrou a mão do filho.

— Que o Faraó permita ao seu humilde servidor repousar na montanha da vida como um artigo útil ao seu senhor, pois não pode haver maior felicidade... Permita-me alcançar o belo Ocidente e permanecer um dos seus próximos. Tentei respeitar Maat, executei as suas ordens cumprindo as missões que Vossa Majestade me confiou...

A voz grave de Kha extinguiu-se docemente; Ramsés recolheu-a dentro de si como um tesouro inalterável.

Kha fora inumado no templo subterrâneo dos touros Ápis, junto daqueles seres queridos cuja forma animal ocultava a expressão da potência divina. Ramsés colocara sobre o rosto da múmia uma máscara de ouro e escolhera as peças do mobiliário funerário, móveis, vasos e jóias, obras-primas criadas pelos artesãos do templo de Ptaha e destinadas a acompanhar a alma do filho nos belos caminhos da eternidade.

O velho rei dirigira a cerimônia dos funerais com um vigor surpreendente, dominando a sua emoção ao abrir os olhos e a boca do filho, a fim de que este partisse vivo para o outro mundo. Merneptah mantinha-se perto para ajudar o pai a qualquer instante. Não manifestou qualquer fraqueza. No entanto, quando o túmulo foi selado Ramsés chorou. E desfaleceu.

Minutos mais tarde, Neferet estava a cabeceira do monarca.

— Desta vez, Majestade, terá de me escutar e obedecer.

— Está pedindo demais, Neferet.

— Se ainda duvidava, agora tem a certeza de que a sua juventude se foi definitivamente e que Vossa Majestade deve mudar de comportamento.

— Você é o adversário mais temível que tive de enfrentar.

— Eu não, Majestade: a velhice.

— Quero o seu diagnóstico. E o principal: não me esconda nada — A partir de amanhã voltará a andar, mas com o auxílio de uma bengala; coxeará um pouco por causa da artrose do quadril direito. Vou me esforçar em atenuar suas dores, mas o repouso é indispensável. Deverá a partir de agora, economizar os esforços. Não se espante se por vezes ficar com uma sensação de paralisia; será apenas passageira, se aceitar fazer várias massagens por dia. Em algumas noites sentirá dificuldade em estender-se por completo; pomadas tranqüilizantes o ajudarão. E freqüentes banhos de lama do Fayum completarão o tratamento medicamentoso.

— Medicamentos... Todos os dias? Considera-me então um velho impotente!

— Já lhe disse, Majestade, que deixou de ser jovem e que não conduzirá mais o seu carro; mas se for um paciente dócil e obediente, evitará uma degradação rápida do seu estado de saúde. Exercícios cotidianos, como a marcha ou a natação, desde que não sejam cometidos excessos, preservarão a mobilidade. O seu Estado é bastante satisfatório para um homem que se esqueceu de descansar durante toda a vida.

O sorriso de Neferet reconfortou Ramsés. Nenhum inimigo conseguira vencê-lo, exceto aquela maldita velhice de que se queixava o sábio Ptah-haotep, o autor preferido de Nefertari. Mas Ptah-haotep havia atingido os cento e dez anos quando redigira as suas máximas! Maldita velhice, cuja única vantagem era aproximá-lo dos entes queridos a que tinha tanta vontade de se juntar nos campos férteis do outro mundo, onde a fadiga não existia.

— O seu ponto mais fraco — acrescentou Neferet — são os dentes; mas velarei por eles para evitar qualquer perigo de infecção.

Ramsés submeteu-se às exigências de Neferet. Dentro de poucas semanas recuperou parte das forças, mas compreendeu que o seu corpo, desgastado por demasiados combates e provações, não passava de um utensílio velho, prestes a quebrar-se.

Aceitar isso foi a sua última vitória.

Foi no silêncio e na obscuridade do templo de Setha, a formidável potência do cosmos, que Ramsés o Grande tomou a sua última decisão. Antes de oficializá-la sob a forma de um decreto que adquiriria força de lei, o senhor das Duas Terras convocou o vizir, os ministros, os altos funcionários e todos os dignitários que ocupavam um posto de responsabilidade, com exceção do seu filho Merneptah, a quem confiou a tarefa de fazer o balanço da economia do Delta.

O rei conversou longamente com os homens e as mulheres que, dia após dia, continuavam a construir o Egito. Durante essas entrevistas, Ramsés foi secundado por Ameni, cujas inúmeras notas se revelaram preciosas.

— Não cometeu muitos erros — disse ele ao seu secretário particular.

— Conseguiu detectar um único, Majestade? Nesse caso, diga-me qual!

— Não passava de uma fórmula banal para lhe testemunhar a minha satisfação.

— Admitamos — resmungou Ameni. — Mas por que confiou uma missão daquelas ao seu general-chefe?

— Está tentando me fazer crer que não adivinhou?

Com o auxílio da bengala, Ramsés avançava lentamente por uma alameda sombreada, em companhia de Merneptah.

— Quais são os resultados do seu levantamento, meu filho?

— Os impostos da região do Delta que me pediu para controlar foram estabelecidos com base em 8.760 contribuintes; cada vaqueiro tem a responsabilidade de 500 animais e recenseei 13.080 cabreiros, 22.430 guardas de aves e 3.920 burriqueiros que se ocupam de vários milhares de burros. As colheitas foram excelentes, e as fraudes pouco numerosas. Como de hábito, a administração revelou-se minuciosa, mas fiz-lhes recomendações muito firmes para que os pequenos chefes não importunem as pessoas honestas, e se preocupem mais com os trapaceiros.

— Conhece bem o Delta, meu filho.

— Essa missão ensinou-me muito; falando com os camponeses, senti bater o coração do país.

— Esqueceu os sacerdotes, os escribas e os militares?

— Já convivi muito com eles; faltava-me, sim, um contato direto e prolongado com os homens e as mulheres do nosso povo.

— O que me diz deste decreto?

Ramsés estendeu a Merneptah um papiro escrito de seu próprio punho. O filho leu-o em voz alta.

— "Eu, Ramsés, Faraó do Egito, elevo o príncipe, escriba real, guarda do selo, general-chefe do exército, Merneptah, a função de soberano do Duplo País."

Merneptah contemplou o pai, apoiado a sua bengala.

— Majestade...

— Ignoro o número de anos de existência que o destino me concederá, Merneptah; então chegou o momento de associá-lo ao trono. Ajo como agiu o meu pai Sethi; sou um velho, você é um homem maduro, que acaba de ultrapassar o último obstáculo que lhe impus. Sabe governar, gerir e combater; tome nas suas mãos o futuro do Egito, meu filho.

Doze anos haviam se passado, e Ramsés, com oitenta e nove anos, reinava há sessenta e sete sobre o Egito. De acordo com o seu decreto, deixava a Merneptah o encargo de governar, mas o filho mais novo do rei consultava freqüentemente o pai que, para os habitantes das Duas Terras, continuava a ser o Faraó reinante.

O monarca residia parte do ano em Pi-Ramsés e outra em Tebas, sempre na companhia do seu fiel Ameni; apesar da avançada idade e das múltiplas dores, o secretário particular do rei continuava a trabalhar segundo os seus métodos.

Começava o verão.

Depois de ter escutado as melodias que sua filha Meritamon compusera, Ramsés efetuava o seu passeio cotidiano pelos campos próximos do seu templo de milhões de anos, onde escolhera fixar residência. A bengala era agora a sua melhor aliada, porque cada passo se tornava mais difícil.

Por volta da décima quarta festa de regeneração, celebrada no ano anterior, Ramsés passara uma noite inteira conversando com Setaou e Lótus, que tinham feito da Núbia uma província rica e feliz.

O robusto encantador de serpentes era agora também um velho, e até a linda Lótus cedera aos percalços da avançada idade. Quantas recordações tinham evocado! Quantas horas exaltantes tinham vivido! E ninguém falara de um futuro que algum deles já podia melhorar.

Na orla do caminho, uma velha cozia pão num forno; o delicioso aroma acariciou o olfato do rei.

— Pode me dar um pão?

A falta de visão da mulher não lhe permitiu reconhecer o rei.

— O meu trabalho é ingrato.

— E que merece retribuição, bem entendido... Este anel de ouro é suficiente?

A velha olhou bem de perto a jóia, que fez brilhar esfregando-a com a parte de baixo do seu saíote.

— Com ela, eu poderia comprar uma bela casa! Guarde o seu anel e coma o meu pão... Quem é você, afinal, para possuir semelhantes maravilhas?

A crosta estava bem dourada; os sabores da infância brotaram dela, apagando por momentos os tormentos da velhice.

— Guarde este anel, pois sabe fazer pão melhor do que Ninguém.

Ramsés passava com prazer uma ou duas horas na companhia de um oleiro. Gostava de ver-lhes as mãos amassarem a argila para lhe dar a forma de uma jarra, que serviria para conservar a água ou os alimentos sólidos. Pois o deus com cabeça de carneiro não criava a cada instante o mundo e a humanidade sobre a sua roda de oleiro?

O rei e o artesão não trocavam qualquer palavra. Juntos, ouviam a música da roda, viviam no silêncio o mistério da transformação de uma matéria informe em um objeto útil e harmonioso.

O verão começava, e Ramsés pensava em partir para a capital, onde o calor seria menos esmagador. Ameni já não saía de seu gabinete bem arejado por janelas altas, e o rei ficou

surpreso por não encontrá-lo na sua mesa de trabalho.

Pela primeira vez na sua longa carreira, não só o secretário particular de Ramsés concedera a si mesmo um momento de repouso em pleno dia, mas expunha-se ao sol, com risco de queimaduras na sua pele muito branca.

— Moisés morreu — declarou Ameni, perturbado.

— Mas conseguiu...

— Sim, Majestade; encontrou a sua Terra Prometida, onde o seu povo, a partir de agora, viverá livremente. O nosso amigo foi até o fim na sua longa busca; o fogo que o animava transformou-se num país onde a água será generosa, e o mel, abundante.

Moisés... Um dos arquitetos de Pi-Ramsés, o homem cuja fê havia triunfado de numerosos anos de vagabundagem, o profeta de entusiasmo indestrutível! Moisés, filho do Egito e irmão espiritual de Ramsés. Moisés, cujo sonho se tornara realidade.

As bagagens do rei e do seu secretário particular estavam prontas. Antes do fim da manhã embarcariam para o Norte.

— Acompanha-me — pediu o Faraó a Ameni.

— Aonde quer ir?

— Não está um dia esplêndido? Gostaria de repousar sob a acácia do meu templo de milhões de anos, sob essa árvore que foi plantada no ano dois do meu reinado.

O tom de voz do monarca fez Ameni estremecer.

— Estamos quase partindo, Majestade.

— Venha, Ameni.

A grande acácia do templo de milhões de anos brilhava ao sol, e as suas folhas verdes murmuravam com um ligeiro vento. Quantas acácias, tamaragueiras, figueiras, perseas, romãzeiras, salgueiros e outras representantes dessas famílias de árvores, que tanto amava, mandara plantar Ramsés?

Vigilante, o velho cão herdeiro de uma dinastia de fiéis companheiros do rei, esquecerá as suas dores para seguir Ramsés. Nem ele nem o seu dono se inquietaram com o ruidoso bailado das abelhas, que, incansáveis, recolhiam o néctar da suntuosa acácia em flor, cujo perfume sutil alegrou tanto o olfato do animal como o do homem.

Ramsés sentou-se encostado ao tronco da árvore, e Vigilante aninhou-se em seus pés.

— Lembra-se, Ameni, das palavras que a deusa da acácia do Ocidente pronuncia quando acolhe as almas no Além?

— "Recebe está água fresca, que o teu coração fique em paz graças a ela, graças a esta água divina que provém do lago ritual da necrópole; recebe esta oferenda a fim de que a tua alma resida na minha sombra."

— É a nossa mãe celeste que nos oferece a vida — lembrou Ramsés — e é ela quem coloca o espírito dos Faraós entre as estrelas infatigáveis e indestrutíveis.

— Talvez tenha sede, Majestade. Vou buscar...

— Fique, Ameni. Estou cansado, meu amigo, uma fadiga mortal me invade. Lembra-se de

quando falávamos do verdadeiro poder? Segundo a sua opinião, apenas o Faraó estava em condições de o exercer, e tinha razão, desde que respeitasse a regra de Maat. Se esse poder se enfraquece, a solidariedade entre o céu e a terra desaparece, e a humanidade fica entregue a violência e a injustiça. A história de um reinado deve ser a de uma festa, dizia o meu pai; que tanto o pequeno como o grande recebam do Faraó a sua subsistência, que um não seja negligenciado em detrimento do outro. Hoje, as mulheres andam de um lado para o outro como lhes apetece; as crianças riem, e os velhos repousam a sombra das árvores. Graças a Sethi, graças a Nefertari, graças aos familiares e aos fiéis que trabalharam para a grandeza e o fulgor da nossa civilização, tentei tornar este país feliz e agir com retidão. Agora, que os deuses me julguem.

— Não, Majestade, não parta !

Vigilante suspirou. Um suspiro intenso, profundo como o oceano primordial, sereno como um pôr-do-sol sobre o Nilo. E o último representante da dinastia dos Vigilantes extinguiu-se aos pés de seu dono.

O verão começava, e Ramsés o Grande acabava de entrar na eternidade, sob a acácia do Ocidente.

Ameni fez um gesto que nunca se atreveu a realizar durante os oitenta anos de uma amizade indefectível: segurou as mãos do Faraó entre as suas e beijou-as com fervor.

Depois, o porta-sandálias e secretário particular do Faraó sentou-se a maneira dos escribas e, com um pincel novo, traçou hieróglifos sobre uma tábua de madeira de acácia.

— Consagrarei o resto da minha existência a escrever a sua história — prometeu. — Nem neste mundo nem no outro, ninguém esquecerá o Filho da Luz.

Fim da Série Ramsés.

MAPA DO EGITO

